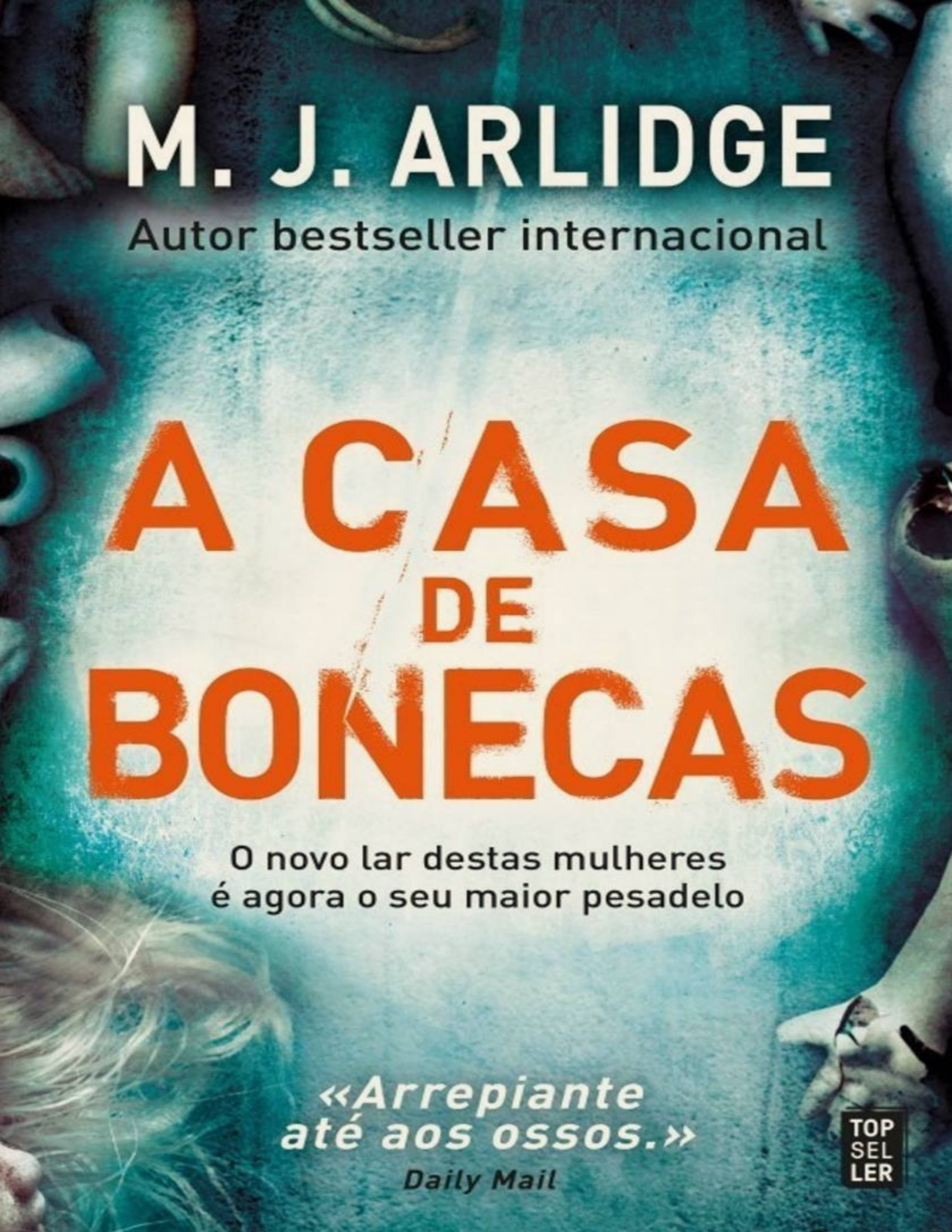

M. J. ARLIDGE
Autor bestseller internacional
A CASA DE BONECAS
O novo lar destas mulheres
é agora o seu maior pesadelo
«Arrepiante até aos ossos.»
Daily Mail
TOP SELLER

Índice

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 49

Capítulo 50

Capítulo 51

Capítulo 52

Capítulo 53

Capítulo 54

Capítulo 55

Capítulo 56

Capítulo 57

Capítulo 58

Capítulo 59

Capítulo 60

Capítulo 61

Capítulo 62

Capítulo 63

Capítulo 64

Capítulo 65

Capítulo 66

Capítulo 67

Capítulo 68

Capítulo 69

Capítulo 70

Capítulo 71

Capítulo 72

Capítulo 73

Capítulo 74

Capítulo 75

Capítulo 76

Capítulo 77

Capítulo 78

Capítulo 79

Capítulo 80

Capítulo 81

Capítulo 82

Capítulo 83

Capítulo 84

Capítulo 85

Capítulo 86

Capítulo 87

Capítulo 88

Capítulo 89

Capítulo 90

Capítulo 91

Capítulo 92

Capítulo 93

Capítulo 94

Capítulo 95

Capítulo 96

Capítulo 97

Capítulo 98

Capítulo 99

Capítulo 100

Capítulo 101

Capítulo 102

Capítulo 103

Capítulo 104

Capítulo 105

Capítulo 106

Capítulo 107

Capítulo 108

Capítulo 109

Capítulo 110

Capítulo 111

Capítulo 112

Capítulo 113

Capítulo 114

Capítulo 115

Capítulo 116

Capítulo 117

Capítulo 118

Capítulo 119

Capítulo 120

Capítulo 121

Capítulo 122

Capítulo 123

Capítulo 124

Capítulo 125

Capítulo 126

Capítulo 127

Capítulo 128

Capítulo 129

Capítulo 130

Capítulo 131

Capítulo 132

Capítulo 133

Capítulo 134

Capítulo 135

Capítulo 136

Capítulo 137

Capítulo 138

Capítulo 139

Capítulo 140

Capítulo 141

Capítulo 142

Siga Pinguim

MJ Arlidge

CASA DAS BONECAS

Conteúdo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 49

Capítulo 50

Capítulo 51

Capítulo 52

Capítulo 53

Capítulo 54

Capítulo 55

Capítulo 56

Capítulo 57

Capítulo 58

Capítulo 59

Capítulo 60

Capítulo 61

Capítulo 62

Capítulo 63

Capítulo 64

Capítulo 65

Capítulo 66

Capítulo 67

Capítulo 68

Capítulo 69

Capítulo 70

Capítulo 71

Capítulo 72

Capítulo 73

Capítulo 74

Capítulo 75

Capítulo 76

Capítulo 77

Capítulo 78

Capítulo 79

Capítulo 80

Capítulo 81

Capítulo 82

Capítulo 83

Capítulo 84

Capítulo 85

Capítulo 86

Capítulo 87

Capítulo 88

Capítulo 89

Capítulo 90

Capítulo 91

Capítulo 92

Capítulo 93

Capítulo 94

Capítulo 95

Capítulo 96

Capítulo 97

Capítulo 98

Capítulo 99

Capítulo 100

Capítulo 101

Capítulo 102

Capítulo 103

Capítulo 104

Capítulo 105

Capítulo 106

Capítulo 107

Capítulo 108

Capítulo 109

Capítulo 110

Capítulo 111

Capítulo 112

Capítulo 113

Capítulo 114

Capítulo 115

Capítulo 116

Capítulo 117

Capítulo 118

Capítulo 119

Capítulo 120

Capítulo 121

Capítulo 122

Capítulo 123

Capítulo 124

Capítulo 125

Capítulo 126

Capítulo 127

Capítulo 128

Capítulo 129

Capítulo 130

Capítulo 131

Capítulo 132

Capítulo 133

Capítulo 134

Capítulo 135

Capítulo 136

Capítulo 137

Capítulo 138

Capítulo 139

Capítulo 140

Capítulo 141

Capítulo 142

Siga Pinguim

LIVROS DE PINGUIM

CASA DAS BONECAS

MJ Arlidge trabalhou na televisão nos últimos quinze anos, especializando-se

em produção dramática de ponta. Nos últimos cinco anos, Arlidge produziu uma série de seriados policiais do horário nobre para a ITV, incluindo *Torn* , *The Little House* e, mais recentemente, *Undeniable* , transmitido na primavera de 2015. Atualmente escrevendo para a série de sucesso da BBC *Silent Witness* , Arlidge também está pilotando série de crime original para as redes do Reino Unido e dos EUA. Em 2015, seu áudio exclusivo *Six Degrees of Assassination* foi o *campeão de* vendas. Seu thriller de estreia, *Eeny Meeny* , que apresenta a detetive inspetora Helen Grace, foi vendido para editoras de todo o mundo e foi o filme de estreia mais vendido no Reino Unido em 2014. Ele foi seguido pelo best-seller *Pop Goes the Weasel* . *The Doll's House* é o terceiro thriller de DI Helen Grace.

Elogios para MJ Arlidge

'Que ótima premissa! … *Eeny Meeny* é uma partida nova e brilhante do conto do assassino em série '

Jeffery Deaver

“Um dos melhores detetives da nova série. Determinada, resistente e danificada, Helen Grace deve desvendar um enigma aterrorizante de um assassino que sequestra vítimas em pares. Hipnotizante '

Lisa Gardner

'Escuro, distorcido, instigante, e eu não conseguia virar as páginas rápido o suficiente. Faça um passeio nesta montanha-russa do inferno - nós dos dedos brancos garantidos '

Tami Hoag

'Arlidge é o novo Jo Nesbo'

Judy Finnigan

'DI Helen Grace é diabolicamente incrível. É assustador como o inferno. E tem um elenco completo de personagens interessantes desenhados de forma realista que fazem a coisa parecer uma bala '

Will Lavender

'MJ Arlidge criou uma heroína genuinamente fresca no *Daily Mail de* DI Helen Grace

'Terrivelmente realista, intrigante e implacável'

Jon Wise, *Sunday Sport*

'Uma leitura arrepiante' *My Weekly*

'Um suspense terrível e emocionante' *Sunday Mirror*

'Um suspense macabro e teatral que me prendeu a cada reviravolta' *Mulher e casa Fabulista de* 'coisas *geladas* '

1

Ruby se revirou intermitentemente na cama após uma noite de sono perturbada.

Ela parecia ter estado dentro e fora da consciência por horas - não totalmente acordada, mas também não realmente adormecida. Sonhos loucos de ansiedade colidiam inquietamente com a estranha sensação de sua mãe levando-a para a cama. Isso tinha sido bom, mas era impossível, é claro. Ruby morava sozinha e fazia quinze anos ou mais desde que seus pais tiveram que fazer isso.

Ruby se arrependeu de sua sessão no Revolution ontem à noite. Irritada com a vida, ela estava com um humor autodestrutivo, incapaz ou sem vontade de recusar as bebidas gratuitas oferecidas por rapazes esperançosos. Houve pílulas e cocaína também - a coisa toda tinha sido um borrão. Mas ela realmente tinha bebido tanto, tomado tanto, que deveria se sentir *tão* mal?

Ela se virou de novo, enterrando a cabeça latejante nos lençóis. Ela tinha coisas importantes para fazer hoje - sua mãe voltaria logo - mas de repente Ruby não conseguiu enfrentar nada disso. Ela só queria se esconder do mundo, encapsulada em sua ressaca, protegida da intrusão da família, da responsabilidade, da traição e das lágrimas. Ela queria que sua vida fosse embora - por algumas horas, pelo menos.

Colocando a cabeça sob o travesseiro, ela gemeu baixinho. Estava surpreendentemente fresco por baixo - mais frio do que o normal - e por um momento ela se sentiu renovada e acalmada. Este seria um bom esconderijo para

um pouco -

Algo não estava certo. O cheiro. O que havia de errado com o cheiro dos lençóis?

Eles cheiravam . . errado.

O alarme começou a invadir sua ressaca. Seus lençóis sempre tinham um cheiro cítrico. Ela usou o mesmo amaciante de roupa que sua mãe fez. Então, por que agora eles cheiram a lavanda?

Ruby manteve os olhos fechados, o travesseiro preso à cabeça. Seu cérebro doía ferozmente enquanto voltava aos eventos da noite anterior. Ela tinha agarrado um cara, flertado com mais alguns . . mas ela não tinha ido para casa com ninguém, tinha? Não, ela havia voltado para seu apartamento sozinha. Ela se lembrava de deixar cair as chaves na mesa, beber água direto da torneira da cozinha, tomar um pouco de Nurofen antes de se jogar na cama. Isso *foi* ontem à noite, não foi?

Ela podia sentir sua respiração ficando superficial agora, seu peito apertando. Ela precisava de seu inalador para asma. Esticando o braço, ela tateou em busca da mesa de cabeceira - bêbada ou não, ela sempre deixava seu inalador ao alcance.

Mas não estava lá. Ela estendeu a mão ainda mais. Nada. A *mesa* não estava ensanguentada ali. Sua mão colidiu com a parede. Tijolo em bruto. A parede dela não era como o . .

Ruby tirou o travesseiro e se sentou. Sua boca se abriu, mas apenas um suspiro fraco saiu - seu corpo congelado em pânico sem fôlego. Ela foi dormir em sua cama agradável e aconchegante. Mas tinha acordado em um porão escuro e frio.

2

O sol estava alto no céu e a praia de Carsholt parecia magnífica, uma longa faixa de areia dourada fundindo-se facilmente com as águas calmas do Solent. Andy Baker deu um tapinha nas próprias costas - Carsholt ficava literalmente no final da estrada, então, embora a praia fosse linda, dificilmente havia alguém aqui. Cathy, ele e as crianças tinham o lugar só para eles e foram criados para um sábado perfeito à beira-mar. Piquenique, pedaço de frisbee, algumas cervejas - o

estresse da semana de trabalho já estava se dissipando.

Deixando os meninos cavarem sua trincheira - um prelúdio para batalhas acirradas entre seus gêmeos turbulentos - Andy partiu sozinho em direção à beira da água. O

que havia de tão calmante neste lugar? O isolamento? A vista? O som do mar batendo na costa? Andy deixou a água escorrer pelos dedos dos pés. Ele vinha aqui desde que era criança. Ele trouxe sua esposa - sua primeira esposa - e os meninos aqui. Isso não tinha terminado bem, é claro, mas olhando para Cathy, cavando e brincando com Tom e Jimbo, Andy agora se sentia abençoado.

Este lugar era seu santuário e ele o aguardou a semana toda. Administrar um negócio de segurança parecia bom no papel, mas era uma aggro ininterrupta. Você costumava ser capaz de incluir pessoas decentes em seus livros, mas não agora.

Talvez fosse o influxo de estrangeiros ou apenas os tempos modernos, mas um em cada três funcionários parecia ter um problema com drogas ou um olho para as meninas. No mês passado, ele foi processado por um dono de boate que pegou um de seus caras vendendo cetamina nos banheiros do clube. Ele estava ficando velho demais para coisas assim - talvez fosse hora de pensar em se aposentar.

Um ruído fez Andy erguer os olhos bruscamente. Veio atrás dele. Da direção dos meninos. Eles estavam gritando. Não, eles estavam gritando.

Andy já estava correndo pela areia, seu coração batendo dezesseis à dúzia. Alguém estava os machucando? Ele podia ver Cathy, mas onde estavam os meninos?

"Cathy?"

Ela nem mesmo olhou para ele.

"CATHY?"

Finalmente, ela ergueu os olhos. Seu rosto estava pálido. Ela tentou falar, mas antes que pudesse dizer qualquer coisa, os meninos se chocaram contra ela, agarrando-se a ela para salvar sua vida.

Andy olhou para eles, confuso e com medo. Enquanto Cathy apertava os meninos contra o peito, seu olhar permaneceu resolutamente fixo na trincheira. Foi algo lá que os assustou? Um animal morto ou . .

Andy se aproximou da borda da trincheira. Ele tinha uma noção do que iria encontrar. Podia ver em sua mente. Mas, mesmo assim, seu coração deu um pulo quando ele olhou para o buraco. As laterais eram íngremes, a trincheira era profunda - mais ou menos um metro - e lá no fundo, perfeitamente emoldurada pela areia úmida, estava o rosto pálido de uma jovem.

3

A cegueira da neve impregnou sua visão e seu peito se apertou ainda mais. Ruby estava no meio de um ataque de asma completo agora, seu pânico tornando sua respiração curta e irregular. Ela podia sentir seu coração batendo forte em um ritmo implacável, como se fosse explodir. O que diabos estava acontecendo? Isso era *real* ?

Ela cravou os dentes no braço. A dor a percorreu rapidamente, antes que ela soltasse para tentar sugar mais ar. Ele *era* real. Ela deveria saber por quão congelada ela estava. Tremendo, ela se deitou na cama e tentou se acalmar. A ideia de não ter seu inalador a estava assustando, mas ela tinha que tentar controlar o pânico ou desmaiaria. E ela não podia fazer isso. Aqui não.

Calmo. Tente ficar calmo. Tenha bons pensamentos. Pense em mamãe. E pai. E

Cassie. E Conor. Pense em campos. E rios. E a luz do sol. Pense em ser uma criança.

E playgrounds. E verões no jardim. Correndo pelo sprinkler. Tenha pensamentos felizes, felizes.

O peito de Ruby estava subindo e descendo com menos violência agora, sua respiração um pouco menos desesperada. Mantenha-se bem. Vai tudo ficar bem.

Haverá uma explicação simples para tudo isso. Apoiando-se nos travesseiros, ela respirou fundo e de repente chamou:

'Olá?'

Sua voz soou estranha, suas palavras caindo pesadamente nas paredes de tijolos expostos. A sala estava às escuras, exceto pela luz que se escondia embaixo da porta, fornecendo iluminação suficiente para revelar sua situação. O quarto media cerca de quinze por quinze e teria se parecido com qualquer outra cabeceira - uma cama, uma mesa e cadeiras, um forno e uma chaleira, algumas estantes de livros -

exceto pelo fato de que não havia janelas. As tábuas do piso que formavam o teto baixo eram de madeira, mas estranhamente não revelavam rachaduras ou fendas de luz.

'Olá?' Sua voz tremeu, enquanto ela lutava para suprimir o pânico que a dominava.

Ainda sem resposta, sem sinais de vida.

De repente, ela estava de pé - qualquer coisa para não ficar sentada ainda tendo pensamentos horríveis. Ela cruzou a sala, mexendo na maçaneta da pesada porta de metal, mas estava trancada. Freneticamente, ela deu uma volta pela pequena sala, procurando algum meio de escapar, mas não encontrou nada.

Ela estremeceu. Ela estava quase morta de medo e fria até os ossos. Seus olhos pousaram no fogão. Era um velho a gás, com dois fornos e quatro placas. Ela foi repentinamente tomada com a ideia de ligá-lo. Os quatro fogões aqueceriam o local e também o iluminariam um pouco. Ela girou o botão e apertou a ignição. Nada.

Ruby tentou o próximo, depois o próximo. Nada ainda.

Ela deu a volta no fogão para verificar os fundos. Ela não sabia nada sobre fogões, mas talvez houvesse algo óbvio?

Não estava conectado. Não havia canos na parte traseira conectando-o a um suprimento de gás. Foi só para mostrar. Ruby caiu no chão. As lágrimas vieram rápido agora, enquanto sua confusão colidia com o medo.

Que lugar era esse? Por que ela estava aqui? Perguntas giraram em torno da cabeça de Ruby, enquanto ela tentava processar essa estranha realidade. Ela estava caindo rapidamente no desespero, as lágrimas escorrendo de seu queixo para o chão.

Então, de repente, um barulho próximo a fez erguer os olhos.

O que foi isso? Foi lá em cima ou aqui embaixo?

Lá estava ele novamente. Passos. Definitivamente passos. Eles estavam se aproximando. Parando do lado de fora da porta. Ruby saltou de pé, ciente do perigo.

Silêncio. Então, de repente, uma escotilha na porta se abriu e um par de olhos encheu a fenda. Ruby cambaleou para trás, pressionando-se contra o canto da sala

- ela queria ficar o mais longe possível da porta.

O som de parafusos sendo destravados.

'AJUDA!' Ruby gritou.

Mas ela não foi adiante. A porta se abriu, inundando a sala com luz. Ruby fechou os olhos com força, cega pela explosão repentina de iluminação. Então, lentamente, com cautela, ela os abriu novamente.

Uma figura alta estava parada na porta. Com a silhueta da luz atrás dele, ela não conseguia distinguir suas feições. Ele era apenas uma sombra - pairando, observando.

Então, tão repentinamente quanto se abriu, a porta pesada se fechou novamente.

Eles estavam juntos na escuridão agora.

Ruby cobriu o rosto com as mãos e orou a um Deus em que ela não acreditava, implorando que ele tivesse misericórdia dela. Mas, apesar de toda a sua oração, ela não conseguia bloquear o som dos passos que se aproximavam dela.

4

O vento açoitou DI Helen Grace enquanto ela acelerava ao longo da estrada costeira. Ela não tinha estado neste pedaço de terra isolado antes e gostou do que viu. A selvageria, o isolamento - era o tipo de lugar dela. Com a estrada aberta à sua frente, ela aumentou sua velocidade, empurrando com força contra o forte

vento contrário.

Logo a cena do crime apareceu e ela desacelerou, baixando o progresso de sua Kawasaki para respeitáveis 30 mph. O detetive Lloyd Fortune esperava por ela perto da fita policial esvoaçante. Jovem, inteligente, o garoto-propaganda do policiamento de minorias étnicas em Southampton, Lloyd estava destinado a grandes feitos. Helen sempre gostou dele e o respeitou, mas ainda parecia estranho tê-lo como seu número dois. Charlie tinha sido temporariamente promovido a DS

durante a perseguição de Ella Matthews, mas sua elevação nunca se tornou permanente. E assim que Charlie anunciou sua gravidez, tornou-se acadêmico - ela permaneceria em seu antigo posto de DC por um futuro previsível. Não era justo, mas era assim que funcionava, as probabilidades para sempre empilhadas contra mães que trabalham.

O antigo time estava se separando. Tony Bridges havia deixado a Força para sempre, DC Grounds estava para se aposentar em breve e Charlie estava de licença maternidade, poucas semanas antes do parto. Lloyd era o novo DS, eles tinham dois novos CDs - a equipe de incidentes principais tinha uma sensação muito diferente agora. Se ela fosse honesta, isso deixava Helen desconfortável. Ela não tinha entendido as novas personalidades, ainda estava para estabelecer um ritmo fácil com a equipe recém-formada. Mas a única maneira de fazer isso era atravessar o fogo juntos.

- O que você tem para mim, Lloyd?

Já estavam passando por baixo do cordão policial e cruzando a areia em direção à trincheira.

- Jovem mulher. Enterrado a cerca de um metro de profundidade. Encontrado por algumas crianças há cerca de uma hora. Eles estão lá com os pais.

Lloyd indicou a família de quatro pessoas, aninhada em cobertores de polícia, dando seus depoimentos a um policial uniformizado.

- Alguma conexão com a vítima?

- Não, eles vêm aqui na maioria dos fins de semana. Normalmente têm o lugar só para eles. '

- Alguém mora perto daqui?

'Não. As casas mais próximas ficam a cinco quilômetros de distância. '

- Apanha alguma coisa do farol à noite?

"É muito redondo."

"Fazendo deste um bom local de depósito."

Eles caminharam em silêncio até a borda da trincheira. Meredith Walker, Oficial Forense da Southampton Central, estava lá embaixo, escavando cuidadosamente o corpo. Helen observou a cena, a Oficial Forense de terno branco agachado sinistramente sobre uma mulher que parecia completamente em paz, apesar da areia molhada que grudava em seus cabelos, olhos e lábios.

O rosto, os ombros, a parte superior do tronco e os braços da mulher foram revelados. Seus membros eram dolorosamente finos e a pele muito pálida, o que fazia sua única tatuagem se destacar ainda mais. Apesar da decomposição parcial,

ela era uma visão estranhamente bonita, seu cabelo preto ainda emoldurando aqueles olhos azuis vívidos. Isso lembrou Helen dos contos de fadas dos Grimms, das donzelas góticas esperando o beijo verdadeiro do amor.

- Há quanto tempo ela está lá embaixo? Helen perguntou.

'Difícil dizer,' respondeu Meredith. 'A areia nesta profundidade é fria e úmida -

condições ideais para preservar o corpo. Não há animais ou insetos para chegar até ela aqui também. Mas não é recente. Dados os níveis de decomposição, eu diria dois, três anos - Jim Grieves poderá lhe dizer mais assim que a levar de volta ao necrotério.

- Vou precisar das fotos da cena do crime esta noite, se possível - Helen respondeu.

'Vai fazer. Embora eu não tenha certeza de quanta ajuda eles serão. Quem fez isso foi cuidadoso. Seus brincos e botões de nariz foram removidos. As unhas foram cortadas. E você pode adivinhar o que o tempo e a maré afetaram

qualquer evidência forense residual.

Helen agradeceu a Meredith e caminhou até a beira da água para ter uma visão melhor da cena. Seus nervos já estavam à flor da pele. Foi uma eliminação cuidadosa e premeditada por alguém que sabia exatamente o que estava fazendo.

Este não foi o trabalho de um amador. O que sugeriu fortemente a Helen que seu assassino já tinha feito isso antes.

5

'Ficar longe. Não chegue perto de mim. '

Ruby estava encostada em um canto da sala. Ela estendeu os braços para evitar o ataque, mas soube imediatamente que era um gesto vazio.

Clique. Um poderoso feixe de tocha disparou diretamente contra ela. Seu coração disparou enquanto observava o feixe da tocha passar a régua por ela, descendo de seu rosto, passando por seu peito, suas coxas e depois seus pés. Apesar de sua determinação em parecer forte, sua compostura a abandonou agora e ela começou a soluçar.

- Não tenha medo.

Sua voz era medida e firme. Ela não o reconheceu, embora o sotaque de Southampton transparecesse claramente.

- Por favor, me deixe ir - disse ela em meio às lágrimas. - Não vou contar a ninguém.

EU -'

'Estas com frio?'

'Por favor. Eu só quero ir para casa.'

- Se você estiver com frio, posso pegar um cobertor extra. Eu quero que você fique confortável. '

Seu pragmatismo calmo era esmagador. Ele falava como se nada de estranho

tivesse acontecido. Como se isso fosse *normal* .

'Está com fome?'

'Eu quero ir para casa, seu filho da puta. Pare . . pare de falar comigo. Apenas . . me leve para casa. A polícia estará procurando por mim - '

- Ninguém está procurando por você, Ruby.

'Meus pais estão me esperando. Minha mãe está vindo hoje - '

- Seus pais não amam você.

'O que?'

"Eles nunca fizeram isso."

'Por que você diz-'

- Já vi como eles tratam você. O que dizem sobre você quando você não está por perto. Eles querem se livrar de você.

'Isso não é verdade.'

'Mesmo? Você saiu de -*los* , lembre-se. Então, por que eles deveriam vir atrás de você? '

A horrível lógica disso deixou Ruby sem fala.

'Não não. Você está errado. Você está mentindo. Se você quiser dinheiro, eles têm . .

- Só estou dizendo a verdade. Eles não querem você. Mas eu sim.'

Ruby soluçou mais alto. Isso não poderia estar acontecendo.

- Quero ir para casa - choramingou ela.

O feixe da tocha aproximou-se ainda mais. Ele estava ao lado dela agora. Ruby baixou a cabeça, fechando os olhos com força. Ela podia sentir sua respiração nela.

Ela estremeceu quando o sentiu acariciar seus cabelos.

- É bom ouvir isso, meu amor.

Sua voz era um sussurro caloroso.

'Porque esta é a sua casa agora.'

6

Alison Sprackling estava furiosa com sua filha. Eles combinaram de se encontrar às onze - já eram quase uma da tarde. Onde diabos ela estava?

A campainha não havia sido atendida, então Alison entrou. Ruby morava sozinha em um apartamento minúsculo e baixo. Ela era uma garota festeira por natureza e costumava sair para beber nas noites de sexta-feira, então não estava além dela se esconder debaixo do edredom, cuidando de uma ressaca, bloqueando o mundo. É

claro que sempre havia a chance de ela ter trazido alguém para casa com ela - algo que Alison não gostava de pensar, dada a história romântica de sua filha - mas havia muita coisa em jogo para ser tímida.

Levou muito tempo para levar a família de volta a um ponto em que uma reconciliação fosse possível - Alison estava determinada a não estragar tudo agora, por mais não confiável e obstinada que Ruby pudesse ser. Meses de diplomacia foram necessários para o retorno de Ruby à família - hoje era o dia em que eles iriam contatar o senhorio dela, reservar uma empresa de mudanças. Foi um dia de celebração, um dia para carimbar uma vitória árdua do bom senso sobre a dor.

Era tudo o que Alison desejava. Um retorno à normalidade, uma família feliz e unida. Onde ela estava? Onde Ruby poderia estar - hoje de todos os dias? Ela deveria ligar para Jonathan? Chamar ele para vir? Não, melhor não lhe dar mais munição quando a trégua era tão frágil.

O exílio de um ano de Ruby da família foi terrível. Não apenas as acusações amargas, as lágrimas, as ameaças, mas mais a pura falta dela, a mais velha, em reuniões de família, feriados, churrascos. Tudo parecia *errado* , como se eles - e ela

- estivessem de alguma forma ignorando deliberadamente um prédio em chamas ou um nadador se afogando.

Alison caminhou pelo apartamento novamente - quarto, banheiro e sala de estar -

mas não havia sinal dela. O que foi isso? Um ato final de rebelião? Um aviso de que ela poderia - e seria - ainda sua própria mulher? Ou isso era algo mais sério? Ela estava renegando seu acordo? A incerteza deixou Alison profundamente nervosa.

Então, de repente, o canto dos pássaros - o telefone de Alison anunciando a chegada de um novo tweet. Ruby era uma tweeter regular - era basicamente como Alison a controlava - então Alison correu para sua bolsa, puxando o conteúdo em busca de seu telefone.

Ele *era* de Ruby. Alison leu o tweet. Franzindo a testa, ela leu novamente. Ela não podia ser tão egoísta, não é?

'Preciso sair e ficar sozinho Se as pessoas me amassem mais então eu ficaria . . Rx'

Ela poderia. Ruby havia derrubado o teto sobre eles. E Alison soube imediatamente que não haveria como voltar disso.

7

Tendo terminado de twittar, ele desligou o telefone e o guardou com segurança no bolso do paletó. Ele verificou novamente se a costa estava limpa, mas estava sendo excessivamente cauteloso: ninguém penetrava tão profundamente na floresta.

Seguindo em frente, ele abriu caminho lentamente através da vegetação rasteira, com cuidado para não prender suas roupas em nenhum dos espinhos ou amoreiras. Era improvável que sua roupa sintética deixasse quaisquer fibras para trás, mas você nunca poderia ser muito cuidadoso.

Ele emergiu em uma pequena clareira. A folhagem era menos espessa aqui, o solo arenoso e seco. Perfeito para seu propósito. Limpando um pequeno pedaço de vegetação, ele retirou o grande feixe de gravetos de sua mochila e os colocou cuidadosamente no chão. Logo ele tinha uma boa pilha, circundada pela pequena

trincheira que cavara cuidadosamente com a espátula. A trincheira pegaria qualquer centelha perdida - um incêndio florestal aqui seria catastrófico.

Segurança em primeiro lugar, sempre segurança em primeiro lugar.

Um pouco de acendedor de fogo se despedaçando para acendê-lo. Isso era mais perigoso do que usar o jornal, é claro, mas os jornais podiam fornecer pistas úteis para um policial meio inteligente, que parafina era. Parecia estranho sentir o calor do fogo em uma tarde já quente de sábado, mas é preciso. Se alguém visse, pensaria que eram turistas fazendo um churrasco - havia muitos deles naquela época do ano. De qualquer forma, ele já teria partido quando alguém o encontrasse, então . .

A ideia da descoberta, por mais ridícula que fosse, o levou a agir. Ele puxou o pijama de Ruby da bolsa e colocou-o no fogo. Ele os observou queimar, fascinado pela lenta conflagração. Eles resistiram obstinadamente no início, então veio a primeira oscilação quando as fibras começaram a pegar, antes de finalmente sucumbirem ao inevitável.

Foi estúpido desfrutar disso tanto quanto ele. Mas ele não conseguiu evitar. Era lindo - as chamas saltando, as brasas brilhantes e, finalmente, a cinza suave e tênue. Ele ficou comovido com o que viu, ciente de seu maravilhoso significado. Foi o fim de Ruby. Ela estava morta e morta agora, mas do fogo, das cinzas, algo novo e bonito surgiria.

8

A jovem jazia fria e sem vida na laje. A areia que a envolveu por tanto tempo foi varrida grão por grão e enviada para análise, deixando a vítima com uma aparência estranhamente limpa. Agora que ela estava longe da praia, exposta e sem adornos no necrotério da polícia, ela era uma visão lamentável. Ela era tão magra -

esquelética foi como Jim Grieves, o patologista, colocou ao telefone. Enquanto Helen olhava para o cadáver, ela sentiu uma onda de náusea varrê-la. Esta tinha sido uma jovem vibrante, mas agora sua pele estava cinza, seus lábios rachados e seus ossos esticados em todos os lugares para perfurar o que restava de sua pele.

Helen sentiu profunda pena dela.

Eles vasculharam o Computador Nacional da Polícia e fizeram as pesquisas de costume sobre pessoas desaparecidas, mas não encontraram nada. Então Helen decidiu ir direto ao necrotério da polícia para ver se Jim poderia lançar alguma luz sobre quem ela era e como ela havia chegado a isso.

- Ela está morrendo de fome - Jim ofereceu como sua salva de abertura. Ele tinha compaixão, mas ia direto ao ponto, anos de serviço e centenas de cadáveres corroeram seu desejo de se envolver em brincadeiras. 'Seu estômago encolheu para o tamanho de uma laranja, a resistência dos ossos foi comprometida e eu encontrei vestígios de objetos não comestíveis - madeira, algodão, até mesmo metal - em seu sistema digestivo.'

Helen acenou com a cabeça.

- Tenho mais trabalho a fazer, mas até agora não consegui encontrar nenhuma causa óbvia de morte. O pescoço e as vértebras estão intactos, não há ferimentos de bala ou faca, nem sinais de estrangulamento manual ou por ligadura, então, por enquanto, presumiremos que ela morreu de fome.

'Jesus.'

- Isso combinaria com algumas outras coisas que observei. Sua pele tem uma qualidade acinzentada de couro - mesmo onde foi bem preservada - e seus olhos se deterioraram acentuadamente. Eu diria que ela ficou praticamente cega no final.

Além disso, os exames de sangue mostram que ela tinha uma ausência total de vitamina D em seu sistema.

'Significado?'

'Tudo junto, sugere que ela foi mantida na escuridão total nas últimas semanas ou mesmo meses de sua vida.'

Helen não conseguiu encontrar palavras para expressar seu horror desta vez. Esta jovem morreu de fome em um inferno sem luz?

'Algo mais?' Helen disse rapidamente.

- Você notará a tatuagem - um pássaro azul no ombro direito - feita nos últimos

três a cinco anos. Além disso, a depressão ao redor da região da virilha. Parece uma evidência histórica de uma DST. Eu arriscaria molusco contagioso, mas confirmarei quando fizer mais exames.

- Há quanto tempo ela está enterrada?

- É difícil dizer com precisão real. Como você pode ver, o corpo começou a se decompor. A esqueletização está cerca de trinta por cento completa, mas ainda há bastante pele remanescente e o cabelo está praticamente intacto. O calor acelera a decomposição, o frio desacelera e fazia muito frio lá embaixo. Portanto, eu estimaria dois a quatro anos. '

Helen exalou - esses parâmetros eram muito amplos para seu gosto.

- Mas tenho outra coisa que pode ajudar - Jim continuou. Virando-se, ele ofereceu a Helen uma pequena tigela de metal. Helen olhou para dentro - um pequeno dispositivo eletrônico estava dentro.

- Sua vítima tinha um problema cardíaco. Este é o marca-passo dela ', explicou Jim, limpando a ferrugem e o sangue seco da unidade,' completo com o logotipo do fabricante e o número de série. '

Helen esboçou um meio sorriso: finalmente, algumas boas notícias.

'Anote o número de série', Jim continuou 'e você tem sua garota.'

9

DC Sanderson se aproximou do apartamento em Millbrook com o coração pesado.

Cada vez mais esse era o seu destino na vida - varrer os casos que ninguém mais na Equipe de Incidentes Graves queria. Helen, Lloyd e vários outros estavam em Carsholt, fazendo coisas interessantes. O que eles deixaram para ela? Um caso glorificado de pessoas desaparecidas. Ela não culpou Helen, que sempre a tratou com justiça e a encorajou como uma colega policial. Não, ela colocou a culpa diretamente na porta de Lloyd Fortune, que ela sentia que favorecia os novos CDs em vez dela. Não era justo - ela era mais experiente, conhecia Southampton melhor do que esses insurgentes - mas a política da estação é um negócio inconstante.

O interior do apartamento não melhorou seu humor. Era incrível o que os proprietários podiam fazer hoje em dia, agora que ninguém tinha dinheiro para comprar um imóvel. O apartamento de uma cama era apertado e nada atraente. A umidade envolvia o teto, as janelas eram mal ajustadas e com correntes de ar e ela tinha certeza de que havia coisas vivendo atrás dos rodapés. Ou talvez morrendo.

Todo o lugar cheirava a decomposição.

Ainda assim, era a casa de alguém e a inquilina - Ruby Sprackling - era filha de alguém. Alison, sua mãe, acompanhada por seu marido preocupado, Jonathan, andava de um lado para o outro. As lágrimas não estavam longe, então Sanderson decidiu prosseguir e obter o máximo de informações que pudesse.

'Houve muitos . . problemas nos últimos dois anos, mas ela não decolaria assim', Alison estava dizendo. 'Ela deveria se mudar de volta para a casa da família na próxima semana, estávamos conversando sobre isso há meses, tínhamos combinado . .'

- Será que ela ficou com os pés frios?

'Não' foi a resposta rápida, embora Sanderson tenha detectado uma pitada de dúvida. Ela também ficou intrigada com o fato de o marido de rosto impassível não ter dito uma palavra.

- Você disse que ela esteve em contato com a mãe biológica recentemente?

Sanderson continuou.

'Não recentemente, mas intermitente durante os últimos dois anos.' O pai de Ruby *estava* ansioso para falar sobre esse assunto. “Ela era uma influência terrível”, disse ele, “meteu-a nas drogas, faltou à escola, teve problemas com a polícia. Ruby subiu completamente seus níveis A por causa daquela maldita mulher.

Um olhar penetrante de Alison o fez controlar sua raiva. Ele parou de reclamar, mas não se arrependeu. Ele sabia o que pensava de Shanelle Harvey e não se importava em mudar de opinião. Sua filha promissora tinha saído completamente dos trilhos no ano passado, levando a furiosos rompimentos e recriminações dentro da família - tudo por causa de um desejo inocente e bem-

intencionado de criar um vínculo com sua mãe biológica.

Enquanto a contava com os detalhes, Sanderson não pôde deixar de sentir que seria melhor para Ruby continuar com o que tinha. Shanelle Harvey acabou sendo uma pequena cerca, ladra e traficante com hobbies questionáveis e namorados ainda mais questionáveis. Não a corajosa, mas pobre mãe terra que Ruby talvez esperava encontrar.

- Você disse que não estava muito preocupado no início, mas agora . . Sanderson colocou a conversa de volta nos trilhos.

- Eu não estava - Alison concordou. - Ruby pode não ser confiável e impulsiva - não é impossível que ela se descontrolasse e fosse embora um pouco. Mas ela postou um tweet desde a noite passada e, acredite em mim, isso está seriamente fora do personagem. O telefone dela está desligado - eu tentei uma dúzia de vezes . . '

'E quanto às chaves? Bolsa?'

- Parece que ela está com eles - admitiu Alison.

- Então ela fez uma mala . .?

- A mochila dela não está aqui. E é verdade que ela roubou a maior parte das roupas.

- Houve algum sinal de entrada forçada?

'Não, a fechadura é nova e bem decente e as janelas parecem boas, mas mesmo assim . .'

Sanderson sentiu-se desligando mentalmente, descartando Alison como uma mãe em negação, então mentalmente voltou a se concentrar. Helen Grace era muito interessada em casos de pessoas desaparecidas - ela sempre disse que eles eram apenas o ponto de partida para casos de assassinato, casos de estupro - e Sanderson sabia que Helen esperaria que ela não deixasse pedra sobre pedra.

- O inalador dela.

Agora Alison tinha a atenção de Sanderson.

- Ela é asmática?

'Desde o nascimento. Ela teve vários ataques ruins quando era criança. Acabou no hospital duas vezes. Agora ela *sempre* tem seu inalador com ela. É seu pequeno mantra saindo pela porta: “Chaves, bolsa, inalador . .” Ela nunca decolaria sem ele.

'E?'

- E encontrei ao lado da cama dela. Deve ter caído da mesinha de cabeceira no chão. Mesmo se ela estivesse com pressa, mesmo se ela quisesse fugir, ela estaria com muito medo de sair sem seu inalador. '

- E se ela tivesse esquecido?

- Então ela voltaria de qualquer maneira - disse Jonathan com firmeza, ao que parecia igualmente preocupado, apesar de sua história complicada com a enteada.

Sanderson fez mais algumas perguntas e depois encerrou as coisas. Esse caso de desaparecimento acabava de assumir um tom mais sinistro. Por mais escrupulosa que fosse para tranquilizar Alison e Jonathan, o detalhe do inalador esquecido alarmou Sanderson. É o tipo de coisa que outra pessoa pode sentir falta, mas não Ruby, que sofria de asma desde o nascimento. O que levantou a questão: Ruby realmente decolou? Ou um terceiro estava envolvido?

10

Às vezes era difícil ser pai. Esqueça isso, *sempre* foi difícil ser pai. A detetive superintendente Ceri Harwood subiu as escadas para o terceiro andar de sua elegante casa geminada com um humor sombrio. Ela vinha importunando seus filhos para irem para a cama por quase uma hora agora, mas eles ainda a desafiavam, encontrando desculpas intermináveis para evitar fazer o que eles pediam. Tinha sido um longo dia - ela não precisava ficar subindo e descendo as escadas a noite toda, quando poderia se aninhar no sofá com uma taça de vinho.

'Se você não estiver na cama e quieto em dois minutos, o PS4 vai para o armário por uma semana.'

Era bom ameaçar uma semana - ela nunca havia ameaçado uma semana inteira

antes. Teve o efeito desejado. O quarto andar de repente ficou muito quieto enquanto os pés corriam, as luzes foram desligadas e a paz desceu. Harwood esperou mais alguns minutos, então rastejou até o último andar e enfiou a cabeça pela porta.

As duas garotas dormiam profundamente e, apesar de sua irritação e cansaço, isso a fez sorrir. Eles tiveram dias atarefados com a escola, natação, aulas de música, mas mesmo assim Harwood ficou maravilhada com a capacidade de seus filhos de adormecerem em segundos. Não era uma habilidade que ela possuía - o estresse e o fim de sua ingestão diária de cafeína frequentemente a mantinham acordada e inquieta até altas horas da madrugada.

Foi um ano difícil. Um ano passado engolindo o heroísmo e a popularidade de Helen Grace, dia após dia. Grace trouxera dois assassinos em série agora e, como resultado, alcançara um status lendário dentro da Força. Lá fora, no mundo real, era um pouco melhor: o assunto Helen Grace sempre aparecia em jantares a que Harwood comparecia, as pessoas enchendo-a de perguntas sobre o caráter e os talentos do detetive inspetor. Foi tudo Helen, Helen, Helen.

Na esfera profissional, Harwood se comportou de maneira impecável. Ela deu um tapinha nas costas de Helen, parabenizou-a por seu elogio oficial e garantiu que ela tivesse todos os recursos de que precisava. Seu sucesso acabou refletindo bem em Harwood - mas nada disso a fez se sentir melhor. Ela se lembrou do fulminante assassinato de caráter dela por Helen, enquanto eles brigavam durante a investigação de Ella Matthews. Enfurecida com o que ela percebeu como tentativas de Harwood de expulsá-la da Força, Helen a descartou como uma política glorificada, incapaz de usar o distintivo de polícia. Helen não havia mencionado a briga desde então, mas Harwood lembrou-se dela palavra por palavra.

Ainda assim, há *foram* algumas coisas Ceri tiveram que Helen não o fez. A posição superior. Um marido amoroso. Duas lindas filhas. Harwood olhou para as meninas adormecidas agora e seu desânimo diminuiu. Ela sempre foi uma lutadora e apesar de ter estado na sombra de Helen Grace por tanto tempo, onde havia vida havia esperança.

Enquanto ela descia as escadas mais uma vez, Harwood sabia que haveria uma vingança. Algum dia, em breve, ela acertaria as contas. Afinal, ela havia perdido a batalha. Ela não tinha perdido a guerra.

11

O escritório do sétimo andar estava silencioso como um túmulo. Já era tarde agora e o resto da Equipe do Incidente Principal havia voltado para casa, deixando Helen sozinha. Que é como ela gostou. Ela não precisava de uma audiência para o que estava prestes a fazer.

Verificando novamente se não havia ninguém espreitando nos corredores, Helen estacionou em frente a um terminal de computador e o ligou. Usar a máquina de outra pessoa era um truque baixo, mas necessário - era estritamente proibido acessar o PNC para uso pessoal.

Em um minuto, ela estava no sistema. Ela não hesitou, digitando rapidamente,

'Robert Stonehill'. Enquanto o sistema procurava por quaisquer crimes ou incidentes ligados a esse nome, Helen tentou ignorar a leve vibração de esperança dentro dela. Seu sobrinho havia sumido do radar há quase doze meses - ele não tinha tido contato com seus pais adotivos ou seus amigos - e a busca constante de Helen por ele não deu em nada. Sua rivalidade com Emilia Garanito havia levado o vingativo jornalista local a declarar Robert publicamente como o filho biológico da irmã de Helen, Marianne. Saber pela primeira vez sobre os crimes horríveis de sua mãe, enquanto a imprensa sitiou a casa de seus pobres pais, levou o jovem ao abismo. Ele havia fugido para retirar o pacote da imprensa. Helen presumiu que ele reapareceria quando o furor diminuísse, mas ele não apareceu. Robert queria ficar escondido.

Sua ausência contínua foi esmagadora para Helen. Ele era a única família que ela restava e durante o breve conhecimento que ela fez uma promessa - para si mesma e para Robert - de ser seu anjo da guarda. Para protegê-lo de um mundo escuro que tirou a vida de sua mãe e arruinou a dela. Mas ela falhou completamente - e agora ele estava perdido para ela para sempre.

A pesquisa não deu em nada. Como sempre acontecia. Suprimindo a profunda tristeza que cresceu dentro dela, Helen desligou o terminal e saiu correndo.

A curta viagem até a casa de Charlie ajudou a restaurar seu ânimo. Ela e Charlie haviam passado por muitas coisas juntos - bons e ruins - mas Helen sempre se sentiu bem-vinda. A casa de Steve e Charlie não era grande, mas era feliz. Ainda mais do que de costume agora, com a chegada iminente de sua filha.

- Você está parecendo bem - disse Helen, enquanto se sentavam na sala de Charlie.

- Esse código é enorme? Charlie rebateu.

'Não. Combina com você. '

'Tornozelos inchados e estrias - é uma boa aparência', Charlie respondeu, lançando um olhar de inveja sobre o corpo esguio de Helen. - Vamos torcer para que pegue.

- Como você e Steve estão indo?

'Externamente, animado. Interiormente, apavorado. '

'Você vai ficar bem. Ambos vocês são naturais. '

'Pode ser. Se Steve e eu ainda formos casados daqui a doze meses, podemos dizer que é um trabalho bem feito. '

Helen sorriu e tomou um gole de chá. Helen nunca bebia, então era uma boa companhia para uma futura mamãe.

'E como você está? McAndrew me contou sobre seu corpo de praia ', Charlie continuou. - Parece . . incomum.

Helen percebeu pelo tom de Charlie que ela já estava perdendo o trabalho da polícia. Steve havia insistido que ela deixasse a Força depois do que acontecera

com Marianne, e Charlie inicialmente concordou em fazê-lo. Mas a descoberta inesperada de sua gravidez ajudou Charlie a limitar suas apostas, optando por um papel nos bastidores e depois por um ano de licença maternidade, tirando-a da linha de fogo. Embora nunca dissesse isso em voz alta, Helen esperava que Charlie voltasse para Southampton Central quando chegasse a hora certa.

'Isto é. Foi feito clinicamente - e há algum tempo - o que me preocupa - '

- O que ele tem feito desde então? disse Charlie, completando a frase de Helen.

Helen acenou com a cabeça.

- E como a equipe está se saindo na minha ausência?

- Ainda encontrando os pés - respondeu Helen diplomaticamente.

- E Lloyd . . como ele está?

Helen percebeu que era isso que Charlie realmente queria saber. A súbita elevação desse talentoso, mas inexperiente oficial para o papel de DS tinha ficado na garganta de Charlie. Ela atribuía isso tanto à desconfiança do detetive superintendente Harwood em Charlie quanto aos méritos individuais de Lloyd.

Não há nada pior do que perder para a política e, apesar do bom coração de Charlie, Helen sabia que esperava que Lloyd não se cobrisse de glória.

- Nos primeiros dias - Helen respondeu, mantendo sua expressão o mais neutra possível. O que quer que ela pudesse sentir pessoalmente, ela nunca poderia deixar transparecer que estava preocupada com sua equipe atual.

Helen saiu logo depois, desejando sorte a Charlie e prometendo voltar antes do Dia D. Ela estava caminhando para sua bicicleta quando seu telefone tocou. Era o DC

Grounds.

- Desculpe incomodá-la tarde, senhora, mas recebemos os resultados do marca-passo.

Helen parou de andar.

'A mulher morta é Pippa Briers. Ela teria vinte e cinco anos agora. O parente mais próximo é seu pai, Daniel Briers. Temos um endereço de Reading e um número de telefone. Você quer que eu faça a ligação? '

'Não, eu farei isso. Envie-me os detalhes. '

Helen desligou. Momentos depois, a mensagem de Grounds chegou. Helen se preparou para o que estava por vir. Ela não podia adiar - ela devia a Daniel e Pippa Briers fazer a ligação sem demora. Ainda assim, ela levou um segundo para se recompor. Não importa quantas vezes você tenha feito isso, nunca é fácil dizer a um pai que sua filha amada está morta.

12

Ruby acordou assustada e desorientada. Ela estava determinada a não baixar a guarda, mas cochilou mesmo assim. Ela esquadrinhou a sala rapidamente, ciente do perigo, apesar de seu torpor contínuo e dor de cabeça, mas não havia nenhum.

Ela ainda estava sozinha.

Que horas eram? Ruby não tinha relógio e o relógio na parede estava congelado ao meio-dia e quinze. Ela poderia ter dormido cinco minutos ou cinco horas, ela não tinha como saber, o que a enervou profundamente. Ela era como a Bela Adormecida aqui embaixo, presa em uma morte em vida. Exceto que essa garota solitária não tinha ninguém para resgatá-la.

Ruby estremeceu, seu corpo entorpecido de frio. Já devia ser noite, porque a temperatura na sala havia caído acentuadamente. Foi uma espécie de frio horrível e úmido que penetrou nos pulmões e na cabeça. Ruby já sabia que ficaria doente aqui. Ou pior. E ela passou o dia inteiro se perguntando por quê.

Ela tentou localizar seu captor. Alto, magro, de modos curiosos, havia algo de familiar nele - seria seu rosto? Ou o cheiro que ele exalava? - e ela se torturou tentando pensar onde o tinha visto antes. Se ela pudesse descobrir quem ele era, ela poderia trabalhar com ele, persuadi-lo a ver o mal que ele estava fazendo. Mas ele a evitou e suas tentativas de identificá-lo só serviram para esmagar ainda mais seu espírito.

Por quê? Por quê? Por quê?

Por que ela estava aqui? O que ela fez?

No início, ela assumiu que ele iria matá-la. Ou pior. Mas ele não fez nenhuma tentativa de machucá-la. Então ela assumiu que ele queria dinheiro. Mas ele não fez isso. Ele a queria. Esta estranha sala com seu pastiche de simplicidade - o relógio parado, as prateleiras vazias, os lençóis recém-lavados - foi projetada para ser uma casa, não uma prisão.

Como ele a conhecia tão bem? Alguma coisa que ela fez levou ao seu rapto? Ela era de alguma forma *responsável* ?

Na escuridão trêmula, essa explicação fez mais sentido. Ela tinha sido uma filha

terrível e uma péssima amiga. Desde que Alison e Jonathan a adotaram, sua vida tinha sido estável e produtiva. Não desejada no nascimento, Ruby poderia ter dado muito errado, mas graças à bondade e à caridade de seus pais adotivos, ela teve um início de vida decente. E ela jogou de volta em seus rostos. Suas intenções eram boas. O conhecimento de seu abandono por sua mãe biológica nunca a abandonou e ela precisava conhecê-la para ver se, anos depois, ela cuidaria de seu filho.

O que ela encontrou? Uma criminosa calculista e manipuladora, interessada apenas em como seu filho abandonado poderia beneficiá-la. Ruby se amaldiçoou por sua estupidez em ter confiado nela. Porque ela engoliu suas mentiras, porque ela queria desesperadamente sua atenção, ela rejeitou as únicas pessoas que lhe mostraram um amor verdadeiro. E quando eles reagiram mal à sua loucura, ela os recompensou com vitríolo e abuso. Ela os havia chamado de todos os nomes sob o sol, cuspido neles, arranhado neles. Ela estava sob influência - de mais de uma maneira - quando cometeu esses crimes contra sua família, mas isso não justificava seu comportamento. Ela tinha sido vil para aqueles que menos mereciam.

Enquanto Ruby estava deitada na cama, sua rendição completa, ela pensou ter entendido. Ela tinha feito coisas terríveis. Ela era, e sempre seria, um ser humano terrível.

E agora ela seria punida por isso.

13

Helen ficou imóvel à sombra da igreja de St Barnabas. Como ela havia chegado aqui, ela não sabia. Talvez ela devesse ter voltado para a estação para fazer a ligação para Daniel Briers, mas já era muito tarde e, além disso, ela estava obrigada a entregar suas notícias terríveis o mais rápido possível. Então ela fez a ligação naquele momento. À medida que a conversa avançava, Helen preenchendo os silêncios pesados com o máximo de detalhes e garantias que pôde, ela procurou um local tranquilo e acabou aqui, em um cemitério solitário.

A ligação tinha sido perturbadora, como sempre. Daniel Briers não relatou o desaparecimento de sua filha e não tinha ideia de que qualquer dano tinha acontecido a ela. Eles se desentenderam alguns anos atrás e, embora ela tenha se mudado, ele alegou que eles ainda mantinham contato intermitentemente,

através das redes sociais, se não pessoalmente. Na verdade, ela havia enviado uma mensagem de texto para ele mais cedo naquele dia, então receber a notícia de sua

'morte' foi um choque, para dizer o mínimo. Helen percebeu que ele não acreditava. Helen disse-lhe tudo o que pôde e, em seguida, providenciou para que ele visitasse Southampton no dia seguinte. Talvez a realidade desta tragédia começasse a afundar então.

Helen estremeceu. O silêncio após a ligação foi perturbador, especialmente naquele ambiente. Por mais que você tenha tentado, não conseguiu se livrar da imagem da pessoa do outro lado. O que ele estava fazendo agora? Contando para a esposa dele que Pippa estava morta? Ele estava chorando? Vômito? Muitos o fizeram, tendo recebido a notícia. Foi terrível ser o instrumento pelo qual uma dor tão terrível foi transmitida.

Meia hora depois, Helen estava na porta de Jake, tocando a campainha três vezes em rápida sucessão - seu código secreto. A porta zumbiu e Helen entrou, correndo escada acima.

O que havia com sua consciência? Ela fizera a coisa certa - a coisa responsável - ao ligar. Mas agora ela era atormentada por pensamentos sombrios, imagens de si mesma como um motor implacável de miséria, contaminando tudo e todos que ela tocava.

O primeiro golpe acertou, sacudindo Helen de sua introspecção. Sua pele se arqueou profundamente em um tom de rosa em protesto e enquanto a dor a percorria, Helen fechou os olhos e esperou por aquela sensação familiar de liberação. Lentamente, ele se apoderou dela, seus demônios finalmente se retiraram, espancados por Jake.

Depois, ele a observou se vestir. Helen estava usando os serviços de Jake por alguns anos e eles já haviam passado do ponto em que ele iria embora. Eles até passaram a noite juntos uma vez e isso brevemente prometeu levar a uma maior intimidade, mas Helen fugiu assustada. Jake como seu dominador era uma coisa.

Jake como seu amante era algo completamente diferente. Isso foi há mais de doze meses e Jake parecia ter engolido sua decepção óbvia e aceitou um retorno ao status quo.

Mas, quando Helen tirou as notas da bolsa, Jake a deteve.

"Não faça isso." Foi dito com simplicidade, mas com emoção.

- Vamos, Jake, você merece.

- Este é por conta da casa - respondeu ele, sorrindo sem jeito.

Helen olhou para ele. Foi um ato genuíno único - um ato de amizade - ou foi o primeiro movimento em algo mais combinado? Helen não sabia o que havia causado essa mudança de tática, mas ela não gostou.

- Eu insisto - Helen rebateu, colocando as notas nas mãos de Jake.

'Helen -'

'Por favor, Jake, foi um dia difícil. Pegue.'

Ela se virou e saiu - ela não tinha estômago para lutar. As últimas vinte e quatro horas foram extremamente difíceis e, embora ainda fosse o início da investigação, Helen sentiu que o pior ainda estava por vir. As nuvens de tempestade estavam se formando e ela sabia por experiência amarga que não poderia lutar em muitas frentes ao mesmo tempo. Ela voltou para a bicicleta, sem nunca olhar por cima do ombro. Apesar disso, ela sabia muito bem que Jake a estava observando da janela, a cada passo do caminho.

14

DC Sanderson apertou a campainha com firmeza e se preparou para o que estava por vir. Ela havia se levantado cedo e estava na M2 por volta das 7h, indo para o leste em direção a Kent. Ruby Sprackling estava desaparecida havia apenas 36

horas, mas Sanderson já estava seriamente preocupado.

Tendo combinado um encontro com sua mãe para carimbar sua tão desejada reconciliação familiar, Ruby havia desaparecido inesperadamente. Ela havia escrito um breve e-mail para o senhorio avisando, em seguida, enviou um único tweet para a família e amigos anunciando que estava decolando. Isso vindo de uma jovem que era impiedosamente sociável, uma garota da geração Twitter que vivia sua vida ao ar livre, tweetando cada pensamento, reprovação ou epifania.

Mais suspeito ainda era o fato de que seu telefone tinha sido desligado desde que ela desapareceu. O fato de seu telefone estar fora de serviço por tanto tempo sugeria que ela não queria ser encontrada ou não tinha mais o telefone em sua posse. Um medo persistente em Sanderson sugeria que era o último.

Sua mãe biológica, Shanelle Harvey, morava em um prédio decadente de apartamentos em Maidstone. Sanderson tinha visitado alguns lugares difíceis em seu tempo, mas Taplow Towers realmente era uma axila - estourando com mães e rapazes de propriedade de pia no dia de soltura. O humor de Sanderson despencou quando ela examinou o grande pênis pintado com spray na porta da frente de Shanelle Harvey.

Passos, então a porta da frente abriu uma fresta, a corrente firmemente colocada.

- DC Sanderson, posso dar uma palavrinha?

Shanelle Harvey olhou para o visitante, pigarreou desagradavelmente (o resultado caiu perto do pé esquerdo de Sanderson) antes de abrir a porta com relutância.

Dentro era pior do que fora. Um mar de caixas de papelão, provavelmente cheias de equipamentos falsificados, enchia o lugar. Havia pouco espaço para a decoração usual de uma casa de família. Na verdade, os únicos enfeites que Sanderson conseguiu ver foram cinzeiros, transbordando com as pontas de centenas de cigarros sem marca. O lugar fedia a fumaça rançosa - Sanderson teria com prazer aberto uma janela, se pudesse chegar a uma.

'Nada a ver comigo.'

Shanelle foi rápida em negar qualquer envolvimento no desaparecimento de Ruby.

- Mas você não nega ter tido contato com ela recentemente?

'Poderia ter feito.'

Shanelle teve a experiência cansativa de um chanceler profissional, determinada a não admitir a responsabilidade por nada.

- Podemos verificar seus registros telefônicos, Shanelle, então vamos cortar essa

merda, vamos? Sanderson continuou.

'OK. Eu a vi entrando e saindo nos últimos dois anos. Ela gostava de vir aqui. Sou um pouco menos arrogante do que o outro grupo.

'Os pais dela?'

- Se é assim que gostam de se chamar. Eles estavam sempre ligados a ela, dizendo a ela o que fazer, como ser. Não é jeito de viver. '

'E isso é?' Sanderson respondeu.

- Sim, é fácil me desprezar, mas pelo menos eu a deixo em paz. - Shanelle cuspiu de volta. - Em vez de vir aqui apontando o dedo, por que você não pergunta a *ele* sobre isso?

'Quem?'

'O pai dela".'

- Por que o Sr. Sprackling saberia alguma coisa sobre isso?

- Ele está irritado. Gosta de fazer o que quer. Não gosta de garotinhas travessas. Ele costumava ficar muito . . zangado com Ruby.

Sanderson não disse nada.

- Ele veio aqui uma vez. Me chamou de todos os tipos, ameaçou arrancar minha cabeça. Eu mantive minha posição, mas não me importo em dizer a você que estava bloqueando. Eu estava sozinho, não tinha nada à mão, nada para detê-lo . . '

'Então o que aconteceu?'

- O vizinho saiu. Disse-nos para mantermos o ruído baixo. Ele não gostou disso.

Não gostava de ser pego em algum lugar assim. Acho que ele não disse à esposa que viria.

Isso foi dito alegremente, apreciando retrospectivamente seu desconforto.

- Então, por que você não pergunta a *ele* sobre Ruby? Perguntar o que ele queria fazer com a garotinha que se voltou contra ele? '

Sanderson estava irritado com Shanelle, mas também inquieto. A maioria dos desaparecimentos era produto de desarmonia doméstica e Sanderson sabia que não havia razão para que isso fosse diferente. Jonathan Sprackling poderia estar envolvido? Ele poderia estar punindo-a por deslealdade e desobediência?

- Você viu Ruby na semana passada?

'Não. A última vez foi há cerca de um mês.

- Ela já passou a noite aqui?

'Sim, e daí?'

'Apenas vocês dois.'

Pela primeira vez, Shanelle hesitou. Sanderson foi rápido em aproveitar a vantagem.

- Quem mais esteve aqui?

'Ninguém …'

- Não me faça prendê-la, Shanelle.

'Era só um cara.'

'Que cara?'

- Ele aparecia de vez em quando. Para fumar um pouco. Acho que ele esteve aqui uma vez, quando Ruby ficou. Ele gostou da aparência dela. Eu disse a ele que cortaria suas bolas se ele sequer olhasse para ela.

'Nome?'

Mais hesitação, então:

- Dwayne alguma coisa. É tudo o que tenho - acrescentou ela em resposta à evidente irritação de Sanderson.

- Quantas vezes ele apareceu?

'Uma ou duas vezes por mês.'

'Onde posso encontrá-lo?'

- Como se eu soubesse ou me importasse.

- Tivemos uma briga, não é?

- Eu joguei essa merda fora.

'Porque?'

- Porque ele roubou de mim. Eu sabia que ele era um aproveitador. Tudo o que ele fez foi sentar em sua bunda fumando maconha e assistindo pornografia, mas então

ele meio que avançou duzentas notas minhas. Disse que não, mas eu não nasci ontem. Então eu o chutei para fora. Disse a todos na propriedade que ele era um paedo e não o vi desde então.

Ela sorriu com sua própria inteligência e invenção.

- Você teve algum contato desde então?

- Não cara a cara.

'Significado?'

'Um tijolo entrou pela janela e algum cachorro cagou pela porta - isso é' contato '?

Da próxima vez que ele fizer isso, eu o pegarei. '

Não era muito para prosseguir, mas era um começo. Ela sabia de casos em que exes amargurados raptaram e aprisionaram filhos de ex-amantes. Parecia improvável que um bandido de aluguel barato pudesse ser responsável por algo assim - mas Sanderson sabia que ela tinha que perseguir.

O relógio estava correndo.

15

Ele não gostou da aparência desse cara. Nem um pouco.

O homem veio até a porta praguejando, cheirando a desagrado. Ele estava suando e parecia ansioso para evitar o contato visual, como se os visitantes fossem de alguma forma contagiosos. Quando ele finalmente ergueu os olhos, sua expressão estava cheia de suspeita, como se o mensageiro estivesse aqui para roubá-lo, em vez de entregar a mercadoria que *ele* havia encomendado.

O mensageiro estendeu o pacote e pediu ao homem que o assinasse. Ao fazer isso, ele olhou por cima do ombro, curioso para ver que tipo de buraco esse cara habitava. Foi um local bombardeado. Móveis quebrados, caixas de papelão, lençóis de poeira, caixas de pizza descartadas. A alta propriedade vitoriana presumivelmente já fora a casa de um cavalheiro rico; agora era uma choupana fedorenta. O mensageiro pulou ao ver um rato correndo para fora das caixas de pizza.

Ele ergueu o olhar para encontrar o homem olhando diretamente para ele. Seus penetrantes olhos água-marinha silenciosamente o castigaram por sua curiosidade.

"Adeus", disse o homem, abrindo um sorriso de aborto. Sempre educado, pela primeira vez o mensageiro não respondeu, simplesmente se virando e se afastando apressado, enquanto a porta da frente se fechava firmemente atrás dele.

Dentro da casa, o homem ouviu a van partir, espiando pelas cortinas sujas para verificar se ele realmente tinha ido embora. Então, varrendo alguns jornais velhos do aparador, ele colocou a caixa no chão. Rasgando a fita que unia a tampa, ele mergulhou dentro. Ele se amaldiçoou por sua estupidez, por seu descuido, mas o precioso conteúdo desta caixa retificaria as coisas.

E seu novo amigo iria agradecer por isso.

16

A dor era horrível. Cursou através de suas órbitas oculares direto para seu cérebro.

Suas terminações nervosas gritaram em protesto, sua cabeça latejava violentamente. Ela enterrou o rosto nos lençóis da cama, rezando para que tudo acabasse.

Ela estava deitada na cama quando aconteceu. Os passos que se aproximavam não a alarmaram, como antes. Ela estava com uma fome voraz e queria companhia - até mesmo sua companhia - depois de uma noite longa e fria. A escotilha se abriu e se fechou, e Ruby esperava ouvir a chave girar na fechadura em seguida - um tipo estranho de rotina estava se desenvolvendo.

Em vez disso, ela foi repentina e inesperadamente cega. As luzes principais em sua pequena cela acenderam sem aviso. Ela fechou as pálpebras com força, mas o estrago já estava feito. Seus olhos, acostumados à escuridão, foram subitamente atacados pelas três lâmpadas de sódio pesadas fixadas no teto.

Seus olhos se abriram, fecharam-se novamente e muito lentamente se abriram mais uma vez. Formas e luzes estranhas dançavam na frente dela enquanto suas retinas assustadas procuravam algum tipo de foco.

Ele estava de pé sobre ela.

"Não me toque."

'Você dormiu bem?'

'Não. Eu congelei até a morte, sua aberração estúpida. Vou morrer aqui embaixo, é isso que você quer? '

- Vou pegar um cobertor extra para você.

'Por favor, deixe-me ir para casa.'

'Levante-se.'

Ele gritou esta ordem, seu tom repentinamente impaciente e hostil. Ruby percebeu que não sabia nada sobre esse cara ou como sua mente funcionava. Ele poderia se tornar violento? Ele poderia ser argumentado? Ele estava louco?

'Tire suas roupas.'

'Por favor …'

- Tire a roupa - repetiu ele, erguendo a voz.

Ele não olhou para ela. Estranhamente, suas mãos tremiam. Ruby tentou falar, mas seu coração batia muito rápido, deixando-a sem fôlego e em pânico.

'Eu não quero' ela conseguiu dizer eventualmente.

'Faça agora ou Deus me ajude . .'

Quando ele deu um passo em sua direção, Ruby pulou da cama.

'Eu estou fazendo isso. Estou fazendo isso. '

Mesmo assim, ele não olhou para ela. Soluçando baixinho, Ruby tirou a blusa do pijama de algodão fino que ele lhe dera no lugar de sua roupa de dormir. Ela odiava a sensação e o cheiro disso, mas a impedia de congelar até a morte. Agora ela estremeceu, sua pele nua exposta ao ar frio. Hesitando, outro soluço escapando dela, ela tirou a calça do pijama, colocando-a na cama ao lado dela.

Ela se sentia intensamente vulnerável, nua na frente de um estranho, seu corpo magro iluminado pelas luzes do teto. Ela parecia fantasmagórica, sua pele pálida emoldurada pela escuridão de suas madeixas e pelos pubianos. Ela olhou para o chão, recusando-se a encontrar seu olhar.

Ela poderia dizer que ele estava olhando para ela agora, avaliando o que viu. 'Vá para o inferno', ela pensou, mas sua bravata vazia fez pouco para animá-la. Ela estava exposta e impotente aqui.

Ele deu um passo à frente. Ainda assim, Ruby olhou para o chão. Em seguida, outro passo - ele estava bem ao lado dela agora. Sua mão se estendeu, levantando seu queixo. Ela estava olhando diretamente para ele, eles estavam virtualmente nariz com nariz. Seu aroma peculiar encheu suas narinas mais uma vez. Ela se recusou a piscar ou sorrir.

Suas mãos se levantaram e Ruby se encolheu. Havia algo frio pressionando contra seu estômago. Ela lançou um olhar para baixo. Foi o fim de uma fita métrica. Ele a estava medindo.

Ela tentou ficar imóvel, mas seu corpo tremia de medo. Ele mediu seus quadris, seus ombros, seu peito. Quando a fita adesiva fria pressionou contra seus mamilos, outra lágrima escapou, uma sensação de crescente horror a oprimindo.

Ele deslizou a fita em volta do pescoço dela, puxando-a com força.

Então, satisfeito, ele se afastou.

- Você pode se vestir.

Ruby recolheu o pijama, colocando-o rápida e desajeitadamente.

"Tenho que sair agora, mas não vou demorar", disse ele, observando-a mudar. - E

porque você cooperou, trouxe um presente para você.

Ele puxou algo do bolso e colocou sobre a mesa.

Um inalador.

Ruby deu um passo à frente e se conteve.

'É seu agora. Não me faça tirar isso de você. '

Foi dito com um sorriso, mas Ruby gelou profundamente. Era óbvio para ela naquele momento, como deveria ter sido desde o início, que aquele estranho agora exercia o poder de vida ou morte sobre ela.

17

Ele era mais alto do que ela esperava. Ao telefone, ele parecia hesitante e sem estatura. Mas a realidade era muito diferente. Daniel Briers era alto e bonito, com passos confiantes e modos fáceis. Cabelo escuro, salpicado de cinza nas têmporas, emoldurava um semblante aberto.

- DI Helen Grace. Obrigado por vir tão rápido. '

'Eu só quero resolver isso. Deve ter havido uma confusão com os números de série.

Pippa estava tweetando de novo esta manhã, então é pouco provável que . .

'Posso dar uma olhada?'

Eles estavam saindo da estação ferroviária de Southampton em direção ao vagão-piscina de Helen. Daniel Briers entregou a ela seu telefone. Helen leu o tweet - um comentário breve e anódino sobre as ressacas das manhãs de domingo.

- Você realmente falou com ela nos últimos dois ou três anos? Helen perguntou, enquanto ela devolvia o telefone.

Daniel fez uma pausa, franziu a testa e disse:

'Não, eu não tenho.'

De repente, ele parecia menos seguro, o cansaço de uma noite sem dormir o alcançando, corroendo seu otimismo. 'Eu tentei muitas vezes, deixei inúmeras mensagens, mas . . Eu não acho que ela estava pronta para falar, então tivemos que contar com tweets e mensagens de texto ocasionais. Ela parecia estar indo bem em Southampton e . . eu estava feliz por ela. '

Enquanto dirigiam para o necrotério, Daniel a informou sobre a causa de sua separação. Helen poderia ter adivinhado antes que ele dissesse qualquer coisa: uma nova esposa.

A mãe de Pippa morreu de câncer de mama quando Pippa tinha seis anos, o que deixou a família confusa por vários anos. Mas quando Daniel se casou novamente, tudo parecia certo. No entanto, Pippa e sua segunda esposa não se deram bem.

Kristy trouxe para a festa dois filhos de um casamento anterior e para sua mente, onde eles foram construtivos e educados, Pippa foi hostil e inútil, não querendo aceitar Kristy como sua nova mãe. A situação só piorou durante a adolescência de Pippa e assim que ela teve idade suficiente para deixar a escola *e* casa, ela o fez.

- Tentei argumentar com ela - explicou Daniel -, mas ela só queria ir embora. Então, ela se casou com um velho amigo de escola que estava na faculdade em Portsmouth e acabou se mudando para Southampton. Arranjou um emprego, um

apartamento, ela estava dando um jeito nas coisas. Quebrou meu coração quando ela saiu, eu sentia falta dela todos os dias, mas esperava que com o tempo pudéssemos reparar o dano. Que eu poderia encorajá-la a voltar para casa.

Eles estacionaram no estacionamento do necrotério e entraram para ver Jim Grieves. Assim que eles entraram no prédio, a atitude de Daniel mudou. Ele tinha conversado de dezesseis para uma dúzia antes, mas agora parecia afetado pela esterilidade fria do lugar. Ele estava em silêncio, concentrado, seu corpo rígido.

Helen já tinha visto isso muitas vezes antes - a ansiedade que afeta todos os civis quando estão prestes a ficar cara a cara com um cadáver pela primeira vez.

As gentilezas foram reduzidas ao mínimo - não fazia sentido atrasar o inevitável.

Lentamente, Jim Grieves baixou o lençol, revelando o rosto da jovem.

O efeito em Daniel Briers foi terrível e instantâneo. Uma respiração horrível e dolorida. Parecia que ele tinha parado de respirar momentaneamente e Helen

colocou o braço no dele para verificar se ele estava bem. Ele se virou para ela, seu rosto agora sem cor, um homem visivelmente envelhecendo na frente dela.

Quando ele finalmente falou, foi em um sussurro e em meio às lágrimas:

"Esse é o Pips."

18

Andrew Simpson passou o dedo pela gravata e olhou para a jovem sentada à sua frente. Era incomum para ele ter uma companhia tão agradável durante o dia de trabalho.

- Então Ruby lhe enviou um e-mail há dois dias, avisando? Sanderson perguntou. A Simpson Rentals tinha um amplo portfólio de propriedades para alugar em Southampton, a maioria deles apartamentos de uma e duas camas em casas mal reformadas. Eles eram baratos, mas, como o escritório de Andrew Simpson, também não eram amados.

'Está correto. Foi breve, para dizer o mínimo. Andrew Simpson virou seu laptop

para Sanderson ver. Ao fazer isso, um forte odor de suor rançoso flutuou em sua direção. Ele era um homem magro, com traços precisos e modos muito meticulosos, mas havia algo nele que parecia estranhamente esgotado.

'Eu, por meio deste aviso. Ruby Sprackling. ' Sanderson leu o e-mail em voz alta.

"Era para ser escrito, obviamente, mas ninguém se preocupa mais com isso", acrescentou Simpson.

'Você teve algum aviso? Alguma ideia de por que ela estava indo embora?

- Não, foi totalmente inesperado. Mas ela era uma garota dispersa. Sempre perdendo coisas, esquecendo de pagar o aluguel em dia - '

- E você tem ideia de onde ela pode ter ido?

'Não. Não vejo muito meus inquilinos. '

Sanderson podia muito bem acreditar. Fora da vista, longe da mente.

- Você tem um molho de chaves do apartamento dela?

Isso era o que Sanderson estava construindo. Parecia lógico que, se um terceiro estivesse envolvido em seu desaparecimento, ele ou ela deveria ter tido acesso ao apartamento de Ruby. Não havia sinal de entrada forçada, detritos de sua noite fora foram encontrados na lixeira, a porta tinha sido trancada duas vezes na saída -

tudo estava em ordem, exceto o inalador esquecido. Se ela tivesse sido levada, seria mais uma . . remoção do que um sequestro ou luta.

'Sim, eu quero, mas eles não estão em minha posse no momento.'

Sanderson sabia da existência de quatro conjuntos de chaves - Ruby tinha um conjunto, assim como Shanelle Harvey e Alison Sprackling. Os dois últimos conjuntos foram contabilizados. Presumivelmente, Ruby ainda tinha o dela, então isso deixou um lá fora.

'Onde eles estão?'

- Eu os dei ao meu construtor na quinta-feira. Tivemos alguns problemas com vazamento de canos nessa propriedade. Eu pedi a ele para ir no fim de semana e pintar os danos.

Dois dias atrás. Tempo suficiente para planejar e executar um sequestro.

'E qual é o nome dele?'

Andrew Simpson parecia inseguro, hesitando pela primeira vez na conversa, como se estivesse com medo das consequências, antes de finalmente responder:

- O nome dele é Nathan Price.

19

Ele era uma visão estranha no estúdio de tatuagem. Agarrando suas bolsas New Look e M&S, ele parecia um grande número de pais atormentados em uma viagem de compras à tarde de sábado. Exceto que não era sábado e ele não estava em um shopping center. Ele estava no estúdio de tatuagem de Angie - um mergulho esquecido na sombra das Western Docks, especializado em arte corporal barata e tráfico de drogas.

O lugar estava aberto há apenas cinco minutos quando ele entrou. Ainda estava uma bagunça com o comércio da noite anterior - marinheiros, prostitutas, despedidas de solteiro - e o proprietário resmungão parecia irritado por ter um costume tão cedo. Ela ainda estava meio adormecida e mais da metade embriagada. Ela ofereceu a ele seu menu de arte corporal com uma mão trêmula:

- Escolha o seu veneno - disse ela sem sorrir.

Ele a olhou de cima a baixo antes de responder.

"Na verdade, gostaria de comprar algumas agulhas."

Ela fez uma pausa em sua arrumação e se virou para encará-lo.

- Você quer kit?

'Eu preciso de agulhas de liner redondas, agulhas shader planas, algumas pilhas curvas e tintas também, é claro.'

- Alguma cor específica?

"A paleta completa, por favor."

Angie olhou para ele de cima a baixo - ele não tinha uma tatuagem em lugar nenhum e não parecia o tipo - então remexeu em busca dos itens. Ele a observou atentamente, vivo em busca de qualquer sinal de curiosidade ou suspeita de sua parte.

Mas ele havia escolhido bem sua presa. Dinheiro era tudo o que importava para Angie.

Ela colocou os itens no balcão, mas quando ele estendeu a mão para pegá-los, ela bateu com a mão para detê-lo.

'Dinheiro primeiro. Sem cartões, sem cheques. '

Ele entregou o dinheiro e saiu com suas compras. Enquanto caminhava pelas ruas secundárias desta parte esquecida da cidade, ele deu a si mesmo um pequeno sorriso. Ele agora tinha tudo de que precisava e, embora normalmente não gostasse de diversões tão baratas, teve que admitir que sentiu uma pequena emoção por ter pago com o dinheiro de Ruby. Ela não o agradeceria por isso -

quem daria a dor que estava por vir? - mas ele estava preparado para enfrentar qualquer protesto ou desafio. Afinal, ela foi colocada nesta terra para fazê-lo feliz. E

a melhor maneira de fazer isso era aprender a se submeter.

20

Eles foram apanhados em um estranho tipo de inferno. Este veio completo com flores de plástico, uma estatueta de Jesus e sofás cansados. Muitas pessoas, tendo descoberto o pior, fugiram do necrotério, querendo ficar o mais longe possível da realidade de sua tragédia. Outros, como Daniel Briers, simplesmente não tinham força em suas pernas. É por isso que Helen agora se viu sentada ao lado dele na sala dos parentes mortuários.

"Não faz sentido." Daniel Briers não disse uma palavra desde que ele identificou sua filha. Agora, trinta minutos depois, ele estava tentando processar a terrível

notícia, embalando uma xícara cheia de chá frio.

“Ela me mandou uma mensagem, escreveu tuítes”, ele continuou. 'Eu respondi às mensagens dela, pelo amor de Deus.'

- Ela alguma vez respondeu diretamente às suas mensagens? No dia seguinte ou depois, digamos?

Daniel olhou para ela, mas não falou. Era como se ele não entendesse a pergunta.

'Daniel, eu sei que nada disso parece real, que você está em choque, mas é muito importante que você responda às minhas perguntas, se puder.'

Ele olhou para ela por um momento, sua mente voltando, tentando se conectar ao seu passado com sua filha.

'Não. É verdade, sempre houve grandes lacunas entre os textos. E os tweets. '

Sua mente estava zumbindo com as possibilidades terríveis que isso apresentava.

"Parecia estranho", ele continuou. 'Mas ela tinha saído sob tal nuvem que eu pensei que essa era sua maneira de manter o controle da situação, de nos informar que ela estava no comando.'

Neste ponto, ele finalmente quebrou. As últimas palavras saíram em cascata dele e foram engolidas por soluços enormes e torturantes. Sua miséria era primordial, elementar - um homem imponente e imponente uivando de tristeza por sua filha perdida. Helen já havia testemunhado essa cena muitas vezes antes e sempre sentiu muito por aqueles que ficaram para trás. Ela sabia o que era perder um ente querido e se sentir responsável. Mas desta vez sua simpatia foi particularmente aguda.

Não só Daniel Briers estava lutando com o fato de que sua filha havia morrido antes que eles pudessem ser reconciliados - ele também estava começando a perceber que toda comunicação recente entre eles tinha sido falsa, fabricada por um assassino tortuoso. Alguém estava mantendo sua filha viva desde o além-túmulo.

'Coloque-os.'

Ruby ficou ao lado da cama, sob o brilho das lâmpadas de sódio que de repente se acenderam. Parecia parte da técnica de seu captor agora cegá-la pela metade antes de abrir a porta.

Ela voltou seu olhar para a cama, onde ele havia colocado uma roupa completa para ela. Calcinha, meia-calça, saia jeans curta, top decotado, brincos de argola.

Uma roupa descolada de sábado à noite ou uniforme de prostituta, dependendo de como você o vestiu.

'Agora.'

Sua voz elevada a fez pular. Desta vez ela manteve a calma - embora seu lábio inferior tremesse quando ela pegou a tanga preta - ela não iria dar a ele a satisfação de chorar novamente. Ela se despiu e se vestiu rapidamente, não querendo ficar nua por muito tempo. Mesmo assim, ela vacilou ao colocar os brincos. Ao contrário das roupas, aquelas não eram novas - pareciam manchadas e velhas. De alguma forma, eles pareciam a morte para Ruby.

'Deixe-me olhar para você.'

Ela virou-se para encara-lo. A princípio ele não reagiu, mas então um sorriso apareceu em suas feições com a barba por fazer.

'Bom.'

Ele a encarou, aproveitando o momento. Enquanto isso, Ruby tentava engolir a bile que subia por sua garganta.

“Como é domingo”, ele continuou animado, “pensei que comeríamos juntos. Eu sei que você gosta de um assado. '

Ruby viu a bandeja na mesa. Havia bebidas nele e dois pratos cobertos com aquecedores de comida de plástico. Ruby não queria jogar bola, mas estava com muita, muita fome. Ele removeu as cobertas para revelar uma refeição pronta no almoço de domingo. Era uma caricatura da coisa real . . mas o molho cheirava bem.

Ruby sentou-se e começou a comer, enfiando grandes garfadas na boca.

- Não se dê indigestão.

Ele parecia divertido com sua fome. Ela diminuiu um pouco a ingestão, mas não estava disposta a permitir que um banquete como este implorasse.

- Que bom que você recuperou o apetite, Summer. Você sempre foi um bom comedor. '

Ruby fez uma pausa momentânea e continuou a comer, tentando conter o medo que crescia dentro dela.

- Não me chame assim.

'Por que não? É o seu nome. '

'Não é meu n-'

- Do que mais eu poderia chamá-lo?

O garfo de Ruby caiu ruidosamente sobre a mesa, o molho espirrando desordenadamente ao redor. As lágrimas já escorriam por seu rosto, sua força evaporando de repente.

'Por favor, não faça isso. Eu quero ir para casa. Eu quero estar com minha família - '

- Você está em casa, Summer.

'Eu quero ver minha mãe e meu pai. E Cassie e Conor - '

'VAI CALE A PORRA, CALE A BOCA!'

Enquanto ele gritava isso, ele a golpeou com força na bochecha, os anéis em seus dedos conectando-se fortemente com sua bochecha. Ela tropeçou um pouco, caindo para trás da cadeira, mas antes que ela pudesse atingir o chão, ele a puxou de volta, jogando-a sem a menor cerimônia na cadeira.

'APENAS CALA A PORRA DA BOCA E COMA - SEU - ALMOÇO.'

Seus olhos estavam em chamas enquanto ele gritava com ela. Ruby congelou, o pensamento de que ela poderia estar a apenas alguns momentos de uma morte brutal a paralisou completamente.

- Coma - disse ele mais baixinho, lutando para conter sua raiva.

Lentamente, Ruby levou o garfo aos lábios. Mas a carne fria agora parecia estranha e indesejável em sua boca. Ela o segurou ali, mas não o mastigou, impotente para fazer o que lhe mandavam.

- Assim está melhor - continuou ele, colocando uma pequena batata acinzentada na boca. 'Agora vamos *tentar* aproveitar o resto do nosso almoço.'

22

Eles comeram em silêncio, empurrando a comida em seus pratos. A perna de cordeiro, batatas Maris Piper e brócolis chique foram comprados com uma comemoração em mente - o retorno de Ruby para casa. Mas, em sua ausência, o almoço da família no domingo parecia mais um velório. Jonathan queria jogar a comida no lixo e esquecer tudo, mas Alison recusou. Não era de sua natureza descartar comida cara e, além disso, ela ainda não podia desistir de Ruby.

Ela realmente achava que, cozinhando a refeição, poderia fazer Ruby aparecer de alguma forma? Ela não conseguia responder a essa pergunta, não conseguia realmente explicar o que estava fazendo, mas se sentiu compelida a manter as fogueiras acesas mesmo assim. Enquanto regava a carne, enquanto aparava os brócolis, ela ficou de olho na porta da frente, torcendo para que a chave girasse na fechadura e Ruby entrasse, cheia de desculpas e desculpas pela metade.

É engraçado como essas coisas acontecem. Ela havia crescido e diminuído em sua atitude para com Ruby, em um minuto castigando-a por seu comportamento desagradável, no próximo tentando entender o que ela estava passando. Agora Alison sabia que ela a perdoaria de qualquer coisa - nunca diria uma palavra de reprovação, nunca mais - se ela simplesmente entrasse pela porta. Jonathan faria o mesmo? Alison achou difícil dizer. Normalmente uma bola de energia, ele tinha estado estranhamente quieto desde o desaparecimento dela.

Seria possível que Ruby tivesse fugido? Mudou de ideia sobre voltar para casa?

Certamente foi, já que havia muito barulho e aborrecimento recentemente.

Alison se amaldiçoou por ter apoiado Ruby em sua busca para encontrar sua mãe biológica. Parecia a coisa certa a fazer na época - é o que os pais liberais deveriam fazer, não é? - mas veja onde isso os levou.

Ela e Jonathan lutaram tanto por sua família. Eles sempre quiseram três filhos, mas Alison não conseguia conceber. Quando eles descobriram, Alison temeu que Jonathan pudesse deixá-la, em busca de uma companheira mais fértil. Mas, estranhamente, isso os aproximou ainda mais. Por mais terrível que fosse o processo de adoção, ela e Jonathan estavam determinados a não serem derrotados por ele e, ao longo dos anos, conseguiram criar um lar estável e amoroso para Ruby, Cassie e Conor. Até que Alison - ou, para ser mais sincero, Shanelle - o destruiu.

Conor e Cassie estavam com medo - isso era óbvio. Eles liam as notícias, assistiam à TV - eles sabiam como as histórias de garotas desaparecidas às vezes terminam.

Alison havia trabalhado horas extras para convencê-los de que esse não era o caso aqui, que as coisas ficariam bem. Às vezes, ela até acreditava nisso. Na ausência de fato, de certeza, tudo o que restou foi esperança - e as superstições estúpidas de uma mãe com o coração partido.

Razão pela qual os quatro agora estavam sentados em silêncio na sala de jantar, comendo comida que ninguém queria e pensando na garota que todos sentiam falta.

23

Nathan Price não estava em casa. Sua esposa estava muito certa *disso* . Em todo o resto, ela era frustrantemente vaga. Sanderson havia pressionado Angela Price o máximo que podia, mas descobrira apenas que Price trabalhava muito e estava atualmente trabalhando - embora ela não soubesse onde ele estava ou quando voltaria.

Price era um pintor e decorador autônomo que ia aonde o trabalho o levava. Ele tinha alguns contratos regulares de manutenção com proprietários locais -

Sanderson os havia verificado, mas eles também renderam pouco. Então ela ficou com Ângela como sua "melhor" esperança de uma pista.

Examinando o pequeno apartamento, Sanderson sentiu-se curiosamente deprimido. O lugar cheirava a derrota e desespero. Angela e Nathan não tinham filhos e, pelo que Sanderson sabia, também não tinham muito relacionamento. Eles estavam juntos há vários anos e ainda não havia fotos deles em qualquer lugar, nenhum sinal de que eles eram um casal feliz e comprometido. Angela não trabalhava e dependia do dinheiro de Nathan para aumentar seus benefícios. Ela estava acima do peso e sem autoconfiança, gastando seu tempo esperando para ver se seu marido errante voltaria. Sanderson sentiu uma tristeza nela, como se soubesse que era a segunda melhor. Pela primeira vez na vida, Sanderson estava feliz por estar solteira. Melhor ficar sozinho do que o capacho de alguém.

Sanderson saiu de mãos vazias, sua frustração fervendo. Quem foi esse cara que deixou uma pegada tão pequena no mundo? Foi deliberado? Se fosse, seria difícil encontrá-lo. O que era uma má notícia para Sanderson.

E notícias ainda piores para Ruby.

24

O Great Southern Hotel não era o hotel mais luxuoso da cidade, mas era central -

perto de Brunswick Place - e, mais importante, tranquilo. Os foliões de sábado à noite já tinham saído e todo o lugar tinha uma sensação pacífica de domingo. Foi o primeiro pensamento de Helen quando Daniel Briers insistiu em ficar em Southampton, ao invés de voltar para casa.

Daniel ainda estava em choque, então Helen cumpriu as formalidades para ele, verificando-o com o mínimo de barulho. Momentos depois, eles saíram do elevador no décimo quarto andar e entraram no quarto bem equipado de Daniel. Helen sabia que ela realmente deveria ter pedido a um oficial de ligação da família para fazer esse negócio de pão com manteiga, mas algo lhe disse para não abandonar Daniel hoje. Este homem forte e otimista de repente parecia muito frágil. Tendo destruído seu mundo, Helen se sentiu responsável por sua segurança e bem-estar.

Ela não poderia deixá-lo até que tivesse certeza de que ele estava bem.

Sentado na cama, ainda com a capa de chuva, ele olhou para o nada, aparentemente alheio à atenção de Helen.

- Vou ficar - disse ele de repente, interrompendo-a. 'Para a duração.'

'Claro. Você deve fazer o que parece certo ', respondeu Helen. - Mas você deve estar ciente de que nossas investigações levam semanas, às vezes meses . .

'Eu abandonei Pips uma vez, não vou fazer isso de novo.'

Foi dito sem autopiedade. Seu tom era de determinação silenciosa.

"Preciso entender o que aconteceu com ela", continuou ele. 'Onde eu . . errei.'

Sua voz tremeu um pouco agora, antes de continuar:

- Ela era minha garotinha, Helen. Eu quero ficar aqui até você pegar . . '

Ele morreu, a tristeza roubando-lhe o fôlego para terminar a frase.

- E faremos - Helen respondeu rapidamente. - Vamos pegar quem fez isso com Pippa. Você tem minha palavra nisso.'

Foi uma coisa estúpida de se prometer e Helen sabia que ela iria se arrepender, mas era o que Daniel precisava ouvir agora. A única coisa que ele conseguia ouvir lhe daria forças para continuar. Ele olhou para Helen, seus olhos cheios de gratidão, a cor de repente voltando ao seu rosto. Foi como se suas palavras o tivessem trazido de volta à vida brevemente.

Ele estendeu a mão e pegou a dela.

- Obrigado, Helen.

A dupla ficou em silêncio por um momento. Então, depois de verificar mais uma vez se Daniel tinha tudo o que precisava, Helen saiu. Daniel tinha ligações para fazer - as piores ligações que ele já teve de fazer - e Helen tinha trabalho a fazer.

Afastando-se do hotel, Helen foi repentinamente despedida com a determinação de fazer justiça não apenas para Pippa, mas também para Daniel.

25

- Então, o que sabemos sobre Pippa Briers?

Helen estava se dirigindo à equipe que agora estava reunida na sala de incidentes em Southampton Central.

'Nasceu em Reading em 1990, filho de Daniel e Samantha Briers', continuou Helen.

- A mãe dela morreu quando ela tinha seis anos. Pouco depois, Pippa foi diagnosticada com braquicardia - seu coração batia muito devagar - então ela instalou um marca-passo quando tinha dez anos. Seu pai se casou novamente pouco depois. Não correu bem e Pippa mudou-se para o sul após uma batida com a madrasta, ficando primeiro com sua amiga Caroline Furnace em Portsmouth. Já a rastreamos?

- Falei com ela ao telefone esta manhã - respondeu DC Grounds. - Caroline teve um texto ocasional, leu um tweet ocasional, mas não vê Pippa há mais de três anos.

Helen deixou esse pensamento se estabelecer antes de continuar:

'Então ela acabou em Southampton, tendo conseguido um emprego na agência de viagens Sun First no shopping center WestQuay. O que estão dizendo?'

'Ela trabalhou lá como agente de viagens por quase seis anos,' DC McAndrew respondeu. 'Garota quieta, boa trabalhadora, querida. Ótimas avaliações e registros de frequência, mas um dia ela simplesmente não apareceu. Enviou a eles um breve e-mail de seu BlackBerry dizendo que ela estava cansada de organizar as férias de outras pessoas e queria viajar sozinha. E eles nunca mais ouviram falar dela. Eles estavam irritados porque ela deveria trabalhar com um mês de antecedência, mas . . '

'Quando foi isso?'

'Três anos atrás.'

- Que está dentro do prazo de seu sequestro. Onde ela morava? '

"Ela se mudava muito", disse o detetive Stevens, um dos novos oficiais da equipe.

«Parque Bitterne, Portswood, St Denys. Principalmente apartamentos tipo

estúdio ou dormitórios, nada muito sofisticado. O último endereço conhecido era em Merry Oak. Estamos verificando. '

- O mais rápido possível, por favor - Helen respondeu, com a mistura certa de advertência e encorajamento. Eles precisavam de fatos, não de possibilidades.

'Amigos? Namorados?'

'Nós demos uma olhada em seus registros telefônicos, suas contas de e-mail,' DC

Lucas, a nova DC feminina, ofereceu. 'Muita socialização e muitos encontros pela Internet. Quase todos tiveram vida curta, exceto um - um namorado excêntrico com quem ela namorou por um ano e depois terminou quando ele se casou.

'Nome?'

"Nathan Price."

Seus olhos permaneceram grudados nela enquanto ela se agachava sobre o balde.

Ela odiava ser observada enquanto urinava e, conseqüentemente, ela se segurou o máximo que pôde. Mas a bexiga dela estava em agonia e ele não fez nenhum movimento para sair, então no final, ela cedeu, puxando para baixo a calcinha e esvaziando a bexiga no balde do velho construtor o mais rápido que pôde. O som de sua urina batendo no plástico ecoou em sua prisão de tijolos.

Terminando, ela puxou a calcinha e voltou rapidamente para a cama.

'Venha aqui.'

Ele a observava em silêncio por um longo tempo, como se reunisse coragem para dizer algo, então ela se assustou com essa instrução repentina. Ela fez uma pausa, olhando rapidamente para ele, com medo do que ele poderia querer.

- Venha - repetiu ele.

Ela caminhou lentamente até ele.

'Sentar.'

Ela obedeceu, sentando-se ao lado dele junto à velha mesa de jantar.

- Arregace a manga direita. Mais alto. Eu quero ver seu ombro. Ótimo, agora coloque o cotovelo na mesa. Curtiu isso. Segure o topo da minha cadeira com a mão direita, mantenha o braço firme. '

'Por favor …'

- Pode doer um pouco no início, mas não causará nenhum dano permanente.

Ele se abaixou agora e tirou um estojo de couro, que ele abriu e desdobrou sobre a mesa. Agulhas, tintas, desenhos - instrumentos de um tatuador.

'Por favor, não faça isso. Eu não quero que você faça isso. '

Ruby estava implorando agora. Ela sempre teve uma queda enorme por agulhas -

ela desmaiou várias vezes quando foi confrontada com as injeções - e ficou

enojada com a ideia de ele enfiar uma agulha em sua pele nua. Em resposta, ele agarrou a parte inferior de seu braço, beliscando e virando sua pele com tanta força que trouxe lágrimas aos olhos de Ruby.

- Não lute comigo, Summer - disse ele calmamente, torcendo ainda mais a pele.

Ruby gritou e chorou, mas não fez diferença. Ele se recusou a liberar seu aperto.

Em meio às lágrimas, ela viu a feroz intenção em seus olhos e as longas agulhas que estavam sobre a mesa diante dela. Embora a ideia do que estava para acontecer a horrorizasse, ela sabia que não adiantava resistir. Ela baixou a cabeça, choramingando baixinho.

'Isso é melhor.'

Liberando seu aperto, ele começou seu trabalho. Com cuidado, ele abriu o frasco de tinta preta. Deslizando a ponta de aço e o cano no corpo da pistola de tatuagem, ele escolheu uma agulha, mergulhou-a na tinta escura e se preparou para começar.

Ruby fechou os olhos, ficando tensa com a dor inevitável. Quando a agulha perfurou sua pele, ela engoliu um grito. Ele o moveu sobre a superfície de sua pele e a dor aumentou imediatamente - parecia uma garra de gato se arrastando por sua carne. Apesar do óbvio desconforto dela, ele não hesitou, sua concentração nunca vacilou, enquanto ele meticulosamente esculpia o contorno de seu projeto.

Após dez minutos de trabalho paciente, ele fez uma pausa, sorrindo brevemente para Ruby, antes de passar para a tinta azul. A pausa de Ruby foi breve e ele se aplicou novamente, a mesma dor aguda percorrendo-a enquanto trabalhava.

Ruby fechou os olhos, esperando que tudo acabasse mais rápido se ela não se concentrasse nisso. O pior havia passado - ela consentira em ser condecorada -

agora não havia mais nada a fazer a não ser ir até o fim.

- Você pode olhar agora.

Quando ela abriu os olhos, descobriu que ele estava segurando um pequeno espelho para ela admirar sua obra. Por um breve segundo, ela olhou diretamente

em seus olhos, desafiadora, recusando-se a se olhar no espelho. Mas seu olhar intenso era muito forte e, derrotada, ela baixou os olhos para o espelho. Ela não sabia o que esperava, mas o resultado ainda a surpreendeu.

Sua pele pálida parecia dolorida, um grande círculo vermelho de irritação adornava seu ombro. E no centro do círculo, inocente e estranhamente em desacordo com o ambiente infeliz, estava um pequeno pássaro azul.

27

DC Sanderson estava sentado do outro lado da mesa no escritório de Helen, os arquivos espalhados à sua frente. A porta estava bem fechada, as cortinas fechadas

- não era uma conversa para consumo público. De certa forma, o desejo de privacidade de Helen era inútil - vários oficiais da equipe sabiam que Nathan Price era uma pessoa de interesse no caso Ruby Sprackling e sem dúvida fizeram a conexão eles próprios, mas Helen não queria que ninguém especulasse sobre uma possível ligação entre as duas investigações até que tivessem certeza de que *havia* uma conexão. As persianas baixadas e a porta fechada mostraram isso de maneira eloqüente.

"Preciso dos horários exatos", disse Helen, enquanto Sanderson folheava os registros telefônicos de Ruby Sprackling.

- Ruby enviou seu primeiro tweet de despedida ontem, por volta de uma da tarde -

respondeu Sanderson.

- De onde foi enviado?

- Ainda estou tentando descobrir a localização exata, mas é em algum lugar na orla leste de New Forest.

Helen manteve sua expressão neutra, apesar do medo crescendo dentro dela.

'E o segundo?'

"Enviado esta manhã por volta das dez da manhã, no centro da cidade de

Southampton."

Lá estava. Uma correspondência exata com os horários e locais em que Pippa Briers mandou mensagens de texto e tweetou *suas* últimas ofertas. A relativa brevidade das mensagens e o contato generalizado e anódino eram preocupantes, assim como o fato de ambos os sinais telefônicos terem funcionado apenas brevemente antes de desaparecerem novamente, provavelmente tendo sido desligados. Parecia que um terceiro estava mantendo viva a presença digital das meninas. O assassino obviamente não sabia que o corpo de Pippa havia sido encontrado e identificado. Helen ficou feliz por essa descoberta ter sido mantida longe da imprensa, já que agora desmentia esses tuítes e textos falsos.

- Quero que este link seja mantido em sigilo por enquanto - Helen continuou, depois de contar a Sanderson o que estava pensando. - Mas Nathan Price é agora nosso suspeito número um em ambos os casos e quero que ele seja encontrado. Dê sua foto para o uniforme, leve as pessoas de volta para sua casa, divulgue os detalhes do registro de sua van para o tráfego - e leve Stevens até o apartamento de Pippa Briers em Merry Oak. Pode ainda haver inquilinos no prédio que se lembram de Pippa e Nathan. Precisamos de tanta informação quanto pudermos, o mais rápido que pudermos. '

Sanderson acenou com a cabeça e correu para cumprir as ordens de Helen. Helen a observou partir, suas emoções agitando-se. Eles estavam progredindo e Helen já podia ver as ordens de Sanderson energizando a equipe - os últimos desenvolvimentos *poderiam* anunciar o retorno seguro de Ruby Sprackling se eles se movessem com velocidade e propósito. Por outro lado, sua última descoberta havia confirmado os piores temores de Helen. Eles estavam lidando com um criminoso em série. Um predador habilidoso e experiente. Helen já havia capturado dois assassinos em série em sua curta carreira. Mas sua sorte duraria uma terceira vez?

28

“O corpo foi encontrado na manhã de sábado e desde então foi identificado como sendo de Pippa Briers, de Reading, uma mulher de vinte e poucos anos. A família foi informada. '

O discurso do detetive superintendente Ceri Harwood foi claro e confiável. Sentada ao lado dela, Helen concedeu reservadamente que Harwood foi feito

para esse tipo de coisa - as fileiras aglomeradas da imprensa espalharam-se diante dela como uma platéia em adoração - e ela sempre parecia tão calma e controlada. Por outro lado, Helen muitas vezes achava difícil reprimir sua impaciência nessas situações.

Ela sabia que a imprensa era uma ferramenta valiosa para uma investigação, mas odiava a inatividade de ficar sentada aqui respondendo a perguntas, quando poderia estar caçando pistas.

'Como ela morreu?' Perguntou Emilia Garanita.

Como sempre, o Correspondente Criminal do *Southampton Evening News* fez a primeira pergunta. Ela tinha uma habilidade incrível de falar sobre seus colegas na imprensa. Sua pergunta era dirigida diretamente a Helen, mas antes que ela pudesse responder, Harwood interveio.

'O exame post-mortem está em andamento. Vamos divulgar mais informações como e quando as tivermos. '

'A praia é segura? O público deve ficar preocupado? ' Emilia respondeu com hesitação. Helen podia vê-la procurando a história, a sensação. Mas, mais uma vez, Harwood jogou um bastão direto.

“A praia é *perfeitamente* segura. Devo enfatizar que o corpo parece ter sido enterrado há vários anos - este não é um incidente recente. A praia foi reaberta e o público deve ficar à vontade para utilizá-la normalmente. '

- Alguma pista, inspetor? perguntou Tony Purvis do *Portsmouth Herald* , entrando logo na frente de Emilia.

'Estamos investigando várias linhas de investigação', Helen respondeu, 'e pediríamos a qualquer pessoa que conhecesse Pippa Briers socialmente, ou que trabalhasse com ela na agência de viagens Sun First, para entrar em contato com a sala de incidentes. Quaisquer detalhes - por menores que sejam - sobre sua vida em Southampton podem ser extremamente úteis. Ela tinha vários piercings e uma tatuagem, cuja imagem está em suas notas de briefing, que acreditamos ter sido feito durante sua estada em Southampton. Se alguém reconhecer ou souber onde foi feito, pedimos que entrem em contato. '

'Algum suspeito? Alguém com quem você gostaria de falar? ' Tony continuou.

- Não neste momento - disse Helen com firmeza. - Mas, obviamente, avisaremos se isso mudar.

Helen havia debatido muito sobre a possibilidade de divulgar o nome de Nathan Price para a imprensa. Mas Harwood pediu cautela e, pela primeira vez, Helen concordou com ela. Nomear ele poderia levá-lo ainda mais longe, o que era a última coisa que eles queriam.

O briefing terminou logo depois. Quando Helen estava saindo, ela sentiu um toque familiar no ombro. Ela se virou para encontrar Emilia Garanita de frente para ela.

Eles eram velhos inimigos, mas Emilia, mesmo assim, havia se esforçado para apoiar Helen publicamente recentemente. Durante a investigação dos assassinatos de Ella Matthews, Emilia ultrapassou seriamente o limite, rastreando ilegalmente

os movimentos de Helen durante a caça ao assassino - e ela ainda estava comendo uma torta humilde por causa disso.

- Mais alguma coisa para as *notícias* ? Adoraríamos ajudar no que pudermos. '

Helen sorriu por dentro. Emilia claramente achava difícil ser amigável - o ataque frontal era sua configuração padrão.

- Nada ainda, Emilia. Mas eu tenho seu número. '

Emilia a observou partir. Ela recebera muito pouco de Helen desde que estabeleceram uma trégua, um ano atrás, e a dor de ser legal estava começando a afetá-la. Ela estava trabalhando pra caramba para conseguir alguma coisa nova para Helen, mas estava bem claro que ela ainda estava congelada. Irritada, ela juntou suas coisas e seguiu o resto dos jornalistas reunidos em direção à saída. Ela esperava que este caso pudesse ser um caminho de volta - uma chance de colocar sua carreira de volta nos trilhos - mas já estava parecendo outro beco sem saída horrível.

29

Ela iria quebrar o pescoço dele desta vez. Ela iria marchar ali mesmo e quebrar seu pescoço estúpido. Que malvada ela tinha sido. Defendendo-se por ele,

mentindo por ele, quando o tempo todo ele mentira para *ela* . Sobre onde ele estava, o que estava fazendo, com quem estava . .

A fúria de Angela Price estava no auge, mas ela ainda hesitou. Uma namorada a avisou que vira Nathan no centro da cidade de Southampton, quando ele disse especificamente a Angela que estaria trabalhando durante a semana em Bournemouth. Ele provavelmente não estava tramando nada de bom - bebendo, perseguindo garotas, sendo o merdinha infiel que sempre foi. Por que ela agüentou?

Ela tinha estado em seus lugares habituais - os cafés dos construtores, salões de bilhar, bares - e finalmente o encontrou no Diamond Sports Bar. Lá estava ele - a menos de dez metros de distância - assistindo ao noticiário da TV atentamente, totalmente alheio à presença dela. A mão dela estava na porta do bar, ela poderia entrar lá agora e chamá-lo. Envergonhe-o na frente de seus companheiros, chame-o de todos os nomes sob o sol, deixe o mundo saber como ele realmente era . .

- Saia da frente, amor.

Um apostador sedento passou por ela, irritado com sua presença pairando na porta. Quem ela estava enganando? Ela não estava entrando lá. Ela parecia a morte

- cabelo liso, sem maquiagem, olheiras - e só se envergonharia. Estavam todos lá dentro e eles apenas riam de sua exibição patética. Seria ela quem acabaria parecendo ridícula, não ele.

Lágrimas picaram seus olhos enquanto ela se afastava. Por que ela era um grande desperdício de espaço? Ela nunca seria nada além de um capacho, algo para Nathan pegar e jogar de lado sempre que quisesse . .

Ela diminuiu a velocidade quando um pensamento lhe ocorreu. Havia uma maneira de se vingar do desgraçado infiel, uma coisa que ela podia fazer para acabar com ele de uma vez por todas.

Reunindo coragem, ela puxou seu Nokia surrado e, após um momento de hesitação, discou 999.

- Tire suas mãos de mim, garota. Foi dito com um sorriso, mas a agressão por baixo foi clara. - Eu sei que você quer entrar na minha calça, mas sou um homem casado, então tire suas malditas luvas de cima de mim.

Sanderson não dignificou a explosão de Nathan Price com uma resposta. Ele tem sido maldito e cegante desde que ela o pegou e, além disso, ela não iria deixar de ser um corredor. Uma mão nos punhos, a outra na gola - essa era a melhor maneira de segurá-lo. Para ser honesta, essa era uma das pequenas vantagens do trabalho, reduzir os homens violentos e desagradáveis. Ela o empurrou rudemente pelas portas, só o liberando quando chegaram ao sargento de custódia.

- Tenho um bom para você, Harry - disse Sanderson, depositando Price na recepção. As formalidades logo foram cumpridas e eles foram encaminhados para a área de custódia. Ao se aproximarem da sala de interrogatório, o detetive Lloyd Fortune se aproximou.

- Tudo bem, cara, por que eles compraram você? Nathan perguntou com falsa simpatia.

Ignorando a zombaria racista de Price, Lloyd voltou-se para Sanderson.

- Vou tirar esse encantador de suas mãos.

Por um momento, Sanderson não disse nada. Price era seu suspeito e, mais importante, seu colarinho.

- Está tudo bem, entendi.

Sanderson deveria ter recuado imediatamente, é claro, mas algo - orgulho? raiva? -

a parou.

'DI Grace sugeriu que ela e eu liderássemos este aqui.'

Isso era verdade? Ela estava sendo empurrada para o lado? Seja qual for a verdade do assunto, ela não poderia discutir o ponto com Nathan Price pendurado em cada palavra deles, visivelmente apreciando a tensão entre os dois policiais.

'Tiff dos amantes?' ele ofereceu prestativamente. - Gosta de preto, não é?

- Cuidado com a boca - gritou Lloyd, puxando o sorridente suspeito para a sala de custódia.

Sanderson os observou partir. Havia preconceito aqui, sim, mas não vinha apenas de Price. Sanderson era o oficial mais experiente e melhor qualificado, com muito mais horas de investigação e condenações em seu currículo, mas Lloyd Fortune ainda havia sido promovido acima dela. Ele estava em Southampton há pouco mais de um ano - para ela quatro - e já havia passado por ela. Ela sabia o motivo -

embora, é claro, nunca pudesse dizer isso em público. Era puro e simples politicamente correto e fez seu sangue ferver. Lloyd fez questão de justificar sua promoção, para obter uma condenação de alto nível em seu currículo, e Sanderson sofreria como resultado. Ela entendeu isso, ela poderia até ter feito o mesmo se estivesse no lugar dele. Mas Helen também foi cúmplice? Ela não gostava desse tipo de coisa normalmente, mas a paisagem mudou?

Caminhando de volta para sua mesa, Sanderson sentiu o chão se mexer sutilmente sob seus pés e ela não gostou nem um pouco.

31

'Conte-me sobre seu relacionamento com Pippa Briers.'

Helen sentou-se em frente a Nathan Price, flanqueada por Lloyd Fortune.

Enfrentando agora um detetive-inspetor, Price perdera um pouco de sua arrogância, a seriedade da situação finalmente o impressionando. Helen fez questão de aproveitar a vantagem.

'O que você quer saber?'

Respondendo a uma pergunta com outra pergunta. Price nunca tinha sido acusado de nada, mas Helen não tinha dúvidas de que ele já estivera em uma sala de custódia antes.

- Há quanto tempo você está saindo com ela?

"Nove, dez meses."

- Vocês moraram juntos?

'Ligado e desligado. Eu tinha uma esposa em casa, então você sabe . . '

Ele não se arrependeu, desfrutando de seu status de sedutor barato.

- E como você se saiu?

'Bom. Ela gostava de uma bebida, de uma dança. Ela estava bem.

- Você discutiu?

'As vezes. Quando ela falava sobre as coisas.

- Como o fato de você ter uma esposa e não ter contado a ela sobre isso.

Nathan deu de ombros - ele não iria negar.

- Estou certo em pensar que Pippa encerrou o relacionamento, quando descobriu que você a estava enganando.

- Na verdade, três tempos com ela. Não sei o que há com as meninas por aqui.

- E como você reagiu quando ela terminou com você?

Helen percebeu a pequena reação de Price, um pequeno pico de raiva com a palavra 'despejado', que ele rapidamente suprimiu.

'O que você vai fazer?' ele respondeu casualmente, mas Helen não estava acreditando.

- Você enlouqueceu, não foi?

'Não. Eu di- '

- Você não gostou de ser descartado e estragou tudo. Eu tenho uma declaração de testemunha aqui de um dos colegas de Pippa no Sun First. Diz que você invadiu lá, causou uma cena massiva.

'Besteira.'

- Aparentemente, você teve que ser retirado pela segurança. Também temos um depoimento de um inquilino de longa data em Bedford Heights em Merry Oak, que confirma que você apareceu bêbado várias vezes, batendo na porta de Pippa, exigindo que o deixassem entrar.

- Ela trocou a fechadura e eu não tinha a chave. Não foi grande coisa. '

- Por que ela mudou a fechadura, Nathan?

Pela primeira vez, Nathan não tinha uma resposta pronta.

- Porque ela estava com medo de você? Ela disse aos colegas que estava com medo de você. Disse que você a estava perseguindo.

'De jeito nenhum.'

- Você não queria deixá-la ir, não é, Nathan? Eu acho que você *gostou* dela. Para onde você a levou? '

Um longo silêncio, enquanto Nathan olhava para Helen. Então ele baixou o olhar.

"Eu quero um advogado."

- Um briefing de serviço está a caminho. Ela deve estar aqui em alguns minutos.

Mas gostaria de continuar com essas perguntas gerais, a menos que você especificamente queira que eu pare por algum motivo.

Outra longa pausa, depois um encolher de ombros desdenhoso.

- Conte-nos sobre Ruby Sprackling - disse Lloyd, pegando o bastão.

- Não a conheço.

'Bela menina. Aparência semelhante a Pippa. Você está consertando um vazamento no apartamento dela.

- Ah, sim, peguei você.

- Ainda tem as chaves do apartamento dela, não é?

- Sim, até você tirá-los de mim.

- E onde está Ruby agora, Nathan?

Outra longa batida, então:

'Nenhuma idéia.'

- Quando você a viu pela última vez? Helen rebateu rapidamente.

'Há alguns dias atrás. Ela estava indo para as lojas ou algo assim . .

- Ela desapareceu na sexta à noite, não foi vista desde então. Você a viu na sexta à noite, Nathan?

- Não, estava indo trabalhar em Bournemouth.

- Então você não estava no Revolution? Na sexta-feira à noite?' Helen atirou de volta.

Finalmente, uma centelha de medo na expressão de Nathan. Helen deslizou uma foto pela mesa em direção a ele.

- Esta é uma imagem de CCTV de você na fila para entrar no Revolution, um clube perto de Bedford Square. Observe o código de data e hora. Noite de sexta-feira.

Ruby estava lá naquela noite.

'Não me chateies.'

- Nós vemos você entrando, mas não vemos você saindo. Um lugar como aquele deve ter saídas de emergência, algum lugar onde você possa escapar. É isso o que você fez? Antes de seguir Ruby para casa.

"Eu nunca a vi."

- Sua van estava estacionada na rua de Ruby. As câmeras de trânsito o pegam entrando na estrada logo depois das seis da tarde. A mesma câmera vê sua van

indo embora às quatro da manhã. Mas o clube fechou às duas da manhã. O que você estava fazendo nas duas horas intermediárias, Nathan?

"Eu quero um advogado." Seu tom estava com raiva agora.

'Por que você não fala comigo, Nathan? O que é que você fez?'

Nathan olhou para o chão, sem dizer nada.

'Esta é a sua única chance de confessar tudo. Qualquer negação ou mentira terá um efeito muito ruim no tribunal ', continuou Helen. - Não podemos fazer nada por Pippa agora, mas se você desistir de Ruby, talvez eu possa ajudá-lo. Então, por favor, Nathan, me diga onde ela está.

Uma longa pausa. Helen lançou um olhar para Lloyd, depois de volta para Nathan.

Lentamente, o suspeito ergueu a cabeça. Toda a atitude se foi agora, ele parecia um animal encurralado.

Mas quando ele falou, ele simplesmente disse:

'Sem comentários.'

32

A dor aguda diminuiu e foi substituída por uma dor surda. Ruby se deitou na cama, embalando seu ombro manchado, desejando que a coisa toda simplesmente fosse embora. Depois que ele terminou de tatuá-la, ele parecia bastante emocionado.

Lágrimas envolveram os cantos de seus olhos enquanto ele se inclinava para frente e a beijava suavemente na cabeça. Ele saiu logo depois, como se não confiasse em sua compostura.

O desespero de Ruby era total, seu humor negro - as primeiras esperanças de que ela pudesse barganhar com ele, suborná-lo, agora estavam em frangalhos. Ela chorou e chorou, a dor de sua tatuagem recente amplificada por seus sentimentos de desespero. Ela percebeu agora que ela era seu brinquedo. Ela era seu brinquedo nesta casa de boneca onde tudo que parecia real era falso.

Ela examinou cada centímetro de seu entorno agora. Havia pouco mais a fazer nas longas horas sozinha e ela passara o tempo caçando qualquer coisa que pudesse ser usada como arma, caso fosse necessário. Embora ela tentasse negar, ela viu a intensa emoção que tomou conta dele quando ele olhou para ela, sentiu seus olhos percorrerem seu corpo. Se ele se impusesse a ela, como ela lutaria contra ele?

Havia uma chaleira no aparador frágil, mas era feita de plástico e seria difícil de manejar. Havia outras adições estranhas à sala - fotos emolduradas nas paredes, um calendário de 2013 e ganchos nas paredes para pendurar um chapéu ou casaco

- mas nada de útil. Ela tentou arrancar os ganchos da parede, mas eles estavam selados em concreto e impossíveis de mover. Por que eles estavam lá em primeiro lugar? Não era como se alguém fosse visitar. Então por que? Por que se dar ao trabalho de criar uma sala com uma imagem perfeita que fosse apenas para exibição? Ruby enterrou o rosto nos lençóis, tentando conter uma onda crescente de náusea.

Tente ficar calmo. Não desista. Ruby se forçou a pensar em coisas felizes mais uma vez. Ela estava aqui há apenas alguns dias, mas sua ansiedade por enlouquecer naquele buraco era real. O desespero total levaria à loucura, Ruby tinha certeza disso, então voltou seus pensamentos para a família. Era domingo - o que eles estariam fazendo? A lavagem do almoço de domingo teria sido eventualmente feita por Conor e Cassie - a contragosto, como sempre - e mamãe e papai teriam levado Max para um passeio -

Atingiu Ruby como um trem, de repente e sem piedade. A mãe dela. Era o aniversário de sua mãe em dois dias. Ela perderia o aniversário de sua mãe . .

O que ela passaria este ano? Ruby podia imaginar o clima sufocante de ansiedade e angústia, a ausência total de presentes ou cartões, a terrível sensação de um aniversário perdido com saudades de uma filha que não estava lá para lhe dar um abraço de aniversário. O horror tirou o fôlego de Ruby. Isso era *real* . Isso estava acontecendo. Ela havia sido arrancada do coração de uma família que a amava muito mais do que ela merecia e provavelmente nunca os veria novamente.

Engolindo as lágrimas, Ruby tentou evocar seus rostos familiares novamente.

Para reviver aqueles momentos de felicidade familiar que já pareciam uma vida atrás.

Era uma coisa desesperadora - sua família existindo apenas nessas imaginações inúteis - mas esse era o seu destino agora. Retirando-se para dentro de sua memória, Ruby se sentiu vazia, mas estranhamente consolada. Este seria seu casulo agora.

33

'Meu cliente disse a você tanto quanto ele sabe -'

- Seu cliente não nos contou uma única coisa - gritou Helen, já irritada com a formalidade de acordo com o manual do dever de Price. - E deixe-me dar um conselho a vocês dois. “Sem comentários” não é uma boa defesa. Isso faz você parecer culpado. '

Helen enfatizou a última palavra.

- Você sabe o que ganha por rapto e assassinato, Nathan? ela continuou, determinada a manter a pressão alta. - Quinze a vinte, no mínimo. Como isso soa? '

"Acho que devemos fazer uma pausa agora", resumiu o briefing previsivelmente.

"Ainda temos tempo", interrompeu Lloyd com desdém. 'Mais importante, ainda temos perguntas. As *mesmas* perguntas. O que aconteceu nessas duas horas, Nathan? Você entrou no apartamento de Ruby? Dominá-la? Ou você já colocou alguma coisa na bebida dela no clube?

Ainda nada em resposta.

“Seu cliente deve saber”, Lloyd continuou, “que apreendemos sua van.

Encontramos algumas coisas interessantes nas costas. Os usuais potes, ferramentas, material de construção, é claro, mas também um saco de dormir e vários cobertores. Para que servem os cobertores? '

'Eu durmo lá às vezes quando trabalho. Preciso de cobertores - Nathan respondeu.

'Quatro deles? No auge do verão? Havia cabelos no saco de dormir, cabelos pretos.

Você me parece um loiro natural, Nathan, então por que tem cabelos pretos aí?

Uma longa pausa. O breve olhar de Nathan deu uma olhada nele, claramente esperando por seu próximo movimento.

"Não tenho nada a dizer", ele finalmente respondeu.

'Então, eu sugiro que você carregue ou libere meu cliente,' seu resumo seguiu rapidamente.

- Estamos apenas começando - respondeu Lloyd, sua polidez profissional diminuindo agora.

'Você não tem nada. Você sabe disso, nós sabemos disso - '

- Vamos ver o que a equipe forense vai descobrir na van, vamos? Helen respondeu abruptamente. - É bobagem contar nossas galinhas antes disso. Acho que ainda temos . . quase quarenta horas restantes para prender seu cliente. O que eu diria que é tempo mais do que suficiente para uma noite nas celas, não é, Nathan?

Não pela primeira vez naquele dia, Helen gostou de tirar o sorriso do rosto de Nathan Price.

34

A noite estava lentamente invadindo Southampton. Os pontos de referência que pareciam desconhecidos e corriqueiros à luz do dia agora adquiriam uma aparência mais sinistra. De seu ponto de vista sobre a décima quarta farinha, Daniel Briers olhou para a cidade. Para alguns, as luzes cintilantes contra o céu noturno teriam parecido emocionantes, cheias de promessas. Para ele, era apenas um mundo de sombras. Ele imaginou todos os tipos de personagens depravados por aí - assassinos, estupradores, ladrões - explorando a escuridão, usando a cobertura da noite para cometer inúmeros crimes indescritíveis.

Pippa veio aqui e foi engolida por este lugar. Embora fosse obrigado a ficar aqui agora, para ver a justiça ser feita, ele já odiava Southampton com paixão.

Desde que Helen o deixou, o dia parecia se arrastar indefinidamente. Ele fez as ligações necessárias imediatamente, mas foram breves. Ele não podia confiar em si mesmo para se controlar durante uma longa conversa. Não havia dúvida de que ele ainda tentaria analisar os eventos com outras pessoas. Ele apenas deu as notícias terríveis e deu suas desculpas. Assim que terminou as ligações, desligou o celular, tomou um uísque e tentou descansar um pouco.

Ele estava exausto de uma noite sem dormir e dos acontecimentos terríveis do dia, mas não conseguia desligar. Um caleidoscópio de imagens e memórias girou em torno de sua mente - o nascimento de Pippa, sua amarga dor com a morte de sua mãe, a maneira como ela costumava fazer para ele cartões de "Pai do Ano" quando era pequena, seu orgulho pelos prêmios da escola, o posterior argumentos e recriminações - a maioria das quais tinha sido sua culpa, ele agora percebia. Um carrossel sem fim de pensamentos e sentimentos, alguns ruins, mas principalmente muito, muito bons. *Sua* Pippa vivendo, como ela teria agora, em sua memória.

Foi uma decisão acertada ficar aqui? Kristy, sua esposa, claramente não tinha certeza - 'Você não estaria melhor aqui comigo e os meninos?' - embora ela tenha deixado a decisão final para ele. Era difícil para ela, Daniel pensou consigo mesmo.

Kristy ficou profundamente chocada com a morte de Pippa, como todos estavam, mas ela realmente não *gostava de* Pippa - Kristy sentia que era egocêntrica e carente - e sua dor foi necessariamente comprometida por seus sentimentos, independentemente do que ela dissesse o contrário.

Mesmo agora Pippa era uma fonte de tensão entre eles - alguém de quem Kristy não se importava muito, mas de quem Daniel não podia desistir. Os laços que unem um pai a um filho nunca podem ser quebrados, por pior que seja o relacionamento deles, esses laços simplesmente *são* . Mesmo na morte, isso não muda, e é por isso que Daniel teve que ficar. Haveria muitas coisas horríveis que ele teria que enfrentar aqui - ele ainda não tinha estado na praia onde a encontraram - e ele esperava ter forças para ir além, pelo bem de Pippa, se não pelo dele mesmo.

Mas olhando para a vista desolada de Southampton, sua coragem vacilou. Este lugar era tão estranho para ele, tão ameaçador. E pairando sobre tudo estava o terrível conhecimento de que em algum lugar, envolta em trevas, estava a pessoa

que roubou, matou e enterrou seu único filho.

35

Foi um caos. Como ela esperava que fosse. Uma parede de barulho assaltou Emilia Garanita assim que ela entrou no salão - uma cacofonia de gritos, recriminações, risos e muito mais. Atordoada, ela jogou as chaves na mesa do corredor e caminhou em direção à origem da anarquia.

Seu pai estava cumprindo o restante de uma longa sentença de prisão e sua mãe tinha dormido quase uma década atrás, o que significa que Emilia - a mais velha de seis filhos - estava in loco parentis agora há mais anos do que ela gostaria de contar. Ela ainda era jovem, tímida aos trinta, mas se sentia muito mais velha, principalmente hoje. A reunião em Southampton Central não rendeu nada de concreto e a rejeição de Helen Grace a irritou, deixando-a nervosa pelo resto do dia. Alguns dias foram assim - infrutíferos, irritantes e deprimentes.

Ela entrou na cozinha para uma ladainha de acusações e contra-alegações. O caçula de seus cinco irmãos tinha apenas 12 anos, o mais próximo em idade dela não tinha 25 anos, então havia muitos egos frágeis e superdimensionados para criar conflito e consternação. Como sempre, a presença de Emília acalmou e aos poucos as queixas do dia foram sendo postas de lado. Enquanto a família se sentava para comer junta - carne de porco com chouriço, um legado da herança portuguesa - o humor de Emília começou a melhorar lentamente. Por mais exasperante que fosse sua família, eles amavam e aceitavam Emilia pelo que ela era, com verrugas e tudo.

Algumas pessoas não gostavam de sua personagem, outras pessoas a desprezavam por causa de seu trabalho e todos reagiram ao seu rosto, metade do qual estava gravemente marcado após um ataque com ácido pelos empregadores traficantes de seu pai. Ela tinha aprendido a ignorar isso, então mais tarde se aproveitou disso, deliberadamente testando as pessoas com sua desfiguração para ver se elas reagiriam. Mas, por mais otimista que fosse, as sobrancelhas franzidas que seu rosto provocava ainda a atingiam. Mas não aqui - não em casa - onde ela foi abusada, provocada e amada da mesma forma que todo mundo.

Lentamente, as crianças menores foram para a cama. Sua irmã mais próxima, Luciana, lhe fez companhia durante *Game of Thrones* , depois ela também encerrou o dia. Deixando Emilia sozinha com seus pensamentos.

Sua carreira - sua vida - estagnou. Sua deslealdade ao vender a história sensacional de Ella Matthews para o *Mail* , em vez de para seus empregadores, não tinha caído bem e ela quase perdera o emprego no *Southampton Evening News* . O trabalho prometido no *Correio* nunca se concretizou, deixando Emilia na indigna posição de ter de implorar para manter o antigo emprego - trabalho que ainda pensava estar abaixo dela. Ela sempre esperou que a reportagem de crimes regionais fosse um trampolim para coisas maiores e até mesmo seus piores inimigos não podiam negar que ela era boa em seu trabalho. Mas aqui estava ela, ainda presa em Southampton, com muito menos chance de ser promovida do que antes.

Ela precisava de um furo. Algo grande que pudesse colocá-la na frente e no centro novamente. O corpo na praia parecia excitante no começo, mas provavelmente acabaria sendo um assassinato por drogas deprimente ou algo parecido. E Helen Grace - a única policial por aqui garantida para criar notícias - estava determinada a não dar nada a ela. Enquanto bebia o resto do vinho, Emilia teve certeza de que a resposta para seu enigma atual estava com Helen Grace.

Ela tinha que colocá-la de volta em jogo - por meios justos ou ruins.

36

Charlie respirou fundo e entrou no pub. Ela estivera dentro do Crown and Two Chairmen tantas vezes - esse bar era uma segunda casa para a maioria dos policiais do Southampton Central -, mas naquela noite ela se sentia nervosa. Enquanto ela caminhava pela multidão em direção ao nó de rostos familiares no canto, ela sentiu a cor subindo em seu rosto, o calor do pub se misturando com sua ansiedade para dar a ela um tom rosado distinto.

Charlie foi saudado com carinho e carinho, cada homem e mulher ali alardeando, dando tapinhas e geralmente chamando a atenção para sua enorme barriga.

Charlie sorriu e recebeu suas perguntas com bom humor, mas na verdade ela se sentiu desconfortável e ridícula. O bebê estava particularmente ativo esta noite, esmurrando-a por dentro, pressionando com força seu osso púbico de maneira agonizante. Charlie se sentia desconfortável, pouco atraente e desanimado. Ela esperava que uma noite fora levantasse seu ânimo, mas apenas chegar ao pub a deixou exausta e agora ela se encontrava conversando com pessoas que mal conhecia. Helen sorriu para ela, mas foi mantida à distância pela atenção

persistente do detetive superintendente Harwood, que a estava claramente interrogando sobre questões operacionais.

A causa de toda a alegria foi DC Grounds, um policial de carreira que logo se aposentaria da Força Aérea. Ele era um tipo de policial sólido e antiquado de quem você não podia deixar de gostar - uma espécie de pai para o time, persistentemente nada legal, mas bem intencionado. Dizia-se que eles o recompensavam com a aposentadoria depois de 25 bons anos de serviço, mas Charlie via isso de forma diferente. Grounds estava sendo arrancado para abrir espaço para sangue fresco.

Charlie sabia que isso fora instigado por Harwood. Nos últimos dois anos, a maioria dos aliados de Helen foi embora ou foi posta de lado. Mark, é claro - Charlie afastou esse pensamento rapidamente - Tony Bridges, a própria Charlie e agora Bob Grounds também. Eles foram substituídos por policiais brilhantes e rápidos do tipo amado por Harwood - Lloyd Fortune, DC 'Me chame de Ed' Stevens e a pessoa com quem Charlie agora conversava - DC Sarah Lucas.

O ambicioso e brilhante Lucas só aumentou o desconforto de Charlie. Ela era jovem, esguia, com formação universitária e frequentadora de lugares. Ela havia entrado para a polícia tarde, depois de se formar em Psicologia Criminal em Durham, um dos novos agentes do CID. Harwood havia encontrado Lucas em sua estação anterior e lutou muito para que ela fosse transferida para Southampton Central. O boato era que ela era a herdeira aparente de Harwood. Charlie podia muito bem acreditar - como seu superior, ela não tinha nenhum senso de humor perceptível e um pouco mais de sinceridade.

- Você está incrível, Charlie. Foi a terceira mentira de Lucas em poucos minutos.

'Eu me sinto péssimo', Charlie rebateu, sorrindo corajosamente.

- Quanto tempo até . .?

'A qualquer momento.'

'Não estou surpreso' foi a resposta neutra, enquanto Lucas observava a barriga de Charlie.

A conversa continuou assim até que Charlie fingiu estar com a bexiga fraca para escapar. Para sua consternação, ao voltar do banheiro foi encurralada por

Harwood, que se sentiu obrigado a conversar com ela. Eles conversaram sobre nascimento, bebês e criação de filhos, Harwood cheio de dicas úteis que ela sem

dúvida aprendera com sua babá. A conversa continuou agradavelmente, mas foi um exercício de fachada. Charlie cruzou espadas com Harwood um ano atrás e não foi perdoado. Ela voltaria para o círculo dourado? Esta noite Charlie duvidou seriamente disso.

A DC Sanderson estava se desculpando e, enquanto Charlie olhava por cima do ombro de Harwood para a multidão cada vez menor de foliões, ela notou poucos rostos amigáveis. Helen era, claro, a exceção notável, mas Charlie agora percebeu que seu ex-chefe não estava mais presente. Enquanto Harwood se aborrecia, Charlie reprimiu um sorriso - Helen odiava essas coisas ainda mais do que ela e se alguém queria escapar da bonomia forçada e da bebida excessiva, Charlie estava feliz por ter sido Helen. Típico dela escapar sem ser vista, Charlie pensou consigo mesma.

Para sempre o enigma.

37

Correndo pelo ar da noite, Helen sentiu-se relaxar mais uma vez. Harwood tinha sido particularmente persistente esta noite, interrogando-a sobre o caso Pippa Briers. Harwood tinha ouvido rumores de uma conexão com a investigação de Ruby Sprackling e claramente suspeitou que Helen ocultou informações dela.

Harwood estava certa, ela *estava* , mas Helen havia trabalhado muito para convencer seu superior de que ainda não havia nenhuma conexão estabelecida e nenhum motivo para alarme. Desde que começaram a trabalhar juntos, Harwood estava convencido de que Helen *procurava* essas conexões, como se obcecada por infratores em série e de alguma forma disposta a fabricá-los se eles não existissem.

Dizia algo sobre a insegurança de Harwood que ela acreditava que Helen iria

"criar" assassinos em série apenas para melhorar sua reputação já impressionante.

- Você teve sorte de escapar, Harry - Helen ofereceu despreocupadamente, enquanto voltava para Southampton Central. - Se você vir alguém da minha

equipe sustentando os postes de luz esta noite, faça-me um favor e jogue-os nas celas, sim?

'Será um grande prazer', Harry respondeu, sorrindo.

Helen logo estava no sétimo andar e de volta à sala de incidentes. Por um momento, ela parou para olhar para o tabuleiro. O rosto jovem de Pippa a encarou de volta, cheio de promessas, mas agora apagado. Helen não pôde deixar de se perguntar o que Daniel estava fazendo agora. Ele estava em um inferno de tristeza e amarga autorrecriminação e seria incrivelmente difícil para ele encontrar algum tipo de normalidade novamente. Pensamentos sombrios o consumiriam por meses e anos, torturando-o com 'e se'. Era o mistério dos últimos meses de Pippa que torturava seu pai agora - enquanto ela olhava para o quadro, Helen jurou em particular descobrir a verdade sobre os últimos dias dessa pobre mulher e garantir que a justiça fosse feita.

Ela pegou sua bolsa de seu escritório e estava prestes a deixar a sala de incidentes vazia, quando ela fez uma pausa. Era realmente estúpido, pior do que isso, era inútil, mas ainda assim algo a compeliu a se sentar no terminal de computador vazio e se conectar ao sistema. Ela usou os códigos pessoais de DC Lucas desta vez, que não estavam ativados, mas deveriam. Ela digitou o nome de Robert Stonehill no PNC e clicou em Pesquisar. Por que ela fez isso consigo mesma? Ela se culpava inteiramente por ter arruinado a vida desse jovem inocente, mas mesmo assim, o que conseguiu com essa pesca sem fim? Foi uma busca infrutífera, que sempre terminou em amarga decepção.

Exceto que esta noite não o fez. O computador de repente ganhou vida com horas, datas e, mais importante, um número de caso.

Houve uma correspondência. Robert Stonehill. O sobrinho que ela amou e perdeu estava de volta dos mortos.

38

Ele enfiou a chave na fechadura e girou-a silenciosamente. Ele tinha ficado fora até tarde - e bebido demais - e não queria acordar o pai dando voltas. Entrando pela porta, Lloyd Fortune ouviu. Ele esperava, e esperava, silêncio, mas a TV na sala de estar ainda estava ligada, apesar de já ser tarde.

- Boa noite, pai. O que está passando?' Lloyd disse alegremente, empoleirando-

se na ponta vazia do sofá.

- Os idiotas de sempre - respondeu seu pai, gesticulando para as cabeças falantes em um programa político noturno.

'Chá?' Lloyd continuou.

'Sim, eu vou. Suponho que você também gostaria de ter um - respondeu seu pai calmamente.

Lloyd foi para a cozinha, a diversão do início da noite já começando a diminuir.

Lloyd amava seu pai tanto quanto qualquer filho poderia ou deveria, mas ele era um duro mestre de tarefas e Lloyd freqüentemente se irritava com suas críticas implícitas. E *ele* era a história de sucesso da família, pelo amor de Deus. Seu irmão e irmã eram tímidos para o trabalho, viviam de benefícios e não queriam trabalhar tanto ou tão diligentemente quanto o pai fazia quando eles estavam crescendo.

Lloyd sabia que eles se ressentiam do fato de seu pai raramente estar presente quando eles eram pequenos, muitas vezes apontando isso para ele durante discussões familiares furiosas. Lloyd entendeu a reclamação deles, mas nunca os apoiou. Seu pai trouxe a família da Jamaica sem nada - ele *teve* que trabalhar todas as horas que Deus mandou apenas para manter a família com comida e roupas.

Também tinha sido um trabalho árduo - turnos de doze horas nas Docas Ocidentais como estivador -, cujo legado ainda se fazia sentir agora. Em um momento ou outro, o pai de Lloyd havia esticado, fraturado ou quebrado a maior parte de seu corpo - Lloyd lembrava-se particularmente de uma queda feia que resultou em uma fratura nas costas que deixou seu pai desmaiado por semanas. Sua mãe tinha chorado praticamente sem parar durante esse tempo, enquanto a família encarava a miséria. Mas seu pai finalmente se levantou da cama de doente e voltou ao trabalho. Ele continuou fazendo exatamente isso até que eles lhe entregaram suas cartas algum tempo depois.

Portanto, embora fosse um homem difícil de se conviver, especialmente agora que sua mãe havia falecido, Lloyd se recusou a criticá-lo. Ele era menos ambíguo com relação a seu irmão e irmã, especialmente porque o fato de eles não cumprirem as rigorosas restrições impostas pela geração anterior significava

que Lloyd era agora o único repositório das esperanças e ambições de seu pai. Seu pai, Caleb, foi extremamente duro com Lloyd, pressionando-o para obter os melhores resultados nos exames, para passar de Hendon como o primeiro de sua classe, para subir na classificação de PC para DC para DS, mais rápido, mais rápido, mais rápido. Nada parecia satisfazê-lo. Lloyd continuou realizando, apenas para descobrir que ainda não havia conquistado a aprovação de seu pai. Ele já tinha ido mais longe e mais rápido do que a maioria de seus colegas, mas ainda assim ficou aquém.

Lloyd entregou ao pai uma xícara cheia de chá e se acomodou para observar os políticos se insinuando e fugindo.

'Olhe para este. Mentindo descaradamente e ele nem se preocupa em esconder.

Seu pai não tinha tempo para políticos, mas ele ainda assistia a esses programas.

Caleb era um homem que levava a vida a sério, que definia os mais altos padrões e

sempre parecia estar atento para o caso de alguém falhar. Principalmente seu próprio filho, Lloyd pensou consigo mesmo, enquanto bebia seu chá.

Principalmente seu filho primogênito.

39

Helen olhou para o arquivo, com o coração partido. Ela não tinha pregado o olho e ficara nervosa durante toda a manhã, esperando que o arquivo que havia solicitado sobre Robert fosse enviado por fax. Mas agora que ela o tinha em suas mãos, ela não estava mais adiante e suas frágeis esperanças estavam em frangalhos.

Houve algum tipo de ataque no centro da cidade de Northampton, que resultou na prisão e detenção de Robert. Uma briga fora de um bar entre Robert e outro indivíduo por um assunto trivial. Os ferimentos foram relativamente pequenos -

graças a Deus - mas foi tudo o que Helen pôde perceber. O resto do relatório de duas páginas foi fortemente redigido, grandes áreas dele foram apagadas, de modo que apenas alguns detalhes do incidente permaneceram. Não havia nenhuma pista sobre se as acusações foram feitas, onde Robert estava morando

ou o que havia acontecido com ele. Ele prometeu muito, mas, ocultando seu precioso conteúdo da vista, trouxe apenas uma amarga frustração.

- Sei que é um pedido incomum, mas, nas circunstâncias, justificado. O tom de Helen era uniforme e controlado, enquanto se dirigia a Ceri Harwood.

- Mas por quê, Helen? Para quê?'

Helen queria dizer, 'Eu teria pensado que era óbvio', mas engoliu seu escárnio.

- Ele está fora do radar há quase um ano. Nenhum contato com seus pais, nenhum benefício coletado, nenhum e-mail, nada. Gostaria de saber se ele está bem, onde está morando - para o bem deles, tanto quanto para o meu. '

- Eu entendo, Helen, é claro que entendo. Mas você conhece as regras. O arquivo não editado é classificado. '

'Por que?'

- Não sei por quê - isso é assunto da polícia de Northamptonshire, não nosso - mas, mesmo que soubesse, não poderia dizer a você. Não preciso lembrá-lo disso, com certeza.

- Eu conheço os protocolos para trabalho secreto - Helen respondeu, quase mantendo a voz firme. 'Mas eu diria que este é um caso especial. Ele é um jovem sem rede de apoio - '

- Você não sabe disso.

"Ele não tem nenhum contato em Northamptonshire, nenhum parente a quem recorrer . ."

- Parece que ele está lá há quase um ano. Tempo suficiente para fazer amigos, criar raízes - '

- Oh, pare com isso - cuspiu Helen de volta, finalmente perdendo a paciência.

'Quando ele saiu daqui, ele estava em pedaços. Ele tinha acabado de descobrir que sua mãe era uma assassina em série. A vida de seus pais adotivos havia virado de cabeça para baixo, ele estava cheio de raiva, tristeza, ressentimento . .

Ele não estava com disposição para 'fazer amigos'.

A última frase gotejava sarcasmo, o que Helen imediatamente se arrependeu, ao ver a expressão de Harwood endurecer. Harwood era sua única esperança aqui -

ela tinha que mantê-la ao seu lado.

- Não quero parecer agressivo ou desrespeitoso, mas você precisa entender que preciso encontrá-lo. Foi minha culpa que ele saiu . . Helen continuou rapidamente.

- Você não o denunciou, Emilia Garanita sim - Harwood respondeu friamente.

“Para chegar até mim. Sinto-me responsável, por isso estou pedindo sua ajuda aqui. Todos os dias, desde que ele desapareceu, espero o pior. Ele não tem nada

pelo que viver, ninguém para cuidar dele, nenhuma razão para continuar. Eu sei que vai causar confusão, que vai contra protocolos bem estabelecidos, mas você pode fazer isso acontecer. Então me ajude. Por favor.'

Helen nunca tinha estado tão aberta ou vulnerável na frente de seu superior antes.

Harwood olhou para Helen, depois se levantou e deu a volta em sua mesa. Ela colocou um braço reconfortante em torno dela e instantaneamente Helen soube que ela tinha perdido.

'Eu ouço sua dor e eu simpatizo. Mas não posso comprometer as operações em andamento por sentimento. Sinto muito, Helen, minha resposta tem que ser não.

Helen saiu do escritório de Harwood. Ela teve a nítida impressão de que Harwood tinha gostado de bater a porta na cara dela, apesar da falsa simpatia que ela concedeu como uma desculpa para os sentimentos de Helen. Isso deixou Helen com muitas perguntas sem resposta. No que Robert se meteu? Ele estava ajudando a polícia? Eles tinham se dado ao trabalho de editar todos os detalhes de seu local de residência, emprego, conhecidos, o que sugeria fortemente que queriam protegê-lo. Mas por que? Ele era um ativo? Se sim, como ele chamou sua atenção -

como testemunha ou informante? A mente de Helen estava agitada com uma

dúzia de cenários concorrentes, cada um tão inquietante quanto o anterior.

Entrando na sala de incidentes, Helen correu direto para o DC Sanderson - o último claramente estava esperando a chegada de seu chefe. A notícia fez o humor de Helen despencar ainda mais.

“O DNA da van de Nathan Price não é de Ruby Sprackling. E SOC não consegue encontrar nenhum vestígio de *seu* DNA no apartamento de Ruby, então . . '

Com seu jeito caracteristicamente gentil, Sanderson estava dizendo a Helen que eles não tinham nada. Price era inocente ou apenas um operador muito astuto?

Não fazia diferença agora - eles teriam que deixá-lo andar.

40

Ele dirigia com firmeza, mas um olho permanecia fixo no espelho retrovisor. Ele não tinha acreditado quando eles disseram que ele estava livre para ir e ele estava certo em ser cauteloso. Ele não estava fora do gancho ainda.

Nathan Price percebeu que estava sendo seguido enquanto dirigia pela Shirley High Road - um salão Vauxhall escuro seguindo a uma distância discreta. Sem saber a princípio se estava sendo paranóico, ele desviou para a Winchester Road.

Estava fora do seu caminho, mas serviria ao seu propósito. A estrada se abriu à sua frente e ele pisou fundo no acelerador. Sua velocidade saltou para 50 mph. Ele estava quebrando confortavelmente o limite de velocidade agora e se divertiu ao ver o Vauxhall aumentar sua velocidade para manter o ritmo.

O instinto agora assumiu e ele virou bruscamente para Dale Road, indo na direção do hospital. A estrada estava cheia de carros estacionados como sempre, mas Nathan avistou uma única vaga à frente e manobrou a van habilmente para dentro dela. Sem outros espaços próximos, o Vauxhall passou deslizando, eventualmente parando no topo da estrada. A visão do veículo de Nathan agora estava bloqueada pela van da frente. Nathan não tinha dúvidas de que eles estariam fora do carro num piscar de olhos e voltariam para a rua. Mas ele tinha tempo suficiente, se fosse rápido.

Desligando o motor, ele saltou para a parte de trás da van, tomando cuidado para

não tropeçar nos detritos do prédio que se espalhavam pelo chão da van. Abrindo parcialmente a porta traseira, ele saiu e, agachando-se atrás dos carros estacionados, correu ao longo da estrada.

Chegando ao fim da estrada, ele se escondeu atrás de um Fiat verde e parou. Esta última parte era a mais importante - ele poderia estragar agora se fosse precipitado. Contando até dez, ele por acaso olhou para a traseira do Fiat na direção de sua van. Com certeza, um policial à paisana estava espiando pelo para-brisa da van, em busca de sua marca.

- Imbecil - Nathan murmurou para si mesmo, enquanto o policial corria pela estrada em direção ao colega.

Ao vê-lo virar as costas, Nathan aproveitou a chance, disparando para fora de seu esconderijo e virando a esquina. Agora ele acelerou o passo, correndo pela Winchester Road novamente, antes de virar bruscamente para a esquerda para o St James 'Park. Puxando o capuz sobre o rosto, ele desacelerou para uma caminhada rápida agora, movendo-se de forma constante, mas com propósito.

Logo ele estava na Church Street e finalmente a salvo de sua perseguição.

Enquanto caminhava para casa, Nathan não sentiu a tentação de se parabenizar.

Ele tivera uma sorte de escapar e de agora em diante teria que ser muito, muito cuidadoso. Um deslize, um pequeno erro e a casa inteira desabaria.

41

O sol brilhou na água com tanta força que Ruby teve que erguer as mãos para proteger os olhos do clarão. Foi punitivo, mas mesmo assim foi uma visão arrebatadora.

Steephill Cove era uma baía em forma de ferradura perfeita e parecia resplandecente hoje sob o forte sol de primavera. Ruby e sua família vinham para a Ilha de Wight desde que ela era pequena, e este era o lugar favorito deles na ilha.

Ruby conhecia cada detalhe disso, até suas piscinas naturais favoritas e escalar penhascos.

Mamãe, papai, Cassie, Conor e seu border collie, Max, estavam brincando na praia, jogando frisbee e chapinhando nas ondas como um prelúdio para o piquenique.

Eles nunca faziam isso pela metade e, embora fosse uma dor arrastar os cestos descendo os degraus íngremes da praia, sempre valia a pena. As crianças teriam direito a um gole de vinho espumante - papai sempre queimava a rolha no mar, para consternação de mamãe - para engolir as tortas, batatas fritas, sanduíches, bolos caseiros e biscoitos que mamãe preparara na noite anterior. Eles sempre se sentiam mal depois, é claro - mas no bom sentido.

Tirando o biquíni, Ruby correu para as ondas, a água espumosa saltando sobre ela enquanto ela saltou nas ondas. Mergulhando, ela nadou com força - seus braços cortando graciosamente a água - e em pouco tempo ela estava longe no mar, sua família agora figuras distantes na praia.

Prendendo a respiração, Ruby mergulhou na água. Para baixo, para baixo, para baixo ela foi, chutando com força para longe da superfície agitada e nas profundezas abaixo. Era parte de um jogo que ela inventou para acabar com sua mãe. Ela nadaria longe e então desapareceria sob as ondas o máximo que pudesse.

Sua mãe, que não era uma nadadora confiante e odiava o mar, nunca deixou de reagir, andando pela costa, chamando por ela. Seu pai, que estava acostumado com seus truques, nunca reagiu, o que irritou Ruby um pouco, mas pelo menos ela sempre podia contar com mamãe.

Quando ela finalmente emergisse, ela acenaria alegremente para ela como se ela não pudesse ouvir os gritos de sua mãe, antes de mergulhar novamente. Ela continuaria com isso até que finalmente tivesse pena dela. Nadando de volta à praia, ela sempre poderia ter certeza de um abraço e uma reprimenda afetuosa.

Sua respiração estava acabando agora, seus pulmões estourando por ar fresco, então ela se virou e chutou com força para a superfície. Ela não havia conquistado muito na vida, mas sempre foi uma nadadora forte e Ruby se sentia exultante agora enquanto disparava para cima, sua forma esguia cortando a água.

Estourando na superfície, ela tirou os óculos de proteção e pisou na água, enquanto bebia grandes goles de ar. Com certeza, ela ouviu os gritos lamentosos de sua mãe.

Sorrindo para si mesma, ela se preparou para mergulhar novamente. Os gritos de sua mãe estavam mais altos agora e ela resolveu ignorá-los, mas de repente ela sentiu o braço de sua mãe em seu ombro, puxando-a para a margem. Como ela saiu aqui? Estava a milhas de -

'Verão.'

Seu sonho já estava começando a se fragmentar.

'Verão.'

Não era sua mãe puxando-a para a margem, era ele sacudindo-a para acordá-la de seu devaneio.

Seu carcereiro havia retornado.

42

'Então o que fazemos agora?'

Harwood foi direto ao ponto, como de costume. Helen havia informado a ela que Nathan havia escapado de sua equipe de vigilância, com resultados previsíveis.

- Observe e espere - Helen respondeu calmamente. 'Nós etiquetamos a van, então se ele voltar nós saberemos e eu enviei equipes para sua casa, o trabalho que ele está atualmente fazendo -'

- E temos certeza de que ele vale todos esses recursos? Não tenho dúvidas de que ele é um trabalho desagradável, mas não tem registro para falar de . .

“Ele é o único rosto na foto. Ele tem um histórico de violência e um interesse doentio por mulheres jovens e teve acesso aos apartamentos de ambas as mulheres. Se o observarmos, acho que obteremos resultados.

Helen tinha atenuado a possível conexão entre Ruby Sprackling e Pippa Briers até agora, mas com Nathan Price escapando do radar, a necessidade de recursos extras a forçou a confessar tudo com Harwood.

- Possivelmente - Harwood respondeu sem entusiasmo. - Dois dias no máximo e quero me manter atualizado, certo?

"Claro", Helen rebateu, recusando-se a reagir às críticas implícitas.

'Havia mais alguma coisa?'

Harwood estava claramente ansioso para voltar à sua papelada e estava confuso e ligeiramente irritado por Helen não dar sinais de ir embora. Helen avaliou a situação - estava longe de ser ideal - mas continuou a trabalhar.

'Eu gostaria de levar uma equipe POLSA de volta para a praia de Carsholt.'

'Para que diabos? A praia acaba de ser reaberta ao público, as férias escolares estão chegando. O que poderíamos ganhar enviando uma equipe de busca completa para lá? '

- Estou preocupada com o intervalo entre o desaparecimento de Ruby e o de Pippa

- Helen continuou rapidamente. 'Pode haver um intervalo de quatro anos ou mais entre eles e, bem, isso simplesmente não parece certo.'

'O que não *parece* certo?' Harwood rebateu.

'Ambas as meninas compartilham um olhar, elas são vulneráveis e solitárias, ambas desapareceram sem deixar vestígios. Além disso, ambos foram mantidos

“vivos” por meio do uso de textos, Twitter e similares. Parece que é o mesmo perpetrador e se for, podemos dizer que esse cara é organizado, determinado e principalmente motivado. Ele está procurando por um certo tipo de gratificação que somente essas garotas podem oferecer e está claramente disposto a ir longe e correr grandes riscos para obtê-la. O rapto de adultos de casa por estranhos é incrivelmente raro. '

'Então?'

- Então, acreditamos que ele sequestraria e mataria Pippa e esperaria mais três a quatro anos antes de tentar novamente? O nível de organização envolvido nessas abduções sugere um nível de compulsão que dificilmente vai e vem. Todos os estudos mostram que esses tipos de predadores - '

'Por favor, não cite seus cursos para mim. Sei o quão bem qualificado você é

neste território - Harwood respondeu friamente.

"Estou preocupado que ele possa ter alvejado outras garotas -"

- E você tem alguma prova disso?

'Ainda não. Mas -'

'Então, vamos deixar as coisas como estão. Não quero alarmar o público e até que saibamos mais sobre com o que estamos lidando, ficaremos quietos. '

Helen não disse nada.

- Parece que é o meu dia para dizer não, não é? - Harwood acrescentou despreocupadamente -, mas você sabe como são nossos orçamentos.

Helen foi embora logo depois, com toda a graça que pôde reunir. Ela estava sendo punida por sua explosão anterior? Por crimes passados? De qualquer forma, Helen teve a sensação desagradável de que haviam acabado de tomar uma decisão muito ruim e que sua omissão de ação custaria mais vidas.

43

Eles se entreolharam, sem dizer uma palavra. Ruby ainda estava furiosa por ter sido arrancada do casulo quente de seu sonho e furiosa com a bondade paternalista de seu captor.

- Lamento ter deixado você sozinho por tanto tempo.

Ele claramente queria uma resposta, mas ela não ia lhe dar uma. Que direito ele tinha de acordá-la? Para mantê-la aqui? Ele era um filho da puta doente, que não merecia nada além de seu desprezo.

'Verão?'

Ainda assim, ela olhou para ele.

'Você está se sentindo bem? Você está pálido.

'Eu estou *bem* , como você está?' Seu tom era fulminante e ela se divertiu ao ver que o havia machucado.

- Estou tentando ser legal, Summer.

'Vá para o inferno.'

Ela queria parecer zangada, mas sua voz vacilou ligeiramente. Ela se amaldiçoou por sua fraqueza.

- Bem, você não vai dizer nada? ela continuou, olhando para ele.

Ele olhou para ela por um longo tempo, sem dizer nada em resposta. Então, com um pequeno aceno de cabeça, ele se levantou e voltou para a porta.

"Não vá."

Ruby se levantou, a ideia de ficar sozinha de repente era demais para ela suportar.

Ele parou na porta para olhar por cima do ombro.

- Você mesma causou isso, Summer.

Então, sem outra palavra, ele saiu, batendo a porta atrás de si. O primeiro parafuso foi colocado firmemente no lugar. Então o próximo. Cada um parecia passar direto por Ruby.

'Por favor. Eu não quis dizer isso. Por favor fica.'

Ruby podia ouvi-lo se afastar. Em seguida, o som abafado de outra porta se fechando ao longe.

- Por favor - ela gemeu.

Mas não havia ninguém para ouvi-la agora. E Ruby sabia, deitada ali, que era *ela* quem estava no Inferno, não ele. Com ele, ela estava assustada e incerta, sem ele ela estava desolada. Goste ou deteste, não havia como escapar do fato de que ele era o mundo dela agora.

44

Charlie tamborilou os dedos na mesa, lançando olhares nervosos para a entrada.

Steve costumava passar por aqui a caminho do trabalho. Se por acaso ele a visse enfurnada em um café com Helen, quando ela explicitamente lhe disse que iria se encontrar com sua mãe, ela teria algumas explicações a dar.

De acordo com Steve, a vida deles estava de volta aos trilhos, após traumas do passado. As decisões certas foram tomadas, com os resultados certos, e agora uma vida longa e feliz os esperava. Era apenas o medo - do nascimento, do que se seguiu

- que deixou Charlie inseguro? Ou ela era uma trabalhadora de coração, alguém com uma vocação que não podia ser facilmente descartada?

Ela ficou surpresa - e animada - com a mensagem de Helen. Dizia simplesmente:

'Você pode me encontrar esta manhã? Urgente e discreto, se você puder.

Com uma facilidade surpreendente, ela se viu mentindo para Steve, vestindo o casaco e saindo pela porta. Ela realmente sentia tanta falta do trabalho policial que largava tudo e enganava o marido por causa de uma mensagem curta? De repente, Charlie sentiu uma pontada de culpa, mas antes que suas dúvidas pudessem tomar conta, ela viu Helen correndo em sua direção.

'Desculpa, estou atrasado. Culpe Harwood.

'Eu costumo fazer', Charlie respondeu, sua antipatia compartilhada pelo chefe da estação atraindo um sorriso de seu chefe.

- E lamento ser tão reservado, mas o que estou prestes a pedir que você faça quebra todas as regras e pode colocar você e eu em sérios problemas.

- Parece divertido. - Charlie disse corajosamente, mas já estava um pouco nervoso com os modos de Helen.

- Se você quer dizer não, e provavelmente deveria, então está tudo bem. Mas não há mais ninguém em quem confiar.

Já fazia muito tempo que Charlie não via Helen assim. Claramente havia muita coisa em jogo nesta reunião. Helen não continuou adivinhando, informando-a sobre sua recente 'descoberta' de seu sobrinho desaparecido e seu subsequente confronto com Harwood sobre sua recusa em solicitar formalmente o arquivo

não redigido. Charlie já podia ver onde isso estava indo.

- Sei que é pedir muito, mas não tenho nenhum contato significativo na força de Northamptonshire, pelo menos ninguém em quem confiar. Eu sei que isso é completamente irregular, mas - '

A voz de Helen vacilou ligeiramente enquanto ela falava, então Charlie a tirou de seu sofrimento:

'Está tudo bem, Helen, eu sei o que você está perguntando.'

O amigo mais antigo de Charlie da faculdade de polícia tinha acabado de aceitar um emprego de escritório de alto perfil na polícia de Northamptonshire. A DS Sally Mason era a guardiã dos portões administrativos lá - se alguém podia colocar as mãos no material não editado, era ela. Mas Charlie não tinha ideia de como ela reagiria a um pedido tão ultrajante.

'Deixe-me refletir sobre isso', disse Charlie.

'Isso é tudo que eu peço. Se eu pudesse pensar de outra maneira, eu o faria. Mas . .

preciso saber se ele está bem, Charlie.

Helen saiu logo depois, Charlie prometendo entrar em contato. Verdade seja dita, ela já sabia que faria o que Helen pedia. Porque ela sentia por ela. Porque era a

coisa certa a fazer nas circunstâncias. E talvez - só um pouco - porque seria divertido.

45

Uma hora depois, Helen entrou na sala de incidentes. Ela ficou satisfeita em ver que todos estavam ocupados, a equipe finalmente encontrando seu ritmo no calor da batalha. Uma investigação importante tinha uma maneira de forçar todos a melhorar seu jogo, fazer conexões e forjar um novo terreno juntos. Sempre deu a Helen uma silenciosa sensação de satisfação ao observá-lo acontecendo.

Vendo que todos estavam totalmente ocupados, Helen aproveitou o momento, puxando Sanderson de lado. Fazer com que ela entrasse no escritório teria

despertado a atenção das pessoas, então Helen a guiou sutilmente até o bebedouro e, baixando a voz, esboçou seus planos. Pela segunda vez naquele dia, ela estava cometendo um ato de insubordinação grosseira.

- Preciso que você cave um pouco - apenas para os meus olhos, certo?

- Claro, chefe, o que quer que você diga.

Helen passou a confiar em Sanderson nos últimos anos. Ela não era Charlie, mas era a coisa mais próxima dela no momento.

'Acho que nosso perpetrador terá sequestrado - ou tentado sequestrar - outras meninas durante os últimos cinco anos ou mais. Alguém que está tão comprometido, tão motivado, não vai entrar e sair da obsessão. Ele será compelido a perseguir, raptar ou matar. '

Sanderson acenou com a cabeça, então Helen continuou.

- O detetive superintendente Harwood não concorda em concordar, daí a necessidade de discrição. Escolha seus momentos, mas quero que analise os relatórios de crimes no PNC, bem como pesquise as listas de pessoas desaparecidas em Southampton, Portsmouth, Bournemouth, em busca de mulheres jovens que possam se encaixar em nosso perfil. Limite-se a meninas solteiras, que estão isoladas e vulneráveis, talvez apenas por causa de um relacionamento. Eles provavelmente vivem sozinhos, não são muito ricos e, por enquanto, vamos supor que eles tenham a mesma aparência - cabelo preto, olhos azuis. Faça isso discretamente, mas rápido. Espero estar errado, mas se esse cara é um predador em série, quero saber. Qualquer crime - ou tentativa de crime - pode nos ajudar a encontrá-lo. OK?'

Sanderson acenou com a cabeça e correu para iniciar sua tarefa. Helen a observou partir. Ela esperava estar fazendo a coisa certa confiando nela, ela já estava patinando em gelo muito fino com Harwood.

Helen estava tão absorta em seus pensamentos que não percebeu que DC Lucas se aproximava.

- Boas notícias, senhora.

Helen se virou, surpresa com sua aparição repentina.

- Nathan Price está em movimento.

46

A van acelerou ao longo da estrada, seus pneus cuspindo água da chuva da superfície lisa. Já fazia uma hora que estava chovendo forte e a tempestade não dava sinais de ceder. Normalmente Helen teria amaldiçoado esse clima, mas não hoje. Reduziu a visibilidade do motorista, tornando mais fácil seguir a van sem ser notado.

Os limpadores de para-brisa balançavam para frente e para trás, batendo o ritmo da ansiedade de Helen. Nathan Price estava dirigindo havia quarenta minutos, sem sinal de que iria parar. Para onde ele estava indo? Ele havia dado algumas voltas no anel viário, provavelmente para despistar qualquer um que o seguisse. Se fosse esse o propósito, ele falhou notoriamente. Os três carros de polícia não identificados ainda estavam em sua cauda, mudando de posição em intervalos para evitar a detecção.

A van seguia para o sul agora através de Northam e Itchen, deixando para trás prosperidade e aspiração. A van estava se arrastando e Helen teve que diminuir a velocidade para evitar se delatar. Eles estavam em Woolston agora. O que antes era um subúrbio rico antes da guerra agora era um deserto esquecido - nunca tendo se recuperado do bombardeio brutal que sofreu durante a Segunda Guerra Mundial.

As casas frágeis por aqui foram deixadas para mofar e agora eram habitadas por posseiros, imigrantes ilegais e pequenos criminosos. Era um lugar horrível e esquecido.

Finalmente, a van diminuiu a velocidade até parar. Helen passou deslizando e estacionou fora da vista dobrando a esquina da rua. Ela saiu do carro em segundos e deu a volta no topo da rua bem a tempo de ver Price entrar em uma casa a menos de cinquenta metros de distância.

Helen, agora flanqueada por DC McAndrew, correu para lá. Ela podia ver o detetive Lucas e Lloyd Fortune se aproximando da outra direção e sinalizou para que parassem. Ela assumiria a liderança neste.

Gesticulando para que McAndrew a seguisse, ela contornou a lateral da casa, mantendo-se abaixo da linha das janelas. A porta dos fundos bateu baixinho com

o vento. Helen hesitou, ouvindo. Vozes. Ela definitivamente podia ouvir vozes. Price foi levantado com raiva, mas quem era a outra pessoa? Com quem ele estava falando?

Provocando a porta aberta, Helen deslizou para dentro. Atravessando a sala para a porta aberta, ela podia ouvir as vozes com mais clareza agora. Price e uma jovem que chorava e protestava. Ela parecia ter feito algo errado, embora Helen não soubesse o quê, pois as vozes agora haviam se calado.

Um estrondo desagradável fez Helen pular - o choro que se seguiu deixou claro que Price havia batido na garota. Helen não hesitou. Empurrando a porta e erguendo o bastão, ela entrou.

Era hora de encerrar esse jogo de esconde-esconde.

47

Ruby gritou com todo o seu valor. Ela gritou, gritou, discursou e delirou - qualquer coisa para quebrar o silêncio terrível que enchia a pequena sala. Seu captor tinha partido há apenas algumas horas, mas parecia uma eternidade. O que ele estava fazendo? Por quanto tempo ele a puniria? Quanto tempo ela ficaria sozinha aqui?

Ela lamentou amargamente sua explosão agora. Ela não tinha nenhum poder aqui, nenhuma moeda de troca, então por que ela o empurrou? Enquanto ela tinha ficado sozinha na meia escuridão após sua partida, os minutos se arrastando, o pior tipo de pensamento a tomou. Pensamentos de si mesma lentamente murchando até virar pó neste lugar terrível. Então ela gritou para se distrair, para fazer companhia em sua cela solitária.

Cansada disso, ela agora se viu perseguindo a sala novamente. Era mais esperança do que expectativa - ela já havia explorado seus limites várias vezes - mas ela tinha que fazer *alguma coisa* . A resignação passiva só levaria à loucura ou coisa pior. Ela precisava pensar. Agir. Para encontrar uma saída.

Subindo na mesa, ela correu os dedos pelo teto. As tábuas do assoalho eram de madeira e talvez pudessem ser separadas . . Mas, apesar de toda a sua sondagem, eles se recusaram a ceder. Eles foram selados com mástique de silicone sólido que teimosamente resistiu às suas tentativas de removê-lo. Era provavelmente algum tipo de isolamento acústico DIY. Ruby estremeceu com o pensamento.

Por que ele precisa de isolamento acústico aqui?

Pulando para baixo, ela completou outro circuito nas paredes, mas desistindo rapidamente, voltou sua atenção para os outros itens na sala. Ela puxou as fotos da parede e puxou inutilmente os ganchos de metal do casaco. Ela puxou o fogão inútil e a bacia falsa para longe da parede, então, em um ataque final de irritação, agarrou o relógio que estava pendurado acima da cama e o jogou do outro lado do quarto. Era um relógio infantil frágil, projetado para ajudar as crianças a aprenderem as horas e olhava para ela dia após dia, zombando dela com seus ponteiros ociosos, que permaneciam resolutamente travados às 12h15. Caiu com estrépito do outro lado da sala.

Ruby respirou fundo. Tudo o que restou agora foi outro ataque à porta. Foi construído solidamente com uma fechadura pesada. Não havia como arrancá-lo das dobradiças ou acertá-lo com o ombro. A única maneira de abri-lo era forçar a fechadura com algum tipo de instrumento. Mas o que ela poderia usar? Ela precisaria de algo pesado e sólido, que ela pudesse esmagar . .

Tijolos. Ela estava cercada por tijolos. A argamassa havia sido retocada em alguns lugares, mas a alvenaria provavelmente tinha cem anos ou mais, então . . Ruby passou as mãos pela superfície fria das paredes, procurando forense por sinais de fraqueza na argamassa. Ela girou e girou, as unhas arranhando a argamassa, mas todos os tijolos se mantiveram firmes. Seu captor tinha pensado em tudo? Ele não tinha deixado nada ao acaso?

Ruby estava cansada agora e prestes a desistir, quando avistou um lugar que não havia experimentado. Afastando a cama da parede, ela caiu de joelhos para examinar a alvenaria que estava atrás.

Quando ela se abaixou para dar uma olhada mais de perto na argamassa, ela sentiu um fio de ar frio passar por seu rosto. Ela manteve os olhos fechados, deleitando-se com isso por um momento. Era como se alguém estivesse acariciando seu rosto,

como um ato de gentileza. Parecia uma vida inteira desde que ela recebeu um daqueles.

O ar entrava pela alvenaria. Ela caiu de frente e rastejou para mais perto da parede.

Com certeza, o tijolo estava solto. Seus dedos danificados protestaram, mas ela os cravou na argamassa em ruínas e puxou com força. Para sua surpresa, o tijolo saiu facilmente.

A cavidade atrás dela estava cheia de papel. Confusa, Ruby puxou os papéis, mas ficou desapontada ao descobrir que a cavidade era rasa, pouco mais que a profundidade do próprio tijolo. Ela puxou os tijolos próximos à abertura, mas eles se recusaram a responder e três pregos quebrados depois, ela desistiu.

Ela estava prestes a pegar o tijolo para começar seu ataque à porta, quando seus olhos pousaram em um dos muitos pedaços de papel que agora se espalhavam pelo chão ao seu redor. Nela havia um desenho - feito grosseiramente com caneta hidrográfica - de uma árvore verde decorada com bugigangas.

A curiosidade tomou conta dela e Ruby leu o conteúdo do cartão feito em casa. Era um cartão de Natal para sua mãe de uma garota chamada Roisin. Nele, ela escreveu sobre o quanto sentia falta de sua família, como eles não deveriam se preocupar com seu súbito desaparecimento e como estava ansiosa pelo dia em que pudesse colocar este cartão em suas mãos. A última seção do texto estava manchada de lágrimas e o cartão era datado de há pouco mais de dois anos e meio.

Ruby o deixou cair como uma pedra e caiu no chão. Em um instante, o desespero total de sua situação ficou claro. Ela não foi a primeira garota a ser sequestrada e mantida aqui.

O que suscitou a pergunta: o que aconteceu com eles? E onde estava esse 'Roisin'

agora?

48

- Você não está com problemas, Lianne. Mas vai ficar, se não começar a falar.

Helen já estava de mau humor e a recusa da adolescente em falar só agravava seu mau humor. Quando ela entrou na sala para confrontar Nathan Price, ela o encontrou maltratando uma adolescente. Uma adolescente que definitivamente *não* era Ruby Sprackling.

- Você está nos dizendo que Nathan Price é amigo da família.

'Isso mesmo.'

- E os amigos da família costumam aparecer quando você está sozinho em casa?

Nada em resposta.

- Vamos descobrir de qualquer maneira. Seus pais estão chegando - se puderem confirmar que Nathan Price é um amigo da família - '

- Você não contou a eles, não é? Sobre ele?' Lianne interrompeu.

Havia alarme real em seu rosto agora. Helen se sentiu mal por mentir, mas precisa.

- Não tive muita escolha, tive, Lianne? Se você não quer falar comigo . . '

'Eu não fiz nada de errado.'

'Então fale comigo. Eu sei que você está com medo. Eu sei que ele te machucou. '

Um hematoma lívido cobriu a bochecha direita da garota.

- Mas ele não pode tocar em você aqui. Conte-me o que está acontecendo e juro que ele nunca mais se aproximará de você.

Helen estendeu a mão para a jovem. Lianne olhou para ele e, em seguida, baixando o olhar para o colo, murmurou.

- Eu o conheci na sexta à noite.

'Onde?'

'Revolução.'

Sanderson lançou um olhar para Helen, mas foi ignorado.

'E?'

- Ele pagou bebidas para mim, você sabe. Me perguntou coisas. '

- Ele se interessou por você.

'Ele era legal. Ele também tinha dinheiro. Então, conversamos até meia-noite e depois fomos embora.

“Onde, Lianne? É muito importante que você me diga - '

'Fomos para a van dele, ok?'

- Você dormiu com ele?

'O que você acha?'

- Quantos anos você tem, Lianne?

'Dezesseis.'

'Quantos anos você tem?' Helen repetiu com mais força.

'Dezesseis.'

'Lianne . .'

'Quatorze, ok, eu tenho quatorze.'

A garota começou a chorar. Helen estendeu a mão para pegar a mão dela e desta vez a garota não resistiu.

- Quanto tempo você ficou com ele?

'Algumas horas.'

- Ele estava com você o tempo todo?

'Sim.'

'Então o que?'

- Ele me deixou em casa.

'Que horas foram?'

- Pouco depois das quatro horas.

- Pouco depois das quatro da manhã. Tem certeza absoluta?

'Eu vi o relógio quando entrei. Fiquei satisfeito - meus pais estão mortos para o mundo naquela hora.'

Helen concluiu a entrevista pouco depois, tendo a jovem concordado em fazer uma declaração formal sobre os acontecimentos da noite de sexta-feira. Havia algum conforto no fato de que Nathan Price enfrentaria um processo criminal - sexo com um menor era uma ofensa séria que o colocaria no Registro de Ofensores Sexuais -, mas foi de pouco consolo para Helen. Lianne Sumner havia acabado de inocentar Nathan Price de qualquer envolvimento no desaparecimento de Ruby Sprackling.

Goste ou não, eles estavam de volta à estaca zero.

49

Ele tentou se concentrar, puxando sua mente de volta para as tarefas em mãos, mas ainda não conseguia se estabelecer. Sua conversa desagradável com Summer o deixara inquieto e perturbado - era difícil se concentrar no trabalho hoje. Os clientes iam e vinham como de costume e ele os tratava com seu jeito profissional de sempre, mas estava no piloto automático, realizando o trabalho com o mínimo de esforço e interação. Ele simplesmente não conseguia parar de pensar nela. Por que ela era hostil com ele? Não fazia sentido. Por que ela estava tão . . ingrata? Ela não entendeu o que ele teve que passar? Os riscos que ele correu?

A notícia da descoberta de um corpo na praia de Carsholt o havia derrubado por seis. Ele assistiu ao noticiário local repetidamente desde então, comprou todas as edições do jornal local, vasculhando as reportagens em busca de detalhes. Imagens de uma grande equipe forense da polícia no local o deixaram nervoso, assim como a confirmação de que a heroína local DI Grace estaria liderando a investigação.

Desde que vira a notícia, estava nervoso, meio esperando uma batida na porta. Ele sabia que isso era improvável - ele tinha sido tão cuidadoso, tão meticuloso em seu trabalho - mas apenas serviu para sublinhar até onde ele tinha ido - os sacrifícios que tinha feito - para fazer o certo por ela.

Por que ela não lhe daria o amor que ele ansiava? O amor que ele *devia* ? Pela primeira vez, a raiva explodiu nele. Tudo poderia ser tão perfeito. Foi tão perfeito.

Então, por que ela insistiu em negá-lo? Ela era uma pequena ingrata b—

Tão rápido quanto sua fúria aumentou, ele a forçou de volta para baixo novamente, se esforçando para ganhar o controle de suas emoções furiosas. Ela se comportou mal - muito mal - mas agora não era hora de perder a fé. Ele deve ser paciente - não havia pressa. Ela mudaria de ideia. Afinal, o tempo estava do lado dele, não dela. De uma forma ou de outra, ela aprenderia a amá-lo novamente.

50

As mãos de Ruby tremiam enquanto ela vasculhava a pilha de papéis, digerindo cada palavra horrível. Ela tinha lido cartões, cartas, confissões de três mulheres agora - Roisin, um Pippa alguém e outra garota que simplesmente assinou 'eu'.

Três mulheres que foram arrancadas de seus entes queridos e arrastadas para este estranho Inferno.

O cartão de aniversário de Roisin para seu filho de quatro anos fez Ruby chorar. Ela não conhecia essa mulher - nunca a conheceu - e, no entanto, apesar de sua própria sensação sufocante de terror, ela havia se emocionado com a situação de Roisin.

Deve ter sido horrível para ela, deitada aqui sozinha, imaginando seu filho chamando por uma mãe que não veio. O menino achava que sua mãe não o amava mais? Que ela o abandonou? Ficou claro que Roisin implorou para receber papel e caneta, para que ela pudesse escrever para o filho pequeno e explicar sua ausência contínua. Mas os cartões e cartas que ela escreveu nunca chegaram ao destinatário pretendido. A crueldade das ações de seu captor em manter Roisin aqui tirou o fôlego de Ruby.

O testemunho de 'Pippa' foi em forma de diário. Ela tinha menos a dizer, ela estava apenas marcando a passagem do tempo, tentando manter-se sã, detalhando as diferentes fases de sua vida aqui com seu captor. Houve discussões, abusos e, pior ainda, reaproximações. Pippa claramente se odiava pelo que tinha que fazer aqui, pelo que se tornara, e Ruby entendia por quê. No

final, ela teve que anotar o diário de Pippa - ele apresentava uma visão de *seu* futuro que ela não era forte o suficiente para contemplar.

A curiosidade implacável a levou aos escritos de 'I"s, mas eles acabaram sendo os piores de todos. Eles estavam datados há pouco mais de um ano e obviamente foram escritos depois que ela descobriu as cartas e cartões escondidos de Roisin e Pippa. Esta descoberta foi um golpe de marreta para o moral de 'I"s, roubando-lhe qualquer resistência ou esperança. Suas cartas depois disso foram uma mistura de desculpas às pessoas que ela amou e injustiçou em sua antiga vida e longas e incoerentes descrições de seu sofrimento e encarceramento - registros que ela esperava que fossem encontrados um dia.

“O medo mais profundo de mim era que o destino dela nunca fosse conhecido. Que seus pais permaneceriam para sempre no escuro sobre o que havia acontecido com sua filha. A última carta, datada de maio, começava com um humor sombrio,

'eu' declarando sua crença declarada de que ela morreria neste porão, antes de passar a oferecer seus pensamentos finais, suas últimas expressões de amor, ao enfrentar o fim de sua vida. vida curta. Horrivelmente, ela nunca conseguiu completar o adeus à família - a caneta com ponta de feltro verde que todas as garotas estavam usando finalmente acabou antes que ela pudesse escrever suas últimas palavras.

Cada carta era como uma ferida física para Ruby. Cada palavra um toque de morte.

Desde seu sequestro, ela temia ser a escrava de seu captor. Agora ela sabia que seria sua próxima vítima.

51

Escondido em uma sala de interrogatório remota, DC Sanderson começou a trabalhar seriamente. Helen a encarregou de manter o sigilo absoluto, então ela mentiu para o resto da equipe, dizendo que estava voltando para casa com dor de cabeça. Na verdade, ela reuniu o número impressionante de arquivos de pessoas desaparecidas que acumulou durante o dia e os levou para uma parte esquecida da estação que estava aguardando reforma.

Era um espaço estranho e solitário para se estar, e o humor de inquietação de

Sanderson foi aprofundado pelas inúmeras histórias tristes que ela encontrou enquanto examinava os arquivos. Rompimentos familiares, abuso infantil, violência doméstica - os vários cenários que levaram esses jovens ao desaparecimento eram uniformemente deprimentes, mas os rostos que a fitavam nos arquivos estavam todos sorrindo. Parentes ansiosos sempre deram suas

'melhores' fotos de seus entes queridos desaparecidos, fotos que sugeriam felicidade e esperança. Sanderson suspeitou que esses momentos foram fugazes, na melhor das hipóteses, e provavelmente nada representativos do sujeito, que muito provavelmente havia fugido, cometido suicídio ou sido assassinado. E, no entanto, apesar de tudo isso, e apesar do cinismo endurecido pela batalha de Sanderson, as fotos ainda eram comoventes. Os rostos radiantes e otimistas provaram que os sujeitos *já haviam* sido felizes uma vez, que em algum momento ocuparam um espaço alegre e voltado para o futuro, antes que suas vidas desabassem sobre eles.

A cada arquivo, o ânimo de Sanderson afundava um pouco mais. Não eram apenas os detalhes desagradáveis da vida dessas jovens - embora esses fossem certamente perturbadores -, era também o grande volume de casos. Sanderson não era ingênua, ela conhecia as estatísticas de adolescentes fugitivos, ela sabia quantas mulheres jovens acabavam andando nas ruas ou pior para escapar de uma vida doméstica difícil. Mas as estatísticas são apenas números - elas não significam muito até que você some os casos individuais um por um, até que você seja confrontado com pequenos detalhes de dezenas de vidas jovens que deram errado.

Ela tinha apenas pesquisado as listas de pessoas desaparecidas de Southampton, Portsmouth e Bournemouth, como Helen instruíra, mas isso provou ser o suficiente - mais do que suficiente - para mantê-la ocupada durante o dia.

Ela estava agora com os últimos arquivos e havia atualmente seis indivíduos que deram a Sanderson motivos de preocupação. Cheryl Heath e Teri Stevens tinham a aparência, mas eram fugitivos frequentes que geralmente reapareciam quando o dinheiro acabava. Portanto, apesar de algumas preocupações residuais, Sanderson havia tomado a decisão de colocá-los em segundo plano por enquanto. Restaram Anna Styles, Roisin Murphy, Debby Meeks e Isobel Lansley.

Não havia dúvida de que essas meninas tinham uma forte semelhança com Pippa

Briers. Cabelo longo, liso, preto como o corvo, olhos azuis penetrantes e algo enigmático em sua expressão. Eles eram todos de alguma forma sedutores, sugerindo camadas mais profundas se você pudesse conhecê-los melhor. A aparência deles era diferente, com certeza - alguns eram punk e de baixo custo, alguns puritanos e profissionais - mas todos eles viviam seu visual com o mesmo espírito. Se Helen estivesse certa - se o sequestrador de Pippa fosse um criminoso em série seguindo um padrão - então Sanderson não tinha dúvidas de que ele se sentiria atraído por essas mulheres vulneráveis, a maioria delas de origens difíceis.

Mesmo enquanto Sanderson pensava isso, ela se viu editando a si mesma, reprimindo seus próprios eufemismos. Criminoso em série era um termo vago que abrangia uma infinidade de pecados e geralmente era usado para reduzir o alarme, suavizando a realidade da situação. Mas não adiantava enfeitar as coisas. Se o palpite de Helen estivesse certo - e cada vez mais Sanderson achava que estava -

então eles não estavam perseguindo um criminoso em série. Eles estavam caçando um assassino em série.

52

Ruby quebrou o tijolo com toda a força. Então ela o ergueu e abaixou novamente.

Ela estava em um frenesi, batendo o ritmo de seu terror na porta que a mantinha trancada lá dentro.

As cartas estavam espalhadas onde ela as largou. Ela havia sido incapaz de se mover por quase uma hora depois de lê-los - sua cabeça girando com os pensamentos mais sombrios. Os brincos que seu captor a fizera usar - não eram novos. Eles estavam manchados e danificados em alguns lugares. O que havia de tão especial neles? Eles tinham . . pertencido a uma das outras garotas? Ou para este verão?

A cada minuto que passava, a ansiedade de Ruby aumentava ainda mais. Ela puxou o inalador com força, mas teve pouco efeito, então, abandonando a cautela, ela se jogou em um ataque total à porta de aço.

Seus golpes choveram na fechadura, produzindo pequenos amassados, mas não

conseguindo causar uma impressão significativa. Ruby dobrou o braço para trás e redobrou seus esforços, baixando a arma com uma força repentina e selvagem. Ela ouviu um estalo e, por um breve e emocionante momento, pensou que tinha conseguido - até que olhou para baixo e viu o meio tijolo em sua mão. A outra metade estava quebrada e inútil no chão próximo.

Soltando os restos, Ruby deslizou pela porta fria até o chão, descansando a cabeça contra o metal. Não havia saída. Ela foi espancada, trancada para o bem ou para o mal nessa pantomima absurda com um homem que raptava mulheres, as prendia e depois? O que ele fez com aquelas garotas? Se ele os tivesse deixado ir, com certeza ela teria ouvido falar no noticiário ou o que quer que seja, e daí . .?

Ela deveria perguntar a ele? Pergunte a ele o que aconteceu? Ela ganharia alguma coisa ao confrontá-lo? Provavelmente não, mas mesmo quando Ruby rejeitou esse pensamento, outra ideia surgiu em seu lugar. Ela o empurrou imediatamente, com muito medo de testá-lo, a menos que se mostrasse infrutífero, mas ele forçou o caminho de volta para sua mente novamente, exigindo ser ouvido. Sentia-se mal só de pensar nisso, mas que escolha ela tinha? Ela *tinha* que encontrar uma maneira de colocar seu captor de lado, se ela queria ter alguma chance de escapar da morte certa.

Ficando de pé, ela recolheu as cartas e as enfiou de volta em sua cavidade secreta.

Enfiando as duas metades do tijolo no buraco para escondê-los novamente, Ruby empurrou a cama contra a parede, retornando o quarto ao seu estado normal.

Varrendo o pó de tijolo do chão, cuspiu na fechadura amassada e esfregou-a com a manga. Estava apenas ligeiramente amassado e se ela pudesse remover o pó de tijolo vermelho lívido, talvez ele não notasse em sua volta.

Logo o quarto estava de volta em algum tipo de ordem - até mesmo o relógio estava de volta ao lugar de honra acima da cama. Só havia uma coisa a fazer agora e Ruby correu para a cadeira onde estavam suas roupas. Ela mudou rapidamente, parando apenas no final, quando pegou os brincos surrados. Ela odiava essas coisas mais do que a própria vida agora, mas não havia espaço para fraquezas, então, engolindo sua repugnância, Ruby fechou os olhos e enfiou as argolas sujas nas orelhas. Sentando-se pesadamente na cama, ela exalou longa e

forte. O pior já havia acontecido.

Agora tudo o que ela precisava fazer era esperar.

53

- Você está completamente louco?

Era uma pergunta válida e que Charlie esperava. Levou duas horas de bate-papo e reminiscências para criar coragem e pedir a sua velha amiga que fizesse algo que custaria seu emprego se viesse à tona. Previsivelmente, a resposta da DS Sally Mason foi de choque e raiva.

- Estou aqui há apenas seis meses e é um trabalho muito bom. Não acredito que você me perguntou isso.

Charlie ficou momentaneamente sem palavras. Ela sabia que Sally amava seu trabalho, mas ainda assim a força de sua reação a surpreendeu. Eles haviam passado por um treinamento policial juntos, sobrevivendo à experiência em grande parte graças ao senso de humor que compartilhavam e muitas maneiras de abrir caminho. Eles eram policiais, não preenchedores de formulários, felizes em quebrar as regras quando necessário. Mas em algum momento nesse ínterim, Sally se tornou um adulto responsável, um policial de carreira com uma posição, posição e pensão decentes. Sally estava certa - ela seria uma idiota se arriscasse tudo isso.

'Eu sei e me sinto péssimo sugerindo isso, mas não há outra maneira -'

'Você realmente quer espetar nossas carreiras de uma vez? O que você fez, Charlie, que o faria arriscar?

'Não sou eu . .' Charlie continuou, então hesitou em ir mais longe.

Sally a olhou. Agora ela parecia intrigada, em vez de zangada.

'Então quem?'

"Helen Grace."

- *A* Helen Grace?

'Sim.'

- Mas você está de folga do trabalho. E ela pode passar pelos canais normais, certo?

- Ela está sendo bloqueada. É . . é sobre o sobrinho dela, Robert Stonehill.

Agora Sally estava em silêncio. O nome era familiar para a maioria dos policiais, mesmo que apenas por meio de reportagens e anedotas nos jornais.

'Seu nome foi mencionado em um relatório de crime - uma luta no centro da cidade de Northampton - mas o original é fortemente editado. Ninguém a está ajudando, todos querem que ela apenas o esqueça, mas ele é sua carne e sangue, a única família que ela tem. Então eu sei que é pedir muito - muito - mas espero que você possa ver que não tive escolha. Apesar de tudo, ela é . . ela é a melhor policial para quem trabalhei e uma das melhores pessoas que conheço.

Sally olhou para Charlie por um longo tempo. Então, finalmente, ela disse:

- *Se* eu fizer isso por você, será com uma condição. Você nunca o recebeu de mim -

sob pena de morte, você nunca o recebeu de mim. '

'Claro. Prefiro sair da Força do que colocar você em problemas por minha causa.

- E se isso levar a algum lugar - continuou Sally -, *certifique - se de que* Helen Grace faça o certo comigo.

Então era isso. O poder da reputação de Helen fez com que as pessoas fizessem fila para ingressar no Hampshire CID - muito mais do que poderia ser acomodado.

Oficiais de apoio de primeira linha, no entanto, eram muito caros e, se Sally imaginava a glória refletida de trabalhar ao lado de Helen, Charlie tinha certeza de que isso poderia ser arranjado.

A dupla se separou logo em seguida, combinando se encontrar uma hora depois no McDonald's em frente à estação para fazer a troca. Enquanto Charlie observava

Sally ir, ela de repente estava cheia de excitação nervosa. Contra todas as probabilidades, ela conseguiu. Ela tinha feito isso. Mas o que isso significaria para ela e Sally?

Mais importante, o que isso significaria para Helen?

54

- Então me conte tudo sobre ela. Estou morrendo de vontade de saber os detalhes. '

Não pela primeira vez, Ceri Harwood sentiu um aperto no coração. Presa em outro jantar interminável, ela tentou o seu melhor para entreter - regalando seus convidados com histórias dos vilões coloridos que ela roubou, os arranhões surpreendentes que ela sobreviveu, enquanto provocava gargalhadas ao ameaçar revistá-los todos por banidos substâncias. Foi uma encenação - ela estava cansada de cachorro e não podia ser incomodada - mas ela atuou bem. Era importante para a empresa de seu marido que os conselheiros locais e líderes empresariais o olhassem com benevolência e ela ficava feliz em fazer sua parte, mas sempre terminava da mesma forma. As pessoas pareciam olhar além dela em busca de algo mais interessante - e esse algo sempre foi Helen Grace.

A mulher que a interrogou era loira, atraente e boa companhia. Divorciada, ela dirigia uma agência de publicidade local e ganhava muito dinheiro com isso. Um no olho por seu ex-marido infiel. Ceri estava gostando da conversa, mas enquanto discutiam seu trabalho policial, Ceri podia sentir a conversa sendo direcionada para sua bête noire.

- Ela é uma boa policial - Ceri respondeu graciosamente -, embora um pouco heterodoxa e com tendência a abraçar os holofotes. Quando você atinge um nível de notoriedade, temo que sempre haja uma parte de você que anseia por adulação e atenção. Ela é altamente eficaz - não me interpretem mal - mas às vezes se esquece que o trabalho policial é um trabalho em equipe.

Sua convidada - Lucy - parecia pouco interessada no ego de Helen ou em contravenções processuais. O que ela queria era um relato passo a passo do que aconteceu durante o tiroteio fatal quando Marianne Baines morreu. Ela realmente puxou o gatilho para sua própria irmã? E quanto a Ella Matthews? Ela morreu nas mãos de Helen? E o que havia nesse DI que significava que ela tinha talento para esses casos?

As perguntas correram em uma torrente. Era como se o seu convidado estivesse um pouco apaixonado por Helen, pensou Ceri, pouco caridosa. E ela estava prestes a dizer algo profundamente decepcionante - ela gostava de fingir que esses detalhes eram confidenciais, apesar do fato de estarem em todos os jornais -

quando chamou a atenção de Tim. Ele a estava estudando de perto. Ele sabia o assunto da conversa? De qualquer forma, ele estava olhando para Ceri, tacitamente encorajando-a a dar a Lucy o que ela estava pedindo.

Então, tomando outro grande gole de Cabernet Franc, Ceri obedientemente expôs os detalhes do heroísmo de Helen. Ele ficou preso em sua garganta, mas não havia nada a fazer a não ser jogar bola. Outra noite arruinada, Ceri pensou consigo mesma.

Mais uma noite definhando na sombra de Helen Grace.

55

Helen bateu a porta da frente atrás dela e correu para a sala. Ela nem se preocupou em acender a luz - ela simplesmente abriu o arquivo que Charlie havia lhe dado e começou a devorá-lo.

O arquivo não editado ainda era frustrantemente curto em detalhes. Ele descreveu uma altercação fora do pub Filcher and Firkin no centro da cidade de Northampton entre Robert e um bandido local chamado Jason Reeves. A bebida foi tomada e uma discussão por causa de uma garota se transformou em violência. Foi usada uma garrafa quebrada - o que constitui uma infração grave - mas os ferimentos foram leves.

O PC que o prendeu farejou uma boa coleira - assalto com uma arma mortal. No entanto, vinte e quatro horas depois de Jason Reeves ter feito sua declaração - em linguagem colorida - ele repentinamente retirou as acusações. Não houve declaração retratando a anterior - apenas uma breve coda escrita no final do relatório. Cobranças retiradas por causa de identidade trocada.

Helen leu o arquivo de cima para baixo novamente. Era óbvio que alguém tinha chegado a Reeves, já que ele tinha sido claro sobre o envolvimento de Robert em sua declaração inicial. E como Robert realmente não tinha amigos em Northampton e não teria tempo de acumular as horas de vôo necessárias com as

fraternidades criminosas locais, Helen só pôde concluir que a polícia havia se apoiado em Reeves.

No que Robert se envolveu para ter esse tipo de apoio? Helen só podia inferir que ele era um informante e o pensamento a fez estremecer - as coisas raramente terminavam bem para os informantes, por mais cuidadosos que fossem.

Em meio a tanto mistério e incerteza, havia uma pequena pista - o nome do oficial que assinou a folha de acusação, efetivamente exonerando Robert. Sua posição era intrigante - sênior demais para ser sargento de escritório ou policial de primeira classe - assim como seu nome: DI Tom Marsh. Esse nome me fez lembrar? Helen deveria abordá-lo diretamente ou usar subterfúgios? Sem conhecer o personagem de DI Marsh, era difícil saber para que lado pular.

Helen ainda estava considerando seu próximo movimento, quando seu telefone tocou. Este dia cheio de surpresas ainda tinha mais uma pela frente. Quem ligou foi Daniel Briers.

56

Ele havia pegado o ônibus número 76 para Otterbourne, esperando quase até o final da linha antes de ligar o telefone de Ruby e enviar os tuítes e mensagens de texto habituais. Normalmente, essa pequena charada o divertia, mas hoje o deixava ansioso. Ele tuitou do telefone de Pippa *depois que* a polícia descobriu o corpo dela? Em caso afirmativo, eles fizeram essa conexão?

Tantas perguntas que ele não poderia responder e não saber o estava torturando.

Exausto pelos acontecimentos do dia, ele não encontrou nenhuma satisfação na dança da morte hoje - ele só queria estar em casa. Uma parada antes do terminal, ele desceu e atravessou a estrada para pegar o número 38 de volta à cidade.

Entrando na velha casa, ele desabou no sofá, enviando uma nuvem de poeira para o ar. Todo o lugar estava em um estado de caos - pedaços de DIY pela metade, manchas rastejantes de caixas de pizza úmidas e vazias por toda parte, que os ratos visitavam todas as noites. Voltar para casa não conseguiu levantar seu ânimo da maneira que ele esperava e ele se sentiu curiosamente desanimado. E se Summer fosse tão recalcitrante e hostil quanto antes? Ele não tinha certeza se poderia enfrentar outra rodada disso. Adiando o momento de seu reencontro, ele pegou um saco de lixo da cozinha e começou a jogar o lixo dentro dele,

determinado a controlar uma casa que estava caindo perto de suas orelhas.

Logo ele estava empoeirado, com sede e ainda mais exausto do que antes. Seu corpo e sua mente o incitavam a ir para a cama, a descansar um pouco. Mas ele ainda resistiu. Ela estava lá embaixo, debaixo dessas tábuas do chão, esperando por ele. Por mais que tentasse, ele não conseguiu resistir à atração dela. Ela era sua droga. A única coisa que ele não poderia viver sem.

Ele fez uma pausa e se olhou no espelho. Onde antes ele fora jovem e bonito, agora parecia preocupado e cansado. Não admira que ela lutou para aceitá-lo. Mas ainda assim, havia alguma necessidade de ser tão cruel? Se ela continuasse assim, ele teria que impor sanções. Ele tiraria seu inalador. Se ela precisava ser quebrada, então que fosse . .

Ele descobriu que já estava na metade do caminho para a cela dela, seus pés o guiando até lá no piloto automático. Era como se ele estivesse em um sonho -

incapaz de controlar suas ações ou eventos. Puxando-se de volta à realidade, ele deslizou a escotilha aberta. Pela primeira vez, ela não estava deitada na cama, desanimada. Era difícil distinguir os detalhes na escuridão, mas ela parecia estar sentada, esperando por algo.

Fechando a escotilha, ele acendeu as luzes principais e entrou. Para sua surpresa, lá estava Summer, como ele sempre a imaginou, sentada na cama de saia, brincos e blusa, com um lindo sorriso no rosto.

Isso *é* um sonho, ele pensou consigo mesmo. Mas finalmente é bom.

57

Ela odiava mentir, mas às vezes você não tinha escolha. Pelo menos foi o que DC

Sanderson disse a si mesma enquanto discava o número de Sinead Murphy. Tendo já mentido para sua equipe sobre o que ela estava fazendo, ela agora estava prestes a mentir para um membro desavisado do público.

- É sobre sua filha Roisin.

A voz do outro lado da linha - que momentos antes tinha sido calorosa e

acolhedora - de repente ficou quieta.

- Não precisa ficar alarmado. Esta é apenas uma chamada de acompanhamento de rotina ', continuou Sanderson, ansioso para deixar a mãe de Roisin à vontade. -

Nossos registros mostram que você relatou o desaparecimento de sua filha há quase três anos. Isso está correto? '

- Sim, por todo o bem que me fez.

- Suponho que você não a viu desde que fez o relatório?

'Não' foi a resposta breve e sóbria.

Sanderson repassou os detalhes dos formulários - ocupação, família, descrições físicas, comportamento anterior - antes de fazer a única pergunta que importava.

- Houve *algum* contato entre você e Roisin desde que ela desapareceu? Nada mesmo?'

Houve uma longa pausa, então:

- Suponho que você possa chamá-lo de contato.

'Significado?'

- Ela envia um texto ou tweet estranho. Mas ela nunca responde quando eu respondo.

- Você tentou ligar para ela nesse número?

'O que você acha?' foi a resposta fulminante.

'E?'

'Sempre direto para o correio de voz.'

- Você consegue se lembrar da última vez que ela tweetou?

'Por que você quer saber? Por que você está me fazendo todas essas perguntas? '

Sanderson fez uma pausa - como responder?

- Estamos apenas tentando fazer algum progresso no caso de Roisin. Francamente, muito pouco foi feito até agora e suas comunicações são a melhor esperança que temos de descobrir onde ela está. '

Outro longo silêncio, então:

- Ela tweetou hoje cedo, na verdade.

'Dizendo?'

- Nada de interessante. Só uma reclamação por ter um dia ruim.

- Você consegue se lembrar da hora exata?

- Espere um pouco - Sinead respondeu. Sanderson podia ouvi-la remexendo na bolsa em busca do telefone. 'Vamos, vamos', Sanderson pensou consigo mesma, lançando um olhar nervoso sobre a folha de cronogramas que estava sobre a mesa à sua frente.

"Aqui estamos", respondeu Sinead. - Ela tuitou às . . 18h14 de hoje.

- E o anterior?

'Ontem. Pouco depois das dez da manhã '

Sanderson levou Sinead de volta a mais alguns tweets de Roisin e encerrou a ligação, prometendo que ela entraria em contato em breve. Sanderson tinha a

sensação desagradável de que ela honraria essa promessa e, quando o fizesse, seria com a mais sombria das notícias. Os tempos dos últimos cinco tweets de Roisin coincidiram exatamente com os tempos das últimas comunicações de Ruby Sprackling.

Helen estava certa o tempo todo.

58

'Então, como foi seu dia?'

As palavras soaram tão estranhas, mas ela as forçou a sair, o tempo todo mantendo seu largo sorriso.

- Foi bom, obrigado.

'Você estava trabalhando? Você trabalha?'

- Você sabe que eu trabalho, Summer.

Sua resposta astuta a sacudiu, mas ela não ia ser fraca. Hoje nao.

'O que você faz?'

Ele olhou para ela e sorriu.

"Você está bonita esta noite", disse ele finalmente.

'Obrigada. Eu . . eu queria fazer um esforço. '

'Isto mostra.'

Ruby hesitou, olhou para o colo dela, depois ergueu o olhar para ele e continuou:

'Eu também queria pedir desculpas. Por ser cruel. Eu não quis dizer isso. '

Ele estava olhando para ela, como se não tivesse certeza se devia acreditar nela ou não.

'Eu quero que sejamos amigos.'

Ele olhou para ela, mas ainda não disse nada. Nem um sorriso, nem uma repreensão, nada.

'Eu fico sozinho aqui embaixo, então se pudéssemos passar mais tempo juntos, então . .'

- Isso é tudo que eu quero, Summer. Isso é tudo que eu sempre quis. '

O fervor em sua voz a pegou de surpresa. Ela tentou falar, mas o medo estava se apoderando dela de novo agora, roubando-lhe o poder de falar.

“É uma lousa em branco para nós dois, então”, ele continuou. 'Então, por que não passamos a noite juntos? Vou cozinhar para nós. '

Ele olhou diretamente para ela. Ele tinha um fogo nos olhos que ela não tinha visto antes.

"Será como nos velhos tempos."

59

Helen não tinha ideia do que estava fazendo aqui. Mas aqui estava ela - sentada no restaurante da cobertura do Great Southern, em frente a Daniel Briers.

'Eu me sinto um pouco uma fraude,' Daniel Briers estava dizendo, enquanto ele completava seu café. - Não tenho nada novo para lhe contar e tenho certeza de que você teria entrado em contato se houvesse algum acontecimento. Acho que só queria a companhia de alguém que soubesse o que eu estava passando. '

'Está bem. Eu não estava fazendo nada importante ', ela mentiu.

- Eu arrastei você para longe de sua família?

- Não, nada disso - respondeu Helen, evitando astutamente a pergunta.

- Você fica um pouco maluco sentado nesta sala o dia todo. Eu tentei sair, mas não sei como me virar e . . e verdade seja dita, eu realmente não quero conhecer este lugar. Eu me sinto mais feliz aqui. '

'Eu entendo. É difícil. E se alguma vez sentir que prefere ir para casa, não pensarei menos de você. Existem muitas maneiras diferentes de mostrar seu amor e compromisso com Pippa. '

Ele olhou para ela por um segundo.

- Prefiro ficar.

Helen acenou com a cabeça e por um momento nenhum deles falou. Daniel olhou para Southampton, enquanto Helen examinava os outros convidados no restaurante. Imediatamente ela chamou a atenção de uma mulher de meia-idade que estava olhando para ela. A mulher estava obviamente intrigada com eles -

ela estava tentando descobrir se eles estavam em um encontro? Casado? Amigos? A constatação fez Helen se sentir tola.

Quando ela se virou, ficou surpresa ao encontrar Daniel sorrindo para ela.

- Se é estranho para você estar aqui, é só dizer. Não quero dificultar sua vida, Helen.

"Quero ajudar", respondeu Helen. E era verdade. Daniel tinha lhe dado a deixa para ir embora, mas ela não *queria* abandoná-lo aqui, um homem de luto em uma cidade solitária.

"Eu sei o que você está passando", ela continuou. - Quando você perde alguém próximo . . isso meio que envolve você, não é? É difícil ver uma maneira de passar por isso. '

Daniel acenou com a cabeça.

- Ela é tudo em que penso. Ela está tão viva para mim agora como sempre esteve.

Helen sorriu. Estendendo a mão, ela pegou a mão dele.

- E tudo bem. Não é estranho ou mórbido. É natural. Você a amava. Você a *ama* .

Nada do que aconteceu pode mudar isso. '

Obrigada, Helen. Eu pensei que estava ficando um pouco louco, mas - '

'Não é loucura e você deve pensar nela. Você deve sempre pensar nela. '

Daniel acenou em agradecimento, apenas para manter sua emoção sob controle.

- Pippa sempre foi tão turbulenta quando era pequena. Dizem que os meninos são os problemáticos, mas isso não era verdade no nosso caso. Ela tinha uma ótima companheira - Edith - e juntas elas criariam um caos. Eles se vestiam de piratas, soldados, o que quer que fosse, e criavam jogos elaborados na sala de estar. Os sofás seriam transformados em esconderijos, cordas de pular se tornariam lassos, tubos de papelão se tornariam lançadores de foguetes - eles poderiam brincar assim por horas.

Enquanto Daniel se perdia nas histórias das façanhas infantis de Pippa, Helen pensava em sua própria infância. Entre todo o horror, abuso e degradação, houve momentos estranhos de contentamento. Férias na Ilha de Sheppey, furtos em lojas com sua mãe e irmã, histeria movida a cidra com Marianne e seu companheiro Sam. Breves fragmentos de felicidade.

O único personagem que sempre esteve ausente dessas memórias foi seu pai. Ela tentou pensar se ele já tinha feito algo amoroso ou gentil, mas nada veio à mente. A única coisa que ele deu aos filhos foram hematomas e ossos quebrados. Para ele, as crianças eram primeiro um motivo de irritação e despesa e, mais tarde, uma mercadoria a ser repassada aos outros pedófilos. Talvez ele tenha sofrido quando era jovem, talvez tenha havido experiências e demônios que o levaram a se comportar daquela maneira, mas Helen nunca quis ir para lá. Ela se recusou a entreter a ideia de que sua brutalidade pudesse ser desculpada ou justificada.

Ele estava muito longe do homem decente e ferido sentado diante dela agora.

Helen sabia que é por isso que ela ainda estava aqui, bebendo café tarde da noite com um homem que ela mal conhecia. O fato de que ele se importava - de que *amava* sua filha - realmente a atingiu em cheio. E embora ela se repreendesse por não ter passado Daniel para um oficial de ligação com a família treinado, ela não se culpava por isso. Ela estava gostando da pressa de suas memórias - havia uma inocência e calor nelas que Helen achava irresistíveis. Nenhum dos dois parecia disposto a terminar a noite ou reconhecer que - minutos depois - ainda estavam de mãos dadas.

60

Ele estendeu a mão e pegou a mão dela, passando o dedo sobre os nós dos dedos.

'Isso não é bom?'

Ruby sorriu em resposta, colocando outro bocado de macarrão na boca. Ela não sabia o que estava esperando, mas a comida era boa - macarrão à carbonara, rico, cremoso e reconfortante. Ela limpou o prato e pegou o vinho, esvaziando o copo de plástico em que fora servido. Apesar do absurdo da situação, o vinho era bom - um breve pico de alegria percorreu seu corpo antes de ir embora novamente.

'Pudim?'

Ruby assentiu e em um minuto engoliu uma tigela de ninharia. Presa aqui, ela só conseguia pensar em como estava com fome.

- Queria te perguntar uma coisa - disse ela de repente. 'Eu . . eu fico entediado aqui esperando por você, então eu queria saber se eu poderia ter alguns livros.'

Ele a olhou por um segundo, então disse:

'Que tipo de livros?'

'Nada.'

- Você não é exigente.

"Eu só quero ler."

Outra pausa.

- Diga-me alguns títulos e verei se consigo obtê-los para você.

Ruby quebrou a cabeça, desfiando uma lista de favoritos que a fariam se sentir um pouco menos sozinha. Livros que seu pai amava, pelos quais Cassie era obcecada.

Eles seriam sua família aqui. Finalmente, ela ficou sem ideias. Seu captor engoliu um bocejo, o cansaço finalmente o dominando.

'Obrigado, Summer. Eu me diverti esta noite. '

- Eu também - Ruby respondeu. Havia uma pequena parte disso que era verdade, pelo menos.

- E se você for bom para mim, veremos esses livros.

Ele deu um passo à frente. O instinto natural de Ruby foi recuar, mas ela se obrigou a se manter firme. Ele deu mais um passo em sua direção, envolvendo os braços em volta dela e puxando-a para um abraço. Ela permitiu, embora estivesse gritando por dentro. Ela sentiu os lábios dele encontrarem o caminho até seu ouvido.

“Todas as coisas boas vêm para aqueles que esperam”, ele sussurrou.

De repente, Ruby tinha lágrimas nos olhos. Ela podia sentir sua ereção pressionando contra ela. Ela só queria ficar longe, longe, longe dele. Quando ele se desvencilhou, ela enxugou os olhos rapidamente - recusando-se a jogar tudo fora, perdendo a calma.

"Boa noite", disse ele, enquanto se dirigia para a porta. "E obrigado."

Ruby ficou imóvel enquanto ele partia. Ela permaneceu lá por cinco minutos inteiros até ter certeza de que ele tinha ido embora - sorrindo seu sorriso rictus, querendo ser uma boa garota para ele, apesar do fato de que ela estava tremendo como uma folha.

61

Correndo direto para seu quarto, ele trancou a porta e se deitou na cama. Abrindo o zíper das moscas, ele enfiou a mão dentro da calça. A sensação de carne contra carne o fez estremecer.

Ele sabia que deveria resistir, mas não havia como lutar esta noite. Ele havia voltado para casa de tão baixo-astral, dividido por dúvidas e medos, que esta noite o havia emboscado totalmente. Onde ele esperava desafio, mágoa e acrimônia, ele de fato encontrou complacência e gentileza.

Ele era tolo em pensar que Summer estava começando a amá-lo novamente? As coisas tinham sido tão difíceis e angustiantes, mas de repente ela parecia ter dobrado a esquina. Ela *queria* estar com ele e sentia prazer em sua companhia. E

esta noite ele respondeu de uma maneira que o surpreendeu e o energizou. Ele tinha se sentido tão excitado em sua companhia que a maior parte dele queria levá-

la para a cama naquele momento.

Normalmente ele conseguia conter seus impulsos. Mas não esta noite. Ele atingiu o clímax rápida e ferozmente. Deitado na cama mais tarde, ele se sentiu feliz, mas estranhamente insatisfeito. Fazia muito tempo desde que ele se permitiu a liberação da fantasia - com tanto medo da decepção final - mas mesmo isso falhou em satisfazer suas necessidades agora. Com a percepção de que Summer poderia finalmente voltar para casa para ele, seu desejo de estar com ela estava ficando mais forte. Ele não a apressaria - ele já havia cometido

esse erro antes -, mas seus sentimentos o estimularam. Os dias sombrios estavam chegando ao fim, sua salvação estava próxima e tudo o impelia a agir.

Logo a espera terminaria. Logo seu amor seria real.

62

Alison Sprackling estava no quarto da filha e olhava pela janela. Ela costumava vir aqui depois que todos os outros na casa estavam dormindo. Será que *ela* dormiu desde que Ruby desapareceu? Ela supôs que deveria, caso contrário, ela ainda não seria capaz de funcionar, mas certamente não parecia. Jonathan não era diferente, agitando-se e virando do crepúsculo ao amanhecer, mas isso era pouco consolador.

Eles pareciam estar falando cada vez menos um com o outro.

Alison se sentou na cama de Ruby e abriu as gavetas de cabeceira. Ela sabia que era uma figura lamentável sentada no velho edredom John Lewis, remexendo nas gavetas que uma vez fora proibida de abrir, mas o que mais ela poderia fazer? Ela já havia mexido nas coisas de Ruby três ou quatro vezes, em busca de alguma pequena pista sobre seu paradeiro - folheando caixas de sapato com cartas antigas, recibos de compras descartados, relatórios da velha escola - mas sem sucesso.

Ruby continuou a evitá-la.

Ela sabia que a polícia não tinha mais um suspeito sob custódia. Houve uma breve onda de otimismo quando questionaram o construtor, mas acabou sendo um beco sem saída. Como ela os amaldiçoou quando descobriu. Jonathan a aconselhou contra as falsas esperanças, mas Alison já havia feito a narrativa em sua cabeça.

Uma investigação rápida, uma prisão rápida e Ruby voltou a eles são e salvo.

A verdade é que não havia muitos culpados óbvios e isso era o que a enervava.

Shanelle tinha sido exonerada, assim como esse outro cara, e, apesar de toda a busca desesperada de Alison, ninguém mais havia saído da toca. Eles disseram que muitas vezes eram os membros da família os responsáveis por essas coisas, mas isso era impossível, certamente? Ela havia contatado os namorados e

colegas de escola de Ruby, mas todos estavam estranhos, surpresos e inocentes de qualquer delito, pelo que ela sabia.

Então quem? Quem faria uma coisa dessas? Alison sentiu que a resposta devia ser óbvia e simples: ela não acreditava em bicho-papão ou perigo de estranho, mas isso era desconcertante e desanimador. Interrompendo sua busca, Alison se aninhou na cama de Ruby. Só o cheiro do travesseiro a fez chorar. Cheirava ao perfume de Ruby. Alison sempre não gostou da escolha do perfume de Ruby - era um daqueles produtos endossados por celebridades que não custavam nada para fazer e tudo para comprar - mas agora tinha um cheiro doce. Cheirava *ao* Ruby *dela* . Enterrando o rosto no travesseiro, Alison soluçou baixinho. Outra noite sem dormir a acenou, mas esta noite, pela primeira vez, ela não se sentiria tão desesperadamente sozinha.

63

O amanhecer ainda estava para nascer e as ruas estavam escuras e desertas. Os cortes da recessão significaram que os postes das lâmpadas da cidade foram desligados após a meia-noite, fazendo com que Southampton se sentisse um lugar solitário e ameaçador nas primeiras horas da madrugada. Estranhamente Helen gostava assim, desfrutando do manto de anonimato que isso lhe dava. Cortando as ruas em sua bicicleta agora, ela se sentia relaxada e à vontade - apesar de ser cedo.

E apesar do que estava à sua frente.

Ela logo estava no anel viário, depois na rodovia, em direção ao norte. Passando por Londres, ela contornou Northampton, antes de seguir em direção a um vilarejo a oeste da cidade. Bugbrooke era um antigo vilarejo normando, habitado por famílias jovens e trabalhadores aposentados - era um vilarejo agradável e descontraído com uma atmosfera amigável.

A Avenida Georges estava acordando quando Helen estacionou sua bicicleta do outro lado da rua do número 82. As cortinas da casa permaneceram fechadas, mas ao redor os madrugadores estavam saindo para trabalhar - ligando as vans e tomando café nas garrafas térmicas na expectativa de um longo dia pela frente.

Helen os observou ir, observando seus olhares curiosos, bem ciente de que ela se destacava como um polegar ferido, encostada em sua Kawasaki em suas roupas de couro de bicicleta.

Ela não teve que esperar muito. Ela suspeitou que DI Marsh estaria trabalhando no primeiro turno e às 7 da manhã, no nariz, ele saiu de casa, dando um beijo de despedida em sua esposa enquanto saía. Helen observou, esperando até que ele realmente abrisse a porta do carro antes de marchar.

- DI Marsh? Helen perguntou, mostrando seu cartão de autorização para ele quando ele olhou para cima. - DI Grace, Polícia de Hampshire. Posso dar uma palavrinha rápida? '

'Como você sabe onde eu moro?'

- Trabalho de detetive, Tom. Posso chamá-lo de Tom? '

Eles estavam sentados juntos agora no carro. Marsh não respondeu de qualquer maneira, então Helen continuou.

'Seu site no Facebook é um pouco mais informativo do que deveria.'

Marsh não disse nada, concordando com um grunhido.

- Lamento pela capa e pelo punhal - continuou Helen -, mas queria conversar com você e não poderia ser feito oficialmente, dada a natureza da investigação.

Tom Marsh olhou para ela, intrigado.

- Sei que está envolvido em um trabalho secreto e não estou procurando que você traia nenhuma promessa que tenha feito ou arrisque comprometer suas operações, mas há um informante seu sobre o qual gostaria de obter mais informações.

- Robert Stonehill - Marsh disse calmamente.

- Você obviamente sabe quem eu sou e quem ele é. E gostaria de saber se ele está trabalhando com você.

Marsh enfiou a mão no bolso da jaqueta, tirou um maço de cigarros e acendeu o cigarro. Ele estava claramente considerando se deveria ou não dizer a seu interrogador para atirar em seu gancho. Então, novamente, Helen pensou enquanto estudava seu rosto, ele também era um homem de família e talvez não indiferente à sua situação.

- Não posso dar nomes ou detalhes específicos, pois a operação ainda está em andamento. Mas é sobre drogas, ok? Pelo que posso deduzir, Stonehill explodiu aqui sem muito plano. Ele se aproximou de algumas pessoas do lado errado dos trilhos e logo estava fazendo suas tarefas. Fazendo negócios e coisas do gênero - as equipes por aqui estão sempre procurando por novos corredores, carne fresca para assumir os riscos por eles. Acontece que ele era bom nisso - meio que estava acostumado a manter a cabeça baixa agora. E ele ganhou a confiança de alguns intermediários, até conheceu alguns dos grandes fornecedores.

'Quem são aqueles em quem você está realmente interessado.'

'Exatamente.'

'Como eles pagaram Robert? Dinheiro? Drogas?'

- Principalmente em dinheiro. Ele brinca com drogas, mas não se interessa.

- E você também paga a ele?

Marsh sorriu e olhou pela janela. Ele não estava indo para lá.

- Ele ainda está nos seus livros? Helen perguntou.

"Sinto muito, não tenho liberdade para dizer . ."

'Ok, mas ele ainda está em Northampton?'

Uma longa pausa enquanto Marsh debatia se devia ou não dizer alguma coisa.

Então:

- Você não ouviu isso de mim e nunca nos conhecemos, mas . . sim, ele ainda está aqui. Ele usa o pseudônimo de Mark Dolman. '

- Alguma ideia de onde ele mora?

- Em algum lugar de Thorplands. Eu não poderia dizer com certeza. Thorplands é - '

- Eu sei onde está - Helen respondeu rapidamente, satisfeita pela primeira vez por estar à frente de Marsh.

Foi tentador. Saber que ele estava em Northampton, mas não exatamente onde.

- E onde vocês dois se encontram?

'Não' foi a resposta direta de Marsh.

'Eu sinto Muito?'

- Sei o que você vai perguntar e receio que a resposta seja não.

- Vamos, Tom. Pense nisso do meu ponto de vista - '

- Simpatizo com sua situação, realmente sinto. Mas não estou arriscando comprometer uma investigação de um ano para você. Já disse o suficiente - mais do que deveria - então, se estiver tudo bem para você, gostaria de seguir meu caminho, ok? '

Seu tom foi firme e definitivo, então, agradecendo-lhe, Helen se despediu, observando seu Ford C-Max queimar à distância. Ele tinha ido tão longe quanto Helen poderia razoavelmente esperar, mas ela ainda se sentia frustrada. Ela não tinha ideia de quando ele vira Robert pela última vez, ou em que estado seu sobrinho se encontrava. Nem ela tinha um endereço. Dito isso, ela finalmente conseguiu algumas peças do quebra-cabeça. Não era o suficiente - mas teria que servir por enquanto.

Pedalando de volta para Southampton, a cabeça de Helen estava cheia de pensamentos sobre o que ela poderia fazer a seguir. Como sempre, sua vida foi um ato de equilíbrio precário. Sua prioridade número um tinha que ser Ruby Sprackling - de alguma forma, em algum lugar, eles tinham que encontrar uma pausa que os aproximasse dela - mas a atração de Robert também era forte. Mesmo

se ela tivesse que trabalhar 24 horas por dia, ela teria que encontrar uma maneira de conseguir ambos. Por sua própria sanidade, senão por mais nada.

Esses pensamentos ainda giravam quando Helen percebeu o pequeno carro escuro no espelho lateral. Ela tinha acabado de chegar aos arredores de Southampton e estava indo em direção ao hospital quando o avistou alguns carros atrás. Havia algo sobre a placa do número - seu característico final EKO - que ela reconheceu.

Ela estava imaginando ou ela viu o mesmo carro seguindo-a pela M1 de Northampton? Aumentando a velocidade, ela fez uma curva fechada à esquerda, depois novamente à esquerda, puxando o acelerador para trás para permitir que ela girasse ao redor do bloco em ordem rápida e retornasse à estrada principal a uns bons cem metros de onde ela estava.

O carro sumiu. Nenhum sinal dele na rua principal ou em qualquer uma das estradas secundárias. Helen tinha imaginado tudo? Ou alguém estava interessado em seus movimentos hoje? Suprimindo sua ansiedade, Helen acertou o indicador e mergulhou para fora da estrada principal em direção a Southampton Central.

64

Sanderson foi atrás dela no minuto em que Helen entrou na sala de incidentes.

Momentos depois, eles estavam acampados no escritório de Helen com as cortinas abaixadas e a porta firmemente fechada.

"Desculpe pelos dramas amadores", disse Sanderson, referindo-se às cortinas fechadas. - Mas achei que você deveria ver isso.

Ela passou um arquivo pela mesa, que continha quatro folhas de papel - todas elas com uma foto de mulher colada no canto superior direito.

- Passei as últimas vinte e quatro horas revisando os registros locais das pessoas desaparecidas e fazendo contato com as agências relevantes. E é lançado quatro possibilidades.

Helen manteve a expressão neutra, mas não gostou do som daquele número.

“Todos eles têm a aparência certa - cabelos escuros, olhos azuis - todos moram sozinhos, têm baixa renda e estão desaparecidos há algum tempo. Duas delas -

Anna Styles e Debby Meeks - parecem ter desaparecido completamente, sem comunicação de qualquer tipo. Os outros dois - Roisin Murphy e Isobel Lansley -

enviam mensagens de texto ou tweet ocasionais.

"Quão ocasional?"

"Não com muita frequência, mas sempre em horários praticamente idênticos."

- Antes que o sinal do celular deles desligue novamente?

- Exatamente - Sanderson respondeu assentindo, sua expressão sombria agora.

'Os horários das comunicações coincidem com aqueles “enviados” por Ruby e Pippa?'

'Sim. Eles são uma combinação perfeita. '

Helen olhou para as fotos deles - Roisin era uma mãe solteira, cravejada de piercings, ásperos nas bordas, mas com olhos de água-marinha deslumbrantes, enquanto Isobel era uma chaleira de peixes muito diferente. Seus olhos eram igualmente impressionantes, mas estavam escondidos atrás de uma longa franja preta. O olhar de Isobel estava voltado para o lado, como se ela não tivesse sido fotografada. Helen exalou longa e fortemente, repentinamente impressionada pelo fato de que ela já poderia estar olhando para os rostos de dois cadáveres.

Ela estava de pé agora e marchando para a porta.

"Assumirei total responsabilidade por seguir essa linha de investigação", disse ela por cima do ombro. Não havia tempo para esperar, não havia tempo para indecisões, e Helen sabia exatamente o que precisava ser feito.

65

Ele já estava sentado na cama quando ela acordou. Ruby sentou-se ereta com um sobressalto, assustada ao encontrá-lo olhando para ela.

- Você teve uma noite difícil - disse ele com simpatia.

Ele estava certo. Ruby passou uma noite sem dormir, acordada pela esperança, mas também pelo medo. O desejo óbvio de seu captor por ela ainda assombrava seus pensamentos acordados.

- Eu estava com frio - mentiu ela, puxando os lençóis ao redor do corpo.

'Vou pegar alguns cobertores extras para você', continuou ele, 'e vou tentar pegar esses livros para você hoje.'

- Obrigada - respondeu ela, ganhando um sorriso em resposta. - Se você estivesse se sentindo bem, há algumas outras coisas que você poderia conseguir para mim também - Ruby continuou, o mais casualmente possível.

Imediatamente, uma carranca passou por seu rosto. Ele estava desconfiado? Ele farejou problemas? Mantendo sua expressão o mais dócil possível, Ruby continuou.

'Eu realmente gostaria de um pouco de maquiagem. Eu adoraria uma escova de cabelo, um batom, alguns frisadores de pestana e, se você não se importar em comprar, um pouco de esmalte.

Ele olhou para ela, sem dizer nada.

- Só quero ficar bonita para você. E acho que mereço, não é?

Outra pausa longa e dolorosa, então ele finalmente abriu um largo sorriso.

- Você ficou nervoso por pedir essas coisas?

Ruby olhou para os sapatos, temerosa de que sua expressão a traísse.

- Não precisa ser. Não me importo quando você é assertivo. É mais parecido com o velho você. '

Ele se levantou neste ponto.

- Vou pegar essas coisas para você. Você . . você vai ficar bonita como uma foto.

Com isso, ele partiu. Assim que ele saiu, Ruby afundou de volta na cama. Tinha custado a última onça restante de compostura para desempenhar seu papel, mas teve um sucesso além de seus sonhos mais selvagens. Ela esperava mais suspeitas, mais resistência, mas na verdade ele tinha caído bem em suas mãos.

A primeira fase de seu plano foi concluída.

66

'Isso está fodidamente fora de ordem e eu não vou tolerar isso.'

Ceri Harwood raramente praguejava. Era estranhamente agradável ver seu

superior perder a calma e Helen resolver, em particular, provocá-la com mais frequência.

"DI Grace conhece a cadeia de comando", continuou a incandescente Harwood. -

Ela sabe que deveria ter vindo primeiro.

O chefe de polícia Stephen Fisher acenou com a cabeça, antes de voltar sua atenção para Helen.

- Você se importaria de me explicar por que não fez isso, DI Grace?

Porque Harwood teria me dito para pular em um lago, Helen pensou, mas engoliu isso. Sua decisão de ir direto ao superior de Harwood foi deliberada - uma aposta calculada.

'Detetive Superintendente Harwood e eu já tivemos essa discussão e ela deixou seus sentimentos claros -'

- Então, por que estamos tendo isso de novo? Fisher interrompeu.

"Porque a situação mudou", respondeu Helen. 'Investigação aprofundada -'

"Investigação que não foi autorizada", interrompeu Harwood.

"Outras investigações revelaram várias vítimas em potencial", continuou Helen. -

Sempre acreditei que o assassino de Pippa tinha potencial para ser um criminoso em série e as evidências agora apontam para isso.

"Provas?" Harwood perguntou, fulminante.

«Roisin Murphy e Isobel Lansley. Duas jovens com a mesma aparência, o mesmo perfil, que estão desaparecidas há mais de um ano e que mandam mensagens e tuítes *nos mesmos horários e nos mesmos locais de* Ruby e da ex-Pippa. A geografia não faz sentido - New Forest, então o centro da cidade de Southampton, então Brighton, então Hastings - seus movimentos são tão aleatórios e improváveis que a única explicação é que alguém está deliberadamente tentando tirar as famílias das mulheres do rastro. Além disso,

quais são as chances de que quatro garotas desconectadas estariam viajando no mesmo padrão aparentemente aleatório? '

- Então você quer voltar para a praia? Fisher interrompeu decididamente.

'Sim. Esse é o único local de depósito que conhecemos e os assassinos em série são criaturas de hábitos. É um local discreto e afastado, que limpa regularmente as evidências da superfície, pegadas e assim por diante. É perfeito para seus propósitos e ele seria um tolo se não o usasse novamente.

'Ele? Você fica se referindo a “ele”. Quem é ele? Você soa como se o conhecesse?

'Não temos nada de concreto até agora -'

- Mas você ainda quer que fechemos uma praia pública, esgotemos nossos recursos cavando grandes áreas dela e criemos uma tempestade profana de preocupação pública e publicidade negativa no processo. Tudo por causa do seu instinto.

'Por causa do padrão de sua ofensa. A chance de ele não ter tentado sequestrar mais vítimas entre Pippa e Ruby é quase zero - e Roisin e Isobel se encaixam perfeitamente.

- Precisamos de mais tempo, Stephen - rebateu Harwood, voltando-se agora para seu superior. 'Vamos investigar as circunstâncias do desaparecimento das meninas e então ver -'

- Já foi feito - respondeu Helen agressivamente. 'Roisin tinha um bebê de um ano quando ela desapareceu. Ela twittou dizendo que ela não poderia lidar com ser

uma mãe mais e é verdade que ela *tinha* lutado às vezes, mas sua família está totalmente convencido de que ela nunca teria voluntariamente abandonou seu bebê. Eles passaram os últimos dois anos procurando por ela. Eles usaram a polícia, pessoas desaparecidas, instituições de caridade locais. Eles até contrataram um detetive particular - nenhuma das “pistas” fornecidas por ela checou no Twitter. Ela simplesmente não foi vista em lugar nenhum desde que desapareceu, *há dois anos* .

'Mesmo assim, as investigações de uma família local não substituem o trabalho

policial adequado', rebateu Harwood. 'Vamos prosseguir nesta linha de investigação de uma forma medida e metódica e ver se alguma dessas' intuições

'dá frutos. Entrar de cabeça em uma grande operação de busca só traz o risco de nos fazer parecer muito tolos.

Ambas as mulheres haviam terminado agora. Fisher olhou para eles, avaliando suas opções. Harwood tinha sido sua nomeação e tinha funcionado bem para ele. É

por isso que Helen ficou surpresa quando ele disse:

- Você tem um dia na praia, Helen. Aproveite ao máximo. '

67

A garota de Boots enfiou as compras em um saco plástico e pegou seu dinheiro sem erguer os olhos. Enquanto caminhava pela loja, sentiu uma pontada repentina de medo - as pessoas olhariam de soslaio para um cara com uma cesta cheia de maquiagem? O jornal local ainda estava indo para a cidade com a história de Pippa Briers, exortando seus leitores a manterem os olhos abertos para qualquer atividade suspeita que pudesse levá-los ao assassino. Eles chegaram até a publicar um 'perfil' detalhado do ofensor, descrevendo sua provável raça, formação, linguagem corporal e psicologia. Era tudo lixo, é claro, mas algumas de suas suposições sortudas o deixaram inquieto. Então, ele preparou uma história de capa detalhada - até mesmo colocando um anel velho riscado no dedo indicador para fazê-lo parecer um marido e pai sólido - mas, no caso, essas precauções se mostraram totalmente desnecessárias. Como a maioria dos jovens, a vendedora só estava interessada em si mesma - preguiçosamente pegando seu smartphone no minuto em que terminou de servi-lo.

A visão da garota checando suas mensagens o lembrou de uma tarefa importante que ele havia esquecido. Normalmente, ele teria pegado um trem ou ônibus em algum lugar antes do trabalho - ele tinha Bournemouth em mente dessa vez - para enviar uma rápida rodada de mensagens de texto e tweetar antes de retornar a Southampton no mesmo trem. Era uma boa maneira de afastar as pessoas do cheiro, sem perder muito tempo do seu dia de trabalho.

Mas, tendo feito um desvio para Boots em um intervalo prolongado para o almoço, ele não teria tempo para isso hoje. Assim, procurando um local

tranquilo no Common, ele começou a enviar as mensagens habituais. No passado, ele desfrutou desse prazer culpado - escalar a identidade dessas garotas e falar por elas -, mas mais uma vez ele se sentiu tenso ao fazer isso. Ele corria o risco de tweetar tão perto de seu local de trabalho, sem dúvida, e isso roubava o prazer da pequena rotina.

- Engraçado como a vida continua te chutando quando você já está no chão. Estou me acostumando ', ele tuitou do telefone de Roisin. Ele sempre teve o cuidado de levar em consideração os erros de ortografia e abreviações que essas garotas gostavam tanto. Roisin sempre foi meio que Jeremiah, pensaria que estava em um buraco negro, então era definitivamente seu personagem balbuciar sobre a injustiça da vida. Ele acrescentou mais alguns pensamentos cínicos, enviou algumas mensagens de texto, desligou o telefone dela e colocou-o de volta na bolsa.

O som da conversa o fez erguer os olhos. Duas mães tagarelavam alto enquanto empurravam seus carrinhos. Assustado, ele se esgueirou mais para dentro da vegetação rasteira. Ele esperou até que eles tivessem ido embora, antes de puxar o telefone de Ruby de sua bolsa. Ele fez o necessário, mas seu humor não melhorou.

Ele não conseguia escapar da sensação de que coisas significativas estavam acontecendo - coisas sobre as quais ele não tinha controle. Anteriormente, ele mantinha essas garotas vivas, sabendo que ninguém sabia que elas estavam mortas. Ele se deleitou com essa liberdade e total falta de suspeita. Mas a descoberta do corpo de Pippa Briers mudou tudo. Agora uma grande investigação de assassinato estava em andamento, liderada por DI Helen Grace. Pela primeira vez em sua curta vida, ele agora entendia como era ser caçado.

68

As duas mulheres estavam virtualmente cara a cara, nenhuma recuou. Sanderson normalmente não atacava com força total, mas ela estava muito enfurecida para recuar. O DC Lucas claramente sentiu o mesmo, rosnando para Sanderson para

'voltar para sua caixa'.

Sanderson poderia felizmente ter balançado para seu colega. Tinha sido ideia *dela* colocar as empresas de telefonia móvel em alerta para qualquer sinal de sinais de telefone das meninas desaparecidas e agora que o plano tinha valido a

pena, ela estava chateada se fosse ficar de lado e deixar DC Lucas cuidar disso. Os sinais móveis haviam surgido brevemente em algum lugar perto de Southampton Common, e a coisa mais inteligente a fazer era descer o mais rápido possível, para investigar testemunhas, obter imagens de CCTV, procurar qualquer sinal do assassino.

"O DS Fortune me deixou especificamente no comando", Lucas estava dizendo. 'Se algo significativo acontecesse enquanto ele estava na praia, eu deveria cuidar disso.'

Sanderson estava prestes a voltar para ela, mas o DC Lucas ainda não havia terminado.

- E cada minuto que você passa discutindo comigo reduz as chances de pegarmos esse cara e levar Ruby para casa sã e salva. Você entende, DC Sanderson?

Lucas havia pronunciado as sílabas do nome de Sanderson deliberadamente devagar - para sublinhar o que ela queria dizer. Os olhos do resto da equipe estavam nela agora e não havia como ela continuar a lutar, sem parecer irresponsável. Com má vontade, ela recuou e voltou para sua mesa.

Desde que a investigação se alargou para incluir Roisin Murphy e Isobel Lansley, Sanderson esteve ocupado compilando dossiês sobre as duas mulheres, escalando suas vidas para testar a teoria de Helen sobre seu sequestro. Ela havia feito um bom progresso, mas agora folheava as páginas com indiferença, ainda fervendo de raiva por causa do confronto com Lucas. Ela nunca gostou do fast-tracker sem humor, cuja ambição era tão mal disfarçada, mas agora ela estava começando a odiá-la. Esse tipo de conflito era desnecessário e contraproducente. Corria o risco de colocar a equipe uma contra a outra, o que só poderia atrapalhar a investigação.

Era ultrajante da parte de Lucas acusá-la de arriscar vidas, quando *ela* era aquela cujo ego poderia custar caro.

Sanderson voltou para a tarefa em mãos, arrancando sua mente de crucificar Lucas para o importante trabalho policial à sua frente. Ela não deve comprometer seu próprio trabalho por raiva ou amargura - isso não seria justo com Ruby ou Pippa.

Então ela continuou a folhear os arquivos, comparando diligentemente a vida de Roisin - uma mãe solteira de extração anglo-irlandesa que vivia de benefícios em um pequeno apartamento em Brokenford - com a de Isobel Lansley, uma estudante da Universidade de Southampton sobre a qual eles conheciam quase nada. Ela tinha poucos amigos, pouco dinheiro, nenhum emprego ou hobbies. Tudo o que sabiam sobre ela era que ela vivia em um apartamento de uma cama em -

Sanderson parou no meio do caminho, seu coração disparou de repente.

Verificando os detalhes novamente, ela folheou rapidamente o arquivo crescente de Roisin, procurando a entrada relevante. E aí estava. A descoberta tirou o fôlego de Sanderson.

Finalmente, eles tiveram a pausa de que precisavam.

69

As três figuras estavam sozinhas, açoitadas pelo vento que rugia vindo de Solent.

Helen estava de um lado do trio, Harwood do outro, com um desconfortável DS

Fortune no meio. As duas mulheres mal se falavam desde a chegada e o ambiente estava tenso. Helen teve a sensação de que Lloyd preferia estar em qualquer outro lugar que não aqui, mas isso era uma pena. Isso era muito importante para não ter seu braço direito ao seu lado.

A praia estava deserta quando eles chegaram, então protegê-la não foi difícil. Dada a breve janela que ela teve permissão, Helen puxou todos os obstáculos, arrastando uma dúzia de policiais uniformizados fora do ritmo, para que a praia pudesse ser fechada com fita rapidamente e os avisos públicos necessários erguidos. Ninguém estava nadando nesta praia hoje.

Uma equipe da POLSA foi retirada da Polícia de Kent, chegando a Carsholt em menos de duas horas - Helen os havia alertado sobre a urgência da situação. Eles estavam agora trabalhando, os detectores de metal, cães cadáveres e radar de penetração no solo vasculhando a vasta extensão de areia em busca de quaisquer sinais de sepultamento, deposição ou restos humanos. O bip ocasional dos detectores de metal era tudo que Helen conseguia ouvir acima do vento.

A praia se apresentava sob uma luz muito diferente da última vez que Helen esteve aqui. Quando encontraram Pippa, o tempo estava incongruentemente glorioso, o sol batia nos oficiais do SOC enquanto eles concluíam seu meticuloso trabalho forense. Hoje o sol havia desaparecido atrás de nuvens cinzentas que se avultavam, escondendo seu calor e alegria da cena. Até o mar parecia estar entrando em ação, furioso e quebrando nas ondas próximas.

O detetive Fortune deu uma olhada no relógio.

- Quantas horas de luz do dia nos restam? Helen perguntou a ele.

"Por volta das sete", ele respondeu rapidamente. Sua voz estava cortada, impregnada da ansiedade de um homem servindo a dois senhores.

"Sete horas antes de encerrarmos essa farsa", acrescentou Harwood. - Você está planejando ficar aqui o dia todo, DI Grace? Ou você tem algum trabalho policial a fazer?

- Vou ficar o tempo que for necessário - Helen respondeu calmamente. Ela não iria se envergonhar discutindo com Harwood na frente de um oficial subalterno. Afinal, nosso tempo é limitado.

Harwood não respondeu, então Helen entendeu isso como sua deixa, dirigindo-se para a beira da água. Uma vez lá, ela se virou, apreciando o panorama completo da praia de Carsholt. Harwood e Fortune estavam conversando com facilidade - mais relaxados agora que Helen os deixara - em nítido contraste com os homens e mulheres de Kent, que haviam elaborado uma grade e agora vasculhavam cada centímetro dela.

Helen sentiu a tensão dentro de si aumentar enquanto observava seu paciente e diligente trabalho.

Ela tinha sido muito precipitada em ordenar a busca? Ela tinha pouco crédito com o chefe de polícia Fisher e menos ainda com Harwood, então seria difícil agora pedir recursos extras mais tarde na investigação, se a busca de hoje se mostrasse infrutífera. Por um momento, Helen repreendeu-se por sua impaciência característica. Era como uma obsessão para ela, o desejo de perseguir pistas, de completar a história, de descobrir o que havia acontecido. Depois de entrar em

uma investigação dessa magnitude e urgência, era difícil arrancar sua mente dela, pois você constantemente verificava e verificava suas suposições para ver se havia algo que você poderia estar fazendo melhor ou mais rápido. Era difícil dormir e era quase impossível relaxar, mas era como deveria ser. Você não veio para essa linha de trabalho por uma vida fácil - você o fez porque queria fazer a diferença.

Helen despertou de seus devaneios, porque uma unidade da equipe POLSA havia parado de repente. Eles não estavam mais penteando, estavam cavando. Helen correu pela areia, chegando ao quarteto de oficiais, pouco antes do DS Fortune. O

olhar em seus rostos disse tudo.

"Encontramos algo."

70

Southampton Common parecia desolado e sinistro sob as nuvens cinzentas. Um lugar adequado para um assassino vagar, DC Lucas pensou consigo mesma. Ela era nova em Southampton e ainda não o conhecia bem, então trouxe tantos policiais uniformizados quanto pôde reunir. Caras bons e honestos que conheciam cada centímetro deste terreno e podiam ser seus guias.

Espalhando-se, eles começaram sua tarefa, parando corredores, mães, homens de negócios e até mesmo funcionários do conselho que cortavam a grama, perguntando o que estavam fazendo e quem tinham visto no Common naquela manhã. A grande maioria ficou perplexa com as perguntas, outros ficaram taciturnos e desconfiados, com medo de ser arrastados para algo que não tinha nada a ver com eles. Foi um esforço exaustivo e potencialmente infrutífero - muitas pessoas usaram o Common durante o curso da jornada de trabalho. Mas ele estava aqui em algum lugar.

Os sinais móveis ganharam vida há pouco menos de 45 minutos. Se Lucas não tivesse que enfrentar DC Sanderson, ela teria chegado ainda mais cedo, mas ainda estava satisfeita com a velocidade de sua resposta. Ela agora tinha seis oficiais do CID, além dela, e quinze policiais uniformizados vasculhando cada centímetro do Common. Eles podem ter sorte, ou não. Mas algo em suas águas disse a Lucas que eles teriam sorte hoje.

Ela havia se aventurado fora da trilha batida agora, afastando-se do corpo do grupo de busca para a vegetação rasteira mais densa perto do Centro de Vida Selvagem.

Era estranhamente bonito aqui, apesar do céu cinza que emoldurava a floresta. As árvores eram velhas, com galhos pendentes característicos e folhagem densa. E

eles estavam cheios de pássaros, que chamavam uns aos outros enquanto Lucas escolhia um caminho cuidadoso nas profundezas da floresta.

Crunch.

Lucas congelou, seus sentidos repentinamente alertas. Ela olhou ao redor dela, mas não conseguiu ver nada.

'Polícia. Quem está aí?'

Nada ainda. Um silêncio que pareceu durar para sempre, então: Crunch. Crunch. Crunch. De onde vinha o som? Ela se esforçou para ouvir, mas, achando impossível localizar a causa, tomou uma decisão repentina e mergulhou por entre a folhagem à sua direita.

De repente, aconteceu. Uma figura disparou. O crunch, crunch obviamente tinha sido ele se afastando, mas agora ele estava em pleno vôo. Lucas estava atrás dele em um piscar de olhos, correndo sobre o chão da floresta e pulando troncos caídos em sua perseguição. Lucas sempre foi um bom velocista e ela precisava de cada grama de sua habilidade agora, enquanto o fugitivo disparava graciosamente sob os galhos e arbustos redondos, com a intenção de escapar. Ele conhecia a floresta muito melhor do que ela, então enquanto parecia deslizar desimpedido pela floresta, Lucas foi açoitado por espinhos e galhos, arranhando a pele de seu rosto e braços. As árvores estavam diminuindo agora, no entanto, e Lucas viu sua chance.

Cortando o canto da madeira, ela aumentou sua velocidade um pouco mais. Ela estava fazendo uma aposta calculada de que o homem que ela perseguia carregaria para a esquerda ao deixar o santuário da floresta, indo para o movimentado centro da cidade, em vez de se expor para ser capturado em terreno aberto do Common.

Correndo para fora da floresta, o homem virou bruscamente à esquerda e correu para a saída do parque. Wham! Lucas o derrubou, envolvendo seus braços em volta de suas pernas, derrubando-o com força no caminho de concreto. Ela se levantou rapidamente e o pressionou com força contra o quadro de avisos do parque. Ele já estava algemado e obediente quando os outros policiais chegaram para ajudar.

O pulso de Lucas estava acelerado, mas seu triunfo durou pouco. O 'homem' que ela perseguia tinha dezesseis anos. Um adolescente com gosto por drogas leves e dois saquinhos de cannabis de tamanho decente no bolso. O que ele não tinha, logo ficou claro, eram telefones celulares.

Amaldiçoando, Lucas o entregou ao uniforme e voltou à caça. Outros vinte minutos se passaram e estava claro para ela agora que, a menos que seu assassino tivesse o desejo patológico de ser pego, ele já teria partido há muito tempo.

71

Helen ficou na beira da trincheira, enquanto a equipe continuava suas escavações.

Seu radar de penetração no solo detectou duas formas volumosas enterradas nas profundezas da praia em locais que estavam a apenas alguns passos um do outro.

O corpo inteiro de Helen estava rígido, esperando que ela estivesse errada, mas temendo que eles tivessem encontrado o que procuravam.

"É uma jovem mulher."

As palavras foram ditas de forma simples, mas afetaram todos que as ouviram.

Algumas coisas com as quais você nunca se acostuma e a perda de uma vida jovem sempre foi particularmente perturbadora. Helen se abaixou na trincheira, tomando cuidado para não impedir os esforços da equipe ou atropelar evidências potenciais.

Como no caso de Pippa, a areia fria fez um bom trabalho preservando sua carga.

Houve apenas uma ligeira decomposição e a jovem parecia ter simplesmente

adormecido um metro abaixo da praia. Estranho que pessoas que encontraram seus fins em circunstâncias tão terríveis possam parecer tão pacíficas.

Usando ferramentas e pincéis finos, a equipe havia agora revelado o rosto da mulher e o cabelo preto úmido que o emoldurava. Helen examinou-o de perto.

Havia dois pequenos orifícios em sua narina direita, mas, como com Pippa, as joias foram removidas. Qualquer maquiagem que pudesse ter existido também tinha desaparecido, a umidade e o movimento da areia esfregando efetivamente a jovem.

Havia uma simplicidade gritante em seu rosto, os traços orgulhosos e indisfarçáveis. Foi lindo, mas também esmagador. Helen tinha visto as fotos, lido os arquivos e, olhando para o rosto abaixo, não tinha dúvidas de que agora estava olhando para os restos mortais de Roisin Murphy.

Helen estava tentada a deixar Roisin agora. O resto da equipe estava no outro local de escavação, a vinte metros de distância, desenterrando outra forma, e era importante estabelecer o mais rápido possível se ela era a outra garota desaparecida - Isobel Lansley. No entanto, algo fez Helen parar. É estranho a conexão que você pode fazer com alguém que nunca conheceu antes, alguém cuja vida foi destruída meses, possivelmente anos, atrás. Mas Helen não era a única a querer se apegar à pobre garota, agora que ela havia sido descoberta. Sua família estava procurando por tanto tempo, esperando contra a esperança de que ela estivesse bem, se perguntando se Roisin voltaria para seu filho. A incerteza havia acabado agora - eles nunca veriam sua filha, mãe e amiga borbulhante e problemática novamente. Ela havia sido decepcionada por aqueles ao seu redor e cruelmente decepcionada pela vida e - embora não houvesse nada que pudesse ser feito por ela - parecia errado abandoná-la agora.

Não fazia muito sentido, mas ninguém sairia da trincheira antes de libertar a jovem de sua tumba. Havia algo de terno na maneira como a equipe tirou seus ombros e braços da areia. Obviamente, foi feito para preservar as evidências e a cena, mas foi estranhamente comovente, um ato final de bondade em uma vida breve e brutalizada. Helen fez uma nota mental para agradecer à equipe mais tarde por seu profissionalismo e cuidado.

A mente de Helen já estava avançando, esboçando as palavras que usaria para contar à família de Roisin a terrível notícia, mas o que viu de repente baniu todos

esses pensamentos. O ombro esquerdo e o braço de Roisin agora estavam totalmente expostos e a visão fez o sangue de Helen gelar.

Lá, parada orgulhosa em seu ombro nu e pálido, estava uma pequena tatuagem de pássaro azul.

72

Ruby olhou para seu reflexo, mas viu um estranho olhando para ela. Na parte de trás da melhoria no relacionamento deles, Ruby persuadiu seu captor a deixar as luzes principais acesas durante o dia e empurrou sua sorte ainda mais, pedindo um espelho. Ele recusou, é claro - não havia nenhuma maneira de dar a ela o copo, ou qualquer outra coisa que pudesse ser transformada em uma arma.

Mas, em deferência aos desejos dela, ele encontrou algumas folhas de Mylar e fez uma espécie de espelho. Levou apenas alguns minutos para encontrar as folhas reflexivas no andar de cima e Ruby se perguntou que tipo de trabalho ele fazia.

Mylar era usado para fazer aqueles balões de hélio prateados brilhantes - ele era algum tipo de artista infantil? Ele trabalhava em uma loja de presentes?

Empurrando esses pensamentos de sua mente, Ruby se olhou em seu 'espelho'. Ela já estava muito mais magra, a ansiedade e a negação da comida perdiam os quilos rapidamente. Ela podia ver suas costelas agora - todas elas - e seus braços pareciam ossudos também. Ruby se perguntou quanto tempo ela poderia sobreviver aqui e mais uma vez visões de fuga encheram seus pensamentos. Seu corpo esquelético e as feições encovadas de seu rosto exigiam ação. Ela estava começando a parecer uma daquelas pobres crianças que você vê em apelos de caridade.

Seu plano estava em jogo e esta noite ela veria se ele tinha concordado. A expectativa era horrível. Ele tinha conseguido o que ela precisava? E o mais importante, se ele tivesse feito isso, ela teria coragem de ir até o fim?

73

Ela deslizou a chave na fechadura e provocou a porta aberta. Ela realmente deveria ter voltado para a estação após as descobertas na praia - para informar Stephen e falar com a Media Liaison - mas ela não podia enfrentar isso. Sua

boca estava seca, sua cabeça latejava e ela só queria deixar o mundo fora por um tempo.

Mais uma vez, Helen Grace a fizera parecer uma idiota. Ela havia argumentado vigorosamente para não perder tempo e recursos cavando a praia e, embora nem ela, Helen nem Stephen voltassem a mencioná-lo, ambos seriam lembrados. Para Helen, isso confirmaria sua impressão de que seu chefe era um político e jóquei de escritório em vez de um policial de verdade, mas o mais preocupante seria um retrocesso em suas relações com Stephen. Ele a conhecia bem e sempre gostou dela, mas ultimamente ela tinha começado a questionar onde estava sua lealdade.

Ele estava atraído por Helen? Muitos homens eram, apesar do fato de que ela era totalmente inalcançável. Ou ele foi apenas seduzido por seu status como o rosto heróico do policiamento de Southampton? Mais uma vez, Helen provou que tinha faro para os grandes casos que definiam sua carreira. E se ela conseguisse trazer outro serial killer, isso iluminaria ainda mais a reputação de Stephen. Deixando-a como o cara mau que quase bagunçou tudo.

Abrindo a geladeira, Ceri Harwood tomou um grande gole de Chardonnay direto da garrafa e segurou o copo gelado contra sua cabeça furiosa. Era bom e de repente tudo o que ela queria fazer era encontrar Tim, aninhar-se no sofá e terminar o resto. Esse pensamento encorajador a despertou para a ação e ela subiu as escadas de dois em dois. Tim costumava trabalhar em casa e estava constantemente insistindo para que ela voltasse mais cedo, para que pudessem passar mais tempo juntos. Ela raramente obedecia - como ela poderia em sua posição? - mas depois de adiar o trabalho, ela se sentiu animada com a ideia de surpreendê-lo com sua aparição repentina.

Ela estava na metade do último lance de escadas para o escritório do sótão quando fez uma pausa. O escritório estava silencioso, mas havia ruídos vindos de outros lugares. Do quarto deles. Ela podia ouvir Tim, mas também tons femininos. Rindo, conversando e muito mais.

Ceri tentou se mover, mas seus pés permaneceram firmemente plantados na escada. O que se faz nessas situações? Esgueirar-se ou enfrentar? Ela queria fazer o primeiro - Deus, ela queria fazer isso - mas algum vestígio de orgulho pessoal agora a forçava a escolher o último caminho. Reunindo sua coragem, ela marchou para frente, girou a maçaneta e entrou.

A confusão começou assim que ela entrou. Surpresa, depois choque, depois desculpas em pânico, enquanto os amantes nus lutavam para se tornarem decentes. Tim já estava no meio da sala, tentando conduzi-la para fora do quarto, mas ela não o viu. Ela tinha olhos apenas para seu amante. A mulher que ela tinha a tarefa de embelezar em inúmeras ocasiões, quando ela jantava na casa deles. Lucy White.

Encolhendo os ombros para o marido, Ceri Harwood tropeçou escada abaixo para a cozinha. Seu primeiro pensamento foi para as meninas - ela não queria que elas entrassem nisso - então ela se viu mandando uma mensagem de texto para outra mãe da escola para ver se ela poderia pegá-las. Ela inventou uma desculpa esfarrapada para a emergência repentina, que a deixou bruscamente. É assim que

seria agora - mentir para encobrir sua dor e a transgressão de Tim? O que *são* você deveria dizer a seus filhos nessas situações?

Ceri sentou-se na cadeira dura da cozinha. Nada disso parecia remotamente real, mas quando ouviu a porta da frente fechar silenciosamente e os passos suaves de Lucy descendo os degraus para a liberdade, ela soube que era. Este dia começou mal, ficou cada vez pior e terminou em horror absoluto.

Tudo o que ela tinha que esperar agora eram as consequências.

74

Eles estavam encerrados em um lugar confortável na parte de trás do restaurante, longe de olhos curiosos. O primeiro instinto de Helen foi pedir a Daniel Briers para vir à estação, mas ela pensou melhor. Muito pouca privacidade e muito formal - ela detestava as paredes bege tristes da sala dos parentes, que pareciam minar a força e o otimismo de todos que nela pisavam. Portanto, embora um restaurante sofisticado fosse um lugar incomum para informar Daniel sobre os desenvolvimentos, Helen sentiu que tinha feito a escolha certa. O relacionamento deles já havia progredido muito além da formalidade costumeira.

Daniel ouviu atentamente enquanto Helen o contava sobre as descobertas na praia.

Ela tinha sido leve nos detalhes - viva para o tormento adicional que ela podia ver que estava infligindo - mas o impulso de sua mensagem era claro.

- Ele é um infrator em série? Um . . assassino em série? Daniel fechou os olhos enquanto dizia as palavras.

"Essa é a nossa crença."

- Meu Deus, o que ela deve ter passado?

Ele olhou para ela com uma expressão que era parte angústia, parte necessidade.

Como todos os parentes nessas situações terríveis, assim que o pior foi confirmado, Daniel esperava uma condenação rápida e uma explicação clara e compreensível. Um incidente doméstico. Um crime passional. Um atropelamento.

Mas imaginar sua filha como a vítima - o brinquedo - de um assassino em série . .

era demais para qualquer um aceitar.

- O que ele fez com eles?

Helen notou como ele falava sobre "eles", como se em sua mente os novos corpos na praia estivessem de alguma forma divorciados do caso de Pippa. Ela não o culpava por isso - ela faria exatamente o mesmo no lugar dele -, mas para ela estava claro que todas as três mulheres haviam sido vítimas de um assassino prolífico e experiente. As circunstâncias de seu enterro, a maneira cuidadosa como eles foram retirados de todas as características de identificação e mais perturbadoramente a tatuagem de pássaro azul que eles encontraram em todos os três cadáveres - era o mesmo cara.

- Ainda estamos investigando isso - Helen respondeu, evitando qualquer menção a necrotérios e autópsias. 'Mas não há nenhum sinal de que ele infligiu violência sobre eles e não parece que ele tinha motivação sexual . .'

- Então, o quê, ele simplesmente os matou de fome?

- Não sei, Daniel, mas vamos descobrir.

Daniel percebeu, mas não disse nada, olhando para seus pés. Helen tentou instintivamente entrar em sua cabeça, imaginando as situações terríveis que

estavam acontecendo para Daniel - sua filha, sozinha e assustada, enfrentando uma morte lenta e prolongada. Esperando contra a esperança de que a única pessoa que realmente a amava - seu pai - iria resgatá-la de um pesadelo vivo. Quando ela percebeu que ninguém estava vindo?

- Você vai pegá-lo, não é? ele disse finalmente, sua voz falhando enquanto ele fazia isso.

- Eu te dei minha palavra. Pippa terá justiça.

Ele olhou para ela, seus olhos cheios de lágrimas. Pegando a mão dela, ele simplesmente disse:

- Deus te abençoe, Helen. Saúde.'

75

Ele estendeu sua bagagem na cama. Era como uma caverna de Aladim de cosméticos baratos e parecia exótica e glamorosa no porão sombrio. Ele não pôde evitar um sentimento de satisfação silenciosa. Ela havia pedido algo a ele e ele entregou mais do que ela poderia ter sonhado.

Ela estava sorrindo de orelha a orelha. Cantando seus louvores, cobrindo-o de elogios. Quão tolas suas desavenças e disputas mesquinhas pareciam agora. Por que ele sempre esteve preocupado? Ela só precisava de um pouco de invasão. Mas o esforço valeu a recompensa e ele se aqueceu agora com o brilho caloroso de sua aprovação.

'Eu não tinha certeza do que você queria, então comprei um lote de trabalho.

Rímel, batom, modelador de pestanas, coisas para unhas.

Ele amava todas as cores - os tubos de ouro, os batons vermelhos profundos, o verniz de unhas rosa chocante. A feminilidade de tudo isso o emocionou e despertou.

'Obrigada.'

- Se você gosta disso, podemos pensar em outras coisas também. Algumas roupas novas, talvez algumas roupas íntimas . . '

Ele disse essa última parte rapidamente, não querendo parecer envergonhado na frente dela, antes de listar outros luxos e bugigangas de que ela poderia gostar.

Todo o tempo ele podia sentir sua ereção crescendo. Pensar nela como seu pequeno pedaço do céu, escondido do mundo, era demais.

Ele se desculpou e saiu correndo. Assim que a porta pesada foi trancada e trancada atrás dele, ele se encostou no metal frio, apreciando sua sensação calmante. Ele havia passado por tanta coisa, sofrido tão horrivelmente, mas finalmente tudo ia ficar bem. Ela era *sua* agora.

76

Que porra ele estava fazendo lá fora?

Ruby se sentou na cama, o corpo rígido de tensão. Seu captor havia fechado e trancado a porta, então por que ele não ia a lugar nenhum? Seus olhos estavam fixos na portinhola - a qualquer momento ela esperava que ela se abrisse. A claustrofobia total de sua situação de repente o atingiu. Ela não tinha controle aqui.

Ainda sem som, sem movimento. Ela havia julgado mal a situação? Ele não confiava nela? Ela olhou para os cosméticos espalhados na cama. Bugigangas ridículas para criar uma realidade horrível. Ela havia presumido que a compra sinalizava algo -

uma vontade de confiar nela - mas agora ela não tinha tanta certeza. Ela havia construído isso em sua cabeça demais para cair no primeiro obstáculo.

Em seguida, passos se afastando suavemente. Finalmente desaparecendo todos juntos. Mesmo assim, Ruby ficou imóvel. Não acreditando muito. Não querendo apressar as coisas, caso ele voltasse repentinamente.

Mas o silêncio permaneceu imperturbado, então ela rapidamente se abaixou e agarrou os curvex. Ela os testou e sondou com os dedos - já que esperava que fossem do tipo barato de rua, ao invés de qualquer coisa profissional. Agarrando a cabeça curva do modelador, ela empurrou e puxou, tentando afrouxá-la. Mas não iria quebrar. Amaldiçoando, Ruby ergueu a perna de ferro da armação da cama e empurrou-a com firmeza sobre a cabeça do modelador, prendendo-a ao chão, antes de puxar o resto do modelador para trás com força. Com um estalo

satisfatório, ele se soltou. Levantando a cama mais uma vez, ela tirou a cabeça modeladora e pressionou-a com o calcanhar. Delicadamente no início, mas depois com mais força, pisando no pequeno pedaço de metal. O chão duro e empoeirado produziu apenas um baque surdo, e estranhamente Ruby se sentiu totalmente a salvo de ser detectada. A adrenalina a estava deixando imprudente.

Ela fez uma pausa agora, enxugando o brilho de suor de sua testa. Erguendo o pé, ela viu que a peça curva de metal agora estava plana.

Pegando-o, ela levantou os lençóis, cobertor e, eventualmente, o colchão para fora da estrutura da cama de ferro. O tempo era essencial agora. Agachando-se, ela examinou a estrutura da cama exposta. Era uma estrutura de metal pesada - quatro pernas, uma armação de cama e uma cabeceira. A armação da cama estava conectada à cabeceira da cama por dois parafusos de metal. Eles haviam sido aparafusados com muita força e se mostraram imóveis até agora, mas agora Ruby começou a trabalhar neles, prendendo o modelador achatado na fenda do parafuso e girando-o o mais forte que pôde.

Nada. Não dá absolutamente. Ruby já podia sentir as lágrimas subindo por ela. Ela renovou seus esforços. Alguns segundos depois, ela cedeu, praguejando.

Certamente tudo isso não foi em vão?

Reunindo seus últimos resquícios de determinação, Ruby se aplicou mais uma vez.

Seus dedos protestaram enquanto ela se retorcia com todo o seu valor, os finos lados de metal do modelador cortando-os. Ela se esforçou mais, podia sentir a pele dos dedos se partindo agora, então finalmente aconteceu. O parafuso começou a se mover. A princípio com relutância, depois com entusiasmo e em pouco tempo ela o segurou na mão.

Um já foi, faltam três.

77

Lloyd soube que algo estava seriamente errado no momento em que ela abriu a porta para ele. Ceri Harwood sempre foi tão bem apresentada, tão terrivelmente no controle de si mesma e de sua situação, que ele ficou momentaneamente sem palavras. Ele nunca a tinha visto parecer abalada e *certamente* nunca a tinha

visto bêbada antes. Ela atribuía a fala arrastada aos comprimidos que tomava para resfriados, mas Lloyd podia sentir o cheiro do vinho em seu hálito.

Ela obviamente tinha esquecido que eles deveriam se encontrar hoje à noite, o que o irritou - como ela poderia ser tão cavalheira? Ela olhou para ele sem expressão no início, como se estivesse tentando identificá-lo, então, sem dizer uma palavra, se virou e voltou para dentro. Lloyd se sentiu um idiota parado ali, segurando sua pequena bolsa Jiffy, como um carteiro indesejado. O que ele deveria fazer? Entrar ou esperar aqui? Ele tinha sido dispensado? Ou bem-vindo?

Lloyd entrou rapidamente. Ele estava aqui para fazer um trabalho e ir embora -

não adiantava ficar onde as pessoas poderiam vê-lo. Um rosto negro nesta parte da cidade despertaria mais interesse do que o normal e ele queria ser o mais anônimo possível.

'Olá?' Sua voz parecia ecoar na casa espaçosa e bem equipada.

'Lá embaixo' foi a resposta apática de dentro.

Ele desceu uma escadaria em espiral íngreme até a grande cozinha do porão. Ele se repreendeu por isso, mas se sentiu profundamente desconfortável aqui. Ele não tinha problemas com pessoas ricas, com gente aproveitando os frutos de seu trabalho, mas isso era tão estranho para ele. Ele nunca conheceu luxo ou privilégio.

Ele não saberia o que fazer com uma casa desse tamanho, mesmo se ele tivesse uma.

'Bebida?'

Harwood sorriu severamente para ele, enquanto ela enchia um copo até a borda.

'Eu estou bem - eu preciso voltar.'

- Bobagem - respondeu Harwood, colocando o copo na mão. - Então, quais são as notícias da frente?

Lloyd olhou para o copo em sua mão e a raiva o invadiu. Ela não tinha o direito

de brincar com ele.

- Os corpos foram exumados agora e estão com Jim Grieves. Ainda não os identificamos oficialmente, mas temos noventa e nove por cento de certeza de que são Roisin Murphy e Isobel Lansley.

Harwood esvaziou seu copo.

'Aperte?'

- Nada ainda, mas fechamos a praia novamente, então não vai demorar muito para respondermos a perguntas. Discutimos uma estratégia de mídia com o contato? '

- Apenas dê aos hacks cópias autografadas da foto de Helen. Isso deve fazer o trabalho. '

Lloyd percebeu que ela estava tentando fazer o humor, o que só tornava toda a situação mais surreal. De repente, ele queria estar fora deste lugar. Ele não tinha ideia do que causou essa explosão de comportamento atípico, mas ele não gostou.

Pela primeira vez, ele percebeu que talvez Harwood não estivesse no controle da situação como ela afirmava estar.

'Aqui.'

Ele estendeu o pacote Jiffy para ela.

- Ponha de lado - disse ela, gesticulando na direção da ilha obscenamente grande com tampo de mármore, antes de ir mais uma vez para a geladeira.

- Que porra você pensa que está jogando?

Finalmente, a raiva de Lloyd explodiu.

- Você tem ideia de como isso é perigoso? Para mim? Para nós? Se você está tão desinteressado, por que começou tudo isso?

Harwood fez uma pausa e se virou. Ela pareceu surpresa, ao invés de ofendida,

por suas palavras. Ela olhou para o pacote e seu rosto se suavizou. Lentamente, ela voltou para ele.

- Perdoe-me, Lloyd - disse ela suavemente. "Foi o pior de todos os dias."

Ela parecia incerta se deveria continuar. De sua parte, Lloyd não sabia o que dizer.

'Eu sei como isso deve parecer. Mas sou grato por tudo que você fez. Eu sei que sempre posso contar com você. '

Ela olhou para ele calorosamente.

'Então, vamos esquecer meu mau comportamento, tomar uma bebida e conversar sobre outra coisa, certo?'

'Eu não quero me intrometer. Especialmente se Tim estiver em casa e . . '

"Eu o chutei para fora."

Lloyd ficou sem palavras mais uma vez. Ela não parecia interessada em elaborar mais. Harwood deu um passo para mais perto dele, o nariz dela agora a apenas alguns centímetros do dele.

- Então, por que você não se senta no sofá, toma uma bebida e relaxa?

Ao dizer isso, ela passou o dedo pelo rosto dele, roçando seus lábios e queixo antes de descansar em seu peito. Os olhos dela brilharam ferozmente para ele, mas ele não sentia nenhum desejo por ela, apenas uma mistura de horror e pena.

Tirando delicadamente a mão dela, ele colocou o copo ainda cheio na dela e disse:

"Eu realmente preciso voltar para casa."

78

Jim Grieves nunca falava muito, mas hoje estava incomumente taciturno. A razão para isso era óbvia - duas mulheres parcialmente decompostas jaziam em lajes vizinhas em seu necrotério. Isso significou um aumento repentino na carga

de trabalho para Jim - o que ele nunca apreciou - mas mais do que isso significava algumas horas deprimentes passadas na companhia de dois jovens que deveriam ter toda a vida pela frente. Jim, na casa dos cinquenta e poucos anos, era truculento e sarcástico, conduzindo seu trabalho com humor negro, mas ele também tinha filhas crescidas e Helen percebeu que ele foi afetado pelas últimas chegadas ao necrotério.

'Roisin Murphy e Isobel Lansley', Jim começou, 'Pessoas Desaparecidas tinham seus registros dentários em arquivo. Mandei amostras de DNA para checagem dupla, mas são eles.

Helen acenou com a cabeça.

'Quanto tempo?'

'Roisin cerca de dois anos. Isobel menos - de um ano a dezoito meses.

Mais duas meninas sobreviveram do além-túmulo por meio de tuítes e mensagens de texto. Helen não ficou satisfeita ao ver que ela estava certa sobre a necessidade do assassino de novas vítimas.

- Vou precisar de um pouco mais de tempo para dar a causa da morte. Mas é provável que ambos tenham sofrido algum tipo de falência de órgãos. Eles passaram fome e foram mantidos na escuridão. Como Pippa, seus olhos se deterioraram, eles têm uma ausência completa de vitamina D em seus sistemas, sua pele é dura. Em algum ponto, seus corpos simplesmente desligam - vou localizá-lo ainda mais à medida que prosseguirmos.

Helen sabia que isso ia acontecer, mas ainda assim a chateava.

- Temos algo aqui que não tínhamos com Pippa. Todos os três corpos foram lavados - tanto pelo assassino quanto pela Mãe Natureza - mas achei algo estranho em Isobel. Dois fios de cabelo de sua franja estavam grudados. Nada incomum nisso - a areia úmida é pegajosa -, mas estava grudada com algum tipo de solvente.

'Você tem ideia do que seja isso?'

- Não faço ideia - respondeu ele alegremente. - Não é meu departamento. Mas eu o enviei para testes. Eu disse a eles que precisamos de volta em algumas horas.

Você pode imaginar o que disseram sobre isso.

Pela primeira vez hoje, Helen sorriu. Jim desfrutou de nada mais do que encerrar a equipe do laboratório, a quem ele injustamente descartou como autômatos.

- E quanto à tatuagem? ela disse, continuando.

'Pigmentos semelhantes aos usados em Pippa. É difícil dizer se ele usou a mesma agulha - se há bactérias na agulha que podem nos ajudar a decidir de qualquer maneira - mas uma coisa é certa: ele está melhorando. A tatuagem de Isobel era muito mais habilidosa do que a de Pippa.

Helen percebeu isso.

"Verdade seja dita", Jim continuou. “Você pode comprar essas tintas e agulhas online ou em várias lojas em Hampshire. Eles são todos muito genéricos e não tenho certeza se isso vai levar você a lugar nenhum. Se eu fosse você, me concentraria no design. Descubra por que o pássaro azul é importante para ele.

Helen saiu logo depois, depois de agradecer a Jim por seus esforços. Ele estava certo, é claro, embora isso não os levasse mais adiante. Eles fizeram as verificações

necessárias na tatuagem - ninguém ostentando uma tatuagem de pássaro azul foi preso na história recente, nem havia qualquer registro de corpos aparecendo decorados dessa maneira. Os registros computadorizados datavam de apenas dez a quinze anos, então pode ser que as evidências estivessem em algum lugar, anteriores à computadorização, mas ela não podia destinar recursos humanos valiosos para peneirar o arquivo, quando o resultado dessa linha de investigação era tão duvidoso.

Havia, no entanto, uma carta que ela poderia jogar, embora não fosse uma carta que ela estava particularmente ansiosa para usar. Ela ainda estava pensando em como abordar isso, quando seu telefone tocou.

Do outro lado estava um DC Sanderson muito animado.

79

Lloyd estava na metade da escada de pedra quando a ouviu chamando por ele.

"Lloyd?"

Ele havia saído tão abruptamente - rudemente - que não ficou surpreso. O instinto havia assumido - ele só queria ir embora. Ainda assim, ele fez uma pausa agora.

Afinal, ela era sua chefe. Ela parou na porta, acenando para ele, como se quisesse não ser vista pelos vizinhos. Suprimindo sua irritação, ele subiu lentamente os degraus, até ficar na frente dela. Por que ele se sentiu como se tivesse sido chamado ao escritório do diretor? *Ele* não fez nada de errado.

- Uma palavra antes de você ir.

Aos olhos de Lloyd, Harwood de repente parecia muito mais fria e controlada do que cinco minutos atrás. Algo do profissional de aço estava voltando, apesar de sua óbvia embriaguez.

- Vamos esquecer que hoje aconteceu. A partir de agora é business as usual.

Ela escolheu suas palavras com cuidado e as pronunciou com ênfase e convicção.

Lloyd sentiu que estava sendo sugado mais uma vez.

- Agradeço tudo o que você fez por mim - continuou ela calmamente. - E seria uma pena que nossa estreita relação de trabalho fosse comprometida de alguma forma, você não concorda?

Lloyd assentiu, embora estivesse sentindo exatamente o contrário. Talvez Harwood tenha percebido isso agora, ela se inclinou mais perto, seus lábios quase roçando sua orelha.

- Não se volte contra mim, Lloyd.

Então ela recuou, fechando a porta da frente firmemente atrás dela.

Voltando para casa, Lloyd se amaldiçoou por sua estupidez. Por que ele se envolveu com Harwood? Ele era realmente tão estúpido a ponto de pensar que poderia sair dessa coisa ileso? Parecia tão simples no início, mas agora ele podia ver que tinha sido um idiota. Será que ele passou a acreditar em seu próprio hype

-

o garoto de Teflon que navegou pela vida escalando sempre para cima, nunca uma marca contra seu nome? Havia uma piada que o seguia por toda parte - uma piada que o enfurecia por seu racismo sabido - que ele era 'mais branco do que branco'.

Os dois sapatos bonzinhos, impecáveis em sua destreza e reputação. Lloyd sabia que isso o tornava impopular, mas estranhamente era um distintivo ao qual ele se apegava agora, lembrando-se de que significava que ele era melhor e mais comprometido do que os outros curingas. Ele tinha jogado tudo fora agora?

Estacionando, Lloyd caminhou até a porta da frente. As luzes estavam acesas na sala de estar, o que significava que seu pai ainda estava acordado. Lloyd sentiu um lampejo de irritação - por que ele insistiu em ficar acordado até tão tarde? - então uma onda de vergonha. Por que ele deveria criticar seu pai quando era ele *mesmo com* quem ele estava furioso?

'Como foi seu dia?'

Caleb se virou para o filho, desligando a TV imediatamente. Era como se ele tivesse esperado Lloyd - esperando alguma companhia - o dia todo e agora estivesse se agarrando a ela ansiosamente. Seus irmãos nunca o visitavam, os amigos do trabalho não ligavam mais, o que significava que, como muitos idosos, seu pai ficava sozinho a maior parte do dia. Lloyd tentou encorajá-lo a se inscrever em clubes, ele até tentou receber ajuda paga para visitá-lo em uma etapa, mas seu pai

havia rejeitado a ideia. Ele não tinha nada a dizer a novas pessoas, disse ele. Ele só queria passar um tempo com a família. O que na prática significava Lloyd.

- Normalmente - respondeu Lloyd casualmente.

'Tem certeza que? Você parece . . um pouco abatido, filho.

Lloyd encolheu os ombros.

“Alguns problemas no trabalho. Nada demais.'

- Problemas com um caso?

'Não, apenas . . questões de pessoal', respondeu Lloyd.

'Quer falar sobre isso?'

'Obrigado, pai, mas para ser honesto, eu só quero ir para a cama - estou cansado.'

Caleb não disse nada e Lloyd ficou onde estava, como se esperasse a permissão de seu pai para partir.

- Você pode confiar em mim, sabe, filho. Sei que nem sempre fui fácil com você, mas

. . você pode falar comigo. Eu *gosto* de falar.'

Lloyd imaginou isso ou havia um leve tremor na voz de seu pai? Ele realmente se sentia tão sozinho? Isso excluído por seu próprio filho? Ele deu uma olhada em seu pai, que baixou os olhos para o chão rapidamente.

Lloyd ficou mais alguns minutos, conversando sobre isso e aquilo, depois foi para a cama. A verdade era que ele realmente não queria falar, não queria pensar em sua estupidez imprudente de ir para a cama com Harwood. O que, claro, só o fez se odiar ainda mais.

Hoje ele se sentia um fracasso, tanto como policial quanto como filho.

80

Sanderson se perguntou se ela estava olhando nos olhos de um assassino. Ele encontrou o olhar dela, então desviou o olhar rapidamente, fixando-se em Helen, que estava sentada à sua frente na mesa.

Andrew Simpson ficou visivelmente nervoso ao encontrar policiais esperando por ele em seu escritório quando ele voltou para fechar o dia. Durante a primeira visita de Sanderson, ele foi confiante, preciso e prestativo - agora estava em guarda. Isso não parecia mais uma *rotina* .

- Você conhecia bem Roisin Murphy? Helen perguntou, pulando as sutilezas.

"Eu não a conheço."

- Mas você era o senhorio dela?

- Mas isso não significa que eu a conheça. A maior parte do meu negócio é feito online, eu encontro os clientes uma vez, assino os contratos e pronto. '

"Não há mais contato."

- Não, a menos que tenham uma reclamação séria. Se forem pequenos problemas -

vazamentos, caldeiras, o que for - é tratado pelos meus homens.

"Homens como Nathan Price."

'Isso mesmo. Fiquei muito surpreso ao saber que ele foi preso e acusado de menor de idade . .

- Não estamos aqui para falar sobre Nathan Price. Estamos aqui para falar sobre você, Andrew.

Sanderson reprimiu um sorriso. Ela adorava assistir Helen quando ela estava com sua cara de jogo. Por ser alta, atlética e bonita, as pessoas achavam que ela seria genial e agradável - e freqüentemente era. Mas havia um aço dentro de Helen e um foco inabalável que enervava as pessoas que estavam sendo interrogadas. Eles não conseguiram encontrar nenhuma maneira de distraí-la, nenhuma forma de arrastar o interrogatório para áreas onde se sentissem mais seguros. Ela olhou para você com tanta intensidade e propósito - Sanderson tinha visto muitos criminosos desistirem do fantasma antes mesmo de terem começado.

- Então, para que fique registrado, você só conheceu Roisin uma vez?

- Uma ou duas vezes - concedeu Andrew, passando os dedos na gravata.

Helen acenou com a cabeça, escrevendo isso em seu bloco de notas. A mudança sutil de 'uma vez' havia sido notada.

- E Isobel Lansley?

'Mesmo.'

Monossilábico agora - era um bom sinal. Um sinal de que já o tinham encurralado em um canto.

'Que porcentagem de seus inquilinos são mulheres?' Sanderson perguntou, finalmente entrando na briga. Ela tinha deixado Helen colocar o vento nele, mas era a sua liderança e ela queria dirigir a conversa agora.

- Não sei dizer.

- Arriscar um palpite - respondeu Sanderson.

"Não sei - cinquenta a sessenta por cento."

"Temos uma ordem judicial aqui nos permitindo acesso total às suas listas de locação."

Andrew Simpson olhou para ela.

- Então, quando examinamos seus registros, você tem certeza de que cerca de cinquenta a sessenta por cento de seus inquilinos são mulheres? ela repetiu.

Sanderson percebeu o olhar rápido que Andrew Simpson lançou para os oficiais do CID do lado de fora, que folheavam meticulosamente seus arquivos. Sua secretária ansiosa ficou parada ao lado deles, todos confusos com essa intrusão repentina e inesperada.

"Talvez não cinquenta a sessenta por cento", ele finalmente respondeu. 'É difícil lembrar do topo -'

'Quantos?' Helen interrompeu.

"Cerca de noventa por cento ou mais."

Sanderson lançou um olhar para Helen, mas seu chefe não reagiu. A frase pairou no ar. Então, com um leve aceno de cabeça, Helen deu a Sanderson a licença para prosseguir.

“Cerca de noventa por cento. Possivelmente um pouco mais, suponho - continuou Sanderson. 'Isso é estatisticamente altamente improvável se eles forem selecionados aleatoriamente. Por que tantos de seus clientes são mulheres? '

O 'seu' foi um pouco mais alto do que o resto da frase.

- Porque são menos problemáticos. Eles são mais limpos, mais organizados, mais confiáveis - '

- Nem sempre - retrucou Sanderson. - Pippa Briers deixou você em apuros, não foi?

Simpson fez uma pausa, então:

'Sim.'

- E quanto a Roisin Murphy? Ela avisou você devidamente?

"Não que eu me lembre", ele admitiu.

- E Isobel Lansley?

'Eu teria que olhar meus registros . .'

Sanderson olhou feio para ele.

"Mas acho que não", ele admitiu.

Silêncio. Um longo silêncio grávido.

- Você deve saber que os corpos de Roisin Murphy e Isobel Lansley foram descobertos hoje cedo. Como Pippa Briers, eles eram seus inquilinos. Há algo que você gostaria de nos contar sobre eles? ' Helen disse.

Simpson balançou a cabeça com firmeza. Sanderson notou as primeiras gotas de suor surgindo em sua testa.

“Estimamos que foram assassinados nos últimos dois ou três anos. Eu acredito que você conhece os dois há mais tempo do que isso. Isso está correto? '

'Eu já disse que não os' conhecia '. Sim, eles são meus inquilinos há vários anos, mas . .

- Conte-me sobre o apartamento de Isobel Lansley? Helen interrompeu. - Em que estado estava quando você teve acesso a ele após o desaparecimento dela?

'Foi tudo bem. Ela sempre manteve as coisas legais e organizadas. Ela era muito meticulosa.

- Achei que você disse que não a conhecia. Helen disse rapidamente.

'Eu não. O que quero dizer é que estava muito limpo e arrumado quando entrei.

“Nenhum sinal de luta. Móveis quebrados ou algo assim?

'Não.'

- A fechadura da porta da frente estava intacta? Nenhuma janela forçada a abrir. '

"Não, nada disso."

- Então, ou eles deixaram o assassino entrar . . ou ele mesmo entrou?

Andrew Simpson não disse nada.

- Provavelmente você tem as chaves de todas as suas propriedades?

- Claro - respondeu ele, embora não parecesse feliz em admitir. "Às vezes, eu os empresto a operários, se houver trabalho a ser feito . ."

- Mas não seria difícil para você cortar conjuntos extras se precisasse.

Simpson encolheu os ombros.

- Meu palpite é que todos foram sequestrados por alguém que teve acesso. Você diria que é uma suposição justa? Helen continuou.

"Você é o policial", ele respondeu uniformemente.

Helen acenou com a cabeça.

- Quantos apartamentos você possui na área de Southampton? Sanderson continuou.

"Quarenta e dois", foi a resposta rápida.

- E você possui alguma outra propriedade?

'Não. Além da minha casa, é claro.

- E você mora em Becksford?

'Isso mesmo.'

- Bom e tranquilo aí, não é?

Andrew acenou com a cabeça, observando Helen cuidadosamente. Helen devolveu seu olhar, apreciando a tensão na sala. Então, sem aviso, ela se levantou.

- Isso basta por enquanto. Receio que teremos que deixar alguns policiais aqui para reunir a papelada necessária. Mas obrigado, você foi muito útil. '

Sanderson sorriu em agradecimento também. Nada desconfia mais do que gratidão e cortesia. Ela seguiu o exemplo de Helen, apertando a mão de Simpson, depois saiu do escritório com ela. Ambos ficaram em silêncio enquanto voltavam para o carro. Mas a conversa não era necessária - Sanderson conhecia bem seu superior e sabia, sem perguntar, que ela também estava se sentindo mal. Por fim, eles estavam chegando a algum lugar.

81

Já era tarde e Ceri Harwood estava sozinha na escuridão. Depois de sua desagradável entrevista com Lloyd Fortune, ela derramou o resto do vinho na pia e desabou no sofá. Ela ficou deitada lá agora, a ressaca lentamente fazendo efeito, repreendendo-se por sua fraqueza e falta de controle. Estar bêbado no meio do dia já era ruim o suficiente - estar bêbado na frente de um oficial subalterno era imperdoável. O que ele estava pensando agora? Seus avisos tinham atingido o alvo?

Teria ela o empurrou para *longe* ? O pensamento a fez sentir-se mal.

Enquanto ela se amaldiçoava, seus olhos desviaram-se para a ilha e o pequeno pacote Jiffy colocado em cima dela. Em todo o caos e emoção, ela havia se esquecido disso. Parte dela não podia se incomodar com isso agora - tantas coisas aconteceram nas últimas horas para tornar as preocupações anteriores sem sentido. A traição de Tim mudou seus horizontes para sempre. E ainda . . havia algo dentro dela que sugeria que isso ainda poderia ser sua salvação. Uma forma

de se afirmar contra um mundo que adorava magoá-la.

Levantando-se do sofá, ela foi até a ilha e rasgou o envelope. Como esperado, dentro havia uma pequena fita cassete. Pegando-o, ela procurou seu tocador de mão e colocou a fita dentro.

Ela estava tensa demais para se sentar - seu corpo tenso de ansiedade - então ela andou para cima e para baixo depois de apertar 'Play'. A princípio não houve nada

- apenas o som de tecido arranhando o microfone. Ela sabia que devia haver mais -

Lloyd não teria apressado se estivesse em branco - mas ainda assim a preocupava.

Então as vozes começaram. Voz de homem - estranha, regional, desconhecida - e de mulher. A conversa foi staccato e pontuada por silêncios enquanto desafios eram apresentados e decisões tomadas. A dupla parecia estar chegando a um acordo, apesar de suas diferenças. Ao fazê-lo, um sorriso apareceu nos cantos da boca de Ceri.

Ela ouviu um pouco mais. O par não exatamente apertou as mãos, mas o negócio estava fechado. Ela tinha ouvido diretamente da boca do cavalo. Que dia bizarro tinha sido. Tão inquietante, tão angustiante, e ainda assim, em meio aos destroços de sua vida, ela encontrou a única coisa que ansiava - a coisa que ela estava procurando por meses.

Os meios para destruir Helen Grace.

82

Eram dez da noite e a sala de incidentes estava deserta, exceto por duas figuras solitárias. Helen e DC Sanderson sentaram-se amontoados na mesa do DI, debruçados sobre as fotocópias dos documentos que a equipe havia reunido dos arquivos de Simpson.

Ele havia mentido para eles - isso estava claro. Ele não tinha quarenta e dois apartamentos - ele tinha mais de cinquenta. Alguns ele possuía o freehold - tendo esculpido uma casa decadente em cinco apartamentos minúsculos e dilapidados -

outros ele era apenas o agente de locação. Curiosamente, ele também possuía uma série de propriedades abandonadas - carceragens, dependências e até um celeiro ou dois - espalhadas pelo condado. Alguns eram rurais, alguns eram urbanos, mas todos estavam isolados.

Enquanto Helen folheava a lista que Sanderson havia compilado, ela foi tomada pelo desejo de vasculhar todos eles. Em um mundo ideal, ela já estaria ao telefone com uma equipe da POLSA - mexendo no helicóptero, nos cães cadáveres, no equipamento de busca de calor -, mas isso teria sido um compromisso maciço de recursos sobre tantas propriedades. Ela não teria permissão para invocar esse tipo de poder de fogo sem evidências sólidas e, além disso, ela não tinha certeza se conseguiria o mandado de qualquer maneira. Eles tinham uma conexão entre Simpson e as mulheres mortas - uma conexão forte, admito - mas ainda nenhuma evidência concreta ligando o proprietário a qualquer caso de sequestro ou assassinato. Ele não tinha ficha criminal, não havia testemunhas ligando-o a nada desagradável e nenhuma foto dele tendo um interesse doentio por mulheres jovens. Helen já havia instruído McAndrew a levar uma unidade forense de volta ao apartamento de Ruby. Se eles pudessem colocar Simpson em seu apartamento, então eles teriam algo com que trabalhar, especialmente porque ele jurou cego que não estava naquele apartamento há anos.

Então, por mais que Helen ficasse tentada a derrubar portas, ela sabia que teria que fazer isso à moda antiga.

"Reúna o máximo possível da equipe", disse ela a Sanderson. - E ponha uniforme também. Quero que todas as propriedades desta lista sejam verificadas. Bata nas portas, pergunte por aí, descubra se alguém viu ou ouviu algo incomum nesses lugares. Gritos, choros, luzes acesas tarde da noite. Faça o que for preciso - apenas me dê algo com que trabalhar.

Sanderson já estava de pé, pronto para bater nos telefones e encurralar as tropas.

- Isso significa que você não se juntará a nós?

- Adoro, mas tenho algo muito mais desagradável em mente.

Sanderson se virou, intrigado.

'Eu tenho um encontro com Emilia Garanita.'

83

Emilia Garanita voltou a olhar a primeira página de ontem. Ela tinha recebido tão poucas manchetes recentemente - ela tinha certeza que o editor a estava punindo por sua deslealdade - que ela se permitiu chafurdar nesta. Era uma boa capa com uma ótima foto - o cordão policial esvoaçante e depois não um, mas duas cenas de crime além dele, a uma distância curta e média. Ele capturou a magnitude do crime perfeitamente, a desolação da praia e a solidão dos túmulos servindo para sublinhar o fato de que mais uma vez a Polícia de Hampshire estava caçando um assassino em série. Emilia sentira aquela velha empolgação ao escrever a cópia -

enfim, uma grande história na qual cravar os dentes.

Emilia baixou o jornal e encontrou Helen Grace caminhando em sua direção. Foi um momento de puro acaso que momentaneamente a deixou muda: o caçador-chefe da Central de Southampton caminhando em sua direção, recém-saído da investigação. No passado, Emilia a teria saudado com sarcasmo e insinuações maliciosas, mas não agora. Ela conduziu Helen para o escritório do editor vazio, fechando a porta atrás dela.

'Eu preciso de sua ajuda.'

Como de costume, seu ex-adversário foi direto ao ponto. Apesar de seu passado difícil, Emilia foi a primeira a admitir que ela e Helen Grace compartilhavam alguns atributos. Mulheres que trabalhavam em indústrias dominadas por homens, ambas possuíam uma franqueza e coragem que faltavam a outras do mesmo sexo.

- Fico feliz em fazer o que posso - Emilia respondeu despreocupadamente.

'Precisamos entender melhor o significado de uma tatuagem que está presente nas três vítimas.'

- A tatuagem do pássaro azul - respondeu Emilia.

'Exatamente. Não conseguimos vinculá-lo a nenhuma vítima ou infrator anterior.

Portanto, pode ser um beco sem saída. Pode até ser um estratagema, destinado a nos confundir.

Emilia acenou com a cabeça sabiamente, engolindo um sorriso. Helen Grace nunca tinha sido tão aberta com ela antes sobre uma investigação em andamento. Ela estava preocupada desta vez? Perplexo? Ou foi o início de uma reaproximação no relacionamento?

- Ou - continuou Helen - pode ser significativo. Se for, então é provável que haja alguém por aí que sabe o que isso significa. Quem viu em um amigo, colega ou familiar. Eu sei que é uma chance remota, mas presumindo que o assassino more localmente, estávamos esperando que o *Evening News* pudesse se alargar sobre isso. Capte a atenção do público - '

- E sacudir o assassino também?

'Talvez.'

Muito e nada mais. Emilia estava gostando de voltar ao jogo.

'Vou falar com meu editor, mas sei que ele ficará feliz em ajudar. Esta é uma grande história de interesse público. '

E suculento também, Emilia pensou, mas não disse.

Helen partiu pouco depois, tendo a abordagem grosseira sido acordada entre eles.

Emilia sabia que normalmente seria um trabalho de contato com a mídia, mas Helen a procurara pessoalmente. Sua vingança anterior contra Helen foi apagada de sua ficha criminal? Emilia sentiu a velha empolgação voltando. Isso poderia funcionar bem para ela no jornal - e, quem sabe, talvez além - então, enquanto

Emilia se sentava à sua mesa, o próximo artigo do líder já estava escrito pela metade, ela fez uma promessa silenciosa de encarar essa história o mais forte que pudesse.

84

Ruby não tinha dormido nem um pouco a noite toda. Ela estava exausta com seus esforços e, sob consequências normais, teria explodido, mas a esperança e a adrenalina a mantinham acordada. O tempo era elástico aqui - ela imaginou os minutos e as horas passando sem parar, mas não tinha ideia de que horas

realmente eram. Então ela tentou parar de contar e pensar em outras coisas.

Ela pensou em coisas que faria quando estivesse livre. Todos os sonhos que ela adiou por medo, insegurança ou falta de recursos. Para o inferno com a hesitação agora. Por mais tolo que fosse, ela se imaginou em Tóquio. Ela sempre quis ir para o Japão. Por que, ela não sabia dizer, mas certa vez chegou a comprar um CD de *japonês do Teach Yourself* e o ouviu religiosamente em um verão. Ela havia esquecido quase tudo, é claro, mas havia algumas palavras que ela reteve. Ela ainda amava o som deles. On-a-cara-ela-massa. Kon-eech-ee-wa. Ela sorriu para si mesma enquanto enrolava as palavras em sua boca, apreciando sua familiaridade.

Movimento lá em cima. Um som, depois outro. Já era de manhã? Pode ser apenas ele vagando por aí. Ele não dormia bem e ela o ouvia andando a toda hora. Mas o fato de ele ter ficado em silêncio por tanto tempo deu esperança de que a noite finalmente tivesse passado.

Foi isso então. Ruby agarrou sua arma com um pouco mais de força. Ela teria apenas uma chance com isso, então ela teria que acertar. Estupidamente, ela se viu sorrindo de novo, a excitação superando a cautela. Ela estava louca por esperança?

Tudo poderia terminar de forma tão simples? Ela tentou reprimir sua sensação de antecipação - falhar agora seria demais para suportar - mas não conseguiu evitar.

Ela ganhou sua confiança. Ela tinha o elemento surpresa. E algo dentro dela estava dizendo que ela estaria em casa ao anoitecer.

85

Ele ficou deitado na cama, olhando para o teto. Uma mancha de umidade escorregadia e cor de ferrugem o encarou de volta. Ele observou seus contornos, seus matizes de cor e viu em sua forma um milhão de coisas diferentes - uma ilha, uma nuvem, um barco à vela, um unicórnio. Ele se divertia com sua excentricidade, deitado na cama sonhando com tolices quando havia tanto a ser feito, mas não fez nenhuma tentativa de parar. Fazia muito tempo que ele não se permitia o luxo da felicidade - por que não se dar ao luxo?

Como sua vida tinha sido sombria e incessante desde a partida de Summer. Como ele suportou tantos anos de miséria e solidão? Parecia loucura pensar

agora que ele havia sobrevivido mais de uma década sem ela. Ele havia sido dilacerado pela deserção dela e ainda corou ao pensar em seu eu mais jovem embalando Summer em seus braços, batendo em seu rosto para acordá-la. Ele não conseguiu falar por um mês depois que tudo aconteceu, mudo de choque com a traição repentina. Ele ficou surpreso ao descobrir que, mesmo agora, se ele realmente se concentrasse, ele poderia invocar o cheiro característico e acre do vômito que a revestiu naquela noite.

Seu primeiro pensamento ao perceber que ela o havia deixado foi se matar. Era a coisa óbvia a fazer e houve muitos pontos desde quando ele se arrependeu de ter perdido a coragem. Ele tinha ido a uma loja de bricolagem e comprado tudo o que precisava, mas quando chegou a hora, algo o impediu. Na época, ele racionalizou isso como Summer intervindo, puxando-o de volta da borda. Mas agora ele se perguntava se era apenas covardia. Ele não sabia se era um sinal de força ou deslealdade o fato de ainda estar respirando. Ainda tentando ser feliz.

Muitas foram as vezes, desde então, que ele se deitou nesta cama e se imaginou lá atrás. Quando pensava naquele espaço - o pequeno quarto do sótão com as tábuas do chão mal encaixadas e as vigas apodrecendo - ele sempre se imaginava na horizontal. Deitado de bruços, espiando através das tábuas do assoalho o que acontecia lá embaixo, ou deitado de costas com Summer, olhando para o teto, imaginando-se em qualquer lugar, menos ali.

Havia tanto lixo naquele pequeno cômodo - deixado pelos ocupantes anteriores - e ele e Summer fizeram um pequeno santuário para si mesmos com os objetos descartados. Um rolo de tapete mofado, uma velha arca de chá, uma casa de boneca antiquada, um saquinho de feijão flácido - eles fizeram um pequeno círculo com eles e se esconderam no meio, protegidos do mundo, encapsulados em segredo e amor. Eles tinham lido sobre círculos de fadas e amuletos da sorte. Eles gostaram tanto da ideia que roubaram um livro manuseado da biblioteca - rindo como idiotas enquanto ultrapassavam o bibliotecário gordo - e então, arrancando palavras fantasiosas sem sentido dele, lançaram feitiços sobre *seu* pequeno círculo, na esperança de torná-lo seguro e inexpugnável.

Uma vez seguros, eles voltaram sua atenção para os brinquedos dentro do círculo mágico. Eles roubaram itens valiosos de Dixons - Gameboys - bem como livros, bonecos e Top Trumps de outras crianças - mas estranhamente, a coisa para a qual eles voltavam era a casa de bonecas. Eles o haviam herdado em más condições. As vidraças de plástico haviam sumido há muito tempo e havia

rabiscos infantis na esferográfica no telhado que não saíam por mais que esfregassem. Mas por tudo isso eles adoraram, até porque dentro havia duas pequenas figuras. Um vestido de rosa, outro vestido de azul.

Eles adotaram um a cada um, nomeando-os apropriadamente, e começaram a brincar com a realidade, imaginando-se em lugares distantes, vivendo vidas desconhecidas e glamorosas. Rei e rainha de tudo o que eles examinaram. Era uma fantasia cativante e eles jogavam todos os dias, até que outros interesses assumissem o controle. Era o mundo deles - o mundo especial deles - e ele ainda sentia uma profunda pontada de vergonha sempre que imaginava o triste fim da casa de boneca - despedaçada em cem pedaços por sua mão. Ele havia destruído aquelas quatro paredes com veneno - seu único arrependimento na época era não ter fósforos para transformá-las em cinzas. Que idiota ele tinha sido. Não havia nada nesta casa em ruínas - acima do solo, pelo menos - que fosse precioso para ele. Ele teria cobiçado aquela casa de boneca se ainda a possuísse.

O despertador entrou em ação, forçando-o a sair de seus devaneios. Ele não tinha dormido muito, mas estranhamente tinha gostado do estranho meio-sono que freqüentemente evocava memórias estranhas. Mas não havia tempo para se dar ao luxo. Ele deveria trabalhar em breve e estava determinado a não fazer nada que pudesse atrair a atenção. O foco da polícia era tão intenso agora que ele teria que ser escrupuloso para não levantar suspeitas. Ele deve estar no horário e no botão -

apenas mais um dia na cara do carvão no que diz respeito ao resto do mundo.

No entanto, se ele fosse rápido, ele poderia simplesmente fazer uma visita rápida lá embaixo. Ele odiava a ideia de ela ficar sozinha, então, vestindo-se rapidamente, ele colocou um pente no cabelo e saiu correndo do quarto. Ele tinha elasticidade em seus passos, uma leveza em seu coração - hoje seria um bom dia.

86

É difícil assistir alguém implodir. Mas a pior coisa que você pode fazer é desviar o olhar. Não adianta fingir que não está acontecendo - você tem que enfrentar isso, pegá-los pela mão e conduzi-los para um lugar melhor. Com a ajuda de DC

McAndrew, Helen Grace estava fazendo exatamente isso.

Sinead Murphy estava desmoronando na frente deles, quebrada pela confirmação final da morte de sua filha. Helen estava feliz por não ter dado a notícia na noite anterior. Este foi seu primeiro instinto ao deixar o necrotério, mas ela sempre evitava fazer essas coisas no final do dia. Melhor dar às pessoas as notícias terríveis com antecedência para que seu FLO tenha uma chance de criar algum tipo de ordem, para dar aos amigos e família tempo para se reunir, antes que a noite implacável chegue. Então, pelo menos você terá a chance de deixar os parentes enlutados em uma quilha uniforme.

Olhando para Sinead, que estava tragando forte em seu terceiro cigarro da visita, Helen se perguntou se isso era estupidamente otimista. Roisin foi concebida em circunstâncias difíceis e seu pai faleceu muito antes de seu primeiro aniversário. A história se repetiu com Roisin. Seu ex-namorado, Bryan, havia se separado de Roisin antes que seu filho - Kenton - estivesse andando. Bryan agora estava sentado desajeitadamente no sofá, flanqueando a sogra combustível com quem ele nunca tinha se dado. Eles formavam um casal estranho - Sinead gorda chorando em sua xícara de chá enquanto o esquelético Bryan olhava para seus pés. Ele claramente não sabia o que sentir pela mãe de seu filho, que o expulsou, mas agora estava morto. Apesar de sua aparência, aparência e letargia emocional, Helen sentia alguma simpatia por ele. Foi uma situação horrível para todos.

Nada mais do que para Kenton - a criança agora brincando com tijolos Kinekt no tapete marrom lama. Toda a sua vida tinha sido de pernas para o ar e as coisas só iam piorar agora. Sua mãe não estava mais desaparecida, ela era uma vítima de assassinato. Helen sabia muito bem como esse fato iria persegui-lo enquanto crescesse. Helen odiava seus pais na maior parte do tempo, mas a morte deles nas mãos de sua irmã garantiu que eles aparecessem freqüentemente em seus devaneios e pesadelos, silenciosamente acusando *ambas* as filhas de traí-los. Mais do que isso, o assassinato brutal de alguém próximo a você - por sangue, se não por afeto - influencia sua visão da vida. O fato de que as pessoas que *deveriam* estar com você foram brutalmente arrebatadas o deixa pouco à vontade, olhando para sempre por cima do ombro.

- Como Roisin lidou com a maternidade?

Sinead estaria fechada para eles em breve - um colapso total parecia iminente -

então Helen continuou, querendo obter dela o máximo de informações que

pudesse.

Após um longo silêncio, Sinead finalmente respondeu:

'Não foi fácil. Ela ainda era tão jovem. Nenhuma das amigas dela tinha filhos, ela só queria festejar, sabe? Não me entenda mal, ela amava Kenton em pedaços, mas não estava pronta para ele.

- Então, quando ela desapareceu, você não denunciou a princípio?

Sinead balançou a cabeça e deu outra longa tragada no cigarro.

- Ela estava achando difícil. Kenton nunca dormiu bem e Roisin sempre odiava as manhãs - Sinead continuou, sorrindo brevemente ao lembrar de sua filha mal-

humorada. 'Ela twittou dizendo que precisava ficar longe por um tempo, então não foi tão surpreendente . .'

'Mas?'

- Mas ainda não parecia certo. Kenton estava aqui sozinho no apartamento. *A noite toda* . Se ela realmente quisesse ir embora, eu tinha certeza de que ela o teria trazido para mim. Eu teria feito um estardalhaço - tenho meus próprios problemas

-, mas ela sabe que eu nunca o teria recusado. Eu teria feito o que pudesse. '

Helen não tinha dúvidas - o amor de Sinead por seu neto brilhava - o único ponto brilhante em toda a história.

- Então você estava preocupado?

Sinead acenou com a cabeça e continuou:

- Mas não queria entrar em contato com as autoridades, não queria causar problemas a Roisin. Ela não tinha muito e dependia de benefícios para alimentar o menino. '

Bryan se mexeu inquieto na cadeira - o julgamento de Sinead sobre ele estava vindo alto e claro.

- O que *você* achou, Bryan? Helen disse, mudando o foco para ele. - Quando você soube que Roisin estava desaparecido?

Bryan deu de ombros - ele claramente queria que isso acabasse o mais rápido possível.

- Você ficou surpreso?

'Acho que sim.'

'Por que?'

- Porque . . porque isso era tudo que ela tinha. O apartamento, o garoto.

'Seu filho?'

'Certo.'

Helen olhou para ele. Ela sentiu que havia mais aqui. Que seu mau humor era mais do que apenas constrangimento.

- Você não estava morando com ela quando ela desapareceu?

'Nah, nós nos separaríamos.'

'Quanto tempo foi isso antes de . .?'

"Cerca de seis meses."

- E onde você morava naquela época?

'Com amigos.'

Helen estava começando a ficar irritada com seu não noivado determinado, mas ela engoliu sua frustração e perseverou.

- Ela alguma vez mencionou algo para você que posteriormente você pensou ser suspeito? Ela estava com medo de alguém? Ela estava com problemas?

'Não', respondeu ele, encolhendo os ombros.

Helen percebeu isso, então:

- Então, quando Roisin desapareceu, quem estava com as chaves do apartamento?

Helen disse isso levianamente, mas foi isso que a interessou mais do que tudo.

- Sim, claro - confirmou Sinead.

- Bryan?

- Ela me fez devolver meu recuo.

- Você ainda tem sua chave, Sinead?

'Claro. Tenho todas as coisas dela embaladas - disse ela, um pouco indignada.

'Vou ter que olhar para tudo o que você tem - espero que você entenda', Helen respondeu.

Sinead olhou para Helen por um momento - estava claro que seria difícil entregar as preciosas lembranças de sua filha - então ela se levantou e subiu as escadas com McAndrew, o sentido finalmente prevalecendo.

'Houve algum roubo? Arrombamentos? Helen continuou, voltando-se para Bryan.

Bryan balançou a cabeça.

- Ela mencionou alguém por aí? Ela alguma vez teve que mudar as fechaduras? Ou expressa algum receio pela segurança dela?

- Não, nada disso - respondeu Bryan. 'Ela estava bem.'

- Vou precisar que você anote os nomes de todas as pessoas com quem ela entrou em contato - continuou Helen, enquanto Sinead se juntava a eles. - Precisamos verificar todos eles, ver se alguém tem motivos para querer prejudicar Roisin.

A dupla prometeu ajudar, pela primeira vez cantando a mesma partitura de um hino. Helen se levantou, agradecendo a eles por seu tempo e se dirigiu para a porta.

Ela parou no corredor para olhar as caixas de pertences - três delas - que agora encapsulavam a curta vida de Roisin. Helen foi subitamente dominada pela tristeza

- por ela, por seu filho - e teve o prazer de pedir desculpas e ir embora. Enquanto ela se afastava, ela se virou para olhar mais uma vez para a família enlutada através da janela da sala. Bryan estava se preparando para sair, Sinead tinha a cabeça entre as mãos e além deles brincando alegremente no sofá estava Kenton, totalmente alheio a tudo.

87

Lá estava ela - cochilando como sempre. Fechando a escotilha, ele puxou os ferrolhos e destrancou a porta. Ele ainda era escrupuloso com relação à segurança, apesar do degelo em suas relações, e nunca ficava por perto. Ele havia pago o preço pelo descuido antes.

'Verão?'

Balançando a cabeça, ele fechou a porta, trancando-a silenciosamente atrás de si.

Summer nunca foi uma pessoa matinal. Às vezes isso o irritava, outras vezes ele achava divertido. Hoje ele estava com um humor indulgente.

'Hora de levantar. Não temos muito tempo, mas posso lhe trazer algo bom para o café da manhã, se quiser. Eu posso fazer panquecas . . '

Panquecas sempre foram suas favoritas. Por que ele não deveria mimá-la de vez em quando?

'Verão?'

Ele correu até ela. Ele tinha chegado ao lado da cama e agora se inclinava sobre ela.

- Fale comigo, Summer. Você não está bem? '

Ele puxou o lençol - mas descobriu apenas um cobertor enrolado por baixo. Antes que ele pudesse processar isso, ele ouviu passos vindo rapidamente atrás. Ele começou a se virar - mas tarde demais. O metal duro atingiu sua nuca e ele

caiu pesadamente no chão.

Ele tentou se levantar, mas estava cambaleando com o choque. Ruby não hesitou, fazendo com que a longa haste de metal caísse novamente em sua cabeça. Era pesado e normalmente ela teria lutado para levantá-lo, mas, disparada pela adrenalina, ela girou-o livremente agora, derrubando-o na nuca pela terceira vez.

Desta vez ele bateu no chão e não se levantou.

Soltando a arma, Ruby caiu de joelhos, enfiando a mão no bolso da calça dele.

Criatura de hábitos, sempre guardava as chaves no bolso direito da calça. Mas ele caiu para a frente e eles ficaram presos debaixo de seu corpo. Ruby entrou em pânico de repente. Por que ela não tinha pensado nisso? Ela poderia estar frustrada por algo tão estupidamente óbvio?

Ele gemeu, levando a mão à nuca. Reunindo sua força, Ruby colocou o ombro sob sua coxa, levantando seu corpo do chão. Ele era pesado - mais pesado do que ela esperava dado seu corpo frágil - e por um momento o par ficou suspenso, balançando ridiculamente para frente e para trás. Então, com um grunhido selvagem, ela o rolou. Enfiando a mão no bolso, ela encontrou as chaves -

arrancando-as dele.

Agora ela estava indo para a porta. Sua mão tremia enquanto ela tentava enfiar a chave na fechadura. Seu captor gemeu mais uma vez. Fechando os olhos, Ruby desejou que sua mão ficasse quieta. Desta vez, a chave encontrou sua ranhura e deslizou para dentro. Ela virou com força para a esquerda. Mas não se moveu. Em desespero, Ruby tentou o outro lado, torcendo-o o mais forte que podia. Mas ainda assim ele se recusou a ceder. Olhando para o chaveiro, Ruby de repente percebeu que havia escolhido a chave errada.

Ela puxou a chave ofensiva - mas ela estava presa na fechadura agora. Seu captor estava começando a se mover - Ruby podia ouvi-lo atrás dela, lentamente se levantando do chão. Ruby se sentiu paralisada - o terror absoluto roubando-lhe a capacidade de se mover. Ele estava xingando e cuspindo, a fúria substituindo sua desorientação e choque. Se ela hesitasse mais . .

Ruby puxou a chave com toda a força e de repente ela se soltou, fazendo-a

cambalear para trás em direção ao captor. Ela sentiu a mão dele agarrar sua perna, seus dedos lutando para segurá-la adequadamente. Chutando-o bruscamente para longe, ela voltou para a porta.

Selecionando a segunda chave, ela a enfiou na fechadura. Ela torceu com força, mas a fechadura era velha e rígida, resistindo obstinadamente aos seus esforços.

Usando as duas mãos agora, gritando em desespero, ela forçou a chave no sentido anti-horário e . . finalmente a fechadura girou. Ruby abriu a porta.

Seu primeiro instinto foi fugir, mas ela se conteve, voltando-se para remover a chave da fechadura. Se ela pudesse prendê-lo, ela estaria segura. Ela puxou as chaves rapidamente, mas ao fazê-lo, elas escaparam de suas mãos, caindo a apenas alguns centímetros de seu captor. Ela deu alguns passos em direção a eles, então parou. Ele já estava de joelhos, cambaleando na direção dela. Pegando as chaves avidamente, ela se virou e correu para salvar sua vida.

Correndo pelo curto corredor sombrio, ela logo chegou a outra porta trancada. Ela estava esperando por isso. Ele sempre fechava a porta silenciosamente, provavelmente para esconder sua existência dela, mas ela tinha ouvido *e* notado a segunda chave em seu chaveiro. Ela enfiou a chave na fechadura - sua mão estava mais firme agora - e, abrindo a porta, correu para a liberdade.

Ela ficou surpresa ao encontrar um longo túnel se estendendo à sua frente. Ela acelerou o passo, desesperada para ficar longe deste lugar. O esforço a exauria, ela não movia um músculo há dias, não estava acostumada a essa explosão repentina de atividade. Mas ela podia sentir que a liberação estava próxima e se esforçou.

Então ela parou abruptamente, olhando sem compreender o que estava à sua frente. Ela estava em um *cruzamento* . Três corredores separados saíam deste ponto - todos eles desaparecendo na escuridão. Um deles deve sair deste Inferno.

Mas qual deles?

Reunindo os últimos vestígios de sua coragem e energia, Ruby mergulhou no corredor da direita, desaparecendo rapidamente na escuridão.

Foi o cheiro que o atingiu primeiro. Um cheiro opressor de umidade, temperado com ralos ruins e o cheiro forte de comida frita. DC Sanderson saiu da sala de estar em decomposição e enfiou a cabeça na cozinha - ela imediatamente notou que o teto estava coberto por anos de graxa e fumaça de cigarro.

A família curda que vivia nessa lamentável desculpa de abatimento olhou para ela com desconfiança, falando pouco. Sanderson presumiu que eles eram imigrantes ilegais, mas não iria forçar isso. Eles não pareciam golpistas e certamente não haviam aparecido na terra do leite e do mel. Ela se perguntou se eles teriam vivido em melhores condições em casa, mas decidiu não perguntar a eles.

Sanderson não estava aqui para lhes causar problemas - ela tinha peixes maiores para fritar. Nas últimas duas horas, ela e um taciturno detetive Lucas haviam supervisionado uma varredura em todo Hampshire das propriedades de Simpson, batendo nas portas, forçando o caminho para dentro, fazendo perguntas aos ocupantes suspeitos. A tarefa era tão vasta que Sanderson e Lucas também se colocaram na linha de frente. Sanderson se ofereceu para fazer a ronda juntos - por companhia e segurança - mas Lucas recusou.

- Podemos superá-los mais rápido se nos separarmos.

Sanderson concordou, fingindo levar seu raciocínio pelo valor de face. Mas ela sabia que algo mais estava acontecendo. A DC Lucas exagerou ao mandar em Sanderson, alegando uma superioridade que nunca existiu de verdade. E as coisas mudaram muito no último dia ou assim. O detetive Fortune estivera ausente, parecendo distraído mesmo quando *estava* no escritório, enquanto Helen Grace parecia estar sempre presente, levando a investigação adiante. Isso colocava Sanderson em uma vantagem distinta, sendo um aliado de longa data da DI Grace, e Lucas muito na sombra. Se Lucas fosse inteligente, ela estaria fazendo um grande esforço para se tornar amigo de Sanderson - talvez até mesmo ao ponto de se desculpar - mas Sanderson suspeitava que isso não estava em seu vocabulário.

Muito jovem e inseguro para mostrar fraqueza.

Então, eles fizeram suas rondas sozinhos. O domínio do inglês da família curda era limitado, então, após algumas perguntas infrutíferas, Sanderson concluiu seu tour pelo apartamento. Havia muito mais pessoas morando aqui do que era

seguro ou provavelmente legal - uma família inteira amontoada em quatro quartos apertados em condições que nem poderiam ser descritas como básicas. Simpson cumpriu algumas das obrigações legais exigidas dele como proprietário. As portas eram corta-fogo, havia detectores de incêndio em todos os cômodos - inclusive no banheiro, que muitas vezes era ignorado pelos cortadores de custos - e os inquilinos tinham um contrato de locação adequado. Mas esse foi o limite do amor e atenção que Simpson dedicou a seus inquilinos. Sem exceção, os apartamentos que Andrew Simpson possuía ou administrava eram choupanas - não havia outra palavra para defini-los. O papel de parede havia muito havia se descascado, as tábuas do assoalho estavam cada vez mais expostas à medida que os tapetes sujos se desgastavam, as lâmpadas penduradas nuas e sem adornos em quartos tristes.

Não pela primeira vez naquele dia, Sanderson foi assaltado por sentimentos de culpa - culpa por sua boa sorte. Ela não era rica, mas tinha um apartamento decente, um carro pequeno, roupas bonitas - todas as armadilhas de um estilo de vida urbano moderno. Essas pessoas pobres tinham apenas pobreza e degradação.

Ela se sentiu envergonhada por terem viajado tão longe e encontrado apenas isso.

Mas, junto com sua culpa, havia sentimentos de raiva também. Raiva contra Andrew Simpson. Muitos proprietários eram culpados de negligência, mas em um nível diferente. Ela sabia que ele era desagradável, ganancioso e sujo - mas mesmo assim Sanderson ficou chocado ao perceber que aquele homem estava preparado para tratar os outros seres humanos como pouco mais do que animais.

89

O coração de Ruby parou assim que ela o viu. Um beco sem saída. Ela correu por toda a extensão do corredor da direita, apenas para descobrir que havia escolhido mal. O túnel sombrio parecia pertencer a uma mina - piso de terra áspera e paredes com lâmpadas industriais presas às vigas de madeira que sustentavam o teto - e terminava em algum tipo de área de armazenamento. Estava cheio de garrafas plásticas, sacos vazios e outros detritos. Girando nos calcanhares, Ruby correu de volta ao cruzamento o mais rápido que pôde. Seus pulmões estavam queimando, sua respiração curta e irregular, mas ela tinha que continuar. Ela só tinha uma chance nisso.

O gemido de seu captor estava mais alto do que antes. Ele tinha conseguido sair de sua cela agora? Ele estava vindo em sua direção? Por um momento, Ruby ficou paralisada de indecisão, o medo de que ele a pegasse de repente roubando sua energia e convicção.

Passos. Agora ela definitivamente podia ouvir passos. Virando-se, ela mergulhou na passagem central. Suas pernas ameaçaram se dobrar, mas seu desejo de viver a impeliu para a frente. Descendo o corredor, virando a esquina, ela correu sem parar. Certamente isso tinha que estar certo? Este túnel era mais longo que o último e ela podia sentir o ar fresco à sua frente. Ar fresco, fresco. Sim, *deve* ser esse.

Ruby fez uma curva e agora as lágrimas - lágrimas de puro medo - brotaram de seus olhos. Outro beco sem saída - uma espécie de respiradouro - mas sem meio de fuga. Por um momento, a desolação se abateu sobre ele, então, de repente, Ruby foi tomada por um pensamento. Talvez essa saída de ar *fosse* uma saída, afinal. Ela enfiou os dedos na grade e puxou o mais forte que pôde, empurrando a perna contra a parede áspera para fornecer uma força extra. Nada. A grade era fixada com vários parafusos resistentes e, sem uma chave de fenda, ela não tinha forças para movê-la. Ruby apoiou a cabeça latejante na grade, o ar fresco zombando dela, enquanto corria por seu rosto manchado de lágrimas. Foi isso? Se ele a encontrasse, ele a mataria, Ruby tinha certeza disso. Ela nunca veria sua família, seus amigos . . ela nunca veria a luz do dia novamente.

Tudo estava quieto agora. Ela ouviu atentamente. Sem mais gemidos. Sem mais passos. De repente, um pensamento lhe ocorreu. E se ele tivesse tomado a passagem da direita, deixando a da esquerda desprotegida? A terra macia do chão teria mostrado seus rastros - certamente ele a teria perseguido por aquele corredor primeiro?

Mantendo-se perto da parede, Ruby rastejou de volta para a junção, parando a cada segundo passo para ouvir. Seus olhos dispararam para um lado e para o outro, seus ouvidos apurados, mas não havia sinal dele. Ela foi um pouco mais longe. Em seguida, ainda mais. Ela estava a apenas dez metros do cruzamento. Ela tentou acalmar a respiração, preparando-se para uma última explosão de energia.

Era agora ou nunca.

Ela fugiu de seu esconderijo, virando bruscamente para a direita na esquina. Sem hesitar, ela correu pelo corredor da esquerda. Ele provavelmente teria ouvido seu movimento, então não havia nada a fazer a não ser abaixar a cabeça e correr.

Um ruído a fez erguer os olhos e de repente ela parou de repente. Ele não tinha descido a passagem da direita - ele correu direto para a saída. E lá estava ele agora em pé na frente dela, bloqueando seu caminho.

Ruby se virou para correr, mas ele a alcançou em um flash. Ela sentiu a mão áspera dele puxar sua cabeça para trás, então cambaleou quando seu punho esmagou seu rosto. Quando os golpes choveram, Ruby caiu no chão. Ela não fez nenhuma tentativa de se defender. Ela simplesmente fechou os olhos, aguentou os golpes e esperou pacientemente pela morte.

90

'Ok, vamos reunir o que temos.'

Era hora do almoço e Helen reuniu a equipe na sala de incidentes. Sanderson e Lucas haviam retornado de sua caçada, McAndrew havia peneirado os pertences de Roisin - era a primeira vez em um tempo que toda a unidade estava lá. Helen os observou enquanto se reuniam - observando quem estava ao lado de quem, quem evitava quem e muito mais. Ficou claro para ela que ainda havia mal-estar dentro da equipe. Divisão? Cliques? Era muito cedo para dizer, mas isso a assustou. Ela não tinha tempo - Ruby não tinha tempo - para disputas internas.

“Portanto, temos três vítimas confirmadas e uma mulher desaparecida. Pippa Briers foi assassinada de três a quatro anos atrás, Roisin Murphy há cerca de dois anos. Isobel Lansley é a nossa vítima mais recente - Jim Grieves estima que ela foi assassinada nos últimos dezoito meses. Todos eles compartilham uma aparência -

cabelo preto, olhos azuis - e cada vítima de assassinato tem uma tatuagem distinta de pássaro azul em seu ombro esquerdo. O trabalho diligente de DC McAndrew com a família e ex de Roisin ajudou a confirmar que Roisin *não* tinha aquela tatuagem quando ela desapareceu. O mesmo vale para Pippa.

- E Lansley? questionou DC Lucas.

- Ainda não entrevistamos os pais dela. Eles estão baseados na Namíbia - já há

alguns anos - mas nós os informamos sobre os desenvolvimentos e estamos voando sobre eles, 'DC Grounds respondeu.

- Mais cedo ou mais tarde, por favor - insistiu DS Fortune.

"Portanto, podemos presumir que o assassino tatuou as mulheres", continuou Helen. 'Por que? Para marcá-los como *seus* ? Para torná-los semelhantes a outra pessoa? Para entretenimento? Qual é o seu significado? '

Silêncio da equipe, então Helen continuou.

'Qual a importância do visual deles? Por que eles? Eu gostaria que Lucas e McAndrew liderassem a destruição da vida dessas mulheres para ver se podemos identificar onde ele pode ter entrado em contato com elas. Quais eram os compromissos regulares dessas mulheres, onde trabalhavam, se socializavam, se exercitavam? Precisamos do capítulo e do versículo, para que possamos comparar para ver se há sobreposição. '

McAndrew e Lucas assentiram, embora nenhum parecesse muito feliz. Helen não se importou - ela forçaria essa equipe a trabalhar junto.

'Em seguida, acesse. De acordo com Sinead Murphy, Roisin tinha quatro chaves para seu apartamento municipal. Sinead tinha um em sua bolsa, os outros três foram recuperados de seu apartamento, depois que ela desapareceu - nós os encontramos em seus pertences embalados.

- Então ela conhecia seu raptor? DS Fortune oferecido.

- É possível, pois não havia sinal de arrombamento ou luta no apartamento dela.

Mas Roisin tinha um pequeno círculo social e não mencionou ninguém que ela conhecesse que a preocupasse ou que fosse novo na cena. Portanto, também devemos pensar nas pessoas que você pode deixar entrar em seu apartamento.

Pessoas uniformizadas - policiais, paramédicos, inspetores de gás e eletricidade, trabalhadores de caridade. Essas mulheres deixariam esse tipo de pessoa entrar?

Vamos voltar para as famílias, ver o que podemos respigar. '

- Como ele os tira? Finalmente o DC Stevens falou. Ele não disse muito que

Helen pensava, mas sua pergunta era sobre o dinheiro.

- Isobel Lansley tinha vestígios de algo pegajoso no cabelo. Nós o enviamos para testes e descobrimos que era um solvente industrial ', respondeu Helen. "Chama-se tricloroetileno."

- Para que serve? Sanderson perguntou.

- Todo tipo de coisas - respondeu Helen. 'Limpar superfícies de trabalho, desengordurar peças de metal, você encontra em polidores de botas e produtos químicos para limpeza a seco, além de que, historicamente, as pessoas usavam para ficar chapado.'

- E isso te deixaria inconsciente?

“Foi testado como uma alternativa ao clorofórmio na década de 1920, uma forma de anestésico, antes de ser usado pela indústria - portanto, não há dúvida de que pode incapacitar você. Tal como acontece com o clorofórmio, um pano ensopado sobre a boca e o nariz resolveria.

A equipe ficou em silêncio mais uma vez. Este último desenvolvimento foi sinistro e enervante.

"Para administrá-lo, ele teria de se aproximar deles", disse o detetive Lucas, retomando o fio. - Mas não houve rupturas, nenhum sinal de luta no apartamento de Ruby, então . .

- Ela deve ter confiado neles o suficiente para deixá-los chegar perto - ofereceu o DS Fortune.

- Ou as vítimas já estavam dormindo - interrompeu Sanderson. - Sabemos que Ruby teve uma grande noite fora. Ela poderia ter desmaiado e então . . '

Mais silêncio.

"Vamos voltar para os apartamentos", continuou Helen. - Sei que isso foi há um tempo, mas verifique se algum dos residentes de longa data se lembra de ter visto alguma autoridade nos apartamentos tarde da noite. Qualquer coisa que lhes parecesse incomum. Deve haver uma razão pela qual esse cara nunca deixa rastros.

Como ele entra? '

A equipe se separou, direcionada para suas tarefas por um energizado DS Fortune.

Helen os observou partir. O progresso tinha sido modesto, mas finalmente eles tinham algumas peças do quebra-cabeça, fornecendo à unidade o necessário impulso moral. Talvez eles estivessem finalmente se aproximando de entender o MO de seu assassino.

As reflexões de Helen foram interrompidas pelo toque do celular. Ela ficou surpresa ao ver que era James ligando. Seu vizinho do andar de baixo, um belo médico júnior do hospital South Hants, tinha sido amigável no início, mas recuou quando ficou claro que Helen não tinha interesse em ser outro entalhe na cabeceira da cama. Intrigada, Helen respondeu rapidamente.

'James?'

- É melhor você voltar aqui, Helen.

'Por que o que está acontecendo? Por favor, não me diga que houve outro vazamento.

- Eles estão no seu apartamento.

'Quem?'

'Polícia. Meia dúzia deles. Você precisa voltar aqui AGORA. '

91

Helen subiu três degraus de cada vez. No momento em que ela alcançou o último andar, ela estava suando um pouco, mas ela não hesitou - irrompendo pelas portas.

Ela esperava o pior, mas mesmo assim a visão que encontrou a deixou sem palavras.

Seu apartamento - seu precioso apartamento - estava sendo reformado. Seis policiais, todos embainhados em ternos forenses, estavam desmontando o local.

Abrindo as gavetas da escrivaninha, checando embaixo das mesas, guardando seu laptop e iPad.

- Alguém me explicaria o que diabos está acontecendo? Helen rugiu, segurando seu cartão de autorização. - Sou detetive inspetor da Polícia de Hampshire, este é o meu apartamento e *você* está no lugar errado.

"Na verdade, estamos no lugar certo", rebateu uma mulher de meia-idade com um corte de cabelo ruim, segurando *seu* cartão de autorização. 'DS Lawton, Anticorrupção.'

Helen olhou para a identificação, mas não conseguiu entender.

'Anticorrupção?'

- Exatamente e temos um mandado para revistar seu apartamento.

Helen arrancou o pedaço de papel da mão de Lawton e o examinou, procurando detalhes de quem, o quê, por quê. Previsivelmente, era insosso e pouco informativo.

'Por quê você está aqui? O que você está procurando?'

Os oficiais de busca nem se deram ao trabalho de responder a essa pergunta.

'No momento, estou conduzindo uma grande investigação. Não sei o que você *pensa* que está fazendo, mas posso garantir que a polícia de Hampshire vai chutá-lo de volta para qualquer buraco que você . .

- Esfrie suas botas, DI Grace. Nós sabemos quem você é e o que está fazendo. Mas saiba de uma coisa: foi um de vocês que nos chamou, então talvez você pudesse nos deixar continuar com nosso trabalho e guardar o abuso para outra pessoa.

Com uma carranca, Lawton voltou para a tarefa em mãos. Helen ficou imóvel, cambaleando com a última revelação. Ela não sabia das intenções deles, mas agora pelo menos estava claro para ela quem era o responsável.

'Você não tem o direito de fazer isso. O que quer que tenha acontecido entre nós no passado, você não tem o direito de espalhar mentiras sobre mim.

Uma Helen incandescente olhou para Ceri Harwood do outro lado da mesa.

'Vou fazer uma reclamação oficial para Fisher -'

- O que o faz pensar que estou contando mentiras - Harwood respondeu friamente.

Helen ficou nervosa com seu tom, mas continuou assim mesmo.

'Anticorrupção? Sério? Acho que meu histórico mostra de que lado da cerca estou. '

Ela estava se referindo ao antecessor de Harwood - o detetive superintendente Whittaker - que ela havia entregado corretamente para a Anticorrupção em uma bandeja.

- O que torna suas ações ainda mais surpreendentes, Helen.

Ainda assim, essa frieza.

'O que você quer dizer?'

"Eu gostaria de tocar alguma coisa para você", respondeu Harwood. 'O original é com Anticorrupção, daí a diversão e os jogos desta manhã. Fiz esta cópia para nossos arquivos. '

Helen ficou tensa quando Harwood pressionou o play em seu pequeno reprodutor portátil. Que jogo foi esse?

Silêncio, então embaralhamento, finalmente vozes. Helen reconheceu imediatamente sua voz - e a do DI Tom Marsh. Por um momento, Helen ficou muda.

Por que diabos ele estaria gravando a conversa deles? Ele não tinha ideia de que Helen iria batê-lo em Northamptonshire . .

Ela tinha sido armada. DI Marsh estava envolvido desde o início - ele gravou

Helen pedindo-lhe para vazar informações confidenciais para ela, comprometer o trabalho secreto em andamento, arriscar a vida de oficiais em serviço . . a lista de acusações era interminável. E Harwood tinha tudo gravado.

- Eu disse para você não chegar perto disso. Não, ordenei que você não se aproximasse de Robert Stonehill - continuou Harwood. - Mas você me ignorou.

Ainda não tenho certeza de como você acessou o arquivo dele, mas vou descobrir.

Imediatamente Helen pensou em Charlie. Para o que ela a arrastou?

'Arquivo?' Helen perguntou, mantendo sua expressão o mais neutra possível.

- Não seja tímido, Helen. A única maneira de saber sobre o envolvimento de DI Marsh é lendo o arquivo não editado.

"Não me lembro de nenhum arquivo."

- Meu Deus, Helen, se isso é o melhor que você pode fazer, você realmente quer pular em altura. Os anticorrupção estão passando por seu apartamento com um pente de dente fino - quando encontrarem as evidências de que precisam, você terá ido embora. E não muito cedo.

Helen olhou para seu superior. Havia algo diferente sobre ela hoje. Mesmo no ponto de seu triunfo, ela parecia cansada e vazia. Como se seu próprio ódio a tivesse comido por dentro. Ela havia armado uma armadilha complexa para pegar Helen e funcionou. Então, por que ela parecia tão desanimada?

- Algo disso era verdade? A luta em Northampton? A associação de Robert com a polícia?

- Receio que isso seja classificado.

E sem dúvida permaneceria assim. A raiva de Helen estava aumentando agora, o pensamento de como sua vida pessoal - suas vulnerabilidades mais profundas -

tinha sido usada contra ela fazia seu sangue ferver. Ela havia subestimado a sede de vingança de Harwood e estava colhendo a recompensa por sua complacência.

'Obviamente, enquanto isso estiver em andamento, você será suspenso da investigação -'

'Acho que não.'

Harwood riu.

- Admiro suas bolas, Helen, mas não tenho certeza de que essa decisão seja realmente sua. Assim que terminarmos aqui, devo encontrar Fisher para carimbar sua suspensão. Ele está em tudo isso obviamente - '

- Então, sem dúvida, ele saberá como seria uma jogada tola. Do ponto de vista da publicidade, não funcionaria bem, certo? Você me suspendeu antes e veja o que aconteceu - encontrei Ella Matthews enquanto você corria em círculos. Lembrei disso a Emilia Garanita outro dia - tenho certeza de que o *Evening News* teria uma opinião negativa sobre o policial mais bem-sucedido do Southampton Central sendo suspenso por causa de uma investigação tão importante em andamento.

Tenho certeza de que eles também estariam interessados em saber que sou vítima de uma campanha de assédio implacável, apesar da total falta de provas contra mim, por causa de sua vingança pessoal contra mim . .

'Você está falando sério? Você foi pego em flagrante! ' Harwood disparou de volta.

'Uma conversa hipotética entre dois oficiais, durante a qual nada digno de nota foi revelado -'

- Você acessou um arquivo classificado. Em violação de uma ordem direta. '

'Então onde está?'

Pela primeira vez, Harwood fez uma pausa. Helen detectou alguma dúvida?

- Se eu peguei o arquivo, apresente-o. Então você pode jogar o livro em mim. Mas até então, sugiro que você volte para sua caixa e me deixe fazer meu trabalho. Há a vida de uma jovem em jogo e qualquer coisa - ou qualquer pessoa - que impeça nossa busca por ela é melhor estar preparado para enfrentar as consequências se as coisas derem errado. Eu não gostaria disso na minha

consciência. Ou meu rosto se apegou a *essa* história.

Uma longa pausa. Harwood não disse nada, mas Helen percebeu que ela havia plantado uma semente de dúvida. Harwood jamais permitiria que algo manchasse sua imagem pública ou reputação profissional. Segurança em primeiro lugar era seu lema e Helen sabia disso.

"Você vai continuar na investigação *por enquanto* ", Harwood acabou admitindo.

'Mas você deve cooperar totalmente com a Anticorrupção. Especificamente, você vai me fornecer agora todas as suas senhas e códigos de criptografia, para que a equipe possa acessar totalmente seus laptops, telefones, tablets e muito mais. Você também vai desistir de voltar para seu apartamento ou discutir isso com qualquer oficial em exercício. Se você desobedecer a alguma dessas ordens, de qualquer forma, terei seu distintivo. Está claro?'

Helen marchou pelo corredor, ainda queimando de raiva. A vida a surpreendia constantemente com seu sadismo inventivo, mas ela nunca esperava *isso*. Quanto Harwood deve desprezá-la para agir dessa maneira? Ela pretendia destruí-la, mas mesmo agora, com o futuro de Helen em Southampton Central pendurado por um fio, Helen estava repleta de um desafiador senso de propósito.

De repente, ela sabia exatamente o que precisava fazer, se queria inclinar a batalha a seu favor, de uma vez por todas.

93

O detetive Lloyd Fortune mexeu-se inquieto na cadeira. Ele nunca gostou de apelações públicas e esta foi mais angustiante do que a maioria. O rosto sorridente de Roisin irradiou das telas atrás deles, o pano de fundo para o apelo emocional de Sinead Murphy por informações. Sinead tinha conseguido três frases antes de quebrar e, desde então, o progresso foi interrompido. Isso era bom para a TV e podia refrescar a memória de alguém ou mexer com sua consciência, mas era difícil de assistir. Era como se Sinead tivesse sido destripada como um peixe - todo seu otimismo, sua força, arrancados dela pela trágica reviravolta dos acontecimentos.

As memórias felizes de Roisin que ela ensaiava agora pareciam machucá-la ainda mais - elas foram oferecidas para estimular outros a se apresentarem, mas Lloyd temia que servissem apenas para sublinhar sua própria culpa e aumentar

sua miséria.

Quando ela começou a falar sobre Kenton, as coisas pioraram. Sinead estava quase inaudível agora por causa dos fortes soluços e a responsabilidade recaiu sobre Lloyd em intervir. Mas era difícil fazer isso sem parecer insensível ou insensível.

Apesar de sua boa aparência e articulação, Lloyd era tímido diante das câmeras e odiava estar sob os holofotes. Isso o deixava ansioso: ele estava inclinado a se calar por medo de fazer papel de bobo, o que ele sabia por experiência passada o fazia parecer distante ou arrogante. Sempre que era abordado por campanhas de cartazes frontais destinadas a atrair novos oficiais negros e de minorias étnicas para a Força, ele tentava se esquivar, geralmente com pouco sucesso. As pessoas pareciam obcecadas em colocá-lo aos olhos do público, daí o interminável treinamento da mídia, e mais uma vez Harwood insistiu que ele fosse o líder do apelo de hoje, apesar do fato de que realmente deveria ser Helen Grace ocupando sua cadeira.

Sinead havia parado por completo agora, então finalmente Lloyd se inclinou, colocando um braço reconfortante no dela, enquanto redirecionava sua atenção para o roteiro que haviam assinado antes do início da entrevista coletiva. Sinead olhou para ele com os cílios encharcados e, em seguida, reunindo algum último vestígio de compostura, continuou seu apelo.

'Roisin era uma linda . . mãe e filha atenciosa.'

Outra longa pausa, enquanto Sinead respirava fundo.

- Ela foi cruelmente tirada de nós e alguém sabe por quê. Se você tiver alguma informação sobre o desaparecimento do meu Roisin . . por favor, entre em contato com a polícia. Ela havia sofrido muito em sua curta vida. Um pai que a abandonou.

Um namorado que fez o mesmo. Ela merecia muito mais da vida, mas nunca conseguiu.

Finalmente, ela ergueu os olhos da mesa e olhou direto para a câmera de TV mais próxima.

- Não deixe o assassinato dela ficar impune.

94

- Não deixe o assassinato dela ficar impune. A cadela chorona parecia olhar diretamente para ele quando disse isso. Ele praguejou violentamente para ela, o que ela e sua filha vagabunda sabiam sobre o sofrimento?

O esforço de gritar com a TV trouxe a dor de volta. Ele estava deitado no sofá da sala imunda, uma bolsa de gelo presa na nuca. Pacotes vazios de naproxina, ibuprofeno potente que ele havia prescrito alguns anos antes, estavam espalhados pelo chão. Ele havia tomado quatro vezes a dose recomendada, mas não parecia estar fazendo muita diferença. Foi como a pior enxaqueca que ele já teve - uma pulsação profunda e insistente na parte de trás do crânio.

Pior do que tudo isso, porém, foi a dor da traição de Summer. Como ele foi enganado tão facilmente? E tão cruelmente? Ela parecia ter voltado para ele, para querer agradá-lo, mas na verdade ela estava planejando cuidadosamente seu ataque, esperando até que seu coração estivesse aberto e sua guarda baixa.

Apesar do fato de que ele teve uma concussão, ele a arrastou de volta para a cela pelos cabelos e uma vez lá deu uma surra que foi selvagem e persistente. Ficou chocado ao perceber que não tinha ideia de quanto tempo durou ou mesmo se ela havia sobrevivido ao ataque. Eventualmente, ele perdeu o fôlego e então toda a extensão de seu subterfúgio tornou-se clara. Como ela havia removido o suporte de metal da lateral da cama e, em seguida, apoiado a cama com uma das cadeiras para que parecesse intacta, para que ela pudesse desfrutar do elemento surpresa. Que canalha ele tinha sido - todas aquelas compras de cosméticos da Boots tinham sido feitas para colocar as mãos dela em algo de metal. Por que ele não viu isso?

Levantando-se do sofá, enfiando mais dois Naproxin na boca, ele jurou não ser tão ingênuo novamente. Ela o havia enganado uma vez - ele não a deixaria fazer isso de novo. De agora em diante, as coisas seriam muito diferentes.

95

Ruby ficou deitada na escuridão. Ela estava suando e tremendo, seu corpo reagindo confuso à severa perda de sangue e ossos fraturados. Ela havia perdido a consciência no início do ataque, repetidos socos de coelho em seu rosto e pescoço, terminando a luta rapidamente. Quando ela finalmente acordou, a dor foi momentaneamente controlada pelo choque - e pelo horror - de descobrir que

ainda estava viva. Pela primeira vez em sua vida, ela realmente desejou estar morta.

Ele quebrou sua mandíbula? Suas costelas? Ela não sabia dizer. Tudo doía e em toda parte estava pegajoso - sangue enjoado agarrado obstinadamente à sua boca, rosto e cabelo. Por que ele a poupou? Ela o havia atacado. O teria matado se ela tivesse mais presença de espírito. Ele voltaria para terminar o trabalho?

De repente, Ruby estava se levantando. Ela não tinha pensado nisso - ela estava agindo por instinto agora, o pensamento de mais sofrimento a levando adiante. A dor a percorreu - disparando de suas costelas até o centro do cérebro - mas ela conseguiu chegar às mãos e aos joelhos. Ela vomitou imediatamente, mas agora estava em movimento e não prestou atenção a isso, virando-se e engatinhando em direção à cama. Ainda estava apoiado na cadeira e parecia oferecer seu santuário agora. Rapidamente ela correu para baixo, puxando o cobertor ao seu redor, escondendo-a de vista.

Ela não estava segura aqui, mas era melhor estar escondida. Juntando as mãos, Ruby se viu murmurando orações mutiladas mais uma vez. Suas palavras foram distorcidas, seu significado confuso, mas o sentimento era claro. Desta vez, Ruby não estava orando por libertação. Ela estava orando pela morte.

96

O detetive Sanderson examinou de um lado para outro, em busca de perigo. A prisão que ela estava examinando ficava no final de um beco cheio de agulhas em Portswood. Não havia iluminação pública, nem circuito interno de TV, você poderia desaparecer da face da terra aqui e ninguém saberia. Ela se amaldiçoou por continuar sua pesquisa das propriedades de Simpson sozinha - ela nunca deveria ter permitido que a política da estação colocasse sua segurança em risco. Essa foi a primeira regra do livro.

Ela se virou para sair, ansiosa para sair daquele beco fétido. Ela tinha grandes esperanças para esta propriedade. Era remoto e isolado, e não tinha aparecido em sua primeira varredura das propriedades de Simpson. Por razões que não estavam claras, a propriedade perfeita para esta propriedade parecia estar no nome da falecida esposa de Simpson. Isso pode ter sido um descuido histórico ou para fins fiscais, mas Sanderson duvidou. Tudo o que Simpson fez foi premeditado e controlado. Nada foi deixado ao acaso. Mas na chegada,

rapidamente ficou claro que não havia testemunhas em potencial nesta parte da cidade e havia pouca esperança de obter acesso. Havia apenas uma entrada e esta estava coberta por cadeados e correntes - não havia como contornar a falta de um mandado de busca.

No meio do beco, Sanderson fez uma pausa, seu olhar vagando para uma pequena janela na lateral do edifício. A janela suja, rachada e quebrada, pendia ligeiramente aberta. Não era grande, mas era largo o suficiente para o esguio Sanderson passar.

Uma lata de lixo com rodas estava abandonada nas proximidades. O que uma vez esteve nele? Desperdício de comida? Um cachorro morto? Ela não sabia dizer, mas os vermes não pareciam se importar. Engolindo a náusea e fechando a tampa, ela o arrastou para baixo da janela e subiu no topo. Dali, foi um salto curto para o parapeito da janela. Seus dedos escorregaram na primeira vez e ela quase caiu da lata de lixo como resultado, mas na segunda vez ela agarrou o peitoril com força.

Usando a ponta das botas para se agarrar aos buracos de argamassa desgastados da alvenaria, ela se arrastou rápido e dez segundos depois estava lá dentro.

Quando ela pousou, uma nuvem de poeira levantou-se para saudá-la, rastejando em seu nariz e olhos e fazendo-a espirrar violentamente. O barulho parecia ecoar pela prisão deserta, sublinhando seu isolamento e vulnerabilidade. Tirando o iPhone do bolso com zíper, ela usou a lanterna para olhar ao redor.

Meu Deus, que lugar era esse?

Cada centímetro quadrado dele estava ocupado por caixas que iam do chão ao teto.

Todos eles marcados e etiquetados. Sanderson examinou o mais próximo dela.

Apesar da poeira, o rótulo parecia novo, a escrita fresca. Sanderson hesitou - ela sabia que examinar o conteúdo da caixa era abrir uma lata de vermes legal -

especialmente se o que quer que ela descobrisse fosse parar em um processo judicial, mas Sanderson percebeu que aquele cavalo tinha fugido com ela arrombando e entrando. Além disso, Ruby tinha que ser sua primeira prioridade agora.

Calçando um par de luvas de plástico, ela abriu a caixa. O que ela esperava encontrar? Roupas manchadas de sangue? Um kit de sequestro? Uma confissão escrita com sangue? O que quer que ela estivesse esperando, ela ainda estava surpresa com o que encontrou. A caixa inteira estava cheia de fitas. Fitas de vídeo.

Sanderson não tinha visto CCTV em nenhuma das propriedades de Simpson até agora, então ela ficou imediatamente intrigada. Olhando para a lombada, sua

curiosidade aumentou ainda mais - "Setembro de 2013" estava escrito em esferográfica azul. Ao folhear uma dúzia de outras fitas, surgiu um padrão: 'Junho de 2013'; 'Agosto de 2013'. Abrindo um, ela examinou a fita - sem etiquetas - então olhou para a manga interna.

E parou no meio do caminho. Escrito em esferográfica na manga - uma única palavra que mudou tudo.

'Rubi.'

97

Charlie sabia que algo estava acontecendo no minuto em que ela entrou na casa.

Ela tinha acabado de voltar do jornaleiro - o *Evening News de* hoje fez uma grande divulgação sobre a tatuagem do pássaro azul no caso 'Bodies on the Beach' e Charlie estava ansioso para ler os detalhes - mas algo sobre a sensação da casa era . . errado. Isso era um legado de seus anos de trabalho policial? Ou o resultado de seu sequestro por Marianne? Seus sentidos estavam particularmente aguçados agora e ela poderia dizer que não estava sozinha na casa.

Ela permaneceu imóvel, tentando acalmar a respiração, que era alta e rápida. Seu bastão de polícia estava lá em cima, no fundo de uma gaveta, então ela se virou e voltou para a porta da frente que acabara de entrar, tomando cuidado para não pisar no piso rangente à esquerda. No passado, ela teria enfrentado um intruso sem hesitação ou medo, mas não havia dúvida disso agora com sua barriga inchada. Mas quando ela colocou a mão na trava -

'Charlie.'

Uma voz feminina. A voz de Helen. Charlie se virou, pronto para arrancar uma

tira de seu chefe por assustá-la até a morte, mas quando ela viu a ansiedade em seu rosto, ela engoliu a repreensão.

'Eu sinto muito. Eu não queria te assustar. Eu precisava ver você, mas não podia arriscar entrar em contato com você diretamente. '

Charlie intrigado a conduziu para a sala de estar.

'O que está acontecendo?'

Helen fez um gesto para que se sentassem. Uma vez no sofá, ela se aproximou.

- Harwood foi convocado para a Anti-Corrupção. Eles estão destruindo meu apartamento enquanto conversamos.

'Mas por que … ?'

- Toda essa coisa de Robert . . - Helen fez uma breve pausa quando a crueldade do esquema de Harwood atingiu seu alvo mais uma vez. "A coisa toda foi falsa."

Charlie olhou para ela, sem acreditar.

"Não acho que tenha havido uma briga em Northampton, não acho que Robert jamais tenha morado lá", continuou Helen. 'A coisa toda foi projetada para me atrair para acessar material classificado -'

"Dando motivos para demissão."

Helen acenou com a cabeça. Charlie balançou a cabeça - Harwood poderia realmente descer tão baixo?

- O que eles descobriram com você?

- Uma gravação do meu encontro com DI Marsh. Por si só, não é suficiente. Ela precisa provar que tenho o arquivo, daí a busca no meu apartamento.

Agora Charlie sabia por que Helen tinha vindo.

- Vou fazer isso agora - disse ela, levantando-se.

- Obrigada - Helen respondeu, voltando para a cozinha. Ela parou na porta:

- Ah, e Charlie, eu arrumava a fechadura da sua porta dos fundos. Brincadeira de criança. '

Charlie aceitou a repreensão com bom humor e correu escada acima. O

anticorrupção poderia estabelecer a conexão entre Helen e ela ou eles não, mas não havia sentido em arriscar. Ela agradeceu a Deus agora que Helen achou por bem confiar a cópia do arquivo para ela para guarda. Se ela não tivesse, ela teria sido suspensa ou pior agora. E Charlie e Sally Mason também estariam na linha de

fogo. Steve não teria necessariamente se importado, mas não era assim que Charlie pretendia que sua carreira terminasse. Ela devia a todos eles colocar essa coisa para dormir de uma vez por todas.

Ela era toda dedos e polegares enquanto acendia as acendalhas, empilhadas debaixo das toras de sua lareira. Era uma época estranha do ano para uma fogueira, mas precisava. Por fim, o fósforo acendeu, a parafina acendeu e em minutos o fogo estava crepitando bem. Charlie não hesitou, colocando as páginas do relatório falsificado, então até o próprio arquivo, nas chamas. Ela estava estranhamente tensa, enquanto observava os papéis travar e enrolar, como se o Anticorrupção pudesse explodir a qualquer momento. Mas a casa - a rua - estava silenciosa e em pouco tempo os papéis foram reduzidos a cinzas. Charlie se perguntou se isso era o suficiente. Eles frustraram a tentativa inicial de Harwood de derrubar Helen, mas quão complexo era esse esquema? E havia algo que eles haviam esquecido? A ideia de Southampton Central sem Helen era absurda, mas agora parecia ser a missão de Harwood. E Charlie sabia por experiência própria que, quando Harwood queria algo muito, ela geralmente conseguia.

98

Foi uma emboscada. Assim que ele abriu a porta, ela o atacou, o cartão de mandado empurrado rudemente em seu rosto.

- Bom dia, Sr. Simpson. Não está no trabalho hoje?

Por um momento, Alan Simpson não disse nada, chocado demais com a repentina aparição de um policial em sua porta para responder. Ele balançou levemente como se estivesse instável em seus pés.

- Fui trabalhar - continuou Sanderson -, mas disseram que você estava atrasado.

Espero não ter te pegado em um momento ruim. '

"Nem um pouco", respondeu ele rapidamente.

'Bom. Porque tenho mais algumas perguntas para você sobre Ruby Sprackling.

Posso entrar?'

Um silêncio pesado seguiu o pedido de Sanderson. Isso era medo nos olhos de Simpson? Suspeita? Sanderson olhou por cima do ombro para ver o interior. Foi uma bagunça. Mas foi o constrangimento ou algo mais sinistro que levou Simpson a puxar a porta atrás dele, cortando sua visão?

- Você tem um mandado?

'Não. Mas não vou demorar muito para conseguir um -

- Então, sugiro que façamos isso em outro lugar.

Sanderson o encarou - tentando provocar uma reação com sua evidente irritação e suspeita, mas ele não piscou, olhando diretamente para ela com olhos duros e inabaláveis.

"Vai gerar muita papelada se formos para a delegacia", respondeu Sanderson. - O

que vai ocupar muito mais do seu tempo. Realmente seria mais simples se eu apenas entrasse - '

- Faremos isso na estação. Você tem um carro?'

- Sim - disse Sanderson resignado.

- Então vamos embora - disse Simpson, batendo a porta com força atrás de si.

99

Ruby acordou assustada - um barulho vindo do andar de cima a assustou. Há quanto tempo ela estava fora disso? E o que esse barulho significa?

Ele não havia voltado para ela desde a surra, o que a surpreendeu. O que ele estava fazendo, ela se perguntou. Desde que o encontrou pela primeira vez - naquele dia terrível - ela teve a sensação de que ele estava se contendo, mantendo algo dentro.

Ela tinha vislumbrado a emoção às vezes - faíscas de desejo, flashes de raiva - mas ele sempre conseguiu para controlá-lo. Para aparecer no controle e no comando.

Agora não. Como ele havia se intrometido nela, Ruby viu a verdadeira fúria, um desejo de destruí-la - e é por isso que ela ficou surpresa ao descobrir que ainda estava viva quando acordou. Agora que ela esmagou sua fantasia, agora que ela o enganou, o que havia para segurá-lo?

O pensamento fez Ruby estremecer. Ela não tinha mais medo da morte, mas ficou enojada com a ideia de mais dor. A maioria de seus ossos já parecia quebrada, mas quem pode dizer que dor adicional ele poderia infligir, se ele se empenhasse nisso.

Ela fechou os olhos, tentando bloquear o pensamento dele caindo sobre ela em vingança. Memórias de seu desejo por ela a fizeram choramingar. Por favor, Deus, isso não . .

A suave cócega do ar frio fez Ruby se virar. O tijolo quebrado olhou para ela.

Mudando para a parede, ela puxou os fragmentos soltos. Tirando as cartas e cartões do esconderijo, ela as colocou no chão ao lado dela. Ela não tinha dúvidas de que morreria aqui agora - tudo o que restava para ela era deixar algum tipo de mensagem, algum tipo de marcador de que ela havia vivido - e morrido - neste mundo estranho e fabricado. Localizando a caneta com ponta de feltro, ela removeu a tampa e a sacudiu violentamente. Então, encontrando um quadrado de papel em branco sobrando, ela começou a escrever.

Nada.

Ela balançou a caneta novamente, desta vez lambendo a ponta com a língua. O

gosto amargo da tinta animou-a e ela começou a escrever. Mas depois de três letras

- 'My n' - a tinta acabou e nenhuma quantidade de persuasão poderia render mais.

Ele havia secado.

Ruby jazia entre as cartas, desanimada, furiosa e totalmente desolada. Ela não fez nenhuma tentativa de esconder as cartas - qual era o ponto? Eles eram tudo que ela tinha agora. Sua única conexão com um mundo além de seu captor. Ela os deixaria onde estavam, espalhados ao seu redor no chão. Ela passaria o resto de seus dias na companhia de três garotas mortas.

100

A mulher entrou no banheiro sujo. Ela trancou a porta e começou a se despir. Logo ela estava nua. Parada na frente do espelho rachado do armário, ela se olhou.

Inclinando-se, ela se virou para um lado e para o outro como se procurasse por imperfeições. Então, cansada desse auto-exame, ela entrou na banheira. Puxando a cortina de plástico transparente do box, ela ligou o chuveiro. Um pequeno jato de água a contragosto saiu do chuveiro, correndo por seu rosto, pescoço e corpo.

Helen parou a fita. A jovem na fita era Ruby. E toda a cena foi assistida do alto, de um ponto de vista divino.

'Existem câmeras em todos os detectores de fumaça? Ou apenas nos banheiros e nos quartos? Helen perguntou a ele, sua voz neutra apesar de seu desprezo.

Andrew Simpson, ladeado por seu advogado, não disse nada.

'Temos uma lista completa aqui de suas propriedades. Se você quiser que a gente dê uma volta e verifique o que faremos. Tenho certeza de que seus inquilinos ficariam muito interessados em saber que você está espionando . .

"Apenas os quartos e banheiros."

'Quantas propriedades?'

Outra pausa, então:

'Vinte.'

Helen abanou a cabeça. Ela queria que Simpson soubesse o que ela pensava dele, esperava que ela pudesse irritá-lo. Mas ele apenas olhou para ela com aqueles olhos mortos. Sanderson sempre questionou por que noventa por cento dos inquilinos de Simpson eram mulheres. Agora tudo fazia sentido.

'Há quanto tempo isso vem acontecendo? E antes que você pense em mentir para mim ', Helen continuou rapidamente,' eu tenho uma equipe de oficiais em sua prisão na Valmont Road. Portanto, não tenha ilusões - nós sabemos a extensão de suas “atividades”. '

Simpson olhou para as próprias mãos - Helen ficou intrigada ao ver que estavam cobertas de pequenos cortes - depois ergueu os olhos.

"Mais de dez anos agora."

- Quantas fitas você tem?

'Centenas.'

- Por que você faz isso, Andrew?

Simpson fez uma pausa e olhou para seu briefing, que lhe deu um aceno de cabeça gentil.

- Porque gosto de olhar para eles - disse ele calmamente.

'Como você se sente quando vê essas fitas?'

'Como você pensa?'

- Você se masturba quando os assiste?

'As vezes.'

'Por que isso te excita? São seus corpos? O fato de eles não saberem que você está assistindo? Ou é o poder que você tem sobre eles? '

Simpson sustentou seu olhar por um segundo.

'Sem comentários.'

- Ah, você vai ter que fazer um pouco melhor do que isso, Andrew - disse Sanderson, pegando o bastão. - Eu vi o interior da sua cela. Eu sei como é a obsessão. Por que você faz isso?'

"Meu cliente se recusou a comentar, então sugiro que sigamos em frente", interrompeu seu advogado. Ele era um homem de quase 60 anos, acima do peso e autoritário - um testemunho revelador da misoginia casual de Simpson. Ele gostava de olhar para as mulheres, mas obviamente nunca teria uma como sua advogada. Sanderson olhou para suas anotações e mudou de assunto.

- Quando questionamos você pela primeira vez sobre Ruby Sprackling, por que você nos indicou Nathan Price?

'Eu respondi suas perguntas. Você me perguntou sobre ele, eu disse a verdade. Ele tinha as chaves do apartamento de Ruby . .

- Você não teve um corte extra? Para o caso de você precisar entrar e verificar se os sensores de incêndio estão funcionando?

- Não - respondeu Simpson, recusando-se a aceitar seu sarcasmo.

- Não encontraremos conjuntos extras em sua casa, em seus pertences?

- Não, eu já disse a você.

Sanderson recostou-se e olhou para ele, a descrença estampada em seu rosto.

- Onde você estava na sexta à noite?

'Eu estava em casa.'

'Você vive sozinho?'

'Sim.'

- E você ficou sozinho a noite toda?

'Correto.'

- Você saiu de carro em algum momento?

'Não.'

- Você possui outros veículos?

'Não.'

Mas ele parecia nervoso quando disse isso. Helen olhou para Sanderson, que escreveu uma breve nota em seu caderno.

'Também encontramos imagens de Roisin Murphy, Pippa Briers e Isobel Lansley em sua coleção. As três mulheres mortas da praia de Carsholt. Já esteve lá?'

- Não gosto de praias - respondeu Simpson.

'Veremos. A areia tem um conteúdo mineral muito específico. Se encontrarmos alguma amostra em sua casa ou carro, poderemos dizer de onde ela é. Quantas horas de fita você tem de Ruby?

Simpson pareceu surpreso com a repentina mudança de rumo de Helen.

- Você pode ser honesto comigo, Andrew.

O rosto de Simpson se contraiu ligeiramente ao som de seu nome. Talvez ele não gostasse que as mulheres o chamassem pelo primeiro nome? Ou talvez ele não gostasse do nome dele? Havia algo mais profundo acontecendo aqui? Helen fez uma nota mental para chegar ao fundo disso.

'Não sei.'

'É muito? Um pouco? Em algum lugar no meio?

'Muito.'

- Você gostou dela mais do que das outras?

Andrew desviou o olhar.

'Você sabe que ela tem uma mãe e um pai, uma irmã e um irmão, que estão com saudades dela, certo? Pessoas que a amam. '

Helen deixou as palavras pairarem no ar.

- Eu sei que você a cobiçava, Andrew. Eu sei que você a levou. Mas agora estou pedindo a você para deixá-la ir. Mostre que você é um homem maior do que as pessoas dizem. Mostre que você pode ser misericordioso. '

Simpson olhou para Helen, como se tentasse lê-la. Helen odiava suplicar a um homem como Simpson, mas se ele gostava de suas mulheres subservientes, então que fosse.

'Eu não tenho ideia de onde ela está. Não sei nada sobre essas meninas. '

- Oh, eu diria que sim - Helen respondeu. - Eu diria que você sabe muito sobre eles.

Como ficam nus, como ficam quando usam o banheiro. Como ficam quando fazem amor, quando se masturbam. Você sabe todas essas coisas, Andrew. E mais.'

Simpson olhou para suas mãos mais uma vez, para evitar o olhar feroz de Helen.

Foi uma centelha de vergonha que ela viu?

'E adivinha? Em breve, o mundo inteiro também saberá. Quando o colocam no banco das testemunhas, não desistem, Andrew. Eles vão te perguntar sobre os filmes caseiros, sobre as roupas íntimas e as joias que você roubou, sobre o que você fez quando pensou nessas garotas. Imagine por um segundo como será. O juiz, os jurados, a imprensa, a galeria pública, todos olhando para você, enquanto o forçam a falar sobre o que você gostava de fazer . .

"Inspetor, por favor, não intimide meu cliente", disse o advogado, tentando intervir.

- Mas posso ajudá-lo, Andrew - continuou Helen, imperturbável. - Posso evitar todo esse escrutínio. Toda aquela humilhação. '

Ainda assim, Andrew Simpson não ergueu os olhos.

- Mas preciso que você me ajude. Preciso que você me diga onde posso encontrar Ruby. Se ela ainda está viva, então há um acordo a ser feito aqui.

Liberte-a, aceite a confissão de culpa e esses detalhes nunca sairão desta sala. Eles serão nosso segredo. '

Finalmente, Simpson olhou para Helen. Ela ficou nervosa ao ver o desafio em seus olhos.

"Não sei onde ela está."

'Isso é o melhor que você pode fazer?'

- Você não tem nada contra mim - cuspiu de volta bruscamente.

- Essas mulheres eram todas suas inquilinas. Você os perseguiu, os espionou - você sabia tudo sobre eles. Suas rotinas, seus hábitos, suas vulnerabilidades. Eles desapareceram de suas propriedades - sem luta, sem invasões - porque você tinha as chaves. Você os pegou, guardou e quando se cansou deles, você os matou. '

'Você não sabe nada.'

- Eu sei que você é um pervertido sujo. Sua mãe ainda está viva, não é, Andrew?

Como você acha que ela vai se sentir quando tudo isso for revelado? '

'Foda-se você.'

'Eu não tenho tempo para isso. Nem Ruby. Vou perguntar de novo - onde ela está?

- Já disse tudo o que vou dizer a você. E se você me ameaçar de novo, sua vadia estúpida - '

'ONDE ELA ESTÁ?'

Helen estava no meio da mesa, sua mão agarrando Simpson pelo colarinho. Mas Sanderson se levantou rapidamente, puxando Helen de cima de Simpson, que instintivamente ergueu o punho para retaliar.

- Acho que vamos deixar isso aí por enquanto - disse Sanderson rapidamente, dirigindo o irado advogado de Simpson na passagem. "Nesse ínterim, aconselho

seu cliente a pensar com muito cuidado sobre como cooperar."

Sanderson desligou a fita, mas fez uma pausa enquanto ela seguia Helen para fora da porta.

"É a única peça que lhe resta."

101

Tim estava esperando por ela quando Ceri Harwood chegou em casa. Ele havia tentado entrar em contato com ela o dia todo - no final, ela teve que desligar o celular. Ela sabia na época que estava apenas adiando o momento em que teria que enfrentá-lo novamente.

Tinha sido um longo dia. O confronto com Helen Grace deixou Ceri desanimada e, mais do que isso, preocupada. Ela tinha fantasiado sobre aquele momento por meses - desde que ela começou tudo isso - e provou ser uma grande decepção.

Havia muito desafio, muita certeza na voz de Helen de que ela sobreviveria a este último ataque. O fato de o Anticorrupção não ter encontrado nenhum vestígio do arquivo perdido desde então só piorou as coisas.

- Estou ligando para você.

- Eu sei - respondeu Ceri sem entusiasmo, largando a bolsa no chão e afundando-se no sofá. Ela sabia que eles tinham que ter essa conversa, mas ela não podia enfrentar isso. Ela estava cansada de cachorro - tudo em que conseguia pensar era engatinhar para a cama e se isolar do mundo.

'Nós precisamos conversar.'

Havia uma frase mais desagradável na língua inglesa?

- Então fale - disse Ceri, olhando para o teto.

- Sinto muito, Ceri. Que você tinha que ver isso. Que você deveria descobrir dessa maneira. Eu . . eu deveria ter dito algo para você antes. Eu pretendia, mas parece que nunca estamos no mesmo lugar ao mesmo tempo.

- Então isso é minha culpa?

'Claro que não. Claro que não, querido.

- Não se atreva.

O olhar que Ceri lançou para ele foi tão severo que Tim ergueu as mãos em sinal de rendição, reconhecendo seu erro.

- O que estou tentando dizer é que deveria ter contado a você. Mas é uma função de nossas vidas não passarmos tanto tempo juntos como costumávamos.

Havia mais do que um elemento de verdade nisso, mas Ceri não sabia se ia admitir.

"Não estou culpando ninguém", continuou ele. 'Minha empresa precisa de mim e seu trabalho é extremamente exigente.'

- Por que você a trouxe aqui? Perguntou Ceri, cansada de sua autojustificação.

'Porque eu sou estúpido. Porque eu não pensei. '

'Porque ela?'

Uma longa pausa. Ceri observou o marido atentamente enquanto ele procurava as palavras certas. Esta era a única pergunta para a qual ela realmente queria uma resposta.

'Porque eu gosto dela. E porque ela quer passar um tempo comigo. '

- E o fato de ela ser jovem e bonita não tem nada a ver com isso.

'Não é isso não. Eu sei que você não vai acreditar em mim. Mas eu não a persegui.

Ela se aproximou de mim.

'Que bom.'

- Por favor, Ceri. Estou tentando explicar. Eu não queria te machucar. Eu não fui infiel antes. Para ser honesto, nunca pensei que seria. Não queria ser um desses homens. '

- Você deve estar muito desapontado.

- Mas ela queria passar um tempo comigo. E isso foi muito atraente. '

- E eu não?

'Você?'

Ceri ficou tão chocada com a resposta que inicialmente não sabia o que dizer.

'Claro que eu faço. Você é meu marido. '

- Faz muito tempo que não sou assim.

'Claramente.'

- Eu não estava falando sobre mim, Ceri.

Ceri olhou para ele. Agora ele parecia impenitente, o que a enervou ainda mais.

- Quase não nos vimos nos últimos dois anos. Temos vivido juntos, mas… somos navios que passam à noite. Fazemos coisas com as crianças nos fins de semana, mas quando realmente *nos* vemos? '

- Caso você não tenha percebido, tive um dos maiores casos da minha carreira no ano passado.

'Eu sei que. Ella Matthews era um grande negócio. Mas isso foi há dez meses. E não vejo você mais agora do que antes.

- Vamos, Tim, você sabe o que aconteceu depois do tiroteio. O inquérito público, a audiência do IPCC - '

- Isso tudo acabou há muito tempo. Ella Matthews não é o problema. É este lugar. '

"Esta casa?"

«Southampton. Desde que nos mudamos para cá, as coisas não andam bem. '

- Achei que você gostasse daqui. Somos próximos de seus pais, as crianças

adoram, você gosta de velejar . .

'Ok, *você* não estava certo.'

Ceri olhou para ele. Ela queria refutar sua afirmação, gritar e berrar com seu rosto estúpido e conhecedor. Mas havia um pouco de verdade no que ele estava dizendo.

Seus olhos se voltaram para a bolsa no corredor, depois voltaram para Tim mais uma vez.

'Eu trouxe outra pessoa para este casamento. E assumo total responsabilidade por isso e pela dor que isso causou a você. Mas você também fez isso.

'Eu não fiz tal que-'

- Você acha que o resto do mundo está obcecado por Helen Grace. Você está sempre reclamando *disso* . Mas é você que está obcecada, Ceri. É você quem nos separa. E a menos que você enfrente isso, não temos chance.

- Eu te decepcionei.

Helen estava no quarto de hotel de Daniel Briers.

- Tenho certeza de que você fez o que achou melhor - respondeu Daniel.

Helen ergueu os olhos, tentando ver se ele estava zangado com ela, mas seu tom era difícil de interpretar. Ela queria que ele dissesse que a perdoava, para afastar seus sentimentos de inadequação e vergonha. Mas ele permaneceu em silêncio.

- Vamos interrogar Simpson novamente pela manhã - ver se uma noite na prisão tem algum efeito sobre ele. Ele está olhando para o cano de um longo julgamento, então se ele tiver algum bom senso, ele jogará bola . . '

Mas Helen acreditou nisso? Simpson parecia tão desafiador, tão determinado a não reconhecer qualquer culpabilidade. Ele iria resistir e tentar vencer o rap? Ou havia algo mais acontecendo aqui? Foi este o desafio da *inocência* ? Parecia improvável -

ele se encaixava no perfil de muitas maneiras -, mas esse pensamento persistente persistiu, enervando Helen.

Daniel permaneceu em silêncio, então Helen continuou:

- De qualquer forma, sinto muito por piorar a situação para você. Se eu tivesse ficado calmo, talvez pudesse fazê-lo cooperar. Não há desculpa para isso. Às vezes eu . . eu só vejo vermelho. Eu não posso evitar. Está no meu DNA. '

Helen não tinha certeza do quanto ela deveria compartilhar, o quanto Daniel já sabia sobre ela, mas ela se sentiu compelida a explicar seu desastre na sala de entrevistas.

- Às vezes, quando estou lá, sentado à mesa com um cara como Simpson, é como se eu tivesse doze anos de novo. Eu sinto o desamparo, o desespero que alguém como Ruby está experimentando e . . eu me vejo e a Marianne. Nesse apartamento.

Lembro-me das coisas que meu pai fez, das coisas que queria fazer, das coisas que Marianne teve que fazer para me proteger. Eu vejo esses homens, penso nela e . . eu entro por dentro.

Helen não ergueu os olhos, não queria ver a reação de Daniel. Ela só queria dizer a ele quem ela era, de uma vez por todas.

'Parte de mim quer destruí-los. Eu sei que parece terrível, mas é verdade. Sua arrogância, sua violência, me fazem sentir mal. Eu deveria ser capaz de me conter, mas esses sentimentos estão sempre lá. Há um ódio dentro de mim. Eu não quero, mas não consigo me livrar disso. Isso faz sentido para você?'

Finalmente ela ergueu os olhos. O que ela estava esperando? Entendimento?

Censura? Raiva? Ela teria se conformado com qualquer um ou todos eles, mas para surpresa de Helen, Daniel estava olhando pela janela. Helen ficou chocada com sua expressão vazia - ele parecia *entediado* .

Um longo silêncio, então Daniel se virou para ela, finalmente percebendo o fato de que ela havia terminado de falar.

"Desculpe, você não precisa ouvir tudo isso", disse Helen, a raiva colidindo com

seus profundos sentimentos de vergonha. Ela nunca tinha confessado seus sentimentos mais íntimos assim antes.

- Não, gostaria de ouvir mais sobre você - respondeu Daniel rapidamente, mas Helen percebeu a mentira.

'Eu não deveria ter vindo aqui . .'

'Helen, espere -'

Mas Helen já estava na porta. Virando a maçaneta, ela murmurou:

'Sinto muito, Daniel.'

E com isso, ela se foi.

103

Helen se afastou do hotel o mais rápido que pôde. Que tolo. Que idiota estúpido, ingênuo e desesperado. Que tipo de policial ela era? Para agarrar-se à vulnerabilidade e tristeza de um pai enlutado e de alguma forma esperar encontrar algo para si lá? Ela queria se alimentar disso. Não, isso não estava certo. Ela esperava encontrar conforto nisso, uma sensação de paz, um lugar ao qual pertencer.

O que ele deve pensar dela agora? Ela havia avaliado mal a situação, impondo sua própria carência a um homem que não sentia nem pensava por ela. Ele estava entediado com a fraqueza dela e quem poderia culpá-lo por isso? Ele tinha o suficiente para lidar com as coisas como estavam.

Helen se aproximou de sua bicicleta - ela não sabia para onde estava indo, mas ela só queria ficar longe daqui, longe da cena de seu último erro. Mas quando ela destrancou o capacete, ela viu. Em seu espelho lateral, uma figura se aproximando rapidamente. Ele tinha vindo das sombras, tinha o elemento surpresa e estava quase em cima dela. Sem hesitar, ela girou, girando o capacete em um arco rápido e decisivo. O homem ergueu as mãos, mas tarde demais - o capacete conectando-se com força à sua cabeça. Ele cambaleou para trás e, largando o capacete, Helen caiu sobre ele como um raio, forçando-o a cair no asfalto. Ela ergueu o punho cerrado e desceu com um soco de coelho no pescoço.

Mas seu golpe perdeu o impacto, seu braço diminuindo sua trajetória descendente quando ela reconheceu seu agressor.

Jake.

O golpe dela atingiu seu pescoço e ele agora levou as mãos ao rosto para se defender de um novo ataque. Um corte profundo no olho esquerdo já estava sangrando muito.

- Jesus Cristo, Jake. Que diabos está fazendo? Eu poderia ter matado você. '

- Você está me dizendo - ele rebateu com raiva, empurrando-a e pondo-se de pé com dificuldade.

'O que diabos você está fazendo aqui? Está se aproximando de mim desse jeito?

- Você estava com *ele* ?

E de repente tudo fez sentido.

- Meu Deus, você tem me seguido?

Jake olhou para ela, desafiador, mas ele não negou.

'Há quanto tempo você -'

"Quase uma semana."

Helen baixou a cabeça. Ela teve a sensação de que alguém a estava seguindo? Sim, aquele carro na volta de Northampton. Ela havia descartado esse e outros indícios vagos de alarme. Ela nunca deu a eles muito crédito - ela sabia como cuidar de si mesma - e ela nunca esperava que fosse Jake. Eles não haviam chegado a um acordo?

'Você o ama?' Jake perguntou, destruindo suas ilusões.

- Pelo amor de Deus, Jake, não é nada parecido com . .

' *Você quer?* '

- Vá para o inferno - cuspiu Helen, virando-se e subindo em sua bicicleta.

'Por favor, não vá. Nós precisamos conversar.'

Helen parou por um segundo, então colocou seu capacete.

"Não há mais nada a dizer."

Ela subiu em sua bicicleta e saiu em disparada, Jake ficando cada vez menor em seus espelhos. Agora mesmo, se ele desaparecesse completamente, ela não teria se importado. Esta noite tinha provado uma coisa e uma coisa sozinha. Sua vida foi uma grande piada de mau gosto. E os deuses nunca se cansariam de rir dela.

104

Ela deslizou o laptop para fora da caixa e colocou-o cuidadosamente na mesa da cozinha. Ela estava sozinha agora - a casa parecia esmagadoramente silenciosa -

mas mesmo assim ela hesitou. Foi fraqueza ceder? Ou estava apenas reconhecendo uma verdade básica?

Tim havia saído há uma hora. Ele disse o que queria e foi embora. Os eventos estavam acontecendo tão rapidamente agora e, apesar das intermináveis conversas que teriam de ocorrer - a fachada de uma separação de casamento - ela já sabia que Tim havia se decidido. Não haveria maneira de voltar disso. Ele não a amava mais. Parecia estranho ter um pensamento tão careca e desagradável, mas isso não impedia que fosse verdade. Ele havia encontrado alguém que o deixava alegre e feliz. Esse não era mais o caso de sua esposa.

Estranhamente, Ceri não queria lutar por ele. Não porque ela não o amava - ela o amava e a ideia de ser uma esposa descartada doía amargamente -, mas porque ela sempre evitou uma batalha perdida. Por que prolongar a agonia? Ela se repreendeu por tal resignação - não era normal para uma esposa traída lutar por seu marido - mas de repente ela parecia não ter energia ou vontade. O que estava acontecendo com ela?

Ela foi até a geladeira e se serviu de um copo d'água. Suas emoções estavam confusas hoje - profunda miséria misturada com uma estranha sensação de antecipação - e ela queria um momento para se recompor. Ela parecia estar constantemente a ponto de rir ou chorar hoje. Se recompondo, ela voltou para a mesa da cozinha e se sentou.

Ela apertou o botão 'Ligar' e o laptop ganhou vida. Imediatamente uma caixa de diálogo apareceu, pedindo a senha mestra. Os dedos de Ceri pairaram sobre o teclado. Já era ruim o suficiente ter o laptop de Helen aqui - 'emprestado' de seu contato em Anticorrupção - mas era muito pior ainda acessar seus arquivos privados.

Helen havia fornecido a ela todas as informações de proteção por senha, então, com um pequeno estremecimento de transgressão, Ceri digitou a senha mestra.

Imediatamente, a área de trabalho de Helen abriu na frente dela. Ela clicou no primeiro arquivo e foi confrontada por outra caixa, exigindo um código de criptografia. Harwood entrou obedientemente e o arquivo apareceu na tela. Mas era de pouco interesse - apenas uma folha de contatos. Balançando a cabeça, Harwood perseverou, abrindo e fechando arquivos, inserindo mais e mais senhas, mergulhando lentamente cada vez mais fundo no sistema de Helen.

Ela agora estava acessando o material mais escondido, o funcionamento interno da mente e da alma de Helen. Ela bebeu em seu diário detalhado de seu tempo perseguindo, depois fazendo amizade, com Robert Stonehill. Ela leu os muitos e-mails que havia enviado para ele, tentando desesperadamente localizá-lo. E mais profundamente, ela encontrou a verdadeira sujeira do pagamento. Um diário que Helen mantinha e desligava desde que começou na Força, narrando seu orgulho em seu uniforme, a sensação de segurança e poder que o trabalho lhe proporcionava, bem como suas profundas dúvidas sobre si mesma, conforme sua carreira progredia.

Já era tarde, mas Ceri continuou a ler, absorvendo as confissões de raiva, auto-aversão e recriminação de Helen, que se aninhavam entre os momentos de felicidade e otimismo. Helen estava realmente amaldiçoada, pensou Ceri, apesar de

todo o seu sucesso, impulsionada por um desejo de expulsar demônios que a iludiu para sempre. Todos aqueles anos naquele apartamento, nas casas de repouso, a deixaram em carne viva e machucada. Ceri ficou muito satisfeita ao perceber que algumas dessas feridas nunca cicatrizariam totalmente.

Ela se sentou na escuridão, seu copo de água intocado, e clicou na próxima página.

Ela era descuidada com tudo ao seu redor, agora ligada ao exame de Helen Grace. A troca dela com Tim já estava esquecida há muito tempo e por um momento foi como se ele nem existisse.

105

É difícil passar despercebido quando você tem o tamanho de uma pequena baleia.

Esse era um bom motivo pelo qual policiais grávidas costumavam ser designados para trabalhos administrativos.

Era de manhã cedo e os habitantes da Avenida Georges estavam lentamente voltando à superfície. Cortinas estavam sendo fechadas, xícaras de chá esvaziadas e os madrugadores agora subiam em seus carros e vans, ocasionalmente lançando um olhar interrogativo para a estranha grávida encostada no poste.

Charlie de repente se sentiu cansado e tolo. Eles só tinham um carro e, embora Steve não o estivesse usando hoje, Charlie o havia evitado. Steve adorou aquele carro e o manteve meticuloso. Ele não era uma pessoa controladora, mas mesmo assim teria notado o aumento de milhas no relógio que uma viagem de ida e volta para Northampton teria causado. Então ela pegou um táxi, depois um trem, depois outro táxi - finalmente sendo deixada em um vilarejo de Northamptonshire sem nada para fazer a não ser esperar. Tinha custado seu dinheiro, seus pés doíam e uma dor de cabeça estava se formando e ainda . . ela se sentiu compelida a vir aqui.

Inconscientemente, ela participara de uma conspiração que ainda poderia reivindicar o couro cabeludo de Helen. Se houvesse uma chance de que ela pudesse influenciar os procedimentos, Charlie teria que aproveitá-la.

Ela ouviu a porta da frente fechar e olhou para cima. DI Tom Marsh fez uma pausa enquanto caminhava para o carro, voltando-se para acenar para sua esposa, que agora apareceu na janela da frente. Charlie se viu marchando em sua direção.

'Posso ajudar?' DI Marsh olhou para ela com curiosidade. - Você veio ver Rose?

- Não, Tom, vim ver você.

De repente, Marsh parecia menos certo. Com o canto do olho, Charlie podia ver sua esposa assistindo da janela da frente. Ela se perguntou de quais crimes românticos Marsh havia sido culpado anteriormente e se isso poderia ser usado em sua vantagem. Ser confrontado por uma mulher grávida furiosa não pareceria bem para sua esposa - ou seus vizinhos.

- Lamento não saber quem você é e preciso começar a trabalhar - disse ele, tentando passar por ela. Mas Charlie segurou seu braço com firmeza, parando-o no meio do caminho.

- Você não me conhece, mas sou um policial e amigo do DI Grace.

Charlie ficou satisfeito ao ver a cor sumindo do rosto de Marsh.

- Você desempenhou seu papel em uma pequena conspiração desagradável e estou feliz em informar sua esposa sobre o seu papel - ela já parece bastante intrigada -, mas acho que isso envolveria você confessar quanto foi pago por eles. Ela sabe que você aceita subornos?

Marsh lançou um olhar ansioso para sua esposa. Seu rosto fazia mil perguntas e Charlie se divertiu ao ver o suor escorrendo na testa de Marsh.

- Mas vou poupá-lo dessa indignidade se me disser quando e onde Harwood o contatou pela primeira vez. Se você pode me dar isso e corroborar por escrito - '

'Harwood? Não conheço nenhum Harwood. '

- Pare com isso, Tom. Sei que ela entrou em contato com você, avisou que Helen iria encontrá-lo, pediu que você registrasse . .

"Nunca me encontrei com uma mulher", interrompeu Marsh. A porta da frente estava se abrindo e Marsh lançou outro olhar ansioso para ela.

'Então quem? Quem mandou você gravar sua conversa? '

“Ele disse que se chamava DI Latham, mas nunca acreditei nele. Eu o reconheceria novamente se o visse. Um cara negro alto com sotaque da Costa Sul.

- Um cara alto e preto?

- Você me ouviu - cuspiu Marsh de volta, virando-se para encarar sua esposa preocupada.

- O que está acontecendo, Tom? Rose Marsh disse, seus olhos fixos em Charlie e sua barriga.

- Desculpe incomodá-lo. Não posso criar ninguém no número oitenta. Gostaria de saber se você sabia quando eles voltariam?

Charlie sorriu um agradecimento estranho e foi embora, não se importando muito se sua mentira tivesse sido acreditada. Um pequeno problema doméstico era o mínimo que Marsh merecia. Quando ela puxou o celular para chamar um táxi, a mente de Charlie já estava pensando no que fazer a seguir.

Era hora de um a um com Lloyd Fortune.

106

Os dois homens ficaram sentados em silêncio, o café da manhã servido à sua frente.

Lloyd sempre preparava o café da manhã para o pai - chá, ovos cozidos, torradas, dia após dia - e muitas vezes era consolado pela regularidade dessa rotina. Hoje, no entanto, ele estava no limite.

Ele mal dormiu na noite anterior. E a noite anterior tinha sido um pouco melhor.

Desde sua conversa com Ceri Harwood em sua casa, ele foi dominado por um profundo sentimento de inquietação. O fato de ela ter feito propostas sexuais a ele já era ruim o suficiente, mas isso era apenas as preliminares para algo infinitamente mais sério e alarmante. A sólida Ceri Harwood, que tinha insistido que só o bem viria dele participando de seu esquema para remover o "câncer" de Helen Grace de Southampton Central, agora estava balançando, traumas pessoais e decepções profissionais colidindo em uma tempestade perfeita. Que idiota ele tinha sido por acreditar em sua palavra. Mas ela parecia tão certa e, enquanto falava, a estrada parecia se abrir na frente de Lloyd. Tomando o lugar de Helen, ele seria o DI mais jovem que a Polícia de Hampshire já teve - finalmente, seria capaz de olhar o pai nos olhos.

Ele olhou por cima de seu café da manhã intocado para encontrar Caleb olhando para ele.

- Você está com medo de mim, filho?

- Claro que não - Lloyd respondeu ansiosamente, mas sua resposta não soou convincente.

- Então por que você não fala comigo?

Lloyd olhou para seu prato. Houve um milhão de respostas para isso. Medo de ser julgado. Medo de não ser bom o suficiente. Medo de que ele não seja amado. Mas como ele poderia dizer isso ao pai?

- Você está mastigando esse problema de trabalho há dias. Me fale sobre isso.

Talvez eu possa ajudar. '

'Pai … '

'Por favor, filho. Não gosto de ver meu filho favorito infeliz. '

Lloyd sentiu que corava - de vergonha e vergonha. Não era certo um pai falar sobre seus filhos favoritos e isso tornava seus sentimentos de culpa dez vezes piores.

- Estou preocupado por ter decepcionado você.

- Você nunca fez isso. Posso nem sempre mostrar isso e sei que te pressiono, mas - '

'Eu traí você e me traí.'

A amargura em sua voz era alta e clara. Caleb não disse nada, olhando seu filho com cautela, seu rosto cheio de dúvidas.

'Eu agi não profissionalmente . . ilegalmente. Em busca de um posto mais alto, mais prestígio. Mas . . eu fiz a coisa errada, pai. Sacrifiquei outra pessoa para servir aos meus próprios fins. '

Lá estava - abertamente.

'O que eu fiz vai contra tudo que você sempre me ensinou . . tudo que eu sempre quis ser. E agora não consigo mais olhar para você.

Lloyd continuou a encarar seu prato, esperando uma advertência. Mas para sua surpresa, ele sentiu a mão áspera de seu pai, levantando seu queixo. Ele se viu olhando para o rosto envelhecido de seu pai e viu bondade ali, não julgamento.

- Por quem você fez isso, filho? Para mim? Ou para você? '

'É a mesma coisa', Lloyd respondeu com sinceridade. Instantaneamente, ele viu uma onda de - o que era? Vergonha? Arrepender? - passar pelo rosto do pai.

- Então, se você quer culpar alguém, culpe-me - disse Caleb suavemente.

- Isso não é obra sua. Depende de mim. '

'Não, não é. Wsou eu. Eu sempre te forcei tanto. Queria que você fosse um homem melhor do que eu. '

Para sua vergonha, Lloyd sentiu seus olhos se encherem de lágrimas.

'O que você quer dizer? Você é o melhor homem que conheço. '

- Não diga isso. A voz de Caleb tremeu quando ele disse isso. Mas era raiva ou outra coisa que o fazia tremer?

'Eu sei que você sempre me admirou, Lloyd,' ele continuou lentamente, 'e eu te amo por isso. Mas eu só fui duro com você, esperei muito de você, por causa do que eu fui. '

- Você trabalhou todos os dias para nos sustentar. Quebrou sua saúde, seu corpo - '

'Não foi o trabalho que me quebrou', respondeu ele, silenciando Lloyd. 'Não foi trabalho.'

'Então o que?' Lloyd perguntou, repentinamente incerto e nervoso.

Houve um longo silêncio, então:

- Nunca disse isso a ninguém. Nem mesmo sua falecida mãe - ele finalmente

continuou. "Mas eu era um ladrão."

Lloyd o encarou sem acreditar. Ele sabia o que as palavras significavam, mas ainda não faziam nenhum sentido.

'Naquela época, quando você trabalhava nas docas, você tinha que pertencer. Para uma equipe. Para uma gangue. '

Lloyd o encarou, imaginando o que viria a seguir.

'Eu escolhi este último, levantando um pouco de estoque aqui, um pouco de estoque ali, conforme eles passavam pela minha área. Entreguei as mercadorias e recebi dinheiro extra em troca. Eu precisava do dinheiro para todos vocês, mas isso não significa que não me arrependo. Naquela vez, minhas costas quebraram. Eu não caí. Foi um castigo espancado por uma gangue rival. Fiz o que tinha que fazer para sobreviver e se fui duro com você, é porque queria que você fosse muito mais do que eu. Voce entende?'

Lloyd assentiu, mas suas emoções ficaram para trás em seu cérebro. Ele não sabia o que pensar ou sentir.

- E me odiei por mentir para você e sua mãe. Até mesmo seu irmão e irmã vagabundos. Mas tente entender . . às vezes você descobre que foi longe demais em uma estrada e não há caminho de volta. Portanto, não se julgue pelos meus padrões. Você é dez vezes o homem que jamais serei.

Agora havia lágrimas nos olhos de Caleb. Lloyd também chorou, sem constrangimento, segurando o braço do pai. Ele chorou pelas mentiras que ouviram, pelos sentimentos de inadequação que sentiu por tantos anos. Mas ele chorou principalmente por causa de sua estupidez, sabendo agora que havia sacrificado sua carreira na adoração de um falso deus.

107

Helen podia sentir os olhos de Sanderson rastejando sobre ela, procurando por qualquer indício de instabilidade ou violência. Eles estavam sentados em frente a Andrew Simpson mais uma vez e, embora nada tivesse sido dito em voz alta, Helen sabia que seu oficial subalterno estava vivo para o perigo de outra explosão de Helen. Ela não culpou Sanderson por isso. Depois de uma noite sem dormir, Helen parecia ainda mais exausta e nervosa do que na noite anterior. Não

admira que seu colega parecesse nervoso.

Simpson estava impassível como sempre, embora parecesse muito mais tenso do que antes. Ele esfregava o rosto com a mão e massageava as têmporas: parecia estressado, infeliz - parecia que estava com dor.

- Então, você quer as boas ou más notícias, Andrew?

Simpson olhou para Helen com cautela, sem saber que jogo ela tinha escolhido para jogar esta manhã.

'A boa notícia para você é que nossas equipes POLSA pesquisaram cada centímetro de suas propriedades e não encontraram nenhum sinal de Ruby Sprackling. A má notícia é que eles encontraram evidências suficientes de vigilância ilegal e compartilhamento de arquivos pornográficos para deixar o CPS muito animado. '

Helen viu o sorriso sombrio do advogado vacilar um pouco? Ela esperava que sim.

- Portanto, o que importa é que eles começarão a redigir acusações esta tarde, a menos que eu possa dar-lhes uma razão convincente para não fazê-lo.

'Significado?' Finalmente o advogado falou.

'Significa cooperação. Quero revisar cada arquivo, cada vídeo, cada detalhe da vida dessas meninas com você. Quero um capítulo e um versículo sobre as atividades deles, assim como as suas. Obviamente, você não precisa decidir neste minuto.

Você vai precisar conferir com seu chá legal . .

'OK.' Foi dito baixinho, mas com firmeza.

- Mais alto, por favor, Sr. Simpson. Para a fita.

"Ok, vou cooperar", disse ele, cansado. Helen ficou satisfeita ao ver seu desafio esmaecendo. Talvez uma noite nas celas tivesse surtido o efeito desejado, afinal.

Ela se virou para Sanderson e acenou com a cabeça para começar. Seu júnior

também teve uma noite sem dormir, mas a passou de forma mais lucrativa, debruçado sobre os detalhes da década de espionagem e perseguição de Simpson.

- Você gosta de novidades, Sr. Simpson? Ou você é uma criatura de hábitos? '

Simpson olhou para Sanderson com curiosidade, antes de finalmente responder:

- Ambos, suponho.

- Mas quando se trata de garotas?

- Novidade, suponho.

'Por que?'

'Eu fico entediado.'

- De ver as mesmas garotas?

Ele encolheu os ombros, mas não negou.

- Então você tem hábitos de visualização variados. E sempre muitos inquilinos se mudando e outros novos se mudando.

'Certo.'

- Você tem um tipo, Andrew?

Foi oferecido casualmente, mas Helen poderia dizer que Sanderson estava 100 por cento focado em sua resposta - assim como ela.

- Tem todo tipo de garota nas suas fitas. Grande, pequeno, branco, preto, cabelo escuro, loiro. Você favorece algum tipo particular de garota? '

'Eu não sou exigente . . mas provavelmente loiras. Especialmente se estiver tingido, então o resto do cabelo está, bem . . '

Ele morreu, de repente ciente das duas mulheres olhando para ele. Pela primeira vez em todas as negociações, ele corou.

Helen se levantou.

“Para o propósito da fita, DI Grace está saindo da sala. DC Sanderson continuará e se lembrará do pacto que fizemos, Sr. Simpson. Capítulo e versículo. '

Ela olhou para ele atentamente e ele encontrou seu olhar, balançando a cabeça suavemente. Sanderson retomou o interrogatório antes mesmo de Helen ter deixado a sala, mas a mente de Helen já estava em outro lugar. O fato de Sanderson queimar o óleo da meia-noite levantara uma verdade desagradável, mas inegável -

Simpson *não* tinha um tipo. O assassino que eles caçavam foi compelido a raptar mulheres com cabelos pretos e olhos azuis, mas Simpson, por outro lado, parecia desejar novidades, em vez de formas corporais específicas, cor dos olhos ou tipo de cabelo. Era quase como se a aparência de seus súditos não fosse importante para ele - apenas o fato de que ele podia observá-los sem ser detectado. O que significava que seus medos persistentes provavelmente eram verdadeiros -

Andrew Simpson era inocente dos assassinatos na praia. E do rapto de Ruby Sprackling.

108

'Tomei a decisão de libertar Andrew Simpson sob fiança, assim que ele terminar de nos ajudar.'

A equipe reunida reagiu com surpresa e inquietação. Eles tinham ouvido rumores nesse sentido, mas a declaração de Helen ainda os pegou de surpresa.

- Ele será seguido, é claro, e outras acusações ainda estão pendentes. Se ele cooperar totalmente e nos ajudar a concluir a investigação, poderemos revisar essas acusações. Mas - continuou Helen, ignorando os olhares sujos que cruzavam os rostos de algumas das policiais -, a menos que você ouça o contrário de mim, Andrew Simpson não é mais nosso principal suspeito.

Houve um breve zumbido de conversa e reação quando suas palavras foram afundadas. Helen percebeu que seus olhos estavam se voltando para Lloyd Fortune. Como seu DS, ele deveria ter estado ao seu lado, liderando a investigação com ela, mas ele esteve estranhamente ausente ultimamente - tanto física quanto mentalmente. Como ela, ele também parecia exausto.

'Andrew Simpson não era exigente com as garotas que ele almejava e tanto DC

Sanderson quanto eu acreditamos que ele não se encaixa mais em nosso perfil de agressor.'

- Então, estamos de volta à estaca zero - o DC Lucas interrompeu inutilmente.

"Não é bem isso", Helen respondeu rapidamente, ciente do efeito que becos sem saída podem ter no moral da equipe. - Conhecemos o tipo do assassino. E sabemos que ele rapta essas garotas com facilidade, o que sugere que ele tinha acesso às propriedades delas ou tinha a confiança das garotas.

“O que é improvável, já que eram todos tão diferentes”, contribuiu DC McAndrew.

"Vamos testar essa teoria", continuou Helen. 'Pippa Briers era uma jovem profissional. Roisin uma mãe solteira sobre benefícios. Ruby Sprackling era uma criança selvagem. Isobel Lansley parece ser uma estudante introvertida que raramente saía do apartamento. Como estamos indo com os pais dela? '

- Eles estão voando esta manhã. Devo estar aqui à tarde, 'DC Edwards respondeu.

'Bom. Portanto, temos quatro mulheres muito diferentes, que viviam a quilômetros de distância, mas compartilhavam uma aparência e viviam sozinhas. Como ele chega até eles? Vamos começar com Pippa. '

'Viveu em Merry Oak, trabalhou na Sun First Travel em WestQuay. Gostava de se socializar em Bedford Place - Lucas rebateu.

- Descubra quem era o médico dela. Seu dentista. Amigos, colegas, grupos de livros, comece do zero e prossiga. E quanto a Roisin?

- Morava sozinho em um apartamento municipal em Brokenford. Vários namorados, alguns dos quais pareciam coincidir. Roisin gostou da atenção. Nunca teve um emprego, frequentou alguns grupos de bebês gratuitos, ia ao correio uma vez por semana para receber seus benefícios. Passou o resto do tempo olhando as vitrines, bebendo e sonhando em estar em outro lugar.

'Ok, atropele os namorados - cada um deles. Descubra quem trabalhou nos

Correios, quem esteve nesses grupos de mães e bebês. Nós sabemos sobre Ruby, mas vamos repassar tudo de novo - velhos amigos da escola, namorados de Shanelle Harvey, qualquer pessoa que soubesse onde ela morava, como ela vivia . .

O que sabemos sobre Isobel?

Houve um silêncio constrangedor antes que DC McAndrew finalmente respondesse.

- Muito pouco, na verdade. Viveu sozinha, manteve-se para si mesma. Teve quinze seguidores no Twitter. '

Helen percebeu que alguns dos policiais mais jovens sorriram maliciosamente.

Quinze seguidores era o equivalente à morte social para eles.

'Aluno do Centro de Oceanografia. Estava na metade do curso quando ela desapareceu. Seus pais a financiaram, então ela não teve que trabalhar para se sustentar. Pelas evidências anedóticas que reunimos até agora, ela foi às aulas e depois voltou direto para casa.

'Ok, vamos focar nosso fogo nela. Ela não bebia, não fazia clube, não se socializava.

Então, com quais profissionais ela entrou em contato que podem ligá-la às outras mulheres? Como ele está fazendo isso? Como ele está tendo acesso a eles? Isobel tinha vestígios de tricloroetileno no cabelo - isso é importante? Quem está por trás disso tem acesso a esse anestésico ou derivado dele para seu trabalho? Verifique e verifique novamente. '

Houve uma breve calmaria quando Helen chegou ao fim.

'O que você está esperando?'

A equipe entrou em ação, apressando-se para verificar e verificar novamente suas pistas. Helen estava furiosa consigo mesma por perder tanto tempo com Price e Simpson. Ela realmente não teve escolha, mas isso não seria um consolo para Ruby.

Se aquela garota morresse, Helen sabia que ela nunca se perdoaria. Será que esse último lance de dados finalmente daria resultados ou já seria tarde demais?

109

A porta se abriu e Ruby acordou bruscamente. Há quanto tempo ela estava dormindo? Que dia foi hoje Por que *ele* voltou?

De repente, toda a cama se mexeu. Ele o segurou agora e o jogou de lado para revelar Ruby encolhido embaixo dele. Ela piscou para a luz forte, arrancou de seu santuário e empurrou para fora. Lentamente seus olhos se acostumaram à luz e ela se surpreendeu ao ver que ele parecia estar tremendo de raiva. Era como se o tempo não tivesse passado.

- Ouça com atenção, Summer, porque esta é sua última chance.

Sua voz era áspera e desagradável.

- Você me decepcionou muito. Muito mal mesmo. Se eu tivesse bom senso, esqueceria tudo sobre você. Mas estou preparado para te perdoar. Eu sei que você se arrepende do seu erro. '

Ruby não disse nada. Ela não sabia aonde sua conversa maluca estava levando e de repente estava muito cansada desse jogo.

- Mas não vou ser machucado por você de novo. Se você me decepcionar de novo, *será* punido. Voce entende?'

'Como você vai me punir?' Ruby se pegou dizendo, suas palavras pingando de desafio. Era ela falando, mas ela não tinha ideia de onde estava vindo.

- Não force. Você já fez bastante har— '

- Você vai me punir como puniu Roisin?

Ela pegou o cartão de Natal grosseiramente desenhado de Roisin do chão, empurrando-o para ele.

- Ou como você puniu Pippa.

Ela jogou o diário improvisado de Pippa nele, uma raiva feroz dominando-a. Ele imediatamente recuou, como se as cartas fossem tóxicas.

'Ela foi um erro -'

- Então o que isso me torna?

- Não tente me enganar, Summer.

'Eu sou Ruby Sprackling -'

'Seu nome é verão -'

- Sou Ruby Sprackling e odeio a porra da sua coragem.

Sua mão disparou, forçando Ruby para trás, para trás, para trás, até que ela colidiu fortemente com a parede. Ela perdeu o fôlego, sua mão apertou com mais força.

- Diga outra palavra e eu mato você. Eu juro - ele murmurou, manchas de sua saliva caindo no rosto de Ruby.

- Não há mais nada com que você possa me ameaçar - Ruby cuspiu de volta. - Para você, já estou morto.

De algum lugar, Ruby conseguiu encontrar um sorriso sombrio e vitorioso. Teve o efeito desejado. Ele a deixou cair como uma pedra, observando-a cair no chão.

Ele se afastou dela rapidamente, então parou, se virou e voltou correndo -

chutando-a com força três vezes nas costelas. Enquanto ela rolava para longe dos golpes, ele se abaixou agarrando-a pelo colarinho.

- Você vai se arrepender disso.

Jogando-a de costas no chão, ele caminhou até a mesa de cabeceira, pegando seu inalador.

'Não.'

Ruby estava rastejando pelo chão em direção a ele agora, a mão estendida,

implorando. Mas ele foi muito rápido para ela, cruzando a sala rapidamente, destrancando a porta.

- Tchau, Ruby.

A porta se fechou atrás dele.

110

Ele marchou para longe da cela, murmurando obscenidades. Ele passou pela segunda porta, então dobrou o corredor da esquerda em direção à terceira e última porta. Destrancando e trancando novamente, ele subiu a escada de volta ao andar térreo.

A casa estava ainda mais bagunçada do que o normal e combinava perfeitamente com seu humor. Seu cérebro parecia disperso, sua cabeça latejava violentamente.

Ele chutou a cadeira da cozinha com violência, então antes que ele soubesse o que estava fazendo, ele a pegou e jogou contra a parede. Quebrou-se em vários pedaços, mas ele não sentiu nada. Apenas um vazio esmagador.

Ele já podia sentir a escuridão subindo sobre ele novamente. Esses sentimentos familiares de desolação. E profunda, profunda solidão. Ele tinha sido amaldiçoado desde o nascimento - ele sabia disso. Filho de uma mãe prostituta em degradação sangrenta, ele nunca teria sobrevivido à infância se não fosse pelo verão. Ele sempre a adorou - por seu amor, sua paciência, sua bondade. Agora ele lamentava amargamente sua caridade - por que ela não o deixou para morrer? Por que ela o confiou *nisso* ?

O amor deles era uma maldição? Ela sempre esteve presente em sua vida, ensinando-o a navegar pelos muitos perigos da vida, ensinando-o a dar e receber amor. Ultimamente, ela tinha estado ausente, é claro, mas ela sempre voltava para ele. No final, ela sempre voltava.

Enquanto pegava os pedaços estilhaçados da cadeira, jogando-os no lixo da cozinha já transbordando, que arrotou parte de seu conteúdo no chão, ele sentiu toda a extensão de sua tolice. Por que ele foi enganado tão facilmente? Ela estava lá fora, sempre tão perto dele que quando uma dessas garotas entrou em sua vida, alegando ser ela, ele se apaixonou. Ele *acreditou* . Mas ele não poderia ter errado de novo, não é? Ele assistiu a esta por meses, viu o vazio em sua vida,

testemunhou as discussões com sua assim chamada família. Eles não a conheciam, não a entendiam, mas ele sim e ele a viu procurando por ele. Procurando por sua metade perdida.

Mas e se ele *estivesse* errado? Ele tinha tanta certeza . .

Esse pensamento tirou todas as forças dele e de repente ele caiu no chão. Enrolado como uma bola em meio à madeira quebrada, comida podre e sujeira, ele começou a chorar. Ele *nunca* chorou, mas hoje ele não se conteve. Ele chorou por todas as decepções e angústias ao longo dos anos. Para todos os falsos começos e falsos ídolos. E pela garota que ele amou e perdeu.

111

Emilia Garanita apertou o botão de desligar do computador e pegou a bolsa. Ela já estava atrasada - a casa já teria caído no caos alegre agora, sem dúvida - e ela passou um dia insatisfatório tentando refazer a história de 'Bodies on the Beach'

para fazer parecer que havia novidades.

Ela estava a meio caminho da porta quando o telefone de sua mesa tocou. Ela ficou muito tentada a ignorar - hoje foi uma perda mortal - mas os velhos instintos são difíceis de morrer. Para um jornalista, um telefonema é apenas uma história esperando para acontecer. Então ela cruzou a sala e pegou o telefone.

'Garanita.'

- Recebi um telefonema para você. De mulher. Sobre a tatuagem do pássaro azul.

O humor de Emilia desceu ainda mais. Desde que publicaram esta história no *Southampton Evening News,* eles não tinham fim de malucos, chancers e aspirantes a detetives ocupando sua linha com "pistas" sem saída. Cada um estava tão iludido quanto o anterior - Emilia acabou se arrependendo de ter concordado em ajudar Helen Grace com aquele.

- Passe a ligação - gritou Emilia, ansiosa para acabar com essa farsa.

'Olá?'

A voz do outro lado da linha estava rachada e trêmula.

«Emilia Garanita. Como posso ajudá-lo?'

'Você é o jornalista?'

'Isso mesmo.'

- Está perguntando sobre a tatuagem do pássaro azul?

'Sim.'

Uma pausa, então:

'Existe uma recompensa?'

Emilia suspirou interiormente. Essa conversa estava se desenvolvendo de uma forma deprimente e familiar.

'Somente se as informações fornecidas levarem a uma condenação.'

'Sim ou não?' A voz agora tinha uma agudeza que fez Emilia prestar atenção.

'Sim.'

'Quantos?'

'£ 20.000'

- Quando é que vou conseguir?

- Podemos discutir isso quando você vier ao meu escritório. Mas eu preciso saber a natureza de suas informações antes de nos encontrarmos.

'Minha filha tinha aquela tatuagem. Ela está morta agora. Mas ela definitivamente tinha um desses.

Emilia voltou a sentar-se à sua mesa, tirando silenciosamente o telefone do bolso e abrindo o aplicativo Notas.

'O que ela parecia?'

- Fina, um pouco azeda, eu acho, mas ela tinha alguma coisa. Igual à sua mãe.' A

voz rachada riu agora, mas soou amarga, não alegre.

'Cor do cabelo? Olhos?'

'Ela era uma garota impressionante. Cabelo preto e grandes olhos azuis.

Emilia fez uma pausa, seu dedo pairando sobre a tela de seu telefone.

- Qual é o nome dela?

- O nome dela era Summer, que Deus a tenha.

- E ela está morta, você disse?

'Chance. O irmão dela a encontrou.

- Ela tinha um irmão? Emilia respondeu, sem conseguir disfarçar a empolgação em sua voz. Qual era o nome dele? E onde ele está agora?

Houve uma longa pausa, então ela respondeu:

- Direi quando nos encontrarmos. Você não ganha nada de graça nesta vida, minha querida.

E com isso, ela desligou.

112

Ruby ficou imóvel no chão. Ela estava tremendo incontrolavelmente, mas não fez nenhuma tentativa de se mover em direção à cama. Seus pulmões queimavam, sua garganta estava apertada e ela se sentia fraca demais para ficar de pé.

A luta acabou agora, Ruby sabia disso. Por que ela o empurrou tanto? Ela pensou que poderia quebrá-lo? Não, ela sabia que seu ataque verbal a seu captor foi o último ato de uma garota desesperada. Os estertores da morte de sua resistência.

Ela nunca veria sua mãe ou pai novamente. Cassie ou Conor. Se eles colocassem os olhos nela novamente, eles a encontrariam aqui, apodrecendo neste lugar horrível.

A falta de ar costumava deixá-la em pânico - um legado daquelas idas ao hospital quando ela era jovem -, mas agora ela gostava da sensação. Ela nunca pediu muito na vida - nunca esperou muito - mas agora esperava receber uma pequena misericórdia. A asfixia lenta seria uma bênção, uma forma de evitá-lo de mais punições e humilhações. Seria uma pequena vitória, mas uma vitória mesmo assim.

Se ela pudesse se afastar, aqui neste andar, então talvez ela veria sua família novamente. Talvez houvesse uma vida após a morte ou algum lugar onde ela pudesse estar em paz. Certamente isso não era impossível? Ela nunca tinha acreditado em nada assim antes, mas agora. …

Mas ela *não* acreditou. Nunca tive. E a vida a ensinou a não esperar finais felizes.

Ruby sabia em seu coração que continuaria sofrendo até o amargo fim. Não haveria escapatória para ela e este lugar - esta estranha casa de boneca - seria seu túmulo.

113

Lloyd caminhou até o carro, uma centena de pensamentos girando em torno de sua cabeça. A investigação anticorrupção sobre Helen estava em andamento e, no entanto, ela estava lá - ainda encarregada da investigação e conduzindo-a com confiança e vigor. Enquanto isso, Ceri Harwood não estava em lugar nenhum, pois ligou dizendo que estava doente. Lloyd pensara em ligar para ela, mas o bom senso prevaleceu. Enquanto as coisas estavam no ar, a melhor coisa que ele podia fazer era manter distância. Ainda assim, a falta de clareza o deixou profundamente inquieto. Ele apostou no cavalo errado? Afastando suas dúvidas, Lloyd abriu a porta do carro - havia um trabalho importante a ser feito no caso Ruby Sprackling.

Ele bateu a porta e girou a chave na ignição. Antes que ele pudesse se mover, a porta do passageiro se abriu e uma mulher entrou. Lloyd se virou e ficou mais do que um pouco surpreso ao ver Charlie se acomodando, fechando a porta silenciosamente atrás dela.

- Vamos dar um passeio, Lloyd?

Ela esperou até que estivessem bem longe da estação antes de começar. No

silêncio pesado que precedeu isso, Lloyd tentou descobrir se ela poderia saber - e se sabia, como -, mas não conseguiu. Apesar disso, ele sabia com absoluta certeza que ela estava aqui para começar o contra-ataque. Ela era uma aliada leal de Helen Grace -

sempre foi - e seu súbito aparecimento só poderia significar o início de uma fase nova e potencialmente decisiva nesta guerra secreta.

- Não acho você uma pessoa ruim, Lloyd. Pelo menos espero que não. Mas o que você fez rebaixa você e o trabalho.

Lloyd não disse nada, mas lançou um olhar de soslaio para ela. Ela poderia estar usando uma escuta - é disso que se tratava?

'Ninguém sabe que estou aqui', Charlie continuou, lendo sua mente. - E não estou gravando isso. Acho que é melhor lidar com isso fora do registro, não é?

Lloyd fez uma pausa e acenou com a cabeça. Ela parecia genuína, mas ele poderia confiar nela?

- Não sei se ela lhe ofereceu dinheiro, promoção ou qualquer outra coisa e, para ser sincero, não me importo. Mas, em breve, essa coisa vai quebrar - e ficar grande -

então todos precisam entender sua história. É costume, nessas situações, que os que estão mais abaixo na escada carreguem a lata pela incompetência ou corrupção dos que estão acima deles. Mas não quero que isso aconteça aqui. Eu sei quem deu início a isso. Só estou interessado nela. '

'Ok' Lloyd respondeu com cautela.

- Não vou mentir para você, Lloyd, você está em terreno muito instável aqui. Mas há uma maneira de você se salvar e talvez ficar com seu crachá. Você pode ver isso como um ato de deslealdade, mas é a única peça que existe. Você tem que entregá-

la à Anticorrupção e dizer a eles tudo o que sabe. Digamos que você foi pressionado a isso, digamos que ela ameaçou despedi-lo se você não jogasse. Se você tiver que embelezar um pouco para salvar sua pele, que seja, mas você tem que contar a eles a verdade sobre *ela* . Quando ela veio até você, o que ela pediu

que você fizesse, quando você contatou DI Marsh pela primeira vez.

Lá estava. A primeira evidência sólida. Foi jogado casualmente por Charlie, mas teve um efeito devastador em Lloyd.

- Falei com Tom Marsh. Foi para sua casa em Bugbrooke. Também conheci a esposa dele - Rose, senhora simpática. Ele vai cooperar para salvar seu pescoço e

eu recomendo fortemente que você faça o mesmo. Você tem até o final do dia para decidir. Você pode me deixar aqui. '

Lloyd diminuiu a velocidade do carro rapidamente, parando na faixa de ônibus.

Quando Charlie saiu, ela disse:

'Ah, e essa conversa nunca aconteceu.'

Ela bateu a porta e deu a volta no carro para entrar na fila do ônibus. Lloyd foi embora rapidamente, seus olhos varrendo a rua em busca de câmeras CCTV que pudessem ter captado a troca. Normalmente tão frio sob pressão, Lloyd ficou surpreso ao descobrir agora que sua camisa estava úmida de suor.

Enquanto dirigia, ele representava diferentes situações em sua cabeça, cada uma tão ruim quanto a anterior. Harwood havia ameaçado quebrá-lo se ele não jogasse bola. Agora Charlie iria jogá-lo aos leões se ele não a expusesse. Era uma situação em que todos perdiam, mas Charlie havia forçado a questão agora e ele teria que escolher um lado.

Era hora de decisão.

114

Este era geralmente um espaço que ele dominava. Um lugar onde ele tinha controle total. Razão pela qual era tão estranho estar com o pé atrás agora, estar de pé, envergonhado e intimidado, na frente dela.

Ao ouvir os familiares três toques da campainha, Jake correu para abrir a porta. Ele esperava que Helen o evitasse por um tempo, para puni-lo com sua ausência, mas lá estava ela na manhã seguinte. Quando ela entrou, seu humor estava difícil

de ler

- ela olhou para o chão - mas sua primeira preocupação parecia ser com o bem-estar dele, o que o animou. Ela perguntou a ele sobre seus ferimentos e ele a contou sobre sua viagem noturna para o pronto-socorro. Ele precisou de alguns pontos acima do olho, mas a ferida sararia rapidamente e não haveria danos permanentes.

Helen estava claramente ansiosa para ir embora, então Jake não ficou surpreso quando ela foi direto ao assunto, exigindo saber toda a extensão de sua vigilância.

Jake decidiu não esconder nada dela - uma confissão completa e franca era o mínimo que ela merecia - mas quando os detalhes foram revelados, a profundidade de seus sentimentos por ela tornou-se dolorosamente clara para os dois. Ele não pretendia se envolver tanto com ela - mas ele se envolveu - e agora Helen não o olharia nos olhos como resultado.

'Jake, estou muito grato por tudo que você fez por mim -'

- Por favor, não faça isso, Helen.

Jake podia ver onde isso estava indo e queria parar Helen antes que ela pudesse articular sua decisão.

- Você me ajudou mais do que imagina - continuou Helen, imperturbável. 'Mais do que eu merecia. Mas nós dois sabemos que isso tem que acabar agora.

'Claro. Podemos voltar a ser como éramos, estritamente professio- '

'Quero dizer,' nós 'temos que acabar', interrompeu Helen. 'Nós cruzamos uma linha que nunca deveria ter sido cruzada.'

'Por que não deveríamos cruzá-lo?' Jake respondeu, sua raiva crescente finalmente superando seu sentimento de vergonha.

'Porque eu não quero. E não é justo fingir o contrário.

'Isso é treta. Eu te conheço, Helen. Você não é diferente de ninguém, mas insiste em afastar todo mundo. '

Helen olhou para ele como se ele fosse louco, mas ele tinha visto sua vulnerabilidade, sua necessidade de conforto e amor - então certamente *ela* era louca?

- Sinto muito, Jake, mas já me decidi. Não quero machucar você, nunca foi minha intenção, mas não voltarei mais aqui.

- Então você ficará sozinho para sempre - cuspiu de volta. Ele não tinha a intenção de parecer amargo, mas soou mesmo assim. 'Por causa de seu orgulho, por causa de seu medo, você ficará sozinho pelo resto de seus dias.'

Enquanto falava, ele abriu a porta da frente. Sua presença parecia zombar dele agora e ele apenas a queria fora de vista. E quando ela partiu, saindo de sua vida para sempre, ele não resistiu a um tiro final.

- Boa sorte, Helen. Você vai precisar. '

115

Charlie fechou a porta da frente atrás dela e se encostou nela. Ela estivera se sentindo estranha o dia todo - aos seis e sete anos - e agora estava apenas exausta.

Ela tinha sido estúpida ao abordar Lloyd diretamente? Ela não o conhecia muito bem e quem poderia dizer que ele não teria reagido com raiva, até mesmo com violência, às suas acusações? Ela estava feliz por não ter pensado muito sobre isso ou provavelmente não teria feito isso. E isso teria sido errado - ela tinha desempenhado um papel involuntário na emboscada contra Helen e estava determinada a consertar isso. Ela não queria que a covardia ou cautela a impedissem. Não que Steve tivesse visto assim, se alguma coisa tivesse acontecido.

Tudo o que ela queria fazer era desabar no sofá, mas estranhamente suas pernas não se moviam. Suas baterias acabaram, como diria seu pai, e ela permaneceu onde estava, escorando a porta da frente. Algo definitivamente não estava certo. Ela se sentia mais do que peculiar agora, ela se sentia desconfortável. O bebê estava menos ativo hoje, o que a princípio a preocupou, depois a intrigou ao sentir uma cãibra ocasional. Era Braxton Hicks ou algo mais significativo? Ela não era de se precipitar, mas hoje parecia diferente.

Ela olhou para baixo e ficou surpresa ao ver suas leggings manchadas de preto.

Colocando a mão nas coxas, ela descobriu que suas pernas estavam molhadas. Ela investigou mais e não havia dúvida sobre isso. Sua bolsa estourou. A hora havia chegado.

O bebê que ela desejou por tanto tempo finalmente estava a caminho.

116

Ela nunca havia previsto o fracasso. Nunca vi isso em sua mente. Então, quando finalmente aconteceu, ela não tinha certeza de como se comportar.

O toque da campainha foi insistente, mas Ceri Harwood ignorou-o a princípio. Tim estava lá, levado para casa pela culpa ou incerteza por outro de seus 'bate-papos', e embora ela não tivesse muita esperança de que isso fosse algo mais do que uma decoração de vitrine, ela não queria que um carteiro ou vendedor de roupas os interrompesse durante uma conversa tão crua.

Mas o toque tornou-se repetido batendo na porta. Era óbvio que eles estavam lá porque as janelas superiores estavam abertas e a luz da sala de estar acesa, então parecia inútil se esconder. Ceri armou-se com uma frase de desprezo, mas quando abriu a porta, as palavras lhe faltaram. Ela poderia dizer exatamente quem eles eram por seus ternos ruins e suas expressões sombrias, mas ainda foi um pouco chocante quando eles disseram:

'Anticorrupção. Podemos entrar? '

Ceri Harwood. Líder. Melhor da turma em Hendon. A DCI mulher mais jovem do Met. Agora encarando o fracasso e, pior do que isso, a possível ruína.

- Tim, é melhor checarmos isso. Existem algumas coisas processuais que precisam ser resolvidas. '

Mas ele sabia que ela estava mentindo. Ela tinha ficado pálida? Ela se sentia como se tivesse. Ou talvez ela fosse apenas uma atriz ruim - não conseguindo disfarçar a ansiedade que a dominava agora?

'Podemos fazer isso aqui?' ela perguntou, enquanto seu marido observava, sem fazer nenhuma tentativa de sair.

"Melhor se fizermos isso na estação", foi a resposta sóbria.

'Isso é mesmo necessário?' Ceri respondeu, sua posição superior emergindo enquanto ela os fixava com um olho redondinho.

'Sim' foi a resposta contundente de desculpas. - Preferiríamos que viesse de boa vontade, mas se tivermos de prendê-lo . .

'Ok, ok.'

Agora que chegara a esse ponto, não havia por que arrastar para fora. Pegando sua bolsa, ela acenou com a cabeça para Tim - e ficou surpresa ao encontrar lágrimas picando seus olhos. Quando ela começou essa coisa, ela estava tão certa de que alcançaria o resultado desejado, que ela levaria Helen Grace de Southampton Central e seria a líder mais uma vez. Bem sucedido, intocável, vitorioso. Ela parou na soleira para sorrir um tímido adeus a Tim e naquele momento ela soube - sua derrota foi total. Ela havia chegado ao fim da estrada.

117

Ele trabalhava furiosamente na máquina, sua raiva de si mesmo - do mundo -

revelada por todos os lados. As pessoas entravam e saíam como de costume, mas onde ele normalmente trocava gentilezas com elas, hoje ele as serviu em silêncio, sua expressão carrancuda o suficiente para repelir qualquer conversa casual.

Uma dor súbita e aguda o fez olhar para baixo. Distraído, ele tirou o olho da máquina e a lâmina cortou seu polegar.

'Porra.'

Ele cuspiu a palavra, mas não o fez se sentir melhor. O sangue escorria do corte profundo. Desligando a máquina, ele voltou correndo, enrolando o dedo ferido em rolos de toalha de papel. O sangue escorria pela toalha verde-clara, mas parecia mais preto do que marrom.

Por que ele foi um fracasso? É um desperdício de espaço? Ele estaria para sempre nesta jornada, procurando, procurando, procurando - mas encontrando apenas miséria e desolação esmagadora. Como ele poderia ter entendido tão

errado? Ele podia ver agora que ela não era Summer. Ele tinha acabado de tentar se convencer, esperando contra todas as esperanças que a frieza e as maneiras rudes dela fossem alguma raiva reservada pela longa separação. Mas na verdade era porque ela era uma vadia desagradável e inútil. Por que ele esbanjou tanto cuidado, atenção e -

sim - amor com ela, quando tudo o que ela queria fazer era jogá-lo de volta na cara dele e voltar para sua pequena e rabugenta família, que pensava que ela não passava de problemas. Ele sabia o suficiente sobre ela para saber que ela rejeitava e ridicularizava aqueles que tentavam ajudar - por que ele não viu os sinais? Por que ele se expôs dessa maneira?

O sangue ainda escorria de seu corte. Não havia maneira de que ele pudesse trabalhar mais hoje, então ele poderia muito bem fechar a loja. Era muito cedo para fechar e sem dúvida haveria alguns clientes confusos com sua ausência incomum.

Seu primeiro instinto foi dizer "Encha-os", mas cautela - sua palavra de ordem -

reafirmou-se mais uma vez. Assim, depois de desligar a caixa, ele começou a escrever uma nota culpando 'Doença do pessoal' pelo fechamento temporário da loja. Foi difícil - ele não estava acostumado a escrever com a mão esquerda - e ainda escrevia quando a campainha o alertou da chegada de um cliente.

- Estamos fechados - gritou ele sem erguer os olhos.

- A placa dizia que você estava aberto e isso não vai demorar um minuto.

Sua voz era suave e gentil. Mas ele não ergueu os olhos, concentrando-se ainda mais na nota.

- Por favor, você poderia me apertar?

Suspirando, ele largou a caneta. Não adianta criar perguntas, quando era tão fácil atendê-la e mandá-la embora. Olhando para cima, ele estendeu a mão.

- Oh, você está sangrando. Você está bem?'

Sua voz combinava com seus traços, que eram delicados e bonitos. Seu sotaque era local, mas sutil, e ela tinha uma gentileza em sua expressão que

imediatamente o deixou à vontade.

'Posso ajudar em tudo?'

Mesmo assim, ele não conseguia falar. Parecia impossível, mas era verdade. Como se o cosmos *estivesse* ouvindo. Esta adorável garota gentil que estava oferecendo a mão da amizade tinha entrado direto em sua loja, direto em sua vida. Como ele sempre imaginou que ela faria. Ele a deixou examinar seu ferimento, mas ao fazê-

lo, ele nunca tirou o olhar dela, paralisado por seu nariz delicado, seu longo cabelo preto e aqueles penetrantes olhos azuis.

118

Alastair e Gemma Lansley ficaram imóveis, mal conseguindo respirar. Helen os observou de perto. Ela poderia dizer que, como Daniel Briers, eles acharam a notícia da morte de sua filha difícil de acreditar. Mas eles fizeram a coisa certa e voaram de Windhoek para serem confrontados pela dura realidade do assassinato de Isobel. Ela estava deitada na laje mortuária na frente deles, seu corpo discretamente coberto, mas seu rosto pálido e magro descoberto. Seus olhos opacos fixaram-se nos pais, sem lhes dar o amor que ansiavam. Ela estava morta há mais de um ano.

Helen ficou surpresa ao ver que, embora os olhos de Alastair já estivessem cheios de lágrimas, os olhos de Gemma estavam secos, como se ainda não tivessem percebido o que viam. Normalmente era o contrário, o marido tentando desesperadamente ser forte por sua esposa. Mas não foi esse o caso aqui. Helen já havia estabelecido em suas conversas preliminares que Alastair era muito próximo de sua filha - sua única filha. Quando ele e a esposa se aposentaram no exterior, Alastair esperava que Isobel acabasse se juntando a eles - uma vida ao sol -, mas ela se apegou a Southampton e seus estudos. Alastair havia captado uma nota de cinismo, até mesmo cansaço, em seus tweets e textos recentes que talvez representassem uma mudança de atitude em relação ao ambiente, e isso aumentou suas esperanças de um reencontro. Mas isso acabou sendo invenção de outra pessoa - uma revelação que era grande demais, horrível demais para aquele casal de idosos processar.

Concluída a identificação, Helen transferiu-os para o quarto dos familiares.

- Sei que é difícil, mas preciso que você me diga o máximo que puder sobre Isobel.

Seus amigos, seu horário de estudo, seus hábitos. Estamos trabalhando na suposição de que o agressor de Isobel não era conhecido por ela, mas sim alguém com quem ela teve contato na vida diária.

- Nós poderíamos ter lhe contado isso - disse Gemma Lansley secamente. - Isobel não tinha amigos.

- Gemma . . - murmurou o marido, com uma nota gentil de advertência na voz.

- Eles precisam dos fatos, Alastair - rebateu ela rapidamente, com a voz vacilante pela primeira vez. - Não adianta enfeitar as coisas.

Houve uma pausa e então Alastair olhou diretamente para Helen.

'Quando Isobel . . quando ela era adolescente, ela foi vítima de uma agressão sexual.'

'Continue.'

- Ela estava voltando da escola para casa. Pegou um atalho na charneca. O

homem . . o homem responsável foi capturado e preso. '

- Oito anos sem licença por bom comportamento - acrescentou Gemma com amargura.

- Mas deixou uma impressão duradoura em Isobel. Ela odiava espaços abertos, odiava estar do lado de fora. Ela quase nunca saía de seu apartamento e realmente não queria compartilhar. Ela tinha problemas de confiança, acho que o psiquiatra disse. Portanto, ela morava sozinha. '

- Ela tinha um círculo social limitado? Helen perguntou.

"Limitada era a palavra", disse Gemma. 'Ela deliberadamente se separou de sua família, seus amigos -'

'Por favor, Gemma, você não está ajudando . .'

- Afaste-se de qualquer pessoa que possa ter se importado com ela.

Gemma Lansley caiu em silêncio agora, oprimida pela miséria e tristeza.

- Então ela não teria deixado alguém que não conhecia entrar no apartamento?

- Você está ouvindo, inspetor? Gemma respondeu acidamente. 'Ela não deixaria as pessoas que *se* conhecem no apartamento. Ela só se sentia segura quando estava sozinha atrás de uma porta fechada.

Helen acenou com a cabeça, de repente sentindo uma enorme simpatia pela pontiaguda Gemma. Sua amargura era o resultado de sua filha fechando a porta para ela. Ela também esperava uma reconciliação, uma maior proximidade mais tarde na vida?

- Ela estava preocupada com a segurança? Helen ofereceu suavemente.

'Claro. Ela não ia a extremos - não tinha dinheiro - mas tinha uma fechadura muito forte, um olho mágico para o caso de alguém tocar a campainha. E ela sempre dizia aos entregadores para deixar as coisas na porta. Ela odiava a ideia de entrar em contato com estranhos.

- E, no entanto, ela deve ter entrado em contato com eles todos os dias no caminho para a faculdade.

- Ela disse, mas foi nos termos dela. Ela sempre fazia o mesmo trajeto nas mesmas horas do dia, conhecia os rostos ao longo de seu trajeto muito bem - não que falasse com eles, é claro.

Helen ficou tensa, sentindo um avanço.

- Você se lembra da rota dela?

'Claro. Caminhamos várias vezes com ela quando acabamos. Ficamos em um hotel, obviamente.

- Isso é muito útil e, se você puder, vou pedir-lhe que se sente com um dos meus oficiais e repasse esse caminho. Pode ser de importância crucial saber para onde ela foi e a que horas do dia ela foi.

Gemma assentiu sem entusiasmo.

- Você acha que quem fez isso . . a viu em seu caminho de ida e volta . . Alastair se extinguiu, incapaz de terminar esse pensamento desagradável.

- Se ela tivesse poucos amigos e se preocupasse com a segurança, então sim, pode ser que ele a seguiu até sua casa.

Alastair fechou os olhos - não querendo ir lá - mas Gemma olhou diretamente para Helen. Ela queria - ela precisava - os detalhes.

'Ele a machucou? Houve . . uma briga?

'Nós não pensamos assim. Quando entrevistamos os inquilinos, ninguém se lembrava de ter ouvido nada parecido. Não houve nenhum sinal de arrombamento, nenhum sinal de luta - '

- Mas isso não faz sentido - interrompeu Alastair. - Ela não deixou ninguém entrar.

Eles devem ter forçado a entrada.

- A menos que eles tenham uma chave.

O pensamento de Gemma pairou no ar. Helen já tinha chegado à mesma conclusão, mas não queria dizer isso em voz alta.

- Ela teria dado a chave a alguém? Um amigo de confiança? Uma figura de autoridade? ' Helen perguntou.

'Absolutamente não. Nem mesmo se ela tivesse sido ameaçada de despejo ou expulsão da faculdade - ela nunca comprometeria sua segurança dessa forma ', Alastair rebateu. 'Eu realmente acho que você está latindo errado -'

- Ela trocou a fechadura - disse Gemma de repente.

'Quando?' Helen perguntou, sem hesitação.

'Cerca de . . cerca de seis meses antes de você dizer que ela . .'

'Desapareceu. Por que ela mudou as fechaduras? '

- Alguém destruiu o antigo. Esguichou supercola nele. Na época, pensávamos que eram crianças, mas agora . . '

Tudo estava começando a fazer sentido.

- Então ela trocou as fechaduras?

'Sim. Lembro que era uma tarefa difícil. Ela pediu ao professor da faculdade que viesse, pois não queria ficar sozinha com o chaveiro. Ele obviamente pensou que ela estava louca, mas obrigada mesmo assim.

- Você se lembra de quem mudou a fechadura?

- Não, mas o recibo pode estar nos pertences dela. Ela era muito particular assim.

- Você sabe quantas chaves foram fornecidas?

“Dois, eu acho. Ela guardava um no chaveiro e usava outro no pescoço como reserva.

- Ela teria dormido com a chave no pescoço?

- Não, ela não estava tão brava. Por que?'

'Pode ser importante, mas vamos nos concentrar nas chaves. Então você acredita que havia dois e nenhum estava fora de sua posse.

- Não, isso não é bem verdade - disse Alastair. Helen voltou seu olhar para ele.

- Ela cortou mais um pouco. Eu sei disso porque ela enviou um para nós. Ela deu a outra ao seu senhorio, creio eu. Muito contra seu melhor julgamento, mas essas eram as regras.

- E você sabe onde ela cortou as chaves extras?

Houve uma longa pausa enquanto ambos os pais vasculhavam seus cérebros em busca de uma memória meio esquecida, os pequenos eventos do passado, até que finalmente Alastair ergueu os olhos e disse, cansado:

- Receio que não tenhamos ideia.

119

Andrew Simpson ergueu os olhos bruscamente quando Helen irrompeu na sala. Ele e Sanderson já estavam trancados em uma das salas de entrevista mais remotas por horas - Helen podia dizer pelo cheiro almiscarado de seu BO que enchia a sala -

e seus arquivos estavam espalhados como um fungo em flor pela mesa.

Helen apoiou-se na mesa e, dispensando as formalidades, foi direto ao ponto.

- Isobel Lansley trocou as fechaduras.

Simpson olhou para ela, ainda assustado com sua chegada repentina, então lentamente acenou com a cabeça.

- Acho que a fechadura dela estava colada. Então ela mudou. O que é que tem?'

Suas defesas já estavam levantadas, sentindo outro ataque.

- Como você se lembra disso?

'O que você quer dizer?'

- Você não dava a mínima para a vida de seus inquilinos ou para os casebres em que moravam. Por que você se lembraria de um detalhe tão pequeno?

- Porque está nos registros, nos registros financeiros, quero dizer. Cada vez que algo assim acontece, eu cobro uma . . pequena taxa. Para o incômodo administrativo. '

'Aposto que sim', Helen pensou consigo mesma, mas engoliu a insinuação.

'Isso é muito importante, Andrew. Alguma das outras garotas - Ruby, Roisin ou Pippa - teve seus cabelos trocados em algum momento? '

Andrew pensou por muito tempo.

- Roisin definitivamente sabia. Foi dito por seu namorado da época, eu acho. E

poderíamos verificar os registros dos outros dois . . '

Helen ficou satisfeita em ver que Sanderson já estava folheando o arquivo de arrendamento de Pippa Briers. Seu dedo percorreu as colunas em uma velocidade vertiginosa.

'Lá. Uma taxa de administração de £ 25. Seria isso? ' disse ela, virando-se para Simpson.

Ele olhou para ele.

'Sim é isso.'

- Encontrou um mês antes de seu desaparecimento.

"Por causa de Nathan Price", disse Helen, enquanto as peças lentamente começavam a se encaixar. - Ela estava com medo do ex, então trocou as fechaduras para mantê-lo fora.

- E olhe aqui.

Sanderson agora estava segurando o arquivo de arrendamento de Ruby.

'Uma taxa administrativa de £ 25. Seis semanas atrás. Pouco mais de um mês antes de ela desaparecer.

"Nenhuma grande surpresa", Simpson saltou. 'Aquela garota era incrivelmente dispersa. Ela provavelmente os perdeu ou mandou beliscar. Nunca soube se ela estava indo ou vindo. '

- Ele guardou uma chave extra.

Helen estremeceu ao dizer isso em voz alta.

- Digamos que todos eles cortaram no mesmo lugar, em algum lugar central, em algum lugar que todos conheciam. O que o impedirá de cortar um extra para si mesmo, enquanto faz o deles?

'Nada mesmo.'

- E quando eles voltassem para pegar as chaves, tudo o que ele teria de fazer era fechar a loja e segui-los para casa.

- Ele é um perseguidor de livros didáticos - disse Sanderson, retomando o fio de Helen. 'Ele saberia então onde eles moram e poderia observá-los em seu lazer. Ele poderia descobrir qual é a situação da família deles, se eles têm parceiros, companheiros de apartamento, qual é a sua rotina diária . . '

- Mas o que separa esse cara dos perseguidores comuns é que ele tem uma chave -

interrompeu Helen. “Ele podia entrar em seus apartamentos quando quisesse. Ele poderia até fazer simulações enquanto eles estavam fora, para ter certeza de que o sequestro foi perfeito.

"Nenhum sinal de luta, nenhuma entrada forçada."

- Não há necessidade - Helen respondeu, a terrível simplicidade de tudo atingindo o alvo. ' *Porque ele já estava em seus apartamentos quando eles voltaram para casa* .

Ele estava esperando por eles, escondido em um guarda-roupa, sótão, quarto de hóspedes. Ele estava esperando que eles voltassem e fossem dormir. '

Helen mal podia acreditar, mas fazia todo o sentido.

“Eles pensaram que estavam seguros em casa. Mas, na verdade, eles simplesmente caíram direto na armadilha dele.

120

Ele manteve uma boa distância atrás, para não alertá-la de sua presença. Ele finalmente encontrou sua língua e respondeu à preocupação dela com o corte no dedo, antes de tirar o trabalho dela - um simples salto de sapato - prometendo tê-lo pronto amanhã como recompensa por sua gentileza e simpatia.

Depois que ela foi embora, ele permaneceu em sua estação de trabalho por uma contagem silenciosa de vinte, então apagou as luzes da loja, virou a placa de

'Fechado' e saiu correndo, trancando a porta atrás de si. A experiência o ensinou a não demorar durante esse processo - você corria o risco de perder sua presa entre as multidões de compradores, se fosse cauteloso demais. Você só precisava de tempo suficiente para ela limpar as imediações da loja.

Ele olhou para a esquerda e para a direita, antes de localizá-la a cem metros de distância, olhando as vitrines à toa. Seu terno azul-marinho impecável e o cabelo bem amarrado para trás a tornavam bastante distinta entre os mocassins e a madeira flutuante que geralmente povoava este lugar. Cansada de sonhar acordada, ela se afastou novamente. E ele foi com ela, como sempre a uma distância discreta.

Ela vagou lentamente para casa. Ela havia terminado o trabalho do dia - ela realmente parecia inteligente e profissional - mas claramente não tinha ninguém para quem correr para casa. Ela parou para olhar em várias vitrines, para comprar um exemplar da *Big Issue* , mas parecia que estava matando tempo. Como se ela estivesse esperando que algo acontecesse. Ou alguém para vir junto.

Eles passaram por Bedford Place, depois por Portswood até os apartamentos baratos que ficavam perto da universidade. Embora ela tivesse uma boa aparência, ela claramente não estava bem de vida, vivendo entre os detritos da cidade. Isso também estava de acordo com o personagem, pensou consigo mesmo, suprimindo um sorriso. Você envelhece, mas não muda realmente.

Ele parou abruptamente. Ele se perdeu momentaneamente na memória e, inadvertidamente, caminhou muito perto dela. Ela parou em uma porta - a menos de dez metros dele. Se ela se virasse agora, o veria. Então ele acelerou o passo, felizmente limpando-a sem despertar seu interesse. Cruzando a rua, ele arriscou um olhar para trás - bem a tempo de vê-la entrar em um apartamento de aparência lamentável.

Abraçando a esquina da rua, ele encontrou um ponto de vista decente atrás de uma cerca viva. Ele observou com interesse quando as luzes se acenderam no primeiro andar. Ele não sabia se devia ficar ou partir. A jornada de trabalho estava chegando ao fim e os trabalhadores estariam lotando as ruas em breve - ele não podia correr o risco de ser localizado ou, pior, denunciado. Mas, como sempre, ela tomou a decisão por ele, aparecendo agora na janela do primeiro andar.

De jeito nenhum ele iria embora agora. Ele tinha o ponto de vista perfeito - para observá-la, para admirá-la, para absorver cada detalhe de sua vida. Ela não fez menção de fechar as cortinas, apenas olhou para a rua lá embaixo. Procurando esperança. Procurando por amor.

Procurando por ele.

121

'Porque você mentiu para mim?'

'O que você quer dizer?'

- Eu perguntei na sua cara se Roisin alguma vez trocou os cabelos e você negou que sim. Mas isso não era verdade, era, Bryan?

O ex-namorado desajeitado de Roisin tentou conduzir Helen para uma parte mais silenciosa da garagem, mas ela se manteve firme.

'Por que você mentiu?'

Bryan deu uma olhada em seus colegas mecânicos, que olhavam com indisfarçável curiosidade para a mulher incrivelmente atraente que agora arrastava seu aprendiz sobre as brasas. Isso era algo parecido com respeito em seus olhos?

- Por causa de Jamie - murmurou ele por fim.

- Quem é Jamie?

- O ex de Roisin. Antes de mim, quero dizer. Ele morava com ela. Ainda tinha sua chave. Eu . . eu descobri que ele estava voltando, se deixando entrar, você sabe . . '

Ele não precisou entrar em detalhes. Roisin precisava de afeto e claramente não era exigente de onde ela o tirou.

- Então você a fez trocar as fechaduras.

- Não consegui impedir que ela o visse, se era isso que ela queria. Mas eu não queria que ele pensasse que poderia entrar e sair quando quisesse, entrando a qualquer hora do dia ou da noite.

- Você sabe que mentir para a polícia é um assunto sério.

'Eu sei, certo . . eu não queria, mas eu não ia dizer nada com *ela* sentada bem ao

meu lado.'

Ele se referia à mãe de Roisin - sua ex-sogra. Ele se calou para evitar parecer tolo ou para evitar dizer a Sinead Murphy que sua filha era infiel e generosa com seus favores? Helen esperava que fosse o último.

- Quem mudou as fechaduras?

- Um amigo meu - Stuart Briggs da LockRite.

- Vou precisar dos detalhes de contato dele.

- Claro, mas ele não tem nada a ver com isso.

'Veremos. Você cortou mais alguma coisa?

'Certo. Só temos dois com a fechadura e a mãe dela precisava de um, então . .

'Onde? Onde você os cortou? '

Helen não conseguiu esconder a urgência de seu pedido.

'Roisin fez isso. Mas ainda assim me magoou pelo dinheiro.

- Onde, Bryan?

- Ela me mostrou o recibo, mas só tinha o custo - cinco libras ou mais. Foi só um pouco de till roll. '

Helen olhou para Bryan, sabendo que não receberia mais dele. Quem quer que fosse o assassino, ele era meticuloso, preciso e ultracuidado. Um profissional. Mas isso só deixou Helen mais determinada a pegá-lo. E à medida que cada pequena peça do quebra-cabeça se encaixava, ela sentia que estava chegando mais perto do momento em que eles finalmente ficariam cara a cara. Em momentos como aquele, Helen não pensava em sua própria segurança - ela morreria fazendo esse trabalho, ela sabia disso - e ansiava por aquele encontro. As coisas estavam chegando ao clímax agora - Helen tinha certeza disso - e ela estava determinada a estar presente na morte.

- Não espero seu perdão e não o mereço. Eu poderia tentar me explicar, meus motivos, mas não vou me envergonhar. O que eu fiz foi errado, puro e simples, então vou pegar minhas coisas, escrever minha carta de demissão e sair da sua cola. '

Lloyd Fortune nem uma vez ergueu os olhos ao dizer isso, as palavras saindo de repente. Ele claramente queria que isso acabasse o mais rápido possível.

Mesmo que ele e Helen estivessem encerrados em seu escritório, Lloyd percebeu que a equipe do lado de fora estava de olho nos procedimentos e que ele queria ficar longe da curiosidade e da censura.

- Gostaria de saber por quê, Lloyd - Helen respondeu lentamente. - Porque acho você um bom policial e basicamente um cara decente, então gostaria de saber por quê.

Lloyd baixou a cabeça - ele temia que ela aceitasse essa linha.

- Mas não temos tempo para isso agora. Já tive oficiais demitidos de mim antes por causa de indiscrições pessoais, oficiais dos quais sinto falta agora, então vou pedir a vocês que não escrevam essa carta. '

Lloyd ergueu os olhos para ela, de repente errando o pé.

- Temos uma grande investigação em andamento na qual você deveria estar me ajudando a liderar. Mas seu foco está em outro lugar - isso é o que é verdadeiramente imperdoável. '

Lloyd recebeu o golpe - ele sabia que era justificado.

- No entanto, precisamos de todos os oficiais disponíveis agora. E acredito em segundas chances. Então, primeiro encontramos Ruby. Então lidamos com você.

OK?'

'Chaves. Vamos nos concentrar nas chaves. '

Toda a equipe foi chamada para a sala de incidentes. Helen, acompanhada por Lloyd Fortune e DC Sanderson, liderou a discussão.

'Achamos que é assim que ele consegue acesso, então precisamos verificar cada chaveiro em Southampton. É um grande trabalho, mas não temos outra escolha.

Vamos começar centralmente e malhar. Para restringir um pouco a pesquisa, vamos começar com as lojas pelas quais Isobel Lansley passou em seu trajeto de ida e volta para a universidade. McAndrew? '

"Então, esta é uma análise completa de sua rota", respondeu o confiável DC, distribuindo folhas A4 grampeadas para os policiais reunidos. 'Você encontrará um detalhamento da rota por nome da rua, além de um mapa mostrando sua rota em vermelho. Ela deixou seu apartamento na Dagnall Street, virando à direita na Chesterton Avenue, passando por um pequeno desfile de lojas. Ela então caminharia até o centro da cidade ao longo da Paxton Road, antes de cortar a WestQuay e seguir para a Lower Granton Street. De lá …'

McAndrew percorreu o resto de sua rota, destacando possíveis pontos de interesse. Helen havia trazido alguns corpos da unidade de análise de dados e eles provaram ser uma dádiva de Deus agora. Eles digitaram rapidamente, abrindo várias lojas de corte de chaves possíveis no caminho. Sanderson os escreveu no quadro e detalhou oficiais para verificá-los. Embora estivessem apenas avançando, Helen ficou satisfeita ao ver a equipe finalmente se unindo. Até Sanderson e Lucas pareciam estar se dando bem.

Enquanto os oficiais selecionados pegavam suas jaquetas e saíam correndo, Helen se dirigiu aos que restaram.

'O resto de vocês vai se concentrar nas outras meninas agora. Precisamos encontrar sobreposições com a rota de Isobel que estreitará ainda mais a busca.

Pippa pode ter descido a Chesterton Avenue para chegar ao centro da cidade e sabemos que ela trabalhava no shopping center WestQuay, então há duas possibilidades para começar. Vamos examinar suas rotinas de forma forense e ver o que isso acarreta. Roisin não funcionou e nem Ruby, então para onde foram, o que fizeram?

Helen fez uma pausa antes de terminar, satisfeita com a sensação de determinação que brilhava nos rostos de sua equipe agora:

'Encontre o link e nós encontraremos nosso homem.'

- Antes de mais nada, não quero meu nome nem perto disso. Já tenho problemas suficientes.

'Claro. Não publicaremos nada que você não queira que façamos. '

Emilia havia contado essa mentirinha branca muitas vezes em sua carreira.

Estranhamente, desta vez ela realmente quis dizer isso - se essa pista fosse importante para desvendar o caso 'Bodies on the Beach', então sua fonte receberia tratamento real. Emilia observou a mulher à sua frente. Ela achava que tinha cinquenta e poucos anos, mas parecia mais velha. Ela tinha o rosto de um bebedor -

injetado de sangue e gelatinoso - e os dedos e dentes amarelos de um fumante. Sua voz era profunda e ela estava ligeiramente acima do peso, mas havia algo nos olhos

- uma astúcia baixa, uma centelha de humor perverso - que ainda assim o atraiu. Se ela conhecesse essa mulher na rua, ela seguraria sua bolsa com força e mova-se rapidamente, mas Emilia estava com uma expressão profissional hoje e parecia muito satisfeita por estar sentada com ela naquele pub sombrio.

'Outra bebida, Jane?'

Jane Fraser acenou com a cabeça e logo Emilia estava de volta, segurando uma caneca de Best e um Jameson duplo. A mulher jogou o uísque de volta de uma vez, depois ficou presa na cerveja.

- Então me conte sobre a tatuagem?

- Que tal um pequeno pagamento primeiro, hein? Jane disse rapidamente.

Emilia já esperava por isso e imediatamente deslizou um envelope pardo pela mesa.

- Quinhentas libras. O melhor que posso fazer por enquanto.

Jane fez uma pausa, lançando um olhar sujo para Emilia. Por um momento

horrível, Emilia pensou que fosse se levantar e sair. Mas então ela pegou o pacote e começou a folhear as notas e Emilia percebeu que ela estava bem.

'A tatuagem, Jane.'

Jane embolsou o dinheiro, cheirou desagradavelmente e depois respondeu:

- Ela fez isso aos onze anos. Ela e o irmão foram para a sala juntos - provavelmente meio centavo meu dinheiro - e os dois conseguiram. Um passarinho azul sujo em seus ombros. Ideal para aqueles pequenos pombinhos.

Emilia observou a prodigiosa exibição de tatuagens que cobriam os braços e ombros de Jane. Eles não eram bonitos - eram agressivos e altamente sexuais em seu conteúdo.

- Por que um pássaro azul?

'Deus sabe. Nunca perguntei. Talvez eles quisessem voar para longe juntos?

Ela riu de forma desagradável, antes que a tosse recomeçasse. Assim que o ataque cedeu, ela se iluminou. Estava proibido aqui, é claro, mas ninguém neste buraco iria impedi-la.

'O que aconteceu com ela?'

- Meu verão morreu, não foi? Overdose de heroína. Ben foi procurá-la, quando ela não voltou para casa. Encontrei-a no parque. Ela estava coberta de vômito, os olhos bem fechados. O idiota achou que ela estava dormindo. Teve que ser arrancado dela pela polícia no final - ele estava convencido de que ela acordaria e voltaria ao normal a qualquer segundo. Não queria deixá-la ir, eles disseram.

'Ben? Ele é seu filho? '

Jane resmungou um sim.

- Ele também era viciado?

'Deus não. Seu irmão não tinha coragem para isso e ele era pequeno apenas quando ela morreu. Doze ou mais.

Emilia rabiscou isso e considerou sua próxima pergunta.

'O que aconteceu com ele?'

- Parei um pouco, mas ele e eu nunca nos demos bem, então, depois de algumas semanas, ele decolou.

Emilia tinha um mau pressentimento de que estavam chegando a um enorme beco sem saída.

- E você não o viu desde então?

- Não disse isso, disse? Eu o vi há alguns meses - na cidade, você sabe.

- Então, onde ele mora?

'Não sei.'

'Vamos, Jane. Você acabou de dizer - '

- Ele não quis me contar. Não queria que eu ficasse por aí, eu acho.

Emilia não insistiu - ela poderia dizer que mais viria pela expressão astuta no rosto de Jane Fraser. Ela puxou Emilia para perto, tão perto que ela podia sentir o fedor de tabaco velho em seu hálito enquanto sussurrava:

- Mas sei onde ele trabalha.

124

Ele estava deitado na cama suja, sua mente cheia de pensamentos estranhos e excitantes. Ele tinha estado tão cego por tanto tempo, tentando ver ouro no coração de uma vagabunda inútil. Agora que ele podia ver novamente, ele não conseguia parar de sorrir. Ele se sentia leve como uma pena. Ele ficou parado observando Summer até que ela fechou as cortinas e se retirou para dentro. Ele então fez alguns circuitos da rua, verificando o circuito interno de TV, a iluminação da rua, bem como os nomes nos sinos da casa dela. Como todos os outros lugares daquela região, fora dividido em vários apartamentos. Ele ficou satisfeito ao ver que os nomes nos sinos superior e inferior soavam estranhos. Muito menos provável de chutar se eles ouviram ou viram algo. Mas ele iria se

certificar de que não o fizessem. Afinal, ele tinha bastante prática nisso agora.

Enquanto ele caminhava para casa, sua cabeça estava cheia dela. Aqueles olhos encantadores, a ternura de seu toque, seu suave sotaque da Costa do Sul - idêntico ao dele, é claro. Ele beijou seus dedos e os pressionou contra sua tatuagem - então riu da natureza extravagante de sua homenagem. As pessoas devem pensar que ele é louco.

Enquanto os pensamentos sobre ela o dominavam, ele desfez a braguilha e enfiou a mão dentro da calça. Ele tinha se negado por tanto tempo, mas agora parecia tão natural, tão certo. Quando ele fechou os olhos e deixou sua mente vagar, ele os viu lá atrás, dois pequenos conspiradores escondidos no quarto do sótão. Sempre que sua mãe voltava para casa, eles sempre corriam para evitar sua língua afiada e mão áspera. Era o seu pequeno refúgio - ela era uma fumante inveterada e nunca seria incitada a subir atrás deles - e para eles era como um reino mágico. Só estava cheio de lixo, mas para eles era o seu mundo. Abriam a velha casa de boneca e brincavam com as duas figuras rachadas de dentro, sonhando todo tipo de cenários em que viviam felizes, com esplendor e conforto. Nessas horas, a sujeira e a umidade do sótão não eram registradas - eles estavam seguros no casulo de sua fantasia.

Às vezes a fantasia funcionava, outras vezes a realidade se intrometia - geralmente por causa de ruídos no andar de baixo. Eles moravam no topo de uma casa geminada velha e frágil e os degraus soltos e rangentes nas áreas comuns sempre os avisavam da aproximação de sua mãe. Se ela estava marchando, significava que estava de mau humor ou tendo um episódio. Se os passos eram lentos e irregulares, significava que ela estava chapada. E se houvesse mais de um par de pés, isso significava que ela tinha 'companhia'.

Ben odiava drogas, nunca as tocava, mas sua mãe não se cansava delas. Ela financiou seu hábito por meio de fraude, roubando e ocasionalmente trazendo marinheiros estrangeiros dos bares das docas. Eles não pagaram muito, mas vieram e foram muito rapidamente. Quando ela estava "entretendo", Ben e Summer ficavam imóveis, espiando através das tábuas do chão para o único quarto do apartamento. Eles não entenderam o que viram no início - acreditar que os homens estavam machucando sua mãe - mas no final todos pareciam felizes. E

depois de um tempo, eles começaram a perceber que aqueles homens grunhindo

e seminus estavam tendo prazer com esses atos e que às vezes sua mãe parecia estar também.

Só quando ficaram mais velhos - Summer tinha quatorze anos e Ben onze - é que compreenderam de verdade. Ele ficou surpreso quando Summer enfiou a mão em suas calças, mas ele não se importou.

Mais tarde, eles foram mais longe, explorando os corpos um do outro, quando sua mãe estava entretendo aqueles homens lá embaixo. Sua pequena piada particular.

A mãe deles suspeitou de alguma coisa? Se ela fez isso, ela nunca disse nada.

Contanto que Summer estivesse disponível para correr até o parque para pegar sua próxima sacola, isso era tudo que importava.

O pensamento disso o deixou com raiva. Ele tentou se concentrar em sua fantasia, mas ele podia sentir seu desejo diminuindo agora. Sua fúria com sua mãe por arrastar Summer para longe dele para o mundo vil das drogas ainda queimava forte. Ele tinha visto aquela mulher horrível há menos de três meses. Ele ficou chocado ao vê-la e sua primeira reação foi dar uma surra nela. Ele estava mais velho, maior agora - ela não teria a menor chance. Mas ela não valia a pena e ele tinha peixes maiores para fritar, então ele disse algumas palavras curtas para ela e a mandou embora.

Não adiantava continuar, ele estava muito zangado para se concentrar no prazer agora. Fechando o zíper das calças, ele se levantou da cama e desceu para o andar térreo. Sua mente estava girando e ele caminhou direto para a antiga área de utilidades. Parecia um laboratório de química de escola sangrento agora e fedia muito. Mas ele sempre gostou daqui. Ele sempre sentiu uma sensação de realização em seus limites estreitos. Levou muito tempo para aprender a destilar tricloroetileno, mas quando o fez ficou infantilmente satisfeito consigo mesmo. Ele se lembrou da primeira cheirada - a agradável sensação de tontura que isso lhe deu. Ele riu também ao se lembrar de seus experimentos com dosagem. Havia numerosos ratos na casa e ele não desencorajou sua presença, pois eram úteis para seus experimentos. Ele matou alguns antes de acertar os níveis de saturação na lã, é claro, mas a prática leva à perfeição.

Isso o interrompeu. Excitado como estava com o futuro, ainda havia o presente para lidar. Agora que o verdadeiro verão havia retornado, *ela* estava superando

as necessidades e ele apenas a queria fora. Então, convocando sua determinação, ele destrancou a porta do porão e desceu para a escuridão.

125

- Você acha que ela está no nível?

O coração de Helen estava batendo forte, seu tom urgente.

"Para ser sincero, acho isso tão estranho, tem que ser verdade."

Emilia e Helen estavam aninhadas no pátio externo, amadas pelos fumantes do Southampton Central. Felizmente, eles estavam sozinhos hoje.

'Não acho que Jane Fraser tenha imaginação para inventar algo assim. Parece que as duas crianças eram muito próximas. Eles sempre compartilharam a mesma cama, nunca foram à escola, viviam no bolso um do outro. E eu não os culpo para ser honesto - sua mãe não os amava. Obviamente, nem mesmo sabiam quem eram seus pais, então . . '

'Então eles eram o mundo um para o outro.'

Emilia acenou com a cabeça e continuou:

- Aparentemente, o filho - Ben - ficou ingovernável após a morte de Summer.

Polícia, médicos, serviços sociais - ninguém podia lidar com ele. '

"Porque ele estava louco de tristeza."

- Ainda está louco de tristeza - acrescentou Emilia, ecoando os pensamentos de Helen.

- E você tem certeza desse endereço?

- Bem, não fui lá, mas sei disso.

'Bom. Obrigado, Emilia. '

Helen estava a meio caminho da porta, quando Emilia gritou:

"Regras usuais?"

- Você receberá sua exclusividade - disse Helen por cima do ombro, ao voltar correndo para a estação.

- Portanto, o endereço é uma concessão para salto de botas e corte de chaves no shopping WestQuay. Chama-se WestKeys. '

Ninguém gemeu com o trocadilho ruim. A equipe estava atenta às palavras de Helen, processando esse grande desenvolvimento.

- Vou precisar de voluntários para que uma unidade de vigilância vá até lá.

Helen ficou satisfeita ao ver uma dúzia de mãos se erguendo.

- Mas antes de irmos, vamos verificar novamente nossos fatos. Pippa Briers trabalhava no shopping center WestQuay, então teria sido conveniente para ela mandar cortar as chaves lá. Idem Isobel Lansley, que caminhava pelo centro todos os dias a caminho das palestras.

"Roisin Murphy foi para um grupo de mães e bebês grátis que acontecia na creche de um shopping center", acrescentou o DC McAndrew.

- E Ruby?

'Ruby costumava sair no centro com seus amigos. Vitrine, não está fazendo nada de bom. '

- Então se encaixa. Eles pegaram as chaves lá e entraram na vida de Ben Fraser.

Eles se pareciam com a irmã dele, então ele guardou uma chave, perseguiu-os e depois os sequestrou.

'Mas para torná-los perfeitos - uma réplica de sua irmã - ele teria que' personalizá-

los ',' DC Sanderson interrompeu.

"A tatuagem", Helen respondeu, "e possivelmente muito mais."

- Mas onde ele consegue o tricloroetileno? DC Grounds questionado.

"Vamos pensar no que Jim Grieves disse", retrucou Helen. “O tricloroetileno é usado em produtos de limpeza, solventes, mas também polidor de botas. Você poderia talvez extraí-lo do polonês de inicialização - '

'Sem nunca chamar a atenção para si mesmo. Nenhuma trilha de qualquer tipo. '

- Mas por que ele os deixa com fome? Se ele ama essas garotas? '

A pergunta do DC Lucas pairou no ar por um momento, antes de Helen responder:

- Por que não vamos perguntar a ele?

126

"Olá, Ruby."

Ruby se arrastou até o canto e olhou para seu captor com um medo mal disfarçado.

'Não tenha medo. Eu não vou te machucar. '

Ruby manteve os olhos fixos nele. Quanto mais ele insistia que não iria machucá-la, mais ela se convencia de que ele o faria.

Ele se sentou na cama a alguns metros de distância e olhou ao redor do quarto como se o visse pela primeira vez.

'Eu tenho uma confissão a fazer.'

Ele sorriu agora, parecendo para todo o mundo como se ele fosse extremamente feliz.

'Eu cometi um erro.'

Ruby olhou para ele. O que ele estava tramando? Para onde isso estava indo?

- Peguei a garota errada. Eu não deveria ter levado você. Eu sinto Muito.'

Ele parecia genuinamente penitente. E estranhamente relaxado.

'O que você vai fazer comigo?' Ruby perguntou, sua voz tremendo como o medo.

- O que você acha que vou fazer com você?

Ele meio que riu quando disse isso, como se ela fosse a que estava louca, não ele.

- Vou deixar você ir.

127

- Existe outra maneira de entrar? Helen latiu, puxando Sanderson de lado, sua frustração finalmente levando o melhor sobre ela.

"Não de acordo com os planos do arquiteto", retrucou Sanderson.

Eles haviam chegado ao shopping center WestQuay discretamente - quinze policiais, todos vestidos casualmente como se fossem fazer compras - e se espalharam, ocupando seus vários pontos de observação. Alguns passes confirmaram o que era óbvio imediatamente. Apesar de serem apenas 5 da tarde, o WestKeys estava fechado.

Eles não podiam forçar a abertura das venezianas sem causar uma cena e possivelmente alertar o suspeito - ou amigos seus - da presença deles. Portanto, Helen estava ansiosa para encontrar outra maneira de entrar. Mas a loja era pequena - um quiosque glorificado, na verdade, espremido entre lojas maiores e mais iluminadas - e não tinha entrada nos fundos.

- Fique de olho nisso - disse Helen, passando a vigilância para Sanderson e marchando para o DC McAndrew, que estava com o celular preso ao ouvido.

'O que voce conseguiu?'

McAndrew cobriu o bocal com a mão enquanto respondia:

'WestKeys é propriedade de um Edward Loughton.'

'Então Ben Fraser é apenas um empregado. Podemos criar Loughton? Se ele puder nos dar o endereço residencial de Ben Fraser, talvez ainda possamos salvar

Ruby.

“Loughton morreu há três anos. Ele tem uma irmã que mora em algum lugar localmente, estamos tentando localizá-la.

McAndrew retomou a ligação, soletrando o nome da mulher que agora procuravam. Ao fazê-lo, Helen andou de um lado para o outro. Cada atraso, cada contratempo custaria caro a eles agora. Eles estavam tão perto de desmascará-lo, mas seria tudo em vão? Os pensamentos de Alison e Jonathan Sprackling invadiram sua mente agora - ela podia sentir seu desespero, seu desejo de se reunir com a garota que haviam resgatado anos atrás. Helen se recusou a acreditar que a gentileza deles tinha sido em vão, que Ruby poderia ser exterminada tão cruelmente quanto as outras garotas. Mas ela era impotente para influenciar as coisas e o fato de a loja ter sido fechada mais cedo a deixou alarmada. Qualquer desvio de sua rotina normal era uma má notícia para eles.

E más notícias para Ruby.

128

Helen parou de andar assim que entrou no saguão do Great Southern. Ela tinha estado em um mundo próprio, caminhando automaticamente em direção ao banco do elevador, mas a visão de Daniel Briers na recepção a fez parar. Ele tinha uma mala com ele e ao seu lado estava uma senhora alta com longos cabelos escuros e uma barriga elegantemente inchada.

'Daniel?'

Ele se virou e viu Helen sorrir - mas foi forçado e pouco convincente.

'Você está saindo?'

- Estou - respondeu ele, sem olhá-la nos olhos. 'Eu queria ficar enquanto você sabe.

Mas obviamente tenho outras responsabilidades, então . . Esta é Kristy, minha esposa.

- DI Helen Grace. Estou conduzindo a investigação - '

'Eu sei quem você é,' Kristy Briers respondeu, apertando a mão superficialmente de Helen.

- Você tem todos os nossos detalhes de contato, não tem, caso haja alguma novidade . . - Daniel continuou. Sua preocupação e interesse eram genuínos, mas Helen podia sentir que ele só queria sair dessa conversa.

'Claro. Na verdade, só vim aqui para atualizá-lo. Houve algum desenvolvimento significativo - '

'Você sempre atualiza as pessoas em quartos de hotel? À noite?'

A pergunta de Kristy foi feita com calma, mas tinha uma ponta que era difícil de perder.

- Não, mas fiz a seu marido uma promessa de mantê-lo informado sobre os últimos desenvolvimentos. E eu estava honrando essa promessa. '

O tom de Helen era uniforme, mas firme. Ela, sem dúvida, se colocou em uma posição estranha por lidar com Daniel Briers pessoalmente, mas eles não fizeram nada de errado, então por que ela deveria ser castigada por mostrar compaixão?

Puxando o casal de lado, Helen contou a eles sobre a busca policial por Ben Fraser e sua esperança de que eles logo o prenderiam. Daniel fez algumas perguntas, mas a conversa rapidamente chegou a uma conclusão natural. Não havia mais nada a dizer.

“Obrigado, Helen. Para tudo. Seria muito importante para mim ver a justiça ser feita. '

Ele falou com o coração, mas as palavras ainda soaram estranhas para Helen. Tudo estava um pouco *estranho* esta noite. Daniel apertou a mão dela formalmente e com um breve olhar para trás caminhou em direção ao carro que o esperava. Kristy fez menção de segui-lo e depois parou, voltando-se para Helen.

'Não se sinta tão mal. Acontece com todos eles no final. '

'Eu sinto Muito.'

- Estou com Daniel há mais de dez anos. Eu sei como ele é - '

- Kristy, realmente não sei do que você está falando . .

'O problema com Daniel é que ele gosta de atenção. Adora ter um rosto bonito olhando para ele, um braço em volta de seu ombro. Ou alguém para mantê-lo aquecido à noite. É como um vício, não há outra maneira de explicar. Mas nunca leve para o lado pessoal, não é em você que ele está interessado. É ele mesmo.

Kristy olhou para Helen. Ela saiu vitoriosa, mas foi uma vitória de Pirro para uma mulher que parecia acostumada à traição.

- Provavelmente deveria deixá-lo, mas acho que é um pouco tarde para isso, não é?

Ela deu um tapinha na barriga e olhou nos olhos de Helen. - Não entre em contato com ele diretamente novamente. Se houver alguma notícia, peça a outro oficial para ligar. De preferência um homem. '

Ela girou nos calcanhares e caminhou em direção ao carro. Daniel segurou a porta aberta para ela, fechando-a suavemente atrás dela, uma vez que ela entrou. Um breve olhar de desculpas para Helen e ele se foi. Deixando Helen sozinha e se sentindo mais tola do que nunca.

129

Seja qual for o clima, sempre há algo de bom na manhã de sexta-feira. As nuvens escuras que pairavam sobre Southampton cuspiam desdenhosamente nos trabalhadores matutinos que corriam pelas ruas para suas lojas e escritórios, mas, apesar disso, Ben Fraser pensou ter detectado otimismo e felicidade em suas expressões. Mais algumas horas e o fim de semana começaria. Quem não sorriria com isso?

Ele também tinha esperança em seu coração esta manhã. Ainda havia muito a ser feito, é claro - algumas agradáveis, outras não -, mas quando o caminho está livre à sua frente, a vida é fácil. Ele havia se levantado cedo, se lavado e se vestido às seis da manhã e estava nas ruas pouco tempo depois. Nessas primeiras viagens de reconhecimento, ele sempre usava o uniforme regulamentar dos trabalhadores da cidade no verão - jeans, camiseta, óculos escuros e uma bolsa de discos casualmente pendurada no ombro direito. Ele parecia para todo o

mundo como um jovem indo a lugares. Mas havia apenas um lugar para onde ele estava indo hoje.

A Blenheim Road em Portswood parecia ainda mais monótona à luz do dia. Na noite anterior, ele tinha uma espécie de glamour desbotado, mas agora parecia em suas cores verdadeiras - um paraíso para estudantes e desperdiçadores. Jovens trabalhadores empobrecidos - como Summer - gostavam porque os aluguéis eram baratos, mas todo o lugar tinha a sensação de cansaço e preguiça de uma colmeia de estudantes. Você quase podia sentir o cheiro da fumaça da ganja enquanto caminhava pela rua, Ben pensou consigo mesmo.

Ele mal estava em seu ponto de vista cinco minutos quando Summer apareceu. Os deuses realmente estavam sorrindo para ele agora. Ela parecia ainda mais linda do que ele se lembrava. Blusa branca impecável, elegante terno carvão e botas longas de camurça que clicam, clicam, clicam na rua longe dele.

Ben saiu de seu esconderijo e caminhou pela rua atrás dela, aparentemente com a intenção de fazer um telefonema - em um iPhone que havia desistido do fantasma anos atrás. Ele murmurou coisas sem sentido, se divertindo com a colisão aleatória de palavras. Ele não se importava com o que estava dizendo, seu foco real estava cinquenta metros à sua frente.

Ela parou em um Costa próximo para comprar um café com leite e um croissant, deslizando este último em sua bolsa para comer em sua mesa mais tarde. Ben se perguntou se aquela era sua parada habitual para o café da manhã - o tempo diria.

Ela caminhou até o ponto de ônibus e Ben acompanhou-a, entrando no ônibus número 28 atrás dela.

Observando-a de perto, ele se sentiu abençoado como nunca antes. Fazia tanto tempo, mas aqui estava ela. De volta onde ela deveria estar. Ele observou cada detalhe de seu cabelo, rosto, roupas, maneirismos, hábitos. Ele notou que ela deixou a bolsa aberta, depois de retirar o telefone para enviar uma mensagem de texto. Um pouco confiante, ele pensou, mas não em vão - ele podia vislumbrar seu molho de chaves dentro. O que mais ela tinha lá, ele se perguntou.

Ela desceu do ônibus em Nicholstown e Ben logo estava andando atrás dela, fazendo uma anotação mental de seu trajeto até a agência de empregos onde ela trabalhava. Ela estava tão alheia à sua presença que ele até conseguiu

cronometrar o código que ela digitou para entrar no saguão - todas informações úteis para o futuro.

Logo ela desapareceu de vista, mas Ben não ficou desanimado. Foi uma viagem de sucesso. Muito mais sucesso do que ele tinha o direito de esperar. Mas a sorte estava com ele agora e lentamente, mas certamente, ele estava escalando dentro de sua vida.

130

Ruby se deitou na cama e sorriu. Ela não tinha pregado o olho - ela estava muito nervosa após a visita de Ben para sequer considerar isso. Ela estava indo para casa.

Este foi o único resultado que ela nunca esperou durante todo o seu encarceramento e ainda assim era verdade. Logo ela veria sua mãe, pai, Cassie e Conor. Ela estaria de volta onde ela pertencia.

Seus olhos caíram - seu corpo, seu cérebro exigiam dormir agora - mas Ruby ainda resistia. Anteriormente, ela queria refugiar-se nos sonhos, para escapar da terrível miséria da vida cotidiana aqui embaixo. Mas agora ela temia dormir. Se ela fosse dormir, quem disse que ela não sonharia que ainda estava aqui, com ele, presa neste inferno escuro.

Ela se beliscou com força, duas vezes. 'Não falta muito, Ruby', disse a si mesma, puxando as pernas da cama e se forçando a andar de um lado para o outro. Fique acordado, fique alerta e em pouco tempo ela verá a luz natural novamente. O

pensamento a fez rir, embora na verdade ela estivesse um pouco assustada com a ideia - certamente a cegaria, tão acostumada estava com aquela escuridão mortal.

Mas seria um pequeno preço a pagar por sua liberdade.

O que causou sua mudança repentina de coração? Ele tinha se cansado dela? Ou houve algum desenvolvimento acima do solo? O contato foi feito? Um resgate foi pago? Parecia improvável, mas havia outra explicação confiável? Talvez agora ele estivesse negociando com eles, trocando sua liberdade pela de Ruby?

O pensamento emocionou Ruby. Talvez ele nunca mais voltasse aqui. Muito mais seguro para revelar sua localização e seguir em frente, antes que ele

pudesse ser capturado ou rastreado. Certamente era isso que ele faria? É o que Ruby faria.

Pela primeira vez, sua ausência não a incomodou. Normalmente ela se perguntava o que ele estava fazendo - o que ele estava pensando e fazendo - e como isso poderia impactá-la. Mas hoje ela não fez. Hoje ela se sentou quieta e contente, sonhando com o futuro. Sonhando com *seu* futuro.

131

Helen acelerou pelo centro da cidade, sua Kawasaki abrindo caminho através do tráfego estático. Eles finalmente conseguiram o endereço da irmã de Edward Loughton e Helen estava a caminho agora. Se ela pudesse ajudá-los a localizar Fraser, ainda havia esperança para Ruby.

Helen deveria ter usado um carro de piscina - completo com luzes e sirenes - mas era mais rápido de bicicleta e o instinto disse a ela para lidar com isso sozinha. Pelo que ela sabia, Ben Fraser podia morar com Alice Loughton - eles não podiam se dar ao luxo de anunciar sua chegada. Sanderson, McAndrew, Lucas e Edwards seguiriam logo atrás em carros não marcados, mas Helen assumiria a liderança.

Ela parou bruscamente junto ao meio-fio. Melrose Crescent era uma rua impressionante, ladeada por belas vilas vitorianas. De alguma forma, essa rua havia sobrevivido às bombas da Segunda Guerra Mundial - uma lembrança orgulhosa do passado arquitetônico de Southampton. Edward Loughton era dono de várias lojas e claramente se saíra bem. Não tendo esposa ou filhos, ele legou sua propriedade à irmã mais nova - embora, agora com setenta e quatro anos, Alice Loughton dificilmente poderia ser chamada de jovem.

Tirando o capacete e sacudindo os longos cabelos, Helen subiu os largos degraus de pedra até a imponente porta da frente. Ela tocou a campainha, mas resistiu a bater na aldrava. Não adianta alarmar ninguém - ainda. Ela esperou pacientemente, correndo de um pé para o outro enquanto a tensão a percorria.

Não houve nenhum movimento dentro, então Helen tocou a campainha novamente. Por favor, Deus, deixe-a entrar. Ainda nada. Ela voltou para a rua e ficou surpresa ao ver Sanderson e McAndrew parando a cinquenta metros de distância. Eles haviam chegado aqui rapidamente, mas sua jornada foi em vão?

Um som a fez se virar. O que é que foi isso? Passos. Sim, definitivamente, passos lentos e medidos se aproximando da porta da frente. Através do vidro manchado, uma figura apareceu. Um pouco de agitação nas fechaduras e então a porta se abriu, e o rosto de uma mulher idosa apareceu acima da corrente de segurança.

'Posso ajudar?' ela entoou desconfiada.

- DI Helen Grace - Helen respondeu, levantando seu cartão de autorização para inspeção.

'O que posso fazer para você?' Alice respondeu, nunca tirando os olhos do cartão de autorização.

- Gostaria de conversar com você sobre seu irmão. E sobre Ben Fraser.

Seus olhos se estreitaram. Isso era suspeita que Helen viu lá? Raiva? A mulher idosa a encarou pelo que pareceu uma eternidade, então escorregou da corrente e abriu a porta.

- É melhor você entrar, então.

Acenando em agradecimento, Helen entrou, a porta pesada batendo firmemente atrás dela.

132

Ben caminhou em direção ao WestQuay com passo leve. Depois de todos os problemas recentes, as coisas estavam indo bem. Summer parecia confiante como sempre e, quanto a Ruby, bem . . ela não seria um problema por muito mais tempo.

Ela acreditava que seria libertada, o que o compraria mais ou menos um dia antes de começarem os gritos e gemidos. Quando ela perceberia que havia sido abandonada? E como ela reagiria? O primeiro resistiu por quase duas semanas, batendo na porta, gritando e gritando. E o terceiro foi tão ruim quanto. O segundo era menos brilhante e desistira mais rápido, o que era muito menos divertido. Ele gostava quando eles tagarelavam, deliravam e imploravam. Ele não podia ouvi-los lá em cima, é claro, então ele tinha que descer ao porão quando queria ouvi-los.

Assim que ouviram seus passos se aproximando, começaram a súplica. Ele nunca abria a porta, embora às vezes os provocasse, deslizando a chave na fechadura antes de removê-la novamente. O pensamento ainda fez Ben sorrir.

Claro, desta vez o descarte seria mais complicado. A praia de Carsholt tinha sido perfeita para ele em seu isolamento selvagem - mas os eventos forçaram a mudança. Ele já havia tomado a decisão de enterrar Ruby em New Forest. Se ele a levasse lá na calada da noite, ele não seria molestado e ele tinha que admitir que havia uma simetria agradável sobre enterrá-la onde ele havia queimado suas roupas pela primeira vez. A vegetação era tão densa ali que a chance de alguém tropeçar no cemitério era remota.

Ben estava tão envolvido em seus pensamentos que só agora percebeu que havia passado direto por sua loja e todo o caminho até o final da galeria. Balançando a cabeça, ele se virou e começou a voltar para WestKeys. Ele já estava atrasado na abertura - ele não queria despertar a suspeita de ninguém . .

De repente, ele parou. Instintivamente, ele se virou para olhar a vitrine da sapataria ao lado dele. O suor já escorria em sua testa e ele ficou surpreso ao ver que suas mãos tremiam. Ele estava exagerando? Vendo coisas que não estavam lá?

Ele entrou na sapataria para se recompor e, virando-se, olhou pela vitrine de volta para o saguão. O jovem negro de camisa e paletó estava sentado no café em frente ao WestKeys, mas sua atenção estava definitivamente voltada para a loja, e não para o jornal que estava inutilmente sobre a mesa à sua frente.

Dirigindo seu olhar para cima, Ben avistou outro. Uma jovem no saguão superior.

Ela parecia estar enviando mensagens de texto, mas seu olhar continuava se voltando para a fachada dos WestKeys. Ben estava fora da sapataria agora, caminhando firme, mas rapidamente, passando por sua loja. No caminho, ele viu mais um - um jovem, sentado à beira da água, olhando para o relógio, como se esperasse por alguém.

Ben sabia exatamente por quem ele estava esperando e não iria lhe dar essa satisfação. Apressando-se em direção à saída de emergência, ele irrompeu na escada e correu em direção à saída.

133

A sala de incidentes estava vazia, o que parecia adequado. Ceri Harwood ficou sozinha, os olhos passando rapidamente pelo quadro, captando as fotos de Pippa, Roisin, Isobel e Ruby. Toda a equipe estava caçando Ben Fraser - essa grande operação estava chegando ao clímax. Com sorte, Fraser logo estaria sob custódia, mas esse pensamento deu pouco prazer a Harwood. Ela seria excluída do triunfo, isolada na derrota.

Como ela julgou as coisas tão mal? Houve outros DIs, especialmente mulheres, que ameaçaram sua posição antes. Ela os esmagou facilmente, exilando-os de sua unidade, substituindo-os por oficiais ambiciosos e dóceis que dançariam conforme sua música. Mas Helen Grace se recusou a ceder, sempre encontrou maneiras de escapar das armadilhas preparadas para ela. Talvez fosse hora de reconhecer que ela não tinha imaginação para lidar com Helen Grace. Talvez ela estivesse muito presa ao protocolo, às regras e aos regulamentos, para lidar com um adversário que sempre surpreendia. Em última análise, ela simplesmente não era boa o suficiente para vencê-la.

Era hora de ir ver Fisher agora. Ela havia datilografado sua carta de demissão, tinha suas desculpas prontas - a mentira fácil de querer passar mais tempo com sua família. Essa parte quase a fez rir. Ela tinha as meninas, é claro, mas a família deles estava dividida agora - as visitas de fim de semana ao pai seriam um lembrete constante disso. Mesmo agora, este parecia um pensamento tão estranho.

Eles tinham vindo para Southampton tão cheios de otimismo, mas o resultado final foi catastrófico para todos. Ela teria que reconstruir sua carreira, sua vida, em outro lugar agora - era hora de outra pessoa assumir a liderança. Por favor, Deus, Fisher não dá o trabalho para Grace, Ceri Harwood pensou, ao sair da sala de incidentes. Ela já tinha sofrido indignidades suficientes.

134

Alice Loughton olhou para Helen Grace. Isso era suspeita em seus olhos? Ou pior, incompreensão? Ela não disse nada desde que Helen começou a descrever o motivo urgente de sua visita e Helen teve uma sensação desagradável de que ela não estava entendendo o significado de suas palavras. Finalmente, porém, a velha abriu a boca e disse em um sussurro rouco:

'Você tem certeza?'

'Nós somos.'

'E quanto tempo … ?'

'Não temos certeza, mas acreditamos que ele tem como alvo as mulheres na área de Southampton por quase cinco anos.'

'Eu não acredito nisso.'

Era disso que Helen tinha medo.

- Sei que é difícil aceitar - e gostaria de reiterar que nem você nem seu irmão estão em apuros - mas precisamos da sua ajuda . .

'Só o encontrei uma ou duas vezes, mas ele sempre me pareceu um menino tão gentil.'

'Obrigado -'

'Edward o encontrou dormindo no shopping. Em uma das baias de carga. Ele era apenas pequeno - catorze ou mais. Edward se ofereceu para levá-lo de volta para sua mãe, mas o menino implorou que ele não o fizesse. Então ele foi para um albergue - '

'Onde ele mora agora, Alice?'

- Eduardo passou a se interessar por ele - respondeu ela, parecendo não ouvir a pergunta de Helen. - Dei a ele um emprego na loja. Ele tem trabalhado lá - Deus sabe - bem mais de dez anos agora. Edward *confiava* nele. Ele era muito mais confiável do que algumas das pessoas em suas outras lojas.

- Eu entendo isso, Alice, mas é de vital importância que falemos com ele agora. Se ele for inocente, podemos excluí-lo de nossa investigação e seguir em frente . .

'Eduardo era como um pai para ele, por isso foi tão generoso em seu testamento.'

- Ele deixou dinheiro para ele?

'Não! Edward não gostava de dinheiro - não da maneira que você quer dizer. Ele gostava de ativos - casas, negócios e assim por diante. '

- Então ele deu uma propriedade a Ben Fraser?

- Não fique tão surpreso. É um caso em ruínas em uma parte duvidosa da cidade, mas todos esses lugares têm seu dia, não é, conforme a cidade se expande? Edward achou que Ben iria ver bem a longo prazo. '

- E você sabe onde fica?

- Claro que sim, não estou completamente louca - respondeu ela, lançando um olhar duro para Helen.

- Então me diga, por favor. A vida de uma jovem está em jogo. '

A velha avaliou Helen, como se tentasse descobrir se ela podia confiar nela ou não, antes de ela finalmente responder:

“Ele mora no Alfreton Terrace, nº 14. Não são cinco minutos daqui. '

135

Ben soltou um rugido e deu um soco no vidro. O espelho se estilhaçou e caiu no chão enquanto o sangue escorria de seus dedos dilacerados. Sem hesitar, ele pisou nele, suas botas pesadas batendo até o esquecimento.

Como? Como? Como?

Como eles o encontraram tão rapidamente? Esses corpos foram desenterrados há menos de uma semana e já estavam vigiando sua loja. Foi pura questão de sorte - e de sua incompetência - eles não o terem pego naquele momento. Ele soltou um uivo angustiado e bateu com a cabeça na parede de tijolos expostos. Não poderia estar acontecendo, não quando Summer tinha acabado de voltar para sua vida, quando ele estava tão perto . .

Quanto tempo demorariam para encontrar este lugar? A casa que ele construiu com tanto amor para a felicidade futura deles? Não poderia demorar muito agora.

Assim que descobrissem quem era o dono da loja, eles conversariam com aquela velha vadia. Se ele tivesse sorte, ela poderia estar maluca agora, mas ele não podia correr esse risco. Não havia nada a fazer a não ser desaparecer.

Ele ainda estava com a van. Eles não saberiam sobre isso. E as placas falsas tornariam difícil para eles encontrá-lo. Ele poderia visitar Summer esta noite. Ele nunca tinha feito uma abordagem tão direta antes, mas precisa. Se eles pudessem ficar juntos antes do noticiário da noite, eles poderiam fugir completamente.

Marchando para a despensa, Ben pegou a garrafa de vidro atarracada. O tampão de borracha ainda estava firmemente no lugar e ele podia ver que havia líquido claro suficiente dentro para suas necessidades. Ele pegou alguns trapos velhos e os enfiou no bolso. Ele se virou para sair, então fez uma pausa. Este lugar seria como um tesouro quando os policiais aparecessem. Essa unidade de destilação, suas lembranças de verão, sem falar daquela coisa na casa de boneca lá embaixo. A amargura tomou conta de seu coração ao pensar naqueles policiais e mulheres sem rosto julgando-o enquanto pacientemente manuseavam seus bens . .

De repente, Ben sabia o que tinha que fazer. Jogando as caixas de papelão de lado, vasculhando os detritos desta pequena sala, ele encontrou o que estava procurando. Uma grande lata de aguarrás. E perto dele, na prateleira, um velho isqueiro, uma relíquia de seus dias de fumar.

Pegando os dois, ele caminhou até o alçapão e o abriu com força.

136

Ruby ergueu os olhos esperançosa quando a porta se abriu. Foi isso então? Mas assim que ela viu a expressão em seu rosto, toda esperança morreu dentro dela.

Ele olhou para ela com desprezo mal disfarçado e, pior, com intenção. Ruby saiu da cama quando ele se aproximou, saltando para o outro lado da mesa. Mas ela não foi rápida o suficiente, o punho esquerdo dele batendo em seu estômago, tirando o fôlego dela.

Quando ela se dobrou, o joelho dele bateu fortemente em seu nariz e por um momento ela desmaiou. Quando ela voltou a si, ela se viu deitada no chão. Seus pulsos estavam presos e doendo - quando ela se virou, viu que ele estava prendendo suas mãos amarradas na cabeceira da cama de metal.

'Por favor.'

Ele a ignorou, em vez disso, produziu uma lata de metal surrada, cujo conteúdo ele agora despejou no chão ao redor dela. O cheiro do líquido claro era insuportável.

De repente, Ruby teve um pressentimento do que ele iria fazer - mas não fazia sentido. Esta era a casa de boneca *dele* . Por que ele destruiria algo que ele criou? O

que deu errado?

'Por favor, não faça isso. Eu farei qualquer coisa. Por favor, não me mate. '

A lata agora estava vazia e ele a jogou de lado. Os apelos de Ruby pareciam não ter efeito sobre ele - ele agora tirou um isqueiro do bolso.

'Eu serei seu verão. Eu *sou o* seu verão, por favor, não me machuque. '

Mesmo assim, ele se recusou a olhar para ela, acendendo o isqueiro. Ele olhou para a chama dançante em suas mãos e, ao fazê-lo, um leve sorriso apareceu em seu rosto. Finalmente ele olhou para cima, seus olhos fixos nela:

'Vejo você do outro lado.'

E com isso, ele jogou o isqueiro em sua direção.

137

Helen puxou o acelerador em sua direção e a moto deu um chute para a frente.

Cortando a Queen's Drive, ela fez uma curva acentuada no anel viário, aumentando imediatamente sua velocidade para 145 km / h. Finalmente eles conseguiram a pista que queriam - a descoberta que vinham procurando desde que o corpo de Pippa foi descoberto - e ainda assim Helen de repente sentiu com total convicção que cada segundo contava. Era como se o tempo tivesse se acelerado, empurrando-os para alguma conclusão desesperada e incerta.

Seis carros não marcados a seguiram. Eles chegariam silenciosamente - sem sirenes, sem luzes - e assim que a Unidade de Armas de Fogo chegasse para

apoiá-

los, eles iriam rápido e com força. Não havia como dizer como um psicopata como Ben Fraser reagiria ao perceber que seu universo cuidadosamente construído estava prestes a implodir. Muitos predadores em série mataram suas vítimas e depois a si próprios. Outros tentaram levar alguns policiais com eles. Você nunca poderia prever como eles reagiriam.

De repente, Helen viu e seu coração deu um pulo. Uma fina nuvem de fumaça subindo para o céu. Ele *sabia* . Helen não sabia como, não podia nem mesmo dizer com certeza que a fumaça vinha de Alfreton Terrace - mas que outra explicação poderia haver para essa visão repentina e inesperada em uma parte solitária da cidade?

Não havia mães de escola ou transeuntes por aqui, então Helen acelerou ainda mais a velocidade, descendo a Constance Avenue e entrando no Alfreton Terrace.

Lá estava - número 14 - uma impressão horrível e decadente de uma casa vitoriana. Sem vida, apodrecendo e indefinível - além da fumaça que agora vazava das janelas mal ajustadas.

Helen saltou de sua Kawasaki enquanto ela ainda estava em movimento, a bicicleta descartada deslizando desajeitadamente até parar no quintal. Sanderson estava apenas um ou dois minutos atrás no carro, então Helen apertou o rádio enquanto corria em direção à casa.

- Ligue para o corpo de bombeiros. Eu estou entrando. '

Houve um grito de protesto de Sanderson, mas Helen não respondeu, colocando o rádio em sua jaqueta de couro, enquanto corria em direção à porta. Sem parar, ela se lançou nele. A dor atravessou seu ombro ao se conectar com a pesada porta de madeira. A porta cedeu, mas permaneceu firme, impedindo sua entrada. Um parafuso na parte inferior foi puxado, bloqueando seu caminho. Isso sugeria que o assassino estava preocupado com a segurança - e, mais do que isso, que ele estava lá dentro.

Helen sacou seu bastão e chutou o ferrolho teimoso. Suas botas com tampa de aço acertaram agressivamente e, depois de alguns chutes, o ferrolho saiu voando das dobradiças. A porta caiu no chão atrás, levantando uma enorme nuvem de

poeira.

Helen correu para dentro, Sanderson e McAndrew parando do lado de fora bem a tempo de vê-la desaparecer na casa em chamas.

Helen examinou a sala da frente em busca de sinais de vida, mas não havia nenhum. Seu único pensamento era encontrar um caminho para baixo. Suas vítimas foram mantidas na escuridão, então se houvesse um porão . .

Ela arremessou a cabeça para a sala de estar, correndo o risco de uma emboscada, mas estava vazia. Ela puxou o tapete sujo do chão, mas não encontrando nada, foi

direto para a cozinha. Estava coberto com linóleo muito sujo, que parecia seguro o suficiente, então, ignorando-o, Helen se dirigiu para os fundos da casa.

E aí estava. Um alçapão. Ele tinha dois parafusos em sua superfície superior para prendê-lo por cima, mas eles haviam sido deixados sem segurança. Foi como um convite aberto. Pela primeira vez, Helen fez uma pausa. A fumaça estava saindo dele e quem sabia o que havia dentro - Ruby estava mesmo lá? Foi uma emboscada

- uma última resistência contra aqueles que negariam a Ben Fraser sua fantasia?

Em seguida, um grito. Fraco, mas urgente. E inquestionavelmente feminino. Agora Helen não hesitou, abrindo o alçapão e mergulhando no abismo. Os degraus de metal da escada já estavam esquentando, mas as luvas de couro de Helen deram a ela alguma proteção e ela conseguiu chegar ao fundo rapidamente.

Ela ergueu a viseira escurecida do capacete e olhou em volta. Foi uma visão incrível

- um emaranhado de pequenos corredores levando Deus sabe para onde. Em intervalos, lâmpadas nuas cobertas por invólucros de plástico eram presas à parede, iluminando o caminho. Era tão bem fabricado que era quase como estar em uma mina, um testemunho chocante da natureza precisa e combinada da loucura de Ben Fraser. O pensamento fez Helen estremecer e ela agarrou o bastão com um pouco mais de força.

Outro grito, desta vez mais perto. Helen mergulhou para frente, acenando desesperadamente com o braço na frente dela para limpar a fumaça que a rodeava.

Estava enchendo suas narinas, rastejando em seus olhos, era completamente intolerável. Um incêndio nessas condições úmidas criaria grandes faixas de fumaça. Helen bateu o visor para baixo novamente - isso tornaria sua visão mais escura, mas com ele levantado ela não conseguia manter os olhos abertos.

Ela navegou pelo som agora, usando os gritos lamuriosos de Ruby para guiá-la.

Instintivamente, ela quis chamá-la, assegurá-la de que a ajuda estava a caminho, mas ele estava aqui em algum lugar. E ela não ousa anunciar sua presença.

Helen disparou contra uma parede de terra áspera, seu impulso para a frente repentina e brutalmente verificado. Usando sua mão livre, ela tateou o caminho até a esquina, movendo-se com cuidado, mas propositalmente para frente. Ela teve a sensação de que havia alguém com ela na fumaça, bem atrás dela, e virando-se, ela balançou seu bastão em autodefesa selvagem. Mas não conectou com nada, e na escuridão profunda Helen quase pôde perceber que ela ainda estava sozinha.

Helen avançou novamente. Ela só queria encontrar Ruby e sair desse lugar. Estava ficando cada vez mais quente e cada vez mais difícil de respirar. Helen de repente se viu caindo no chão, seu pé prendendo em algo sólido. No ar limpo perto do solo, Helen podia ver que ela havia tropeçado na borda de uma porta.

Virando-se, ela pôde ver outra porta aberta alguns metros à sua frente. O calor era menos intenso lá embaixo, sua visão um pouco melhor, então, apesar dos perigos óbvios, Helen rastejou para frente, através da soleira e na sala além.

A visão que saudou Helen tirou seu fôlego. A sala estava em chamas. Uma mesa e uma cadeira de madeira já haviam sido consumidas pelas chamas e os outros utensílios - um fogão velho, uma armação de cama de ferro - eram os próximos da fila. Presa à pesada estrutura da cama e se contorcendo de agonia estava a estrutura fina de Ruby Sprackling. Um anel preciso de fogo a rodeou, o método sádico e deliberado de execução do assassino, mas Helen estava condenada se essa pobre garota iria morrer neste buraco, então, vencendo as chamas, ela correu até

ela. Ao fazer isso, outra onda de calor a atingiu. O fogo foi feito recentemente, mas forte e eles tinham apenas alguns segundos antes de serem vencidos.

As mãos de Ruby foram amarradas com corda de náilon, presas à estrutura da cama com um nó constritor. Os pulsos de Ruby já estavam vermelhos. Não havia como ela se soltar da corda e a estrutura da cama era muito forte e grossa para cortar.

Procurando desesperadamente por algum meio de libertação, Helen avistou um pequeno pedaço de alvenaria em ruínas na parede oposta. Sem hesitar, ela mergulhou em sua direção. Em segundos, ela estava de volta ao lado de Ruby, segurando o tijolo solto em sua mão, martelando na estrutura de metal da cama. O

suporte ao qual Ruby estava amarrada protestou, depois se dobrou antes de finalmente se partir em dois. Puxando Ruby para ficar de pé, Helen puxou o nó de segurança para cima, para cima e, finalmente, para fora da extremidade decepada do suporte. Imediatamente, Ruby desabou nos braços de Helen, mas Helen a apoiou, dando um tapa suave, mas com firmeza, no rosto.

- Fique comigo, Ruby.

Ela meio que a arrastou, meio que a conduziu através das chamas até a porta.

'Continue.'

Os olhos de Ruby rolaram nas órbitas, a fumaça enchendo seus pulmões, nublando seu cérebro. Helen poderia dizer que ela queria apagar, dormir, mas eles tinham que continuar se movendo. Ela beliscou com força - provocando uma pequena reação - e eles seguiram em frente mais uma vez.

'Não muito longe para ir n-'

Helen congelou, as palavras natimortas em sua boca. As luzes se apagaram repentinamente, mergulhando-os na escuridão.

Afinal, ele estava aqui embaixo.

'Saia do meu caminho.'

- Você não vai entrar aí.

- Pela última vez, afaste-se ou *irei* prendê-lo.

O detetive Sanderson estava gritando agora, olho no olho com o sargento de bombeiros que bloqueava seu caminho. Atrás deles, fumaça preta saiu do interior da casa de Ben Fraser.

'Esta é a minha cena agora', respondeu ele, gritando para ser ouvido acima das sirenes e da atividade. 'Este é o *meu* fogo. E até que esteja sob controle, você não tem autoridade aqui. Então, eu gostaria de encorajá-lo a recuar - '

Mas Sanderson já o havia contornado e estava correndo em direção à casa em chamas. De jeito nenhum ela deixaria Helen sozinha lá. Seu chefe já havia partido há mais de dez minutos. Os vapores da fumaça já eram ruins aqui, como devem ser lá dentro, perto do foco do fogo? Helen não teria ficado lá todo esse tempo, a menos que algo tivesse dado muito errado.

Sanderson atingiu o topo da soleira da casa, mas, ao fazê-lo, sentiu-se voando para trás de novo, para longe da casa. Um par de mãos ásperas a segurava pelos ombros.

Ela atacou, tentando forçar seu caminho de volta para dentro de casa, mas as mãos pesadas e enluvadas de um bombeiro a arrastaram de volta, prendendo seus braços ao lado do corpo, forçando-a ao chão. Ela continuou a se debater, mas o joelho dele agora estava pressionado na parte inferior de suas costas, tornando inútil qualquer resistência.

Enquanto ela estava ali imobilizada e sem fôlego, o rosto enfurecido do sargento bombeiro baixou-se ao seu nível.

- Se você mexer um músculo, ordenarei a seus colegas que o prendam, estou sendo claro?

Sanderson o encarou, recusando-se a reconhecer seu ultimato. Ele estava apenas fazendo seu trabalho, mas aos olhos dela ele estava condenando Helen a uma morte horrível. Então, quando ela finalmente falou, sua resposta foi concisa e amarga.

'Vá para o inferno.'

139

A escuridão se apegou a eles. A fumaça encheu seus pulmões. O calor abrasador estava se tornando insuportável. Qualquer movimento corria o risco de anunciar sua localização ao homem que agora os estava caçando. Mas eles não tinham escolha - eles tinham que sair daqui.

Mudando Ruby para o lado esquerdo, Helen preparou o bastão mais uma vez. Ela avançou, tropeçando ligeiramente na borda da segunda porta. Mas ela não hesitou.

Eles seguiram em frente, esperando que Ben Fraser viesse atacando-os a qualquer momento. Uma mudança no nível de calor fez Helen parar. Ela estendeu a mão. Ela sentiu uma parede de terra sólida com espaço de cada lado. Eles estavam obviamente em algum tipo de cruzamento. Ela não tinha visto um no caminho para baixo. Ela tinha tomado o caminho errado de alguma forma?

Ruby era agora um peso morto, pendurado no braço dolorido de Helen.

Estendendo a mão para agarrar seus tornozelos, Helen puxou-a para cima e por cima do ombro para o elevador de um bombeiro. Ela tropeçou ligeiramente com o peso extra, a dor rasgando seu ombro já machucado, então tomando uma decisão em fração de segundo, ela mergulhou para a esquerda, cambaleando para frente.

O golpe a fez cambalear para o lado. Foi tão repentino e selvagem que ela bateu na parede lateral, derramando Ruby de suas mãos. Um segundo golpe a seu lado acertou imediatamente depois, roubando seu fôlego e quebrando suas costelas.

Agora Helen o viu vindo para ela, um martelo erguido, intenção feroz em sua expressão. Ela ergueu o bastão - mas tarde demais - o martelo desceu sobre sua cabeça, fazendo-a cambalear para trás e estilhaçando seu visor. Outro golpe e ela caiu no chão, com o capacete rachado.

Ele ergueu o martelo novamente, com a intenção de esmagar o crânio dela, mas desta vez Helen atacou, seu bastão acertando o pomo de Adão com força. Por um momento, ele pareceu atordoado, então Helen balançou o braço livre com toda a força, tirando o martelo de suas mãos. Ele caiu no chão com um baque

surdo.

Ela se levantou rapidamente, mas foi direto para o punho dele, caindo sobre ela com uma velocidade esmagadora. Sua cabeça bateu no chão com força, o capacete despedaçado caindo aos pedaços como uma noz rachada, deixando-a indefesa.

Agora suas mãos quentes procuraram sua garganta, envolvendo-a e apertando com força. A fumaça estava tão densa agora que eles não podiam mais se ver, mas de tão perto não havia diferença. Eles se seguraram e travaram uma luta até a morte.

Helen bateu com o bastão em seu cotovelo, tentando desesperadamente se livrar dele, mas ele apertou com mais força ainda. A qualquer momento ele esmagaria sua laringe e pronto. Helen golpeou o lado de sua cabeça com o bastão, mas não pareceu surtir nenhum efeito. Seu assassino não seria negado.

Em desespero, Helen rolou para o lado o mais forte que pôde, jogando Ben contra a parede. O aperto dele afrouxou um pouco e, pressionando o pé contra a parede, ela balançou para trás com força na direção oposta. Isso teve o efeito desejado e Ben caiu no chão. Helen se agarrou em cima dele, antes que ele pudesse se levantar, segurando o bastão em ambas as pontas, empurrando a barra de aço fina em sua garganta com toda a força que ela podia reunir.

Ela empurrou com força, mas o punho dele atacou, atingindo-a acima do olho esquerdo. Ela se manteve firme, aumentando a pressão. Ele estava sufocando agora, mas Helen não desistiu. Seus dedos procuraram seu rosto, arranhando seus olhos, tentando cavar em suas órbitas. Helen torceu a cabeça para escapar de seu

alcance, mas ele agarrou seu cabelo, puxando sua cabeça para baixo bruscamente em direção a seu rosto.

Ela sentiu os dentes dele afundarem em seu ouvido esquerdo e uivou em agonia, bebendo as nuvens de fumaça. Ele estava mordendo com tanta força - a qualquer segundo ele iria arrancá-lo com uma mordida. Helen podia sentir o sangue escorrendo pelo lado do rosto e pescoço.

Então, de repente, seu aperto enfraqueceu. Apenas um pouco, mas foi o suficiente para dizer a Helen que ela estava ganhando. Empurrando com mais

força em seu pescoço, Helen sentiu sua boca abrir e um pequeno suspiro escapar, quando ele soltou sua orelha. A luta acabou.

Empurrando a cabeça para cima, Helen tropeçou para longe de seu cadáver, mas imediatamente o túnel girou em torno dela. Ela se sentiu fraca, nauseada, a fumaça enchendo sua boca e seus pulmões, tornando sua vitória sem sentido.

Ela caiu no chão. Ruby estava a apenas trinta centímetros dela, mas de repente Helen não tinha energia para se mover. A escuridão girou em torno dela e por um momento ela não sabia onde estava. Seu rosto atingiu a terra fria no chão e não se moveu novamente.

As pálpebras de Helen começaram a fechar. O rosto inocente de Ruby seria a última coisa que ela veria. A última coisa que ela veria.

140

O detetive Sanderson estava junto à barreira de segurança, apontando adagas para o sargento de bombeiros, que evitou seu olhar enquanto ele comandava as atividades das equipes de bombeiros que agora haviam entrado na casa em chamas. Sanderson se amaldiçoou por sua estupidez e covardia. Por que ela deixou Helen entrar sozinha? Ela conhecia seu chefe - sabia que mergulharia dentro de casa sem temer por sua própria segurança. Por que ela não tinha falado antes -

insistindo que seu chefe fosse com eles - em vez de engolir suas preocupações? Era por respeito a seu superior, como ela disse a si mesma na época, ou apenas por ser fraca?

Ela lançou um olhar para McAndrew para ver se ela parecia tão cheia de culpa quanto ela, mas de repente ela avistou um movimento perto da porta da frente.

Saltando a barreira, ela correu para ver uma equipe de bombeiros emergindo com Ruby em seus braços e, momentos depois, Helen também. Ignorando seus repetidos avisos para ficar para trás, Sanderson manteve o ritmo, procurando desesperadamente por sinais de vida. Ruby tinha sofrido algumas queimaduras feias e estava claramente inconsciente. Mas e quanto a Helen?

Seu chefe estava coberto de fuligem e sujeira. Uma espessa camada de sangue agarrou-se ao lado esquerdo de seu rosto, escorrendo de uma ferida profunda em

sua orelha. Seus olhos reviraram em sua cabeça - ela estava inconsciente e não parecia estar respirando.

'O que está acontecendo? O que está acontecendo?'

Os paramédicos ignoraram suas perguntas enquanto assumiam o controle.

Sanderson assistiu impotente enquanto eles administravam oxigênio, bombeavam no peito e procuravam o pulso. Por que diabos eles não estavam fazendo mais? Por que eles estavam sendo tão medidos? Em seguida, um breve olhar de um paramédico para o outro - sóbrio e sério. O que diabos isso significa?

Máscaras de oxigênio foram colocadas em ambas as mulheres e elas foram colocadas nas macas das ambulâncias e levadas às pressas para os respectivos veículos. Ambas as ambulâncias decolaram em alta velocidade e, enquanto Sanderson as observava desaparecer na distância, ela sentiu as lágrimas picarem seus olhos. Foi isso então. A vida de Helen agora estava em jogo. Por *que* ela *não* fez mais?

141

A luz estava totalmente ofuscante. Ela ergueu a mão para proteger os olhos do brilho selvagem, mas ainda assim as formas multicoloridas pareciam dançar à sua frente. Rapidamente ela se afastou da água, que queimava com o reflexo de um sol forte fora da estação, voltando seu olhar para a praia além.

O outono havia se aproximado deles e Steephill Cove estava quase deserta. Ruby era uma figura solitária de pé junto à ondulação do mar. Em sua antiga vida, ela teria hesitado com o estranho isolamento da cena - onde estavam os turistas? A diversão? A risada? - mas agora combinava perfeitamente com ela.

Eles dirigiram para cá quase assim que Ruby teve alta do hospital, tão forte era seu desejo de escapar do frenesi da imprensa em Southampton, de se retirar para algum lugar onde se sentisse segura. Suas queimaduras estavam sarando bem, mas ela ainda se sentia constrangida por seus braços empolados e seu cabelo curto e irregular. Aqui ela poderia se vestir como quisesse, ir aonde quisesse, sem o risco de encontrar simpatizantes que sorriam e olhavam fixamente. Em todos os outros lugares, ela ainda era uma manchete de jornal - aqui ela poderia ser apenas Ruby.

Olhando para a bela praia, emoldurada perfeitamente pelos penhascos escarpados, Ruby não pôde deixar de se lembrar daquelas noites solitárias de seu encarceramento, quando se imaginava ali, devaneios dos quais ela havia sido brutalmente arrancada uma e outra vez. O fato de seu sequestrador ter morrido duas vezes - primeiro nas mãos de Helen Grace e depois na violenta conflagração que se seguiu - não fez Ruby se sentir melhor ou mais segura. As memórias de seu isolamento e desespero ainda eram muito fortes para evitar tremer quando pensava nele e em sua terrível provação. Ele ainda ia ter com ela à noite - em pesadelos vívidos e terríveis - e Ruby mal tinha dormido um olho como resultado.

Semanas após sua libertação, ela ainda se sentia fraca, danificada e inquieta.

Mas seu sequestrador não havia vencido e, com o tempo, ela esperava eliminá-lo completamente de sua vida. Seria um longo caminho - remover a tatuagem no hospital foi a parte fácil - e o pior ainda estava por vir. Mas ela *havia* vencido - ela deve continuar dizendo isso a si mesma - e o testemunho mais eloquente desse fato foi a vista que agora se estendia à sua frente: este lugar, esta enseada, não mais um retiro ilusório para sua mente fragmentada, mas algo real e reconfortante. Ruby se agachou, passando a areia molhada pelos dedos repetidamente, lutando contra as lágrimas de alívio.

Um grito a fez olhar para cima e lá estavam eles - mamãe, papai, Cassie, Conor -

caminhando em sua direção. Eles a deixavam ter seus momentos de solidão, mas estavam atentos para garantir que ela se sentisse amada e apoiada a cada momento de cada dia. Enxugando as lágrimas dos olhos, Ruby se endireitou e começou a caminhar na direção deles. Este era seu futuro agora, sua felicidade.

Finalmente, ela voltou para casa.

142

Helen nunca tinha visto ninguém tão feliz. Enquanto caminhavam juntos pelo Common, o carrinho vermelho imaculado cortando as folhas caídas, Charlie conversou animadamente sobre a chegada da pequena Jessica. Ela riu da indignidade de um parto no hospital, de seu terror absoluto durante os dias imediatamente posteriores e das muitas mentiras que lhe contaram sobre como seria a paternidade. Todo o processo foi claramente desconcertante, assustador, doloroso, mas também um tanto surpreendente. Dada a história de Charlie, havia

muito mais peso nesta gravidez do que normalmente teria acontecido e Helen estava mais satisfeita do que ela poderia dizer que as coisas tinham funcionado tão bem para ela.

Helen não tinha conhecimento do trabalho de parto de Charlie, visto que ocorrera durante o resgate de Ruby. Na verdade, Helen percebeu pela primeira vez a boa sorte de Charlie enquanto estava no mesmo hospital que ela, aguardando a cirurgia em sua orelha. A ferida que transpareceu não era muito profunda e - embora ainda parecesse horrível - sararia com o tempo. Charlie perguntou a Helen sobre isso, mas Helen mudou a conversa rapidamente. Depois dos acontecimentos das últimas semanas, ela queria se concentrar em pensamentos mais felizes.

Tanta coisa mudou em tão pouco tempo. Ceri Harwood renunciou imediatamente e não foi vista desde então. A procura de seu substituto estava em andamento -

Helen já havia recebido a oferta do cargo e recusou. O desaparecimento de Harwood só serviu para sublinhar o mistério contínuo sobre o paradeiro de Robert

- agora, quando ela pensava nas maquinações desagradáveis de Harwood, ela não sentia nenhuma raiva, apenas uma profunda tristeza por Harwood ter explorado um vácuo na vida de Helen para seus próprios fins egoístas.

Helen afastou o pensamento. Ela sabia que tinha uma tendência a ficar obcecada com coisas que eram dolorosas e difíceis, mas ela não cederia à escuridão. Hoje foi um dia para comemorar as coisas boas da vida. Como a alegria feroz que Alison Sprackling exibiu ao se reunir com sua filha preciosa. Ou o amor silencioso, mas igualmente feroz que Charlie sentia por sua filha.

Helen não tinha família para falar agora e em momentos como aquele ela costumava se distanciar da vida, se retirar e se esconder. Mas pela primeira vez ela não queria. Foi um lindo dia e ela se sentiu em paz com o mundo. Mais do que isso, ela se sentia conectada a isso, pois Charlie havia lhe dado duas surpresas importantes, durante a manhã que passaram juntos. Primeiro, pedindo-lhe para ser madrinha de Jessica, um pedido que deixou Helen temporariamente sem fala.

Ela aceitou alegremente o papel, é claro, uma vez que ela se recuperou do choque -

e uma coisa boa também - pois em um aceno subsequente para sua amizade cada vez mais profunda, Charlie coroou as surpresas do dia revelando o nome do meio de Jessica.

Helen.

O INÍCIO

Deixe a conversa começar . .

Siga o Penguin Twitter.com@penguinukbooks

Mantenha-se atualizado com todas as nossas histórias YouTube.com/penguinbooks

Fixar 'Penguin Books' em seu Pinterest

Curta 'Penguin Books' em Facebook.com/penguinbooks

Ouça Penguin em SoundCloud.com/penguin-books

Saiba mais sobre o autor e

descubra mais histórias como esta em Penguin.co.uk

LIVROS DE PINGUIM

UK | USA | Canadá | Ireland | Australia

India | Nova Zelândia | África do Sul

A Penguin Books faz parte do grupo de empresas Penguin Random House, cujos endereços podem ser encontrados em global.penguinrandomhouse.com .

Publicado pela primeira vez em 2015

Copyright © MJ Arlidge, 2015

Imagens da capa: © Amy Weiss / Arcangel Images; © Alamy O direito moral do autor foi afirmado

ISBN: 978-1-405-91920-3

Texto original

MJ Arlidge has worked in television for the last fifteen years specializing in high-end drama production.

Sugerir uma tradução melhor

Document Outline

- Texto original